

MULHERES ENTRE CULTURAS

Afeto e interculturalidade no contexto
das migrações transnacionais



Catarina Gonçalves

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia
Social



**MULHERES ENTRE CULTURAS:
afeto e interculturalidade no contexto das migrações
transnacionais**

Catarina Gonçalves

**Rio de Janeiro
2020**

Catarina Gonçalves

**MULHERES ENTRE CULTURAS:
afeto e interculturalidade no contexto das migrações
transnacionais**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial às exigências do Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social da UFRJ, como diretriz para finalização e conclusão da dissertação de mestrado.

Orientador: Prof. Dr. Mohammed ElHajji

Co-orientadora: Prof. Dra. Catalina Revollo Pardo

Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação defendida pela aluna Catarina Gonçalves, orientada pelo Prof. Dr. Mohammed ElHajji e co-orientada por Prof. Dra. Catalina Revollo Pardo.

**Rio de Janeiro
2020**

CATARINA GONÇALVES

Mulheres entre culturas: afeto e interculturalidade no contexto das migrações transnacionais

Dissertação apresentada em cumprimento parcial às exigências do Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social da UFRJ, como diretriz para finalização e conclusão da dissertação de mestrado.

Aprovada em 30/03/2020

Banca examinadora:

Titulares:

Prof. Dr. Mohammed ElHajji (ECO – UFRJ) – Orientador

Profa. Dra. Catalina Revollo Pardo – (EICOS -UFRJ) Co-orientadora

Profa. Dra. Adriana M. de Assumpção (UNESA)

Prof. Dra. Isabel Travancas (ECO-UFRJ)

Profa. Dra. Mônica Machado (EICOS-UFRJ)

Suplentes:

Profa. Dra. Maria del Carmen Villarreal Villamar (UNIRIO)

Profa. Dra. Samira Lima da Costa (EICOS- UFRJ)

**Rio de Janeiro
2020**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Instituto de Psicologia

Programa EICOS – Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social

Ata de Defesa de Mestrado

Às 10:00 hs do dia 30/03/2020 no Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a aluna CATARINA GONÇALVES (registro nº. 118002148), se submeteu à banca examinadora composta pelos Professores Doutores: Mohammed ElHajji, CPF nº 1270511 (orientador e presidente da banca), Monica Machado Cardoso, CPF nº 933.770707-10, Isabel Siqueira Travancas, CPF nº 760.745.287-72 e Adriana Maria de Assumpção, CPF nº 852.128.816-68. A profª. Catalina Revollo Pardo foi coorientadora da aluna. O trabalho da aluna, intitulado "Amor e Interculturalidade no contexto das migrações transnacionais" foi: (X) aprovado, devendo entregar a versão final encadernada no prazo de 60 dias; () aprovado condicionalmente, devendo apresentar os ajustes exigidos pela banca, no prazo máximo de 90 dias*; () reprovado. APROVADA, a aluna faz jus ao título de Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. Na forma regulamentar, foi lavrada a presente ata que é abaixo assinada pelos membros da banca e pela aluna.

Banca:
Orientador: Mohammed ElHajji

Isabel Siqueira Travancas

Monica Machado

Catarina Gonçalves
Aluno(a):

Observações:
Depois da exposição da dissertação e a pesquisa realizada em seu âmbito pela candidata, e a apresentação das arguições dos membros da banca examinadora, foi decidido que Catarina Gonçalves deve entregar, no prazo de 60 dias, a versão finalizada da dissertação – seguindo as orientações da banca.

Atestado de cumprimento das exigências*

A aluna cumpriu as exigências e a partir desta data e tem 60 dias para entregar a versão final encadernada.

Mohammed ElHajji
Assinatura do Orientador

Data: 30/03/2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por meio convencional ou eletrônico, para fins de pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica

GG635 Goncalves, Catarina
MULHERES ENTRE CULTURAS: afeto e
interculturalidade no contexto das migrações
transnacionais / Catarina Goncalves. -- Rio de
Janeiro, 2020.
288 f.
Orientador: Mohammed ElHajji.
Coorientador: Catalina Revollo Pardo.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa
de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e
Ecologia Social, 2020.
1. casais interculturais. 2. mulheres. 3.
interculturalidade. 4. afeto. 5. migrações
transnacionais. I. ElHajji, Mohammed, orient. II.
Revollo Pardo, Catalina, coorient. III. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a),
sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

A todos os casais interculturais.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Mohammed ElHajji, orientador da pesquisa, pela acolhida neste Programa de Pós-Graduação, pelo incentivo, pelo tema, pela gentileza com que se disponibilizou a orientar esta dissertação de mestrado.

À professora e co-orientadora da pesquisa Catalina Revollo Pardo pela disponibilidade, correção detalhada, interesse, dedicação e parceria.

À Universidade Federal do Rio de Janeiro e aos funcionários do EICOS, especialmente ao Ricardo Fernandes, pela colaboração fundamental.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo financiamento da presente pesquisa. O investimento em pesquisa no país é fundamental para o desenvolvimento crítico e melhoria da qualidade de vida em diferentes níveis.

À banca de defesa, composta por Adriana M. de Assumpção, Isabel Travancas e Mônica Machado, que analisaram com rigor necessário para a finalização do trabalho.

À banca de qualificação, composta por Gisele de Almeida e Mônica Machado. As sugestões e críticas ajudaram-me a enxergar melhor as potencialidades e também debilidades da pesquisa.

Aos colegas de mestrado: Jefferson Gonçalves, Geraldo Bastos e Antônio de Jesus da Silva. A amizade e o apoio durante o mestrado foram importantes.

Ao grupo de pesquisa Diaspotics pelos conhecimentos compartilhados, como por exemplo, o estudo das migrações e a representação social. Agradeço, especialmente, a Gabriela Azevedo Aguiar, que ajudou na compreensão das análises das interlocutoras da pesquisa.

À Agnes Rissardo pela disponibilidade em corrigir a versão final deste trabalho.

À amiga e professora Carolina de Campos Borges pela paciência em responder as minhas perguntas em relação à estruturação metodológica.

À Nelly Llanera pela ajuda no entendimento das gírias em Espanhol.

Ao Nicola Amancio Neves pelo auxílio na elaboração dos mapas e capa.

À Sheila, sua ajuda na preparação para entrar no mestrado foi essencial. Aos amigos com os mesmos objetivos de outras universidades com auxílio com materiais e apoio psicológico: Carolina Fontenelle, Evandro da Conceição, Fabiana Cimeri, Flávia Olaz, Felipe dos Santos, Vanessa Lauria e Wellington Barros.

À Suzana Mallard, Fernanda Paraguassu, Jorge Veshi e Sheila Pinto pela parceria em artigos científicos, que foram importantes para o entendimento da Psicanálise, Feminismo, entre outros assuntos abordados nos capítulos.

Aos que apoiaram o financiamento da passagem para apresentação do artigo no Mali, África: Wagner, Carolina, Suzana, Rafaela e Carla. À Conceição, em especial, pela escrita e parceria.

A todas as interlocutoras da pesquisa pela disponibilidade e confiança com que compartilharam suas experiências de vida, visões de mundo, esperanças e sonhos futuros.

À minha família, pai, mãe e irmãos, e aos meus amigos, pelo incentivo e apoio. À mãe Tiana pelo carinho e afeto. Ao meu filho Giulio, minha principal “razão para lutar”.

A partir do momento em que os estrangeiros têm uma atitude ou uma paixão, eles fixam raízes. De forma provisória, mas intensamente.

Julia Kristeva

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1. CONFIGURAÇÕES DA MULHER NA SOCIEDADE	26
1.2 Interseccionalidade: gênero, raça, classe e nação	31
1.3 Masculinidades negras e casamentos inter-raciais	38
1.4 Desterritorializadas, mas será que realizadas?	46
1.5 Papéis sociais	52
2. MÉTODOS E PARTICIPANTES	62
2.1 Metodologia	62
2.2 Certificação do Conselho de Ética	66
2.3 Apresentação das participantes da pesquisa	67
3. AMORES, MOBILIDADES E TICS	91
3.1 Migrações e TICS	91
3.2 Mulheres migrantes	103
3.3 Afeto a distância	110
3.4 Migração afetiva	118
2.5 Casais interculturais: uma revisão da literatura	125
4. INTERCULTURAIS E AFETIVOS	130
4.1 Afeto no tempo e tempo de afeto	130
4.2 Afetividade, sociabilidade e interculturalidade	1365
4.3 Desenraizamento, integração e negociação	142
4.3.1 Rituais familiares	147
4.3.2 Hábitos da culinária	151
4.3.3 Hábitos religiosos	156
4.3.4 Filhos inter(culturais)	162
4.4 Linguagem afetiva	165
CONSIDERAÇÕES FINAIS	175
REFERÊNCIAS	179
APÊNDICE B	198

RESUMO

GONÇALVES, C (2020). Mulheres entre culturas: afeto e interculturalidade no contexto das migrações transnacionais (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro Instituto de Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicossociologia e Comunidades e Ecologia Social, Rio de Janeiro, 2020.

O fluxo migratório, a facilidade de comunicação e de locomoção contribuíram para o crescente aumento dos casamentos interculturais, e, conseqüentemente a formação de novas famílias. A interculturalidade propõe uma forma de construir um novo tecido social e afetivo, respeitando as diversas formas de conceber o mundo entre religião, raça, gênero, geração e nacionalidade. Os casais interculturais simbolizam a união entre o desterritorializado e o territorializado. Partimos do princípio que existe uma integração maior em diferentes níveis. Como mulheres casadas, em contextos transnacionais, negociam valores, visões de mundo, projetos? Definimos que o objetivo deste trabalho é discutir as perspectivas dos registros simbólicos, negociações e apropriações de mulheres de diferentes nacionalidades, dentro de um relacionamento afetivo intercultural. O objeto de estudo são mulheres (três brasileiras e três estrangeiras) casadas com parceiros heteronormativos de diferentes nacionalidades. O trabalho apresenta um referencial teórico-metodológico com base em análise documental e pesquisa qualitativa. O método usado é a entrevista da Sociologia Compreensiva de Jean-Claude Kaufmann (2013). As entrevistas foram transcritas e submetidas à análise crítica de discurso (FAIRCLOUGH, 2001) e Maria Rocha-Coutinho (1994). Na concepção teórica para compreensão dos fenômenos interculturais envolvidos como tradições familiares, hábitos da culinária, práticas religiosas, entre outros, utilizamos os autores Néstor Canclini (2015), Clifford Geertz (1989) e Alfred Schutz (2010). A consciência em relação aos aspectos interculturais permite uma aproximação necessária para identificar traços subjetivos que interferem no processo de adaptação e integração ao novo espaço social e simbólico.

Palavras-chave: Migrações transnacionais; casais interculturais; afeto; mulheres; interculturalidade.

ABSTRACT

GONÇALVES, C (2020). Women between cultures: affection and interculturality in the context of transnational migrations (Master's Dissertation). Federal University of Rio de Janeiro. Institute of Psychology, Graduate Program in Psychosociology and Communities and Social Ecology, Rio de Janeiro, 2020.

The migration flow, ease of communication and locomotion contributed to the growing increase in intercultural marriages, and, consequently, the formation of new families. It is interculturality that proposes a way to build a new social and affective fabric, respecting the different ways of conceiving the world between religion, race, gender, generation, and nationality. Intercultural couples symbolize the deterritorialized and territorialized union. We assume that there is one integration bigger at different levels. How do married women, in transnational contexts, negotiate values, worldview, projects? We define that the objective of this work is to discuss the perspectives of symbolic registers, negotiations, and appropriations of women of different nationalities, within an intercultural relationship. The object of study is women (3 Brazilian and 3 foreign) married to heteronormative partners of different nationalities. The theoretical-methodological references are bibliographic and qualitative research. The method used is the interview of the Comprehensive Sociology of Jean-Claude Kaufmann (2013). The interviews were transcribed and submitted to critical discourse analysis (Fairclough, 2001) and Maria Rocha-Coutinho (1994). In the theoretical conception to understand the intercultural phenomena involved such as family traditions, culinary habits, religious practices, among others, we used the authors Néstor Canclini (2015), Clifford Geertz (1989) e Alfred Schutz (2010). Awareness concerning intercultural aspects allows a necessary approach to identify subjective traits that interfere in the process of adaptation and integration to the new social and symbolic space.

Keywords: Transnational migration; intercultural couples; affection; women.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Fonte: Estatísticas de Registro Civil. Dados do IBGE (2018).....	20
Figura 2 Dados sobre as entrevistadas	70
Figura 3 Mapa Elisa.....	7474
Figura 4 Mapa Lívia	78
Figura 5 Mapa Mame.....	80
Figura 6 Mapa Maria.....	83
Figura 7 Mapa Juliana	86
Figura 8 Mapa Helena	90
Figura 9 Comparações dos encontros <i>online</i> e outros meios.....	92

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CENSEC – Central de Dados do Colégio Notarial do Brasil

CNB/CF – Conselho Federal

CONARE – Comitê Nacional para os Refugiados

EUA – Estados Unidos da América

IBGE – Instituto Brasileiro de Estatísticas

PNA – Pesquisa Nacional de Aborto

ONU – Organização das Nações Unidas

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNB – Universidade Nacional de Brasília

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

TICs – Tecnologias de Informação e Comunicação

INTRODUÇÃO

O fluxo migratório, a facilidade de comunicação e de locomoção contribuíram para o crescente aumento dos casamentos interculturais, e, conseqüentemente a formação de novas famílias. Os celulares, a internet e os voos mais baratos facilitaram a manutenção dos relacionamentos a distância. O Skype, o WhatsApp e outros meios de comunicação propiciaram outra forma de intimidade, mais flexível, móvel e em transformação. Ou seja, as tecnologias digitais promovem novas possibilidades de contato entre pessoas de diferentes países.

Encontros interculturais são uma forma de construir um novo tecido social e afetivo, respeitando as diversas formas de conceber o mundo: religião, raça, gênero, geração, nacionalidade, língua etc. De acordo com a psicóloga Sylvia Dantas (2012), com o processo de globalização há um aumento de contatos interculturais. Segundo a autora, o encontro com outra cultura modifica a forma como vemos o “mundo”. Entretanto, a ampliação da perspectiva cultural apresenta também divergências.

A alteridade e a diversidade estão presentes nas interações. Existem muitas barreiras que dificultam a integração entre pessoas com nacionalidades diversas, como os rituais familiares, os hábitos religiosos, os hábitos gastronômicos, a educação dos filhos, as barreiras linguísticas, os costumes e/ou tradições. A consciência em relação aos aspectos interculturais permite uma aproximação necessária para identificar traços subjetivos que interferem na adaptação e na integração ao novo espaço social e simbólico.

Assim, buscamos problematizar de que forma mulheres casadas, em contextos transnacionais, negociam valores, visões de mundo, projetos. Definimos que o objetivo deste trabalho é discutir as perspectivas dos registros simbólicos, negociações e apropriações de mulheres de diferentes nacionalidades (mas que na atualidade moram no Brasil), em um relacionamento afetivo intercultural. Como objetivos específicos propomos: (a) compreender a influência dos movimentos emancipatórios; interseccionalidade; relações inter-raciais; papéis sociais no casamento; (b) compreender as migrações e TICs; migração afetiva; afeto a distância; revisão da literatura sobre os casais; (c) verificar as características materiais e simbólicas (adaptações, negociações) entre os casais interculturais sob o viés da

mulher brasileira e estrangeira como, por exemplo, as tradições familiares, os hábitos religiosos, gastronômicos, educação dos filhos e barreiras linguísticas.

Atualmente, no casamento vem emergindo um novo ideal de família, em que os papéis entre as mulheres e os homens não são tão bem definidos, pois ambos têm dividido as responsabilidades domésticas e financeiras. As mulheres têm se dedicado mais à carreira profissional e os homens têm participado mais das tarefas domésticas. As diversas transformações nos casamentos e no núcleo familiar foram influenciadas pelos movimentos feministas.

A partir da década de 1960, os movimentos feministas avançaram transformando as relações amorosas e familiares até a atualidade. Os movimentos emancipatórios representaram forças políticas e sociais construídas para modificar padrões e comportamentos. Historicamente, ocorreram diversos movimentos sociais feministas, principalmente na França, na Inglaterra e nos Estados Unidos, em prol da educação, do direito ao voto, à saúde, à autonomia sobre o próprio corpo, à liberdade, contra a violência, contra a discriminação, a pobreza, entre outros.

As mudanças nos relacionamentos amorosos ainda apresentam contradições e conflitos, mas podem abrir espaço para o debate sobre as novas configurações dos papéis que têm sido exercidos dentro do casamento. Embora os homens tenham sido mais ativos nos cuidados com os filhos e afazeres do cotidiano do lar, esse “papel” ainda tem maior representação na vida das mulheres, com a dupla ou tripla jornada. As mulheres ainda têm ocupado mais tempo com os deveres de casa e têm exercido um papel menos significativo se comparado ao dos homens na vida profissional.

Os casamentos civis heteronormativos, de acordo com os dados do IBGE¹, tiveram uma redução de 1,6% entre 2017 e 2018 (de 1.070.376 para 1.053.467). No entanto, o número de casamentos entre pessoas do mesmo sexo aumentou. Os casamentos civis homoafetivos aumentaram em 2018, comparando-se com o ano anterior. Segundo as Estatísticas de Registro Civil 2018, divulgadas pelo IBGE, 9.520 casais homoafetivos decidiram se unir formalmente, frente a 5.887 em 2017, o que representa um aumento de 61,7%. Apesar do crescimento, o casamento entre homossexuais corresponde a somente 0,9% do total de uniões registradas no país.

¹ Casamentos homoafetivos crescem 61,7% em ano de queda no total de uniões. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencianoticias/2012agenciadenoticias/noticias/26192casamentos-homoafetivos-crescem-61-7-em-ano-de-queda-no-total-de-unioes>. Acesso em: 15 jan. 2020.

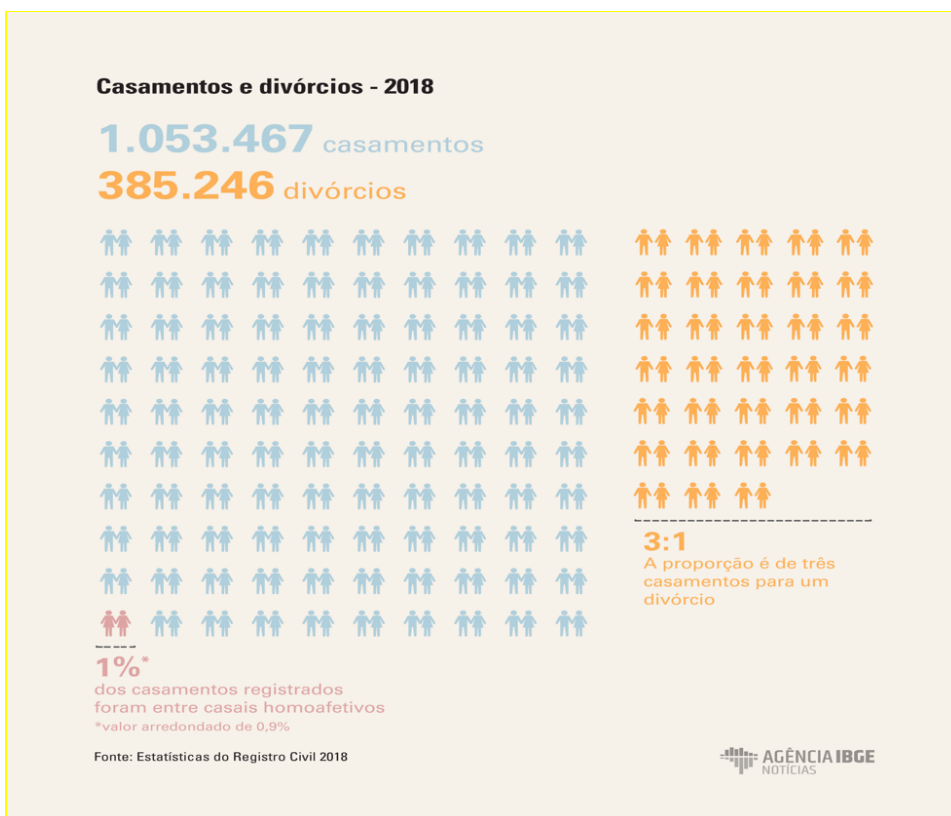


Figura 1 - Fonte: Estatísticas de Registro Civil. Dados do IBGE (2018).

Observamos, por meio dos dados do IBGE, que a diversidade sexual está mais presente nos relacionamentos afetivos. As mulheres, negros, gays, lésbicas etc. emergiram conquistando outros espaços que antes não existiam. Em contrapartida à luta dos movimentos sociais, verificamos que, na atual conjuntura econômica e política brasileira, existe uma “onda de conservadorismo” para manutenção da “instituição” família.

De acordo com os sociólogos Anthony Elliot e John Urry (2010), a emergência do conservadorismo surge para reprimir uma diversidade de construções familiares. O conservadorismo avançou com políticas de ultradireita e, principalmente, no Brasil, com a eleição do presidente Jair Bolsonaro, que tem sido contra os movimentos feministas e a ocupação das minorias étnicas nos espaços urbanos.

A política não deu respostas. E esse espírito profascista é o monstro dessa inquietação, que é um dos monstros que a inquietação produz. Quando a razão sonha, ela sonha com monstros. A razão também está no núcleo da instituição. Então por que essas formas que são inquietas? Por que essas

novas formas são inquietantes? Porque elas representam a masculinidade (SODRÉ, 2018, informação oral²).

Outro fator importante que podemos considerar são dados da CENSEC, (Central de Dados do Colégio Notarial do Brasil)³ e Conselho Federal (CNB/CF), entidade dos cartórios de notas, que confirmam a percepção de que os casais estão preferindo morar juntos a oficializar o casamento. Os tabelionatos no Brasil registraram um aumento de 57% no número de formalizações de uniões estáveis de 2011 (87.085) a 2015 (136.941).

A união estável é considerada também uma segurança para o casal, com garantia sobre a herança um do outro. A lei, portanto, não exige que o casal viva na mesma casa ou tenha o mesmo domicílio. Para contrair a união estável basta o intuito de constituir família. Portanto, para o estudo, não seria um dado diferenciado, uma vez que estamos abordando as adaptações e impasses da relação heteronormativa intercultural. O tipo de união (casamento ou união estável) estabelecida entre os casais não faria diferença para os critérios da pesquisa.

A escolha do tema “Mulheres entre culturas: afeto e interculturalidade no contexto das migrações transnacionais” não foi, à primeira vista, uma escolha minha. A proposta veio do orientador deste trabalho, Mohammed ElHajji. Decidi me debruçar sobre os casais interculturais por ter afinidade com o tema porque fui casada durante 12 anos com um italiano. Durante as entrevistas, pude reviver mais intensamente aspectos da minha relação afetiva com um estrangeiro. E me pergunto: os casais interculturais apresentam mais conflitos ou dificuldades de adaptação do que os monoculturais? Percebi que ser sujeito da própria história nos faz ter mais empatia não só pelo tema, mas pelas experiências amorosas e interculturais vivenciadas no cotidiano. Aos poucos descobri a minha história por meio de olhares de outras narrativas de vidas.

A pesquisa foi desenvolvida, juntamente com o grupo de pesquisa Diaspotics, na ECO (Escola de Comunicação e Cultura) e no EICOS (Programa de Pós-graduação de Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social). A pesquisa no

² Anotações em aula do curso de mestrado da disciplina Cidadania e Política no 2º semestre de 2018.

³ O dia: união estável. Disponível em: <https://www.cnbsp.org.br/index.php?pG=X19leGliZV9ub3RpY2Ihcnw=&in=MTc3MDY=&filtro=&Data=>. Acesso em: 21 jan. 2020.

EICOS é da linha 2: Psicossociologia Crítica, Comunidades e Redes, que busca compreender processos psicossociais de estudos em sociabilidades e políticas, que problematizam as questões interculturais, os deslocamentos e populações específicas como, por exemplo, os imigrantes. O campo de trabalho apresenta uma base psicossocial relacionada às áreas da Comunicação, Psicologia Social e Sociologia, pois não seria possível a compreensão em somente uma das ciências de estudo.

Apesar de muitas pesquisas abordarem as famílias e suas mudanças na atualidade, ainda existem poucas pesquisas no Brasil sobre o tema dos casais interculturais. Iniciamos uma pesquisa exploratória, primeiramente, para entender a mulher e os deslocamentos migratórios. Posteriormente, conversando com o orientador, decidimos estudar a perspectiva da mulher dentro do casal misto.

Os casais interculturais são o *corpus* de análise da pesquisa, realizamos entrevistas com seis mulheres com idades entre 29 a 51 anos, casadas, em relacionamentos heteronormativos de diferentes nacionalidades. As interlocutoras apresentam diversas profissões como, por exemplo, técnicas, empreendedoras, jornalistas, relações internacionais, professoras, algumas altamente qualificadas, com cursos de mestrado e pós-graduação. As interlocutoras são de classes B e C, de acordo com os dados divulgados pelo IBGE. As entrevistas ocorreram no local que as entrevistadas escolheram, e foram realizadas em diferentes estados brasileiros (Curitiba, Goiânia, São Paulo e Rio de Janeiro). Entretanto, duas foram por Skype (Curitiba e São Paulo). Uma entrevista foi presencial, em Goiânia. Duas entrevistas no Rio de Janeiro foram realizadas presencialmente.

As entrevistas foram transcritas na íntegra. O material foi submetido à análise qualitativa, especificamente, e, com o referencial teórico, realizamos uma análise do discurso a partir dos pressupostos de *Análise crítica do discurso*, de Norman Fairclough (2001), e *Análise do discurso*, de Maria Rocha-Coutinho (1994). Entrevistamos três mulheres estrangeiras, de diferentes localidades (Bósnia, Porto Rico e EUA), casadas com brasileiros, e três brasileiras casadas com homens estrangeiros de países distintos (Senegal e Israel). A maioria das entrevistadas vivencia um casamento inter-racial⁴.

⁴ Estamos nos referindo aos casamentos entre brancos e não brancos. Embora, no Brasil essa referência é complexa, pois há uma mistura racial.

O método escolhido foi a Sociologia Compreensiva. O sociólogo Jean-Claude Kaufmann (2013), especializado nos estudos sobre casais, que nos levam à compreensão da presente pesquisa, retrata o mesmo assunto. A Sociologia Compreensiva retira o formalismo do ato da entrevista, funcionando mais como uma “conversa”. O fenômeno de observação é a alteridade entre aquele que é vinculado ao país de origem e aquele desterritorializado. A categoria é complexa dentro das relações amorosas influenciadas por fatores subjetivos e intertextuais, e se estabelece, no ato da entrevista, um momento de compartilhamento de experiências.

Como não há uma elaboração de dezenas de perguntas, foram adotados quatro eixos temáticos no trabalho, *a priori*: a migração, a interculturalidade, gênero e o afeto. As categorias foram preliminares no estudo até os dados coletados posteriormente. Em relação às abordagens sobre questões envolvidas neste estudo, procuramos saber: como é ser mulher no Brasil e no mundo? Como ocorrem as negociações nas relações interculturais? Quais as adaptações depois que conheceram o parceiro? Qual língua foi escolhida no ambiente familiar? Quais as dificuldades no relacionamento?

O casamento bicultural é constituído por diversidades de identidades, que são construídas nas interações e no estabelecimento dos vínculos sociais. Diante dessa realidade, propomos discutir afeto, migração e interculturalidade, a partir de contribuições da Psicanálise, Sociologia, Comunicação Social e Psicologia Social.

Espera-se conhecer as experiências dos casais mistos, nas dimensões das migrações transnacionais, das narrativas identitárias das mulheres e práticas interculturais. Pretende-se conhecer as trajetórias de vida de mulheres migrantes e brasileiras, nas experiências interculturais e afetivas que cruzam gênero, raça, classe e nação. O trabalho buscou entender o fenômeno migratório, o relacionamento conjugal e familiar intercultural, e o papel da mulher no casamento.

Apesar do avanço das discussões sobre os movimentos sociais feministas, as mulheres ainda enfrentam o paradoxo de serem livres em uma sociedade patriarcal. Na atualidade, é importante a discussão sobre o papel que as mulheres vêm desempenhando dentro do casamento, principalmente nas dimensões das migrações transnacionais. Ainda com todas as discussões sobre os movimentos emancipatórios, pretende-se entender as decisões que vão na contramão de todas as conquistas emancipatórias. Partimos do pressuposto de que as mulheres ainda vivem uma

contradição entre o lado profissional e a vida afetiva. A hipótese do trabalho é de que as mulheres ainda continuam fazendo sacrifícios em prol de um amor (capazes de se deslocarem para outro país) ou colocam a família como prioridade, cabendo somente a ela fazer concessões.

No primeiro capítulo são observados os movimentos feministas e os papéis sociais dentro da sociedade brasileira. A pesquisa de campo recebeu atenção especial: com a bagagem de informações da revisão da literatura foi possível formular, delimitar o problema e construir hipóteses, juntamente com as interlocutoras. Nesse sentido, os campos empírico e teórico são complementares para a análise dos dados. A comparação é o que possibilita estabelecer as categorias, resumindo conteúdos e testando a hipótese. O material empírico buscou estabelecer um diálogo com a revisão bibliográfica. Os papéis de homens e mulheres, muitas vezes, são diferenciados do contexto cultural do país de origem. É necessário entender como o feminismo alterou as relações afetivas, com base nos princípios de igualdade e companheirismo.

No segundo capítulo, compartilhamos o referencial teórico-metodológico e a apresentação das interlocutoras da pesquisa. Dessa forma, este texto foi estruturado de forma a permitir a exposição dos pressupostos e objetivos que orientam a pesquisa, inclusive indicando as opções metodológicas e as perspectivas analíticas. A pesquisa de campo procurou estabelecer um diálogo com a revisão da literatura e o material teórico. Os aspectos relativos à metodologia utilizada abordam a condução da entrevista da Sociologia Compreensiva e a seleção da amostragem que constitui o *corpus* da pesquisa, assim como as narrativas das experiências cotidianas das entrevistadas. O capítulo apresenta informações relacionados às entrevistas (data e cidade onde foram realizadas e forma de registros). Os aspectos como local onde conheceram o companheiro, viagens e os percursos migratórios entre um ou ambos os cônjuges encerram esse capítulo.

No terceiro capítulo são analisadas as migrações transnacionais, migrações afetivas, a influência das tecnologias digitais, o afeto a distância e a revisão da literatura sobre os casais interculturais. Dessa forma, buscamos dados teóricos sobre os deslocamentos humanos, a importância das redes sociais de apoio e a influência do processo de globalização. A tecnologia digital apresenta grande importância na medida em que é a mediação dos relacionamentos amorosos.

No quarto capítulo foram discutidos a afetividade, os vínculos afetivos e a interculturalidade, bem como as construções e desconstruções interculturais, as mudanças de hábitos culinários, religiosos, a linguagem afetiva dos casais e os diferentes fenômenos que perpassam os relacionamentos afetivos interculturais. A relação é muito complexa, pois o processo migratório requer uma adaptação parcial à terra estranha ou cultura. As interações dos casais binacionais são atravessadas por barreiras culturais, que vão diminuindo com a convivência e se desdobram em sentimentos de duplo pertencimento e múltiplas identidades.

À medida que ocorrem em nossa sociedade hibridações socioculturais (reconfigurando e ressignificando diversos aspectos da nossa vida), torna-se de fundamental importância o contínuo estudo sobre migração, gênero, relações afetivas e interculturalidade. Como benefício da pesquisa, apontamos a compreensão do fenômeno das relações afetivas interculturais para a produção de conhecimento científico. O projeto pretende contribuir para os estudos culturais e migratórios, como também para o entendimento da interculturalidade, além de possibilitar a compreensão da perspectiva de gênero. A pesquisa ajudará na consolidação do estudo em questão, propondo uma nova análise e reflexão a respeito dos fenômenos descritos.

1. CONFIGURAÇÕES DA MULHER NA SOCIEDADE

Os movimentos feministas representam as lutas em prol de liberdade para as mulheres. Em determinadas sociedades contemporâneas, cabe à própria mulher decidir se casar ou não, ter filhos ou não, divorciar-se, ser mãe solteira ou até sair em busca de um relacionamento afetivo em outro país. Embora as mulheres, *a priori*, estejam emancipadas para fazer suas próprias escolhas, percebemos que hoje em dia há muito mais uma discussão sobre a liberdade sexual ‘feminina’ do que a vivência da liberdade propriamente dita. Mesmo diante de tantos avanços, a condição feminina ainda sofre alguns atravessamentos em relação ao corpo e à sexualidade. “As mulheres cuja sexualidade não tem freios são perigosas. Maléficas, assemelham-se a feiticeiras, dotadas de vulvas insaciáveis” (PERROT, 2007, p. 66).

No Brasil, as mulheres enfrentam ainda a proibição do aborto, violência de gênero, abuso sexual, abuso moral, entre outros. As mulheres têm diversos papéis na sociedade em que vivemos. Neste capítulo, buscamos compreender os movimentos sociais feministas, as relações de interseccionalidade, as masculinidades negras, os casamentos inter-raciais e as configurações das mulheres na sociedade. E buscamos analisar os papéis sociais desempenhados pelas mulheres dentro dos relacionamentos amorosos interculturais.

1.1 Ecofeminismo e movimentos sociais feministas

A lenda mitológica grega da Amazonas⁵ exemplifica a existência de uma mulher como símbolo e filha de Ares, deus da guerra, de quem teria herdado a audácia e a coragem. O mito representa a figura de todas as mulheres na sociedade matriarcal: fortes, destemidas e, principalmente, sem a imposição masculina do patriarcado. De acordo com Françoise D'Eaubonne (1977), na Era do Matriarcado a mulher não se encontrava em condição de submissão ao homem.

A ecofeminista francesa D'Eaubonne observou que o feminino tinha formas próprias e outros valores. Na antiguidade a mulher dominava a terra. Já que o homem

⁵ O mito da Amazonas. Disponível em: <http://www.hispanista.com.br/artigos%20autores%20e%20pdfs/483.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2020.

teria sido sempre chefe de família, senhor da ou das mulheres, com as estruturas secundárias que este eixo familiar e social implica, ou teria existido antes esta forma de comunidade humana ou cultura centrada na mulher e na sua fecundidade. Neste caso, a mulher teria, então, reinado incontestavelmente, divinizada com o nome de Grande Mãe, possuidora da terra e dos homens, até ao aparecimento do patriarcado (D'EAUBONNE, 1977, p. 7).

As mulheres eram consideradas as deusas da terra, por sua relação com a agricultura e a fecundidade. A agricultura era uma atividade exclusivamente feminina e era considerada a principal ocupação da humanidade. A lei patriarcal apaga a Mãe, com a ajuda das mesmas metáforas agrícolas. A lógica do patriarcado iniciou-se com o descobrimento da paternidade, segundo os estudos ecofeministas. O reconhecimento da paternidade ocorreu quando o homem percebeu que o gado fecunda a fêmea.

Com efeito, o homem descobre que é ele e não qualquer divindade que fecunda a mulher, à semelhança do macho do seu gado que fecunda a fêmea; e atribui a si próprio imediatamente o papel primordial, o de semeador de grão num terreno inerte (D'EAUBONNE, 1977, p. 27).

A descoberta do homem como fecundador da mulher configura o nascimento do patriarcado e o início dos conflitos entre homens e mulheres. “As bases do poder masculino, com as suas estruturas de apropriação exclusiva, de competição, de exploração evolutiva” (D'EAUBONNE, 1977, p. 28) reafirmam o papel do masculino. Os homens deixam de ser apenas os caçadores e passam a utilizar técnicas para dominar a agricultura, como por exemplo, a elaboração de ferramentas como a charrua e a irrigação. Esse seria o futuro “do patriarcado que, muito mais tarde, vai apoderar-se desta técnica agrária e aperfeiçoá-la com a irrigação e com a charrua substituindo a enxada” (p. 55).

O homem retira o papel desempenhado pela mulher até então, e começa o declínio do matriarcado e início do patriarcado. O poder masculino vai se consolidando na humanidade, gerando relações violentas. A mulher vai, cada vez mais, sendo colocada e se colocando em um papel submisso. As desigualdades contra as mulheres são construídas, no sistema patriarcal, através dos discursos de dominação masculina, que também são reproduzidos por mulheres: na “sociedade ordenada pelo sistema patriarcal, os discursos são proferidos por homens e mulheres, incidindo especialmente sobre o corpo da mulher” (CASSAB, 2015, p. 377).

De acordo com a assistente social Latif Antônia Cassab (2015), em consonância com Marilena Chauí (1985), a violência se apresenta ideologicamente, com materialização das diferenças em desigualdades com o intuito de “dominar, explorar e oprimir, dominação masculina é produzida e reproduzida tanto por homens quanto por mulheres” (p. 377).

A violência de gênero é provocada pela dominação masculina, agindo com o intuito de anular a mulher. Dessa forma, na corrente marxista, pode-se considerar a violência contra a mulher como expressão do patriarcado. “Desde o aparecimento do patriarcado, a história da condição feminina esteja estreitamente ligada à da herança” (D’EAUBONNE, 1977, p. 51). Isso quer dizer que a mulher anteriormente era vista como ser social autônomo, porém foi vitimizada pelo poder masculino. A violência contra as mulheres corresponde a um amplo caráter físico, psicológico, sexual e patrimonial que pode acabar em morte da mulher por suicídio ou homicídio.

O feminicídio corresponde aos assassinatos das mulheres pelos seus parceiros e companheiros nessas relações desiguais de poder de gênero. Segundo os dados divulgados pela ONU, no Brasil existe um grande número de feminicídio. A cada 100 mulheres, 4,8 são mortas em decorrência de violência de gênero, devido à condição de subalternidade em relação ao homem.

A filósofa indiana Gayatri Spivak (2010) define a mulher como figura que se desloca para o “sujeito do Terceiro Mundo” (p. 30). A constituição do sujeito subalterno na definição de Spivak são aqueles que pertencem às “camadas mais baixas da sociedade, constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK, 2000; 2010, p. 12).

A obra de Spivak (2010) apresenta um ponto central para entender a mulher impedida de se autorrepresentar. A problemática da obra é sobre a falta de representação da mulher. A teórica indiana afirma que a marginalidade do subalterno é imposta ao gênero feminino. As viúvas indianas eram queimadas junto com os maridos. Spivak afirma que a subalterna não pode falar, mas não está se referindo ao ato de “falar em si”.

Os direitos das mulheres foram conquistados através das lutas das feministas na busca por autonomia e liberdade. No século XIX, a sufragista feminista Matilda Gage discute a relação de opressão provocada pelo Estado no livro *Women, Church*

& State, em 1893. Gage observa que as bruxas perseguidas pela História não eram bruxas, mas simples mulheres, que eram perseguidas pelo Estado-cristão. De acordo com Cage, a mulher bruxa poderia ser considerada mulher de sabedoria superior, por isso que é anulada, com o objetivo de fixar a opressão masculina.

Nas décadas de 1950 e 1960, a mulher era representada como “pano de fundo do marido”. A ativista feminista Betty Friedan analisa as narrativas e o contexto social e histórico das mulheres nos EUA. As mulheres estudavam, casavam e iam ser donas de casa. “Devemos abrir os braços à maravilhosa liberdade de que gozamos e nos orgulhar da vida que hoje levamos. Fiz curso universitário e um tive emprego, mas ser dona de casa é minha função mais satisfatória e compensadora” (FRIEDAN, 1971, p. 16).

Nos Estados Unidos, na França e na Inglaterra, os movimentos sociais feministas tiveram maior visibilidade e influenciaram outros países, inclusive o Brasil. Segundo a cientista política Marlise Matos (2015), os direitos das mulheres foram conquistados por meio das lutas das feministas em busca por autonomia e liberdade. As origens dessas lutas remetem a 1789, durante a Revolução Francesa, quando, apoiadas pelos ideais iluministas, as mulheres começam a se insurgir contra a dominação masculina. Em 1948, a ONU⁶ aprova a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que representa um marco histórico na conquista aos direitos femininos.

O feminismo tem concepções diversas e sofreu enfrentamentos ao longo da história. No entanto, vale ressaltar que o movimento foi e ainda é uma luta pela liberdade. A liberdade da mulher fazer suas próprias escolhas e ser o que ela quiser ser. A liberdade sobre o corpo da mulher e sua sexualidade ainda estão em discussão. A mulher tem hoje o livre-arbítrio para escolher a hora de engravidar, que pode ser aos 20, 30 ou 40. Não obstante, no Brasil, as mulheres não podem decidir sobre interromper uma gravidez dentro da legalidade. As que decidem não abortar ilegalmente, muitas vezes, têm de assumir a função de ser mãe-pai sozinhas. O fato de a mulher poder assumir ser mãe solteira é também uma conquista.

Diversas teorias feministas acreditam que gênero é uma interpretação cultural do sexo e que é construído culturalmente. Judith Butler (2018) afirma que o

⁶ Declaração Universal dos Direitos Humanos. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/declaracao/>. Acesso em: 27 jun. 2018.

determinismo do significado de gênero é passivo na cultura. A cultura fixa o que na biologia é um destino. Os novos temas sobre as mulheres, ao longo da década de 1970, garantiram maior visibilidade e preocupações de resistência e dominação política. Segundo Margareth Rago (2019) o corpo feminino trouxe várias construções misóginas e fetichizadas, inviabilizando a entrada no campo dos negócios e da política. A importância do pensamento de Elisabeth Badinter (*apud* RAGO, 2019) ajudou a desconstrução sobre o padrão da maternidade, reforçando a luta feminista por outros direitos. “Portanto, a dimensão simbólica, o imaginário social, a construção dos múltiplos sentidos e interpretações no interior de uma dada cultura passam a ser priorizados em relação às explicações econômicas ou políticas” (RAGO, 2019, p. 383).

Apesar do avanço das discussões sobre os movimentos sociais feministas, a mulher enfrenta um paradoxo no cotidiano, pois de um lado está preocupada com o trabalho e a profissão e de outro com família e amor. Mesmo com todas as conquistas em favor dos direitos das mulheres ainda existem muitos paradigmas e barreiras atualmente, principalmente para aquelas que migram para outros países.

As teorias feministas pós-coloniais e norte-americanas surgem para explicar a mulher, sem a utilização de uma categoria ‘universalizante’, considerando diferentes aspectos como: raça, nação, gênero e classe. As ativistas norte-americanas negras alertam sobre a necessidade de reconsiderarmos a interseccionalidade dentro do movimento feminista.

A mulher assumiu papéis e representações “menos significativas” na história da humanidade em função do patriarcado. A condição feminina foi imposta à mulher, através da dominação masculina. Os movimentos sociais feministas promoveram a liberdade para mulher de fazer as próprias escolhas. A história do feminismo é importante para compreender as situações diferenciadas. Os conceitos de interseccionalidade articulam o movimento feminista, oferecendo recursos relevantes para o entendimento das diferentes perspectivas.

1.2 Interseccionalidade: gênero, raça, classe e nação

E eu não posso escolher entre as frentes em que eu devo batalhar contra essas forças da discriminação, onde quer que elas apareçam para me destruir. E quando elas aparecerem pra me destruir, não durará muito para que depois elas apareçam pra destruir você.

Audre Lorde

A frase de Audre Lorde remete à discussão de que a luta feminista deve ser feita contra várias forças: racismo, machismo e misoginia. As feministas negras pioneiras foram Hazel Carby, bell hooks⁷, Patrícia Hill Collins, Patrícia Williams e Kimberlé Crenshaw, que reivindicavam contra as limitações do feminismo branco e conseguiram de certa forma “romper” com a unicidade da luta feminista.

A autora Kimberlé Crenshaw (*apud* AKOTIRENE, 2019) afirma que a transformação do pensamento feminista ocorreu mediante a construção da mudança de postura das mulheres negras, que eram representadas pelas feministas brancas na categoria gênero e pelos homens negros na categoria racismo, mas não tinham uma luta própria contra o sofrimento duplo relacionado a ambos: o sexismo e o racismo.

A pensadora estadunidense, bell hooks, no livro *Ain't I a Woman*, retrata o impacto tanto do machismo dos homens negros quanto do racismo das feministas brancas contra as mulheres negras. O conceito da interseccionalidade foi criado pela dificuldade de incluir raça na categoria gênero.

A interseccionalidade (AKOTIRENE, 2019) busca compreender a existência do colonialismo do pensamento por meio de uma literatura eurocentrada, que não aborda as discussões das dimensões políticas com os conceitos de raça, classe, nação e gênero, entre outros. Sojourner Truth, nascida acorrentada ao escravismo, vendida em leilão aos nove anos de idade, junto ao gado, tornou-se uma das pioneiras do feminismo negro (AKOTIRENE, 2019).

⁷ O nome "bell hooks" foi inspirado na sua bisavó materna, Bell Blair Hooks. A letra minúscula é para dar atenção ao conteúdo da escrita e não necessariamente à pessoa. É uma escolha política da autora.

Sojourner Truth era negra – uma ex-escrava –, mas não era menos mulher do que qualquer uma de suas irmãs brancas na convenção. O fato de sua raça e de sua situação econômica serem diferentes daquelas das demais não anulava sua condição de mulher. E, como mulher negra, sua reivindicação por direitos iguais não era menos legítima do que a das mulheres brancas de classe média (DAVIS, 2016, p. 73).

Lélia Gonzalez, no Brasil, na década de 1980, juntamente com Maria Lugones, na Argentina, auxiliou na propagação do conceito de interseccionalidade, estabelecendo um pensamento latino-americano contra o colonialismo do movimento feminista, rompendo com as ideias hegemônicas da América do Norte imperialista na América Latina. A interseccionalidade é responsável pela diversidade na história do feminismo e uma corrente negra, sem estar presa às correntes eurocêntricas.

Lélia González (AKOTIRENE, 2019) traz elementos do feminismo negro no Brasil, para representar a interseccionalidade com elementos da religiosidade brasileira, como Oxum e Ogum, na Coleção Retratos do Brasil. A intelectual brasileira milita contra o racismo, sexismo e exploração do sistema capitalista. O padrão imposto pelo sistema global influencia a opressão às minorias, impondo ideais de racismo e xenofobia.

A interseccionalidade é uma visão decolonial contra as diferentes discriminações: indígenas, imigrantes, mulheres, negros, religiosos etc. O padrão global impõe uma homogeneidade identitária da raça branca em opressão aos homens negros e às mulheres negras, transformando suas vidas em “mercadorias humanas da matriz colonial moderna heteropatriarcal do sistema mundo” (AKOTIRENE, 2019, p. 35).

O ensaio crítico *Olhares negros: raça e representação*, de bell hooks (2019b), abre espaço para a luta política contra as imagens no cinema norte-americano quanto à falta de representatividade do público negro. As imagens que são comercializadas retratam a branquitude com viés ideológico racista, falocêntrico e patriarcal para fixar a supremacia da raça branca. Após a escravidão, algumas mulheres negras conseguiram emprego na prestação de serviço, enquanto muitos homens permaneceram desempregados.

De acordo com hooks (2019b), a relação entre os homens negros e as mulheres negras, logo após a escravidão, é mais igualitária pela condição exploratória do homem negro. A feminista norte-americana afirma que muitas mulheres negras queriam que os homens negros ocupassem um papel patriarcal dentro das relações

afetivas, mas também outras mulheres estavam felizes com sua independência e autonomia.

Angela Davis, em 1981, aborda a discussão da interseccionalidade no livro *Mulheres, raça e classe*, em que considera os abusos sexuais sofridos pelas mulheres negras. Após o fim da escravidão, as mulheres negras ainda eram abusadas sexualmente pelos homens brancos. O sexo inter-racial era um desejo de resistir à escravidão, como também desmoralizar os companheiros negros. O conflito de gênero entre homens e mulheres negros pode ser prejudicial para ambos, pois fortalece o sistema capitalista branco e patriarcal. Percebemos que muitos homens negros se recusam a acreditar que a dor de suas vidas é causada pelo pensamento machista. E, com isso, a luta dos homens e mulheres negros permanecia enfraquecida pelo machismo e misoginia do sistema branco e patriarcal.

Os homens negros (HOOKS, 2019b) deveriam se envolver com o feminismo por uma questão política, pois muitos atos destrutivos dos homens negros são construídos em relação à virilidade, com o objetivo de serem homens durões em situações opostas à homossexualidade.

A feminista Angela Davis (2016) afirma que a falta de acesso à educação das mulheres negras estava relacionada à segregação racial nos Estados Unidos, pois as mulheres brancas já frequentavam a escola e, conforme relato de Frederick Douglass, exposto por Davis, podemos perceber as dificuldades enfrentadas no ambiente escolar.

Depois de ser aceita em um colégio para meninas em Rochester, Nova York, a filha de Douglass foi formalmente proibida de assistir às aulas com meninas brancas. A diretora que deu a ordem era uma abolicionista! Quando Douglass e sua esposa protestaram contra essa medida segregacionista, a diretora pediu que cada uma das alunas brancas votasse sobre a questão, afirmando que uma única objeção seria suficiente para manter a exclusão. Depois que as meninas votaram a favor da integração da colega à classe, a diretora recorreu às mães e aos pais das alunas, usando a única objeção recebida como desculpa para excluir a filha de Douglass (DAVIS, 2016, p. 69).

A colonialidade é um padrão imposto pelo sistema capitalista para a construção da classificação relacionada a gênero, etnia e raça. Aníbal Quijano (2010) afirma que as relações se formam através da dominação em função da disputa de poder, e constituem os conflitos de dominação subjetivos e intersubjetivos por meio do conhecimento.

O que é realmente notável de toda a estrutura societal é que elementos, experiências, produtos, historicamente descontínuos, distintos, distantes e heterogêneos possam articular-se juntos, não obstante as suas incongruências e os seus conflitos, na trama comum que os urde numa estrutura conjunta (QUIJANO, 2010, p. 91).

O livro *Pele negra, máscaras brancas*, de Frantz Fanon, propõe a discussão sobre a binariedade entre negro e branco, alertando sobre o desprezo pela cor negra por meio dos “olhares brancos”. Fanon (2008) discute o racismo como homem martinicano. O autor somente é capaz de entender que sua cor é uma alteridade quando vai morar na França.

Depois tivemos de enfrentar o olhar branco. Um peso inusitado nos oprimiu. O mundo verdadeiro invadia o nosso pedaço. No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera densa de incertezas (FANON, 2008, p. 104).

Lia Schucman (2018), em consonância com Fanon (2008), acredita que o racismo é próprio da estrutura da colonização, que produz efeitos psicossociais em brancos e negros. “No caso dos negros, a consequência seria uma não aceitação da sua autoimagem, da sua cor, o que resultaria em um “pacto” com a ideologia do branqueamento” (p. 96), que produz a representação de superioridade da raça branca em relação à negra.

Para Djamila Ribeiro (2018), as pessoas têm certas atitudes racistas sem saber ou fingem não saber como o racismo age: “Racismo é um sistema de opressão que vai além de ofensas, negando direitos” (RIBEIRO, 2018, p. 71). O racismo, no Brasil, está diretamente relacionado ao desemprego, de acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (PNAD Contínua): o número de desempregados no terceiro trimestre de 2017 era de 13 milhões, sendo que, desse total, quase 64% eram negros. Em 2010, 62% da população branca com mais de 18 anos possuía o ensino fundamental completo. No caso da população negra, o percentual era de 47%.

A Uerj (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) foi a primeira universidade a adotar o sistema de cotas, com 50% de vagas em cursos de graduação, por meio do processo seletivo, para estudantes de escolas públicas. Depois, a UnB (Universidade de Brasília) começou a adotar o sistema de cotas, que funciona desde

2004. Mas a consolidação da lei n. 12.711 foi promulgada em agosto de 2012⁸, denominada Lei de Cota, que destina metade das vagas nos processos seletivos para o ensino superior de estudantes de escolas públicas. As vagas também têm os critérios raciais e sociais, considerando os fatores econômicos. Entretanto, mesmo com as cotas, o número da população negra nas universidades brasileiras é muito pequeno. A educação é um grande problema para a população negra, principalmente entre as mulheres.

bell hooks (2019) define que a raça tem sido colocada como a alteridade do Outro, em narrativa cultural do “primitivo” (HOOKS, 2019b, p. 75). De acordo com Stuart Hall (2018), as diferenças em torno da raça ocorrem para organizar o sistema de poder socioeconômico para exploração e exceção em torno do racismo. As diferenças sociais e culturais são usadas para a exclusão racial, com uma oposição binária de maneira simplista. “Raça é uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão – ou seja, o racismo” (HALL, 2018, p. 76-77).

No estudo sobre raça, Djamila Ribeiro (2018) alerta sobre o machismo institucionalizado. Ela demonstra como o jornal *O Globo* utiliza o termo mulata com tom ofensivo: “A palavra, de origem espanhola, vem de ‘mula’ ou ‘mulo’: aquilo que é híbrido, originário do cruzamento entre espécies” (p. 99). A palavra tem sentido negativo, indicando mestiçagem impura. A filósofa brasileira disserta sobre a representatividade da mulher negra, ressaltando o tom pejorativo perceptível na coluna de Ancelmo Góis, na seção intitulada “Mulatas de Góis”. A objetificação da mulher negra é muito frequente na atualidade, não somente na coluna de Góis.

Ribeiro (2018) afirma que ainda existe pouco interesse do público de classe média branca no aprofundamento de determinados assuntos, principalmente em relação ao tratamento da mulher negra. De acordo com Maria Lugones (2014), a colonialidade do gênero se tornou complexa: devemos pensar as relações de poder no sistema capitalista. Grada Kilomba (2019), em consonância com Spivak (2010), acredita que os colonizados são incapazes de falar, por se sentirem inadequados e silenciados. Kilomba retoma a discussão sobre a dificuldade de falar dentro do

⁸ Lei 12.711, de 29 de agosto de 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em: 29 jan. 2020.

contexto do colonialismo e racismo porque as mulheres brasileiras também sofrem com o processo de subjetivação colonizadora.

A imagem da mulher brasileira mestiça é vendida no mundo todo como ideal de beleza exótico, com marcadores sociais associados à ideologia da mestiçagem. A antropóloga Lira Dolabella (2015), em consonância com Piscitelli (2002), afirma que as mulheres brasileiras representam a morena personificada do “exotismo tropical” e cultural.

As imagens sobre o Brasil são marcadas pela ideia de mulheres dotadas de uma corporalidade específica, mulheres alegres, festivas, simpáticas, cordiais, sensuais, exuberantes, comunicativas, sexualizadas e pouco intelectualizadas. Assim, o lugar reservado às brasileiras no mercado de trabalho português está ligado a atividades onde essas características são consideradas fundamentais, nomeadamente, o mercado de atendimento ao público, restauração, e cuidados, atividades, em geral, precárias, com baixas remunerações e horários de trabalho elevados (FRANÇA, 2010, p. 10 *apud* DOLABELLA, 2015, s/p).

A mulher negra apresenta desvantagem em relação às outras mulheres, principalmente em relação ao lado afetivo. Não podemos negar que existem os padrões estéticos relacionados à beleza, privilegiando as mulheres brancas. Portanto, muitas mulheres negras têm uma “vida amorosa” limitada. A negra é objetificada, apresentando uma estrutura corporal mais ardente ou sexualmente mais “*caliente*”. A mulher negra nas relações afetivas representa uma posição mais submissa, muitas vezes, é procurada somente para satisfação sexual, enquanto os homens estabelecem o relacionamento com mulheres brancas.

O homem negro mantém relacionamentos amorosos com as mulheres brancas pelo padrão de beleza imposto pela branquitude. Assim, as relações amorosas apresentam o ideal de grau de embranquecimento (NASCIMENTO, 2019), que funciona como uma discriminação étnica.

Falar sobre as relações inter-raciais no Brasil é superficial. Existe um processo histórico que desumaniza a mulher negra como um sujeito que não é digno de ser amado. Então a mulher negra historicamente ela é objetificada. O homem negro também é criado nessa sociedade, em que ao mesmo tempo a mulher branca é colocada como bonita e padrão de beleza. A mulher branca é aquela que merece ser amada (RIBEIRO, 2016, informação oral).⁹

⁹ A solidão da mulher negra. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5qolsfaCH8c>. Acesso em: 22 dez. 2019.

Entre homens e mulheres, os dados estatísticos demonstram que as mulheres negras são mais solitárias. Entre as com mais de 50 anos, elas são maioria na categoria que nunca viveram com um cônjuge. De acordo com os dados divulgados pelo IBGE do censo 2010, 70% dos casamentos no país ocorrem entre pessoas de mesma cor. Segundo o pesquisador do IBGE, José Luís Petrucelli, nos últimos dez anos, as uniões em função da cor ou raça no Brasil praticamente não se alteraram: “Isso desconstrói o mito da altíssima miscigenação e da harmonia racial. Existe uma seletividade e viés na escolha do parceiro por cor ou raça”¹⁰, afirma. Como os pretos e pardos estão entre os grupos com menor rendimento e nível de instrução, o pesquisador Petrucelli afirma que há uma “justaposição” de fatores que indicam uma “racialização” na escolha dos parceiros.

As masculinidades e feminilidades são construídas pelo sistema heteropatriarcal. As memórias africanas foram naufragadas pelo colonialismo. A militante do feminismo Grada Kilomba (2019) afirma que a experiência de raça e gênero estão interligadas, pois as construções racistas envolvem os papéis de gênero e têm um impacto maior. As formas de opressão não são singulares, mas elas se inter cruzam. Kilomba acredita que o racismo é uma ideologia dominante que interage com outras formas de dominação como o machismo. Podemos questionar se o racismo e o sexismo são semelhantes, pois ambos representam o senso comum com diferenças biológicas.

A opressão de gênero e opressão racial afetam grupos de indivíduos de diversos tipos. No feminismo branco é importante conceituar que as mulheres brancas têm privilégios brancos. Portanto, as negras também sofrem o sexismo. Kilomba afirma que o não branco é uma construção para interiorização aliada ao racismo.

O estudo de Kilomba identifica as marcas do racismo nas estruturas no cotidiano. Na luta antirracista, Kilomba (2019) defende que é necessária uma desconstrução de identificação do sujeito negro e da negritude. A descolonização pode ser uma referência para o processo de colonialidade.

¹⁰ Pesquisa mostra que a raça é predominante em uma escolha de parceiros-conjugais. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/2012/10/pesquisa-mostra-que-raca-e-fator-predominante-na-escolha-de-parceiros-conjugais>. Acesso em: 14 ago. 2019.

A nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2015) acredita que seríamos mais felizes se não tivéssemos a expectativa de “ter de ser” de uma forma específica. No livro *O perigo de uma história única* (2019), a escritora relata narrativas que retratam como os estereótipos são incompletos e superficializam histórias de pessoas de nacionalidades e raças distintas. É o lugar do senso comum, com a informação pronta, com a história única de qualquer pessoa, raça ou país de origem.

A interseccionalidade é a resposta para abordamos diferentes perspectivas sem uma categorização universal. Assim, percebemos que o feminismo negro é a expressão para o interior do movimento feminista brasileiro. A perspectiva do movimento negro deve ser o exercício para luta antirracista cotidiana na sociedade. Sendo assim, é necessário compreender as masculinidades negras e casamentos inter-raciais.

1.3 Masculinidades negras e casamentos inter-raciais

O tema da virilidade masculina apresenta diferentes representações. Durante a antiguidade grega e romana existia uma matriz comum no modelo de masculinidade que muitos autores definem como viril, hegemônico, com o ideal de força física, potência sexual e dominação. A antropóloga Maria Viveros Vigoya (2018), no livro *As cores da masculinidade. Experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América*, afirma que diversos estudos na relação de gênero produzem discursos e representações das masculinidades que se articulam às noções de dominação e poder. Os estudos questionam o modelo binário masculino/feminino para entender a masculinidade africana.

A antropóloga colombiana acredita que existem diferentes tipos de homens que representam o masculino. Vigoya critica a produção das masculinidades plurais e da dominação masculina no espaço. É necessário pensar o racismo como uma produção do sistema capitalista. A estrutura de exploração da força de trabalho necessita de mão de obra excedente. “Assim, o racismo aparece como mecanismo para que os brancos se mantenham em posições de vantagens nesta competição” (SCHUCMAN, 2014, p. 145).

De acordo com bell hooks (2019b), na ordem do senso comum, percebemos que existe um discurso que afirma que os negros têm uma vida mais mundana ou são

mais experientes. Assim, existe a separação do corpo, por exemplo, no homem negro, em que o poder está no falo, que é mais avantajado do que os homens brancos.

Segundo Mara Viveros Vigoya (2018), os poderes são atribuídos aos homens negros com o ideal de pureza racial para atrair uma diferença binária. A antropóloga colombiana apresenta uma perspectiva pós-colonial sobre gênero, homens e masculinidades. A autora afirma que existe uma visão essencialista sobre as masculinidades negras, como também sobre a hegemonia branca. Assim, percebem-se os efeitos da posição de dominação dos homens em relação às mulheres, as diversas experiências dos homens colombianos, as tensões e ambiguidades das masculinidades. Vigoya apresenta uma nova concepção sobre as “marginalidades marginais”.

A construção do imaginário dos corpos negros colombianos até a atualidade produz uma relação distinta entre raça e classe (VIGOYA, 2018). O uso do conceito de interseccionalidade é necessário para se pensar as relações de dominação. O modelo corporal do homem negro é definido como diferente e é o Outro.

A partir da capital do país, que se autorrepresenta como branco-mestiça, o mundo negro é percebido de forma ambivalente: primitivo, subdesenvolvido, inclusive moralmente inferior; mas também poderoso e superior no âmbito da dança, da música e das artes amorosas (VIGOYA, 2018, p. 110).

O negro representa a escala inferior, como partes do corpo mais “avantajadas” e representados como amantes sexualmente hiperativos. Os encontros inter-raciais podem ser “marcados como mais excitantes, mais intensos e mais ameaçadores” (HOOKS, 2019b). A consciência da branquitude e as relações de poder em torno da raça criam desigualdades étnico-raciais. A feminista americana bell hooks (2019b) alerta para que jovens brancos não façam das relações de alteridade um “*playground*”. É necessário estar atento para os vários aspectos de uma potência do desejo da negritude estarem relacionados ao sentimento de algo primitivo e de tara. “De modo algum minha cor deve ser percebida como uma tara” (FANON, 2008, p. 82).

Helena, porto-riquenha, casada com brasileiro, afirma que os homens e mulheres brasileiros são exóticos. Muitas mulheres estavam interessadas no seu companheiro na academia. Ambos têm um relacionamento inter-racial. O companheiro é negro.

O cabelo eu deixei crescer. E em meu estúdio de yoga ninguém sabia que ele era o meu namorado. E lá as meninas ficavam loucas, porque tudo que é brasileiro, você sabe, homens e mulheres são exóticos. Você fala, já sabem. *Non importa se vá. Aham! Brasileiro! Aham! Brasileira, right?* E ele é moreno. Em Flórida, *hai* muitos morenos. Mas **ele é um moreno diferente. Vocês, os morenos daqui, são muito diferentes dos morenos de lá. Morenitos del Brasil.** Moreno bebe, *una* cor quase, quase vermelho clarinho (HELENA, março de 2019, grifo nosso).

Maria Viveros Vigoya recorda que existe uma ilusão do que a possibilidade de emancipação do “encontro amoroso inter-racial podia significar” (VIGOYA, 2018, p. 51), porque as relações não necessariamente significam uma luta contra o racismo. O sistema binário homem e mulher deixou de analisar as diferenças entre mulheres e homens, segundo classe, raça, geração e orientação social.

A antropóloga colombiana por meio de diversos estudos, como por exemplo de Michelle Wallace (1978), questiona como as mulheres brancas e os homens negros idealizaram os encontros amorosos inter-raciais como expressão de luta contra o racismo e o sexismo. Embora as relações possam ser uma expressão contra o racismo, não podem questionar o racismo estrutural. A ativista Houria Bouteldja (2015), em entrevista dada a *Vacarme*, na França, discorre que:

Nós não o apresentamos, apenas o revelamos. Não creio que essa questão seja resolvida no nível do casal, seja resolvida no nível da sociedade e, mais precisamente, no nível da política. É resolvido no nível da transformação das relações sociais, não no nível do amor ou das relações interpessoais (BOUTELDJA, 2015, s/p).¹¹

Houria Bouteldja acredita que as relações de poder são estabelecidas para o funcionamento do sistema. A autora afirma que não entende o fascínio dos casamentos das mulheres negras com brancos. No Magrebe, o casamento com o homem branco era visto como uma forma de ascensão social. A ativista acredita que a perspectiva decolonial é casar-se com alguém da sua comunidade.

Como projeto político ou como projeto social, eu não o entendo. A ideologia de que casais mistos, encontro entre duas culturas, é linda, é realmente podre. Se falamos em termos absolutos, não há razão para não aderir a isso. Exceto que existem relações de dominação entre culturas. Entre a Argélia e a França, a disputa histórica é muito forte e a relação de dominação passa por esses casais mistos e seus filhos. Ele será mais muçulmano ou

¹¹ Entrevista com Houria Bouteldja sobre a reivindicação de um mundo decolonial. Disponível em: <https://vacarme.org/article2738.html>. Acesso em: 5 jan. 2019 (Tradução nossa francês-português).

melhor francês? Ele vai comer carne de porco ou não? Em que cultura vamos criá-los? Existem processos de envio de um para outro que serão implementados. Você terá aqueles que investirão demais na religião ou aqueles que investirão demais na brancura (BOUTELDJA, 2015, s/p)¹².

A antropóloga Lilia Moritz Schwarcz, conforme define Schucman (2014), realizou um estudo em 1988 que diz: “Afinal, aqui ninguém é racista”. A pesquisa revelou que 97% dos entrevistados disseram não ter preconceito. Entretanto, 98% revelaram que conheciam indivíduos e situações de discriminação racial no país. “A conclusão informal era que todo brasileiro parece se sentir como uma ‘ilha de democracia racial’, cercado de racistas por todos os lados” (SCHWARCZ, 1996, p. 155 *apud* SCHUCMAN, 2014, p. 146).

Edward Telles (2012), no estudo *O significado da raça na sociedade brasileira*, afirma que existem diferenças raciais entre Estados Unidos e Brasil porque nos Estados Unidos as pessoas com ascendência de matriz africana são consideradas negras. Já no Brasil, as pessoas que possuem ascendência africana são brancas. Ambos os países têm a supremacia branca como ideológica para os padrões sociais, mas com história, padrões culturais e políticos distintos.

W. E. B. Du Bois (TELLES, 2012) afirma que existe um modelo de bipolarização nos Estados Unidos no qual brancos e negros pertencem a grupos separados que vivem de acordo com essa bipolaridade. Du Bois percebe que os negros eram excluídos da democracia racial nos EUA. Edward Telles, em consonância com Du Bois, retrata uma hipótese de que até os dias atuais a raça não importa no Brasil. As ideologias dos dois países são diferentes.

A sociologia norte-americana desenvolveu teorias para explicar o racismo e a desigualdade racial apesar do fim da “segregação racial formal” (TELLES, 2012, p. 3). Nos Estados Unidos a segregação é uma fonte de dominação racial. Já no Brasil acreditamos que a classe social e raça são consideradas fatores independentes. Observamos que a diferenciação entre classe é mais importante do que a racial no Brasil. Decidimos abordar no texto as concepções sociológicas entre EUA e Brasil devido às nacionalidades dos casais e para análise de uma das entrevistadas.

¹² Idem.

Elisa¹³, estadunidense casada com brasileiro, afirma que prefere morar no Brasil do que nos Estados Unidos, pois o marido é negro e ela acha que existe um preconceito muito grande nos EUA com casais inter-raciais. Os dois se conheceram nos Estados Unidos, mas vieram morar em Curitiba.

Eilsa¹⁴: Eu sinto nervosa pelo meu marido como homem negro nos Estados Unidos. Eu estou nervosa pelo racismo. E a violência nos EUA, porque se algum policial falar com meu marido e se meu marido não entendesse algo, ele ficar nervoso, se ficaria nervoso, ele falaria a coisa errada, sabe? Apenas nervosa que poderia ser uma situação. E também o meu marido, eu posso dizer que ele é mais feliz aqui. Quando ele estava nos Estados Unidos, ele não parecia tão feliz e talvez eu não parecia tão feliz, sabe? Talvez estamos sempre mais felizes na nossa cultura, como se estivéssemos mais confortáveis, de certa forma, em nossa própria cultura, em nossa língua.

Dados demonstram que no Brasil¹⁵ os casais brancos e negros, em um relacionamento inter-racial, correspondem a 43% dos brasileiros que estão em um relacionamento, algo muito alto. Nos EUA não têm tantos casais inter-raciais. Eu me sinto mais confortável no Brasil. Eu já tive problemas lá nos EUA, e aqui no Brasil não tenho problemas (ELISA, março de 2019, grifo nosso).

Para compreender a resposta da entrevistada Elisa, devemos entender os conceitos de mistura racial no Brasil. A prerrogativa do mito da democracia racial no país é de que a união inter-racial, assim como a mistura racial, é bastante difundida. A miscigenação no Brasil aconteceu em maior escala provavelmente porque a migração portuguesa era composta somente por homens. Enquanto nos Estados Unidos a migração era basicamente familiar. Os homens brancos portugueses tinham uma relação de poder com as escravas e indígenas. Gilberto Freyre afirma que as relações raciais no Brasil aconteceram devido às relações sexuais, conforme define Edward Telles (2012).

¹³ Nome fictício para preservar a identidade.

¹⁴ *I'm nervous for his race. And the violence, because if something happened and a police officer talked to him in the United States and my husband wouldn't understand, he nervous, I nervous he would do the wrong thing you know? I just nervous that could be a situation and also my husband. I can tell he is happier here. When he was in the United States he didn't seem as happy and maybe I don't seem as happy here, you know? Maybe we are always happier in our own culture, like we're more comfortable, in some ways, in our own culture, in our own language.* (Tradução nossa, inglês-português).

¹⁵ *They talk about couples in Brazil that are white and black, like interracial relationship and if I remember like 43% of Brazilians are interracial relationships, something very high. In the United States, we don't have this many of interracial couples, so I feel more comfortable in Brazil. But I have problems, I dated black American mans and I had problems from women socially in the United States and here in Brazil I don't have problems.* (Tradução nossa, inglês-português).

Para Telles (2012) a ideologia da mistura racial constitui um conjunto de valores que brasileiros defendem e que os não brancos se sentem incluídos. Embora a mistura racial não seja reflexo da realidade do comportamento social brasileiro, o conceito é fundamental para o entendimento dos casais inter-raciais. No Brasil e em outros países da América do Norte a noção de mestiçagem é defendida de forma romantizada. Edward Telles (2012) sustenta que a mistura racial na América Latina afirma que negros, indígenas e brancos moravam juntos misturando-se biologicamente. Assim, o problema racial estaria resolvido com o mito da democracia racial.

Com o governo de Getúlio Vargas, surgiram políticas nacionalistas e populistas que buscavam atender à necessidade de inserção da população negra, mas sem a compreensão da situação de marginalidade e fragilidade dos negros e negras. A partir da década de 1970, no Brasil, o movimento negro, com diferentes pensamentos, retoma os valores de africanidade, como por exemplo, o resgate da culinária, da moda e da beleza afro.

A feminista brasileira Dayane de Assis (2017) acredita que há um “rompimento” com os valores brancos e de mestiçagem. Após o fim da escravidão, os valores culturais afro-brasileiros ocupavam posições inferiores aos costumes dominantes brancos. A influência do movimento modernista, a partir da década de 1920, incorporou na cultura brasileira as manifestações de origem negra na arte e no folclore (ASSIS, 2017).

Lia Schucman (2018), no livro *Famílias inter-raciais, tensões entre cor e amor*, observa, por meio das entrevistas, os relatos dos casais inter-raciais. A psicóloga social brasileira procurou entender como as famílias compostas por negros e brancos negociam, formulam e produzem os sentidos de raça e racismo dentro do contexto familiar. Os resultados de Schucman apontam que é possível olhar de si mesmo e para o outro. E tomarmos consciência do racismo estrutural na sociedade brasileira.

É exatamente a convivência não hierarquizada que permitiu Jussara e José se deslocarem de si e se colocarem no lugar deste outro para, depois, voltarem o olhar para si. Nas descrições de suas falas, os afetos negros são “emprestados” para um olhar reflexivo, incrementado, agora, com um saber outro e do outro (SCHUCMAN, 2018, p. 128).

A socióloga estadunidense Elizabeth Hordge-Freeman (2018), que estuda famílias inter-raciais brasileiras na cidade de Salvador, destaca que as famílias usam a socialização para negociar e resistir às hierarquias raciais. As famílias utilizam o capital afetivo para transformar os mitos, as fronteiras discursivas e oposições às estruturas. Hordge-Freeman destaca que algumas famílias, que se definem como “transgressivas” no estudo, rompem muitas vezes com a estrutura dominante. As famílias mais radicais não escapam da influência do ideal da branquitude.

A socióloga estadunidense define que as famílias podem reproduzir o racismo, mas também podem apresentar uma resistência racial. No estudo, os brasileiros que se aproximam da negritude podem perceber os problemas de racismo vivenciados cotidianamente pelo cônjuge. As emoções e as hierarquias que moldam as trocas afetivas influenciam os indivíduos. Os sentimentos de amor são vivenciados de forma diferente, dependendo da posição racial. Elisa, que mora em Curitiba, acredita que o racismo no Brasil é menor do que nos EUA. Mas os resultados da entrevista apontam que sofreu com comentários e atitudes racistas no país.

É fácil para mim, eu sou uma mulher branca, mesmo quando vamos ao supermercado, meu marido, os seguranças seguem meu marido, eles ficam do lado dele. Uma vez um segurança ficou atrás dele, porque eles pensaram que ele era um ladrão do dia anterior”¹⁶ (ELISA, março de 2019).

Elisa¹⁷: Aqui, no Brasil, em São Paulo, uma vez eu estava com meu marido, sobrinha, sobrinho e mãe. Nós íamos ao MASP. Estamos do lado de fora. E essa garota tenta me vender uma revista. Ela é aluna da USP. E eu não queria comprar. Estava indo ao museu. E ela me chamou: “Turca?”

Catarina: Uhum.

E:¹⁸ Então ela foi até o meu marido. E meu português não é muito bom. Naquela época, meu português era muito, muito ruim. Então, ela estava

¹⁶ It's easy, I'm a white woman, even when we go to the groceries store, my husband, the securities follow my husband, they stand next to him. One time the security surrounded him, they thought he was a robber from the day before. ((Tradução nossa, inglês-português).

¹⁷ *And here in Brazil, in São Paulo one time I was with my husband, his niece, his nephew and his mother, we were going to the MASP and we're outside and this girl try to sell me a magazine. She's a student at USP and I didn't want to buy it, I was going in to the museum and then she called me a Turca. Turca?* (Tradução nossa, inglês-português).

¹⁸ *And then she went to my husband and. My Portuguese is not very good, at that time my Portuguese was very, very bad. So, she was trying to talk to me and I didn't understand her and then she started to treat me really badly like I was just stand there. Eu não falo Espanhol and she was like 'you don't speak Portuguese, you don't speak Spanish, she speaking in Portuguese and she went to my husband and said 'your girlfriend doesn't understand about Nelson Mandela, she doesn't understand about these people on the magazine. He said no she understands. She just doesn't understand Portuguese and*

tentando falar comigo. E eu não entendia. Então, ela começou a me tratar muito mal, como se eu estivesse entendendo. Eu não falo espanhol. E ela ficou tipo: “Você não fala português! Você não fala espanhol!”. Ela falou português. E disse ao meu marido: “Sua namorada não entende Nelson Mandela. Ela não *entende sobre essas pessoas na revista*”. E ele disse: “Não. Ela entende sim. Ela simplesmente não entende o português”. E, então, essa garota era como: “Você não deveria estar com ela. **Você deveria estar com uma mulher negra, como nós, por que você traiu sua cultura? Por que você traiu seu país?**”

E¹⁹: E, de qualquer forma, em um momento, ela disse: “**Você deveria voltar para o seu país. Você deveria voltar para os Estados Unidos. Estar com alguém de lá**” (ELISA, março de 2019, grifo nosso).

Elisa é capaz de se colocar no lugar do marido pela preocupação com o racismo. Schucman (2018) afirma que o mito da democracia racial pode ao mesmo tempo aproximar parceiros afetivos, mas esconder as tensões vividas pelo racismo. A companheira branca Elisa se solidariza com o parceiro negro, mas vivencia casos de xenofobia em função da sua escolha afetiva. De acordo com Schucman, o sofrimento é construído através de vivências racistas na socialização que afeta a construção da subjetividade. A convivência com a diversidade pode permitir com que se tenha uma preocupação pela dor e o sofrimento do outro, deslocando-se do lugar de privilégio da branquitude para o entendimento de como o racismo é prejudicial ao companheiro negro. Percebemos que a experiência de racismo também é experimentada dentro do relacionamento.

Os casais interculturais são atravessados por diferentes aspectos, principalmente étnicos e raciais. Na revisão da literatura sobre as relações interculturais não encontramos referências sobre o tema racial. Mas as pesquisas que trabalham com os casamentos inter-raciais apresentam uma importante literatura para a área acadêmica. O aprofundamento do tema sobre a relação entre a racialização dentro das famílias e os vínculos afetivos ocorreu porque cinco dos seis casais interculturais são também inter-raciais. Durante a pesquisa, somente duas interlocutoras abordaram os problemas raciais em suas entrevistas. Entretanto, as outras entrevistadas não mencionaram o assunto. O objetivo do estudo sobre os

then this girl was like ‘you shouldn’t be with her, you should be with a black girl, like us, why did you betray your culture?’ (Tradução nossa, inglês-português).

¹⁹ *Anyway, in one moment she said ‘you should go back to your country; you should go back to the United State. And be with someone in the United States’ (Tradução nossa, inglês-português).*

casais interculturais é apresentar também uma perspectiva interseccional, com os conceitos de raça, nacionalidade, geração e gênero para a compreensão dos diversos fenômenos.

1.4 Desterritorializadas, mas será que realizadas?

Diversas narrativas de mulheres migrantes retratam as agressões e ações violentas sofridas, no país de origem, com vários atravessamentos como o racismo, sexismo, machismo e homofobia. Muitas mulheres fugiram, deixando o seu país por discriminações relacionadas à orientação sexual, aos casamentos arranjados e/ou infantis, dentre outros motivos. As migrantes são afetadas pelas noções de sexualidade, gênero, raça, etnicidade e nacionalidade. Referimo-nos ao conceito de sexualizadas e racializadas, considerando as mulheres brasileiras que, independentemente de serem brancas ou não, são mestiças.

A racialização é sexualizada, conforme define Adriana Piscitelli (2008). Ou seja, o Brasil, por ter sido incluído nos circuitos do turismo sexual, apresenta estereótipos relacionados às mulheres brasileiras, com grande visibilidade no cenário internacional, principalmente, no Sul da Europa. O imaginário de representação da mulher brasileira está associado à intenção de fazer sexo, com propensão ao mercado de trabalho sexual. As mulheres brasileiras são apresentadas por imagens associadas à feminilidade, domesticidade e sexualidade, sem considerar as diversas origens, classes sociais e raças. As mulheres brasileiras estão vinculadas aos estereótipos sexuais. Mas nem todas as mulheres brasileiras deveriam ser definidas de uma forma ou de outra.

O apelo sexual das brasileiras pode ser usado por profissionais do mercado sexual (PISCITELLI, 2008) ou em outros meios que esses atributos possam ser considerados, como por exemplo, no casamento ou namoros. É importante o conceito interseccional para verificarmos como são tratadas as brasileiras, designadas como as mulheres do “Terceiro Mundo”. Conforme define Piscitelli (2008) as diferenças são traduzidas entre fronteiras, com delimitações de sexualidade e/ou etnicidade.

O conceito da história única, desenvolvido pela nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2019), explica como os estereótipos são incompletos e superficiais. Devemos considerar a intersecção dos movimentos sociais feministas para não abordarmos

concepções machistas e sexistas nas pesquisas acadêmicas. Percebemos que não podemos incluir definições parciais para compreensão da complexidade do fenômeno, sem levarmos em consideração os estereótipos estigmatizados sobre a mulher brasileira.

A sexualidade do corpo feminino brasileiro é benéfica para as mulheres no mercado sexual. No entanto, mesmo para as que não trabalham como profissionais do sexo, as brasileiras têm maior aceitação no mercado matrimonial. O imaginário da mulher brasileira é representado por esposas dóceis, sensuais e mais subalternas. As mulheres brasileiras são vistas como prostitutas, propensas ao sexo e à submissão. As brasileiras são mulheres mais submissas do que as europeias, “com noções ambíguas sobre seus estilos de feminilidade, tidos como submissos, com uma alegre disposição para a domesticidade e a maternidade tende a atingir indiscriminadamente essas migrantes” (PISCITELLI, 2008, p. 269).

Antes do movimento feminista, o pensamento patriarcal ensinou que as mulheres não deveriam declarar que tinham uma vida sexual. Durante muitos anos, mas principalmente, antes dos métodos contraceptivos, o risco de gravidez era um dos fatores que impediriam a sexualidade. No Brasil, a gravidez indesejada e o risco do aborto ilegal eram fatores que impossibilitaram as mulheres de terem uma vida sexual saudável. Na atualidade, no Brasil, o aborto ainda é proibido. A liberdade sexual da mulher pode ser definida mais como um tema em debate do que a própria “libertação em si”.

Segundo bell hooks (2019a), nos EUA não existem relatos suficientes para saber sobre os estupros dentro dos relacionamentos e o risco de morte com a gravidez indesejada. Com o surgimento da pílula anticoncepcional e dos movimentos emancipatórios, as mulheres podem exercer a atividade sexual. “Mas a liberdade sexual da mulher também exige o conhecimento do corpo, a compreensão do significado de integridade sexual” (HOOKS, 2019a, p. 129).

No início dos anos 1970, as mulheres ainda tinham muitas dúvidas em relação à sexualidade. Muitas aderiram à crítica feminista e algumas deixaram de se relacionar com homens devido ao patriarcado. As mulheres acreditavam que a liberdade sexual e promiscuidade eram sinônimos.

A consequência dessa desilusão com o sonho de liberdade sexual foi que várias pensadoras feministas individuais desistiram de lidar ou com suas experiências, e/ou com o efeito negativo que uma amiga ou companheira encarou, nutrindo ressentimento em relação a toda a atividade sexual, principalmente o contato sexual com homens (HOOKS, 2019a, p. 130).

Com o movimento feminista, as mulheres começaram a discutir a sexualidade. De acordo com hooks (2019a), as mulheres, na atualidade, estão preocupadas com o próprio prazer sexual. O movimento feminista, no início, foi considerado como “antissexo”. Entretanto, o movimento em si não mudou a concepção do prazer heterossexual, pois o sexismo ainda perpassa as relações amorosas. E os homens e mulheres estão dispostos a mudar suas relações com mais igualdade, mas com exceção da sexualidade.

As pensadoras feministas discutem sobre a necessidade do prazer do homem dentro dos relacionamentos com ditados sexistas que reforçam o estereótipo de que as mulheres devem ser “putas na cama e damas na sociedade”. Os homens que, muitas vezes, não encontravam satisfação sexual com a mulher procuravam sexo fora do casamento, com amantes ou prostitutas. A concepção reforça a crença limitadora que não estava regulamentado o desejo sexual livre. As mulheres devem ser livres, “podem ir da escolha por promiscuidade ou celibato a ter identidade e orientação sexuais específicas” (HOOKS, 2019a, p. 136).

No Brasil, os temas de reprodução e sexualidade não foram uma pauta do feminismo porque a conjuntura política da ditadura e a aliança com a Igreja não abordavam essas questões sobre o aborto e a sexualidade. A luta das mulheres no Brasil era também contra a ditadura militar. Maria Betânia Ávila (2019) acredita que a militância internacional dos movimentos feministas influenciou a reflexão sobre o assunto, com o movimento “Nosso corpo nos pertence”, que debateu a sexualidade, o direito ao prazer e ao aborto.

Os meios de comunicação e os métodos anticoncepcionais transformaram as práticas sexuais entre homens e mulheres. Os anos abriram-se para as mudanças, principalmente para as mulheres dentro das relações amorosas. Regina Lins (2012) afirma que o amor se tornou presente no casamento, como também o prazer sexual. A descoberta da pílula anticoncepcional é responsável pela mudança significativa na vida amorosa. Com isso, percebemos que essas mudanças favorecem também os homens. Entretanto, durante muitos anos o controle da sexualidade feminina foi

imposto pelo sistema patriarcal. A pílula anticoncepcional muda a relação homem *versus* mulher, pois desvincula amor e sexo ou sexo e compromisso.

Os movimentos de contracultura com os jovens, na década de 1960, ficaram conhecidos pelo interesse por sexo, drogas e *rock'n roll*. A busca pela satisfação sexual tentava eliminar a repressão. As pessoas tinham duas alternativas: atender as suas pulsões sexuais de forma secreta ou tentar reprimir os desejos. Diferentes depoimentos falam sobre interesses pela experiência sexual. “De uma hora para outra, o sujeito amoroso podia se imaginar vagueando entre seus desejos, sem freios nem penalidades. A ciência vencera a velha ideia do pecado sexual. A liberdade parecia não ter limites. Essa era, pelo menos, o clima da época” (LINS, 2012, p. 277).

A mulher começa a decidir a hora em que pretende ser mãe ou não. A maternidade, além de ter um caráter biológico de gênero, apresenta um processo social. A escolha de ter filhos para a mulher está associada à condição cultural e ao período histórico. Os estudos feministas contestam a afirmação de que a maternidade é uma concepção social. Antigamente, as mulheres que não queriam ser mães eram vistas como incompletas e não ‘femininas’. A mulher estava muito preocupada em atender às necessidades do marido e dos filhos. Com o aumento da liberdade, a mulher começou a pensar em si e a planejar sua própria vida (ROCHA-COUTINHO, 1994).

O gênero e a assimetria nas relações entre homens e mulheres ainda estão relacionados às atividades sexuais. Os homens e as mulheres ainda estão confusos com as divisões e papéis sociais no núcleo familiar e na sociedade. A mulher ainda é muito sobrecarregada com as tarefas domésticas. A divisão do trabalho no casamento entre homens e mulheres beneficia os filhos. O interesse conjunto do casal é o bem-estar dos filhos.

As mudanças provocadas pelo movimento feminista com críticas duras às relações, principalmente heteronormativas, ajudaram para que o prazer sexual estivesse presente na relação amorosa. A divisão dos papéis sociais no ambiente privado favorece o estabelecimento de uma relação “mais igualitária”. Mas percebemos que ainda falta muito para alcançarmos esse estágio.

De acordo com hooks (2019a), o movimento feminista, no início, apresentava uma crítica em relação ao casamento, com os métodos anticoncepcionais seguros. As relações domésticas eram vivenciadas por mulheres de diferentes raças e classes

sociais, que sentiam as formas de dominação entre cônjuges. Algumas feministas criticavam o casamento como mais uma forma de dominação e defendiam o fim da escravidão sexual dentro do casamento. Enquanto isso, lutavam pelos direitos de expressão dos desejos sexuais e realização em diferentes âmbitos, mas principalmente sexuais. Alguns homens também aderiram ao movimento feminista (HOOKS, 2019a) porque queriam parceiras sexualmente ativas. Outros homens sexistas acreditavam que o movimento feminista era somente para lésbicas.

A pauta feminista discutiu o prazer preliminar e a falta de preocupação do homem com o prazer sexual das mulheres. O movimento começou como uma crítica à monogamia, mas com as doenças sexualmente transmissíveis muitas mulheres tiveram dificuldades de ter uma vida sexualmente promíscua. A sexualidade representa uma luta para que as mulheres tenham autonomia sobre os seus corpos, podendo exercer o prazer sexual, decidir sobre ter filhos ou não, o que resultou nos direitos sexuais e reprodutivos, conforme define Maria Betânia Ávila (2019).

No Brasil, a incorporação de novos costumes não alterou o direito reprodutivo. A Igreja e o Estado têm argumentos que apresentam posições similares a respeito da liberdade e da autonomia das mulheres. Os direitos reprodutivos, no Brasil, “deveriam” transformar-se em uma pauta política, com a descriminalização do aborto. Muitas mulheres morrem com o aborto ilegal no país. Segundo a Pesquisa Nacional de Aborto (PNA) 2016, uma em cada cinco brasileiras, aos 40 anos, já realizou um aborto. Em 2015, o número atingiu 416 mil mulheres. De acordo com a pesquisa realizada pelo mesmo instituto, 22 mil mulheres morrem todos os anos.

A Igreja Católica, que tem interferido na hegemonia no campo religioso, provoca uma coerção e dominação sobre a reprodução e em relação à procriação. Com isso, existe a perspectiva de que “o controle é o lado mau, e o natalismo é o lado bom, ou vice-versa” (ÁVILA, 2019, p. 172). As posições são subversivas e são contra o exercício de cidadania, com as imposições sobre o corpo e a vida reprodutiva sexual.

O estatuto do Centro da Mulher Brasileira, do Rio de Janeiro, criado quase imediatamente após o seminário de 1975, não tinha a palavra feminismo ou feminista, como também não fazia referência ao aborto. O documento evitava divergências com a Igreja Católica. Em 1980, o movimento feminista começou a discussão sobre o aborto, conforme define Leila Linhares Barsted (2019). Entretanto, segundo os dados divulgados pela feminista brasileira, a postura popular estava restrita à censura moral

e religiosa. A restrição sexual atinge muitas mulheres em seu país de origem, mas ao atravessarem as fronteiras entre países, algumas podem modificar os seus comportamentos.

Os relatos de Julia Kristeva (1994) descrevem estudantes estrangeiras que chegaram virgens a Paris. Entretanto, contraditoriamente, lançaram-se no sexo grupal, nos anos 1960. A filósofa búlgaro-francesa acredita que, no momento em que as mulheres ultrapassam as fronteiras territoriais entre os países, elas recusam os limites sexuais do seu país de origem. “O estrangeiro, que se imagina livre de fronteiras, do mesmo modo recusa qualquer limite sexual” (KRISTEVA, 1994, p. 38). Mas não de forma absoluta, podendo atingir feridas e traumas internos. As mulheres aprendem uma nova língua no campo tanto intelectual como também no obsceno. As “palavras eróticas sobre as quais pesava a proibição familiar não provocam mais medo. Entretanto, a língua estrangeira permanece uma língua artificial” (KRISTEVA, 1994, p. 38).

A submissão aos padrões de dominação masculina patriarcal impede que a mulher se sinta plenamente realizada no campo sexual. Os limites das mulheres “desterritorializadas” sexualmente em relação à cultura ou aos padrões familiares podem provocar traumas e sensação de insegurança. Assim, muitas mulheres sacrificam a liberdade de ter prazer ou viver sua sexualidade plenamente. Existem muitos paradigmas a serem ultrapassados, principalmente em relação à plenitude sexual da mulher. Embora a discussão sobre a sexualidade tenha avançado com as pautas feministas, os casamentos, uniões e relações são perpassadas pelo machismo e sexismo.

Os relacionamentos que são estabelecidos em maior equidade e parceira mútua, com respeito e confiança, são fundamentais para uma duração maior, prazer e satisfação sexual entre ambos os parceiros. Assim, podemos perceber que as entrevistadas estão no processo de mudanças das concepções mais amplas sobre gênero e prazer sexual. O tema sexualidade não apareceu em nenhuma entrevista. Embora tenha relevância para o trabalho, acreditamos que as interlocutoras não se sentiram à vontade para discorrerem sobre o assunto. Mas compartilharam preocupações nos campos pessoais e profissionais, que são importantes para o entendimento dos papéis sociais estabelecidos entre homens e mulheres.

1.5 Papéis sociais

Os direitos trabalhistas conquistados pelos movimentos feministas diminuíram as desigualdades salariais no mercado de trabalho. De acordo com bell hooks (2019a), as mulheres estão erradas quando culpam o feminismo pela inserção no mercado de trabalho. Não foi somente uma pauta do movimento feminista, mas a entrada das mulheres no mercado de trabalho era extremamente necessária para o funcionamento da sociedade.

O sistema capitalista precisou da mão de obra feminina. A ativista estadunidense Betty Friedan (1971) acredita que o motivo da inserção das mulheres no ambiente masculino, nos Estados Unidos, foi devido à preocupação com a União Soviética, durante a Guerra Fria. Os cientistas precisavam de capital intelectual para melhorar a corrida espacial. Preocupadas com a União Soviética na corrida espacial, “os cientistas observaram que o maior contingente intelectual em disponibilidade eram as mulheres. Mas estas não estudavam física: não era feminino” (FRIEDAN, 1971, p. 11).

As mulheres são influenciadas pelo sistema capitalista para entrarem no mercado laboral (HOOKS, 2019a), devido também à depressão econômica das famílias de classe média brancas, que seriam incapazes de sustentar o estilo de vida e consumo sem a renda extra das mulheres. Muitas bibliografias feministas registraram que os trabalhos desempenhados aumentaram a autoestima e a participação financeira das mulheres no ambiente familiar.

Os movimentos sociais feministas conquistaram muitos direitos para as mulheres. Os direitos trabalhistas na CLT, a licença-maternidade e o direito ao voto são alguns exemplos das mudanças significativas. As conquistas feministas significaram um importante avanço. Ainda assim, os indicadores demonstram que a mulher sofre com as disparidades salariais e com a sobrecarga dos serviços domésticos. Segundo dados do IBGE, as mulheres no Brasil estudam em média 8 anos e os homens apenas 7,5 anos, no entanto, as mulheres continuam ganhando $\frac{3}{4}$ menos que os homens ocupando a mesma função. Segundo os dados do mesmo instituto, os homens ainda ocupam 62% das posições gerenciais e as mulheres, 37%.

A participação das mulheres no mercado de trabalho e a divisão das despesas financeiras não implicaram a diminuição da sobrecarga nos serviços domésticos e

cuidados com os filhos. As mulheres dedicam, em média, 25 horas por semana aos serviços domésticos *versus* 10 horas dedicadas pelos homens. No entanto, mesmo com todas as dificuldades e problemas enfrentados pela mulher até a atualidade, infelizmente, as posições mais valorizadas no mercado de trabalho ainda são ocupadas por homens. E mesmo quando as mulheres alcançam posições e cargos mais elevados, dificilmente alcançam o poder que os homens ocupam.

Maria Rocha-Coutinho (1994) afirma que quando as mulheres atingem posições de poder e autoridade acreditam que não estão estabelecendo outras atividades sociais. As mulheres, durante muitas décadas, ocuparam um papel de subalternidade na capacidade intelectual e educacional.

As mulheres, quase sempre vistas, ao longo de séculos, como incapazes de um raciocínio intelectual mais sério, não se teriam interessado e/ou aproveitado bem as oportunidades educacionais que começaram a se apresentar para elas no final do século passado – em decorrência de uma intensa batalha desencadeada por algumas mulheres que acreditavam que a elas podia caber mais do que o espaço do lar – e, perdendo estas oportunidades, estariam hoje pagando o preço de uma posição subalterna na sociedade, não se qualificando para a vida pública e os postos mais elevados da hierarquia social (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 135-136)

Chimamanda Ngozi Adichie (2015) afirma que para as mulheres serem levadas a sério no ambiente de trabalho e demonstrarem sua capacidade não podem parecer “femininas”. A aparência é um padrão masculino. “Muitos acreditam que quanto menos feminina for a aparência de uma mulher, mais chances ela terá de ser ouvida” (ADICHIE, 2015, p. 40). Assim, muitas mulheres deixam de parecer fisicamente atraentes para demonstrarem competência. As mulheres vestem calças e se mostram ‘duronas’ para corresponderem aos cargos de chefias, gerentes ou presidentes.

Lívia, bósnia casada com brasileiro, acredita que “o Brasil ainda tem de se desenvolver e crescer e ultrapassar todos os problemas de machismo. Está todo mundo falando, hoje, do papel das mulheres na sociedade” (LÍVIA, março de 2019). Ela acredita que o feminismo trouxe uma sobrecarga maior para as mulheres.

Eu acho que o feminismo trouxe **mais um peso nas costas das mulheres, pois hoje a gente vive em uma sociedade machista**. Ser feminista é fazer tudo aquilo que as mulheres faziam antes, ser bem-sucedida na carreira e ser boa mãe. O feminismo nesta sociedade dificulta muito. **A mulher tem que ser aquela que vai juntar todas as coisas e sair como vencedora** (LÍVIA, março de 2019, grifo nosso).

As desigualdades entre homens e mulheres contribuíram para as diferenças nos ambientes privado (lar) e externo (trabalho). Existe uma noção de que as mulheres que cuidam do lar e do trabalho carregam valores relacionados ao afeto. As mulheres são responsáveis pelo cuidado com os filhos e com a economia afetiva dentro da vida íntima familiar.

Lívia discorre sobre o machismo, os papéis sociais das mulheres e a falta de oportunidades para mulheres nos Estados Unidos e, principalmente, no Brasil. Entretanto, ela afirma que, nos dois países, o machismo não é tão diferente. Elisa acredita que para as mulheres serem consideradas feministas elas devem arcar com suas contas e não aceitar ajuda de familiares.

O machismo no mundo, só o machismo nos EUA que evoluiu. É bem sofisticado, mas está todo mundo falando do papel das mulheres, hoje, na sociedade. Acho que elas não têm acesso às mesmas oportunidades como os homens, ponto. No Brasil pode ser destacado. E é visto mais, por causa do Brasil, porque é um país relativamente novo, que tem seus níveis evolucionais. Mas nos EUA, eu tenho amigos que moram lá. E é a mesma coisa, só é apresentado de maneira diferente. Eu acho que o mundo... a gente mora ainda no mundo dos homens. Infelizmente, eu acho que é assim (LÍVIA, março de 2019).

Eu vejo, como esse é meu problema, porque eu não vivi aqui. Eu não morei aqui. Esse problema de ser mulher para crescer profissionalmente, eu ainda não enfrentei direto. Eu estou vendo o caso das minhas colegas e amigas, que vejo no ambiente. E a situação é sempre a mesma. Não importa onde você atua (LÍVIA, março de 2019).

Eu tenho 29 anos. Eu comecei a viver sem ajuda da minha família quando era adolescente. Ajudei com as contas. E quando era adulta saí de casa. Comecei faculdade. Paguei todas as minhas contas. Eu acho diferente, porque muitas mulheres são feministas, mas os pais delas pagam. Os pais delas dão carro, apartamento. E elas falam que são feministas, mas aceitam muito ajuda (ELISA, março de 2019).

Embora significativas mudanças no papel dos homens e das mulheres tenham ocorrido até a atualidade, ainda existem muitas desigualdades. As mulheres, no Brasil, têm pouco acesso às creches, o que ajudaria a inserção no mercado de trabalho. E existem dificuldades das próprias mulheres em mudarem a estrutura social do machismo. Maria Rocha-Coutinho (1994) acredita que a mulher ainda contribui, mesmo que inconscientemente, para a preservação do machismo. Observamos também que as mudanças acontecem mais no nível do discurso.

Maria disse que quando se mudou para Israel tinha terminado a Universidade. “Então, eu trabalhei em uma agência de viagens, trabalhei em um hotel. Aí entrei e fiz

mestrado. Depois, eu tive filho” (MARIA, 38 anos, dezembro de 2018). Após ter filhos, em Israel, dedicou-se a eles e aos afazeres domésticos, enquanto o marido trabalhava como advogado. Após virem morar no Brasil, eles montaram um negócio de frutas e verduras. Os papéis sociais entre ambos se modificaram entre os dois países. Maria demonstra insatisfação devido à falta de tempo com os filhos.

Em Israel era muito mais legal, porque o Tony²⁰ trabalhava. E eu cuidava dos meninos. Ele trabalhava, saía. E eu arrumava as coisas para ele. Eu saía e ia para o parque. E arrumava os meninos para o clube, praia e zoológico. Eu fazia *home* lá, é superdivertido. Tinha muitas pessoas que eu convivia, muitas mães também. Aqui, no Brasil, eu tive que cuidar de todas as coisas. Hoje em dia, é ele que leva os meninos para a escola e lava as vasilhas. Eu não gosto. **Eu não gosto desta experiência. Gosto mais de ser mãe (risos)** (MARIA, dezembro de 2018, grifo nosso).

A inversão dos papéis sociais entre o casal pode ser conflituosa devido ao modelo familiar patriarcal. Apesar de Maria trabalhar fora e cuidar dos negócios da família, ela ainda prefere os atributos da “feminilidade”, com os cuidados domésticos e principalmente materno. Maria Rocha-Coutinho (1994) acredita que as mulheres estão sobrecarregadas com a dupla ou tripla²¹ função de trabalhar fora, cuidar dos filhos e da casa. Muitas vezes, elas também acreditam que os homens não sabem fazer nada “direito” dentro de casa.

As feministas lutaram para incluir a tripla função das mulheres. A tripla função refere-se às opressões vividas por mulheres com os salários não compatíveis, o assédio dentro e fora de casa. Além do trabalho formal, as mulheres cuidam das atividades domésticas, criação dos filhos e gestação. Como se existisse um determinismo biológico. Maria acredita que os homens não sabem fazer o trabalho que as mulheres “sabem fazer melhor”.

O homem não sabe fazer o trabalho da mãe, como a mãe sabe fazer o trabalho dela. Eu estou achando que a gente consegue se juntar e desenvolver os nossos papéis de forma mais equilibrada. O Tony está dois anos e meio aqui. Então, ele está entendendo melhor como se faz as coisas e a gente já está administrando essa empresa há algum tempo. E já está aprendendo mais como que faz para administrar e as coisas estão ficando mais fácil, né? **Eu gosto também de trabalhar. Eu consigo resolver as**

²⁰ Nome fictício para preservar a identidade do marido.

²¹ Algumas feministas definem que o correto seria usar a tripla função, porém a autora utiliza a dupla função. Acreditamos que no ano da publicação do livro essa discussão ainda não estava em pauta.

coisas. Eu gosto também de esfregar lá as roupas e tirar as manchas dela (risos). Eu gosto de roupa bem lavada (MARIA, dezembro de 2018, grifo nosso).

Percebemos que, mesmo sem ter consciência, as mulheres representam os valores sexistas da sociedade. Ainda que não queira repetir o modelo, ela ainda continua, de maneira consciente ou inconsciente, repetindo os padrões sociais estabelecidos. Mas homens e mulheres estão em processos de transformações nas interações, trocas sociais, afetivas e simbólicas.

Nunca fui esse tipo de gente, sabe? **Esse tipo de mulher sabe? Que ia ser sustentada pelo marido.** Não sei o quê... Eu sempre achei bom, assim, trabalhar, ganhar minhas coisas, ter minha (pausa) independência (MARIA, dezembro de 2018, grifo nosso).

Eu trabalho aqui, mas o dinheiro continua do mesmo jeitinho. Não mudou. Ele que administra o dinheiro. O cartão fica na carteira dele, igualzinho. Não mudou em nada (risos). Eu só compro, vendo e digo para ele que tem que ser pago. Aí, ele vai lá e paga. Eu não sei (MARIA, dezembro de 2018).

Os papéis sociais de gênero nos relacionamentos interculturais são considerados como conflitos vivenciados no cotidiano. Ainda existem culturas que os homens dominam, já outras, as mulheres. A distinção dos papéis influencia as relações de poder nas relações amorosas. As concepções de família e de mulher em diversas culturas são diferentes.

Para Helena, porto-riquenha, professora de yoga, casada com um brasileiro, as mulheres, nos diferentes países, têm diversas concepções sobre a família e o casamento. Ela conheceu o marido nos Estados Unidos e os dois vieram morar no Brasil, pois ele teve um problema com o visto. Helena casou-se muito nova e teve filhos. No entanto, está no segundo casamento. Ela acredita que se sentiu pressionada para decidir se casar aos 20 anos pelos fatores culturais. Ela acredita que a mulher americana é a mais inteligente entre as mulheres dos três países em que morou, porque se concentra nos estudos antes de assumir uma família.

A mulher americana para mim, das três, é a mais astuta. Desde criança aprende a importância de não engravidar, que a família vem em primeiro lugar, mas que vem no futuro distante. Essa é a diferença da nossa cultura, pois se você casa mais jovem todo mundo começa a criticar a gente. **Se você aqui tem mais de 30 anos, aí, “você não tem filho? Ai! Você não é casada?”.** **Se você casa mais velha, acima de 30 anos, as pessoas falam mal.** Nos EUA, não. As mulheres vão lá e curtem. As mulheres americanas

têm melhor resultado, podendo assim concentrar nos seus estudos. E para a mulher latina e hispânica demora mais (...) (HELENA, 42 anos, março de 2019, grifo nosso).

É necessário a mulher entender que os padrões rígidos machistas estão enraizados há muitos anos. A história do feminismo é importante para compreensão das situações diferenciadas, como uma forma de modificar as posições de poder nos casamentos. Os conceitos de interseccionalidade articulam a história do movimento feminista em diferentes âmbitos. A abordagem interseccional oferece recursos para a compreensão das entrevistadas que pertencem às diferentes nacionalidades.

bell hooks (2019a) acredita na importância de relacionamentos mais igualitários. Mas isso é mais um ideal do que uma prática social propriamente, sobretudo no contexto brasileiro, no qual foram realizadas as entrevistas para o desenvolvimento do trabalho. Diferentemente da opinião de outras interlocutoras, Elisa, estadunidense, casada com brasileiro, tem os papéis mais divididos na esfera privada. Os dois dividem as responsabilidades financeiras e domésticas. Elisa relata que o marido não só divide os serviços domésticos, mas ele cotidianamente realiza a maior parte das tarefas. Conforme abaixo:

Mas eu não gosto de crianças. Eu não sei se eu quero criança, filho. Então, eles têm uma ideia mais antiga no Brasil. Tipo, meu marido cozinha em casa. Eu não cozinho. Eu adoro cozinhar, mas eu não tenho tempo. **Então, ele faz a maior parte da responsabilidade em casa. A gente não fala sobre isso porque as pessoas têm preconceito, mas para nós isso é bom** (ELISA, março de 2019, grifo nosso).

Na análise do discurso de Elisa, percebemos o machismo na sociedade brasileira, e que ambos têm medo de serem vistos como “diferentes” e não comentam com outros casais sobre as responsabilidades do marido no âmbito privado. Elisa teve como referencial os papéis sociais do seu contexto familiar.

É, meu pai cozinhou mais do que minha mãe. **Minha cultura é um pouco mais igual com essas coisas, mas também as mulheres trabalham mais lá.** A geração da minha sogra, elas não trabalhavam muito naquela época. Tinha trabalho diferente. Tinham leis e regras diferente para elas (ELISA, março de 2019, 29 anos, grifo nosso).

Nessa parte da narrativa de Elisa, que está grifada para exemplificar que nos EUA os papéis sociais são diferentes em comparação ao Brasil, os homens participam

mais dos afazeres domésticos. Entretanto, as mulheres são mais independentes financeiramente. As responsabilidades financeiras entre Elisa e o marido são divididas.

É diferente, vocês não têm minha área aqui no Brasil. Têm, mas não é bem usada. Antes, que eu mudei para o Brasil, eu tentei achar um emprego, uma vaga na minha área. Dentro de um ano e meio, eu **só achei três vagas no Brasil. Eu estava procurando em qualquer cidade (risos)**, mas eu trabalho na área de Educação. Educação agora (pausa). Eu trabalho no colégio à tarde de inglês. Eu trabalho de manhã **dando aula particular de inglês. Eu trabalhei na escola de inglês ano passado à noite. Eles, como se fala, minhas qualificações são bacanas, com certeza ajuda de algum jeito. Mas o fato que eu falo inglês, acho que é a coisa que as pessoas se importam mais (ELISA, março de 2019, grifo nosso).**

É diferente, porque eu tô dando aula. Mesmo, mesmo sendo na área de educação em geral. Eu trabalhava com administração. E agora na sala para mim é uma coisa diferente, com talentos diferentes. Eu estou aprendendo mais, mas se eu voltasse para os Estados Unidos, talvez eu ficaria no mesmo nível quando eu saí, sabe. Eu **não tenho uma promoção me esperando (risos). Eu não tô perdendo meu trabalho aqui. Eu não tô perdendo mudando pra trás, só para o lado, eu acho (ELISA, março de 2019, grifo nosso).**

Embora Elisa trabalhe como professora de inglês, ela não conseguiu a mesma vaga que tinha nos Estados Unidos, como coordenadora na área de educação. Atualmente, ela é professora de inglês e, na entrevista, usou o termo “crescer para os lados” profissionalmente. Helena, porto-riquenha casada com brasileiro, disse que gosta de homens fortes, com metas e ambições, e vontade de crescer profissionalmente. Ela buscar por uma parceria.

Eu acho que eu sou forte, mas não gosto de ser. É naquele sentido se eu fosse um cachorro, não, não gostaria totalmente de ser o *mega*, *más* gostaria que me a *pareja [companheiro] seja* forte também. Forte *el sentido* de *ambición*. Para, *non ambición* materialista, mas ter metas, que ambos temos um time. Nem que uma pessoa trabalhe mais que la outra, *más* que estamos *aliñados* en lo *mismo pensamiento* (HELENA, março de 2019).

Oh, o meu cabelo era totalmente raspado, e ele não falou imediatamente, mas ele odiava. Ele falou: “Eu sei que você é feminista e tal, mas gosto de cabelo grande”. Eu disse: “Eu não sou feminista, mas acho que mulher e homem têm diferenças. Ele: Mas e o seu cabelo, você acha que vai deixar crescer? Aí, eu falei: “Sério qual o problema?” Porque o meu cabelo era bem raspado. A primeira vez que fui a casa dele e ele falou que ia cozinhar, mas que precisa de uma mulher que cozinhasse. E eu fui muito grosseira e saquei um dedo para ele. “Sério, cozinha você! **Eu não vou cozinhar, por que você está buscando uma cozinheira?” Ele ria e (risos) e cozinhasse. Por quase um ano, ele cozinhou. Era só broma, só piada.** O cabelo eu deixei

crescer. E em meu estúdio de yoga ninguém sabia que ele era o meu namorado (HELENA, março de 2019, grifo nosso).

Helena disse que, no início, não iria cozinhar. Ele cozinhou durante o primeiro ano de namoro, mas era uma “brincadeira” entre eles. Helena se negou a fazer o que “seria um determinismo” social e biológico. Helena também não se declara feminista. Já Lívia defende o movimento feminista e acredita que as mulheres ainda vão conseguir superar o machismo, no Brasil e no mundo. Ela acredita que os papéis sociais estão juntos, mas também misturados.

O feminismo, eu total defendo e apoio. Nessa sociedade e nesse ambiente dificultam muito, porque a mulher é aquela que vai juntar todas essas coisas e sair como vencedora. Por exemplo, que não vai ter de falar o que os homens vão falar. A mulher, além de tudo, **hoje existe aquela divisão. É só o papel do marido. É só o papel da mulher ou do homem. Todos os papéis são juntos e misturados** (LÍVIA, março de 2019).

Maria ressalta a importância de continuar casada devido aos filhos. Percebemos que os casais interculturais têm dificuldade de se divorciarem por medo de perder a guarda dos filhos. “Ele fala que se separasse, ele levaria os meninos para Israel. E Israel é muito legal e os meninos vão querer ir. Lá em Israel eu era *home school* e tem pinguim. Você sabe o que é?” (MARIA, dezembro de 2018).

A família é muito importante. Eu mesma continuei casada pelos meus filhos. Acho importante ter um marido. E saber que a gente pode se entender, conversar e sair. Aprender juntos, crescer e ter os meninos. Ali, na batalha que vão aprendendo juntos, no mesmo aprendizado. **Eu não consigo nem imaginar se eu separasse. E os meninos fossem morar em Israel, por exemplo. Uma questão que não consigo imaginar** (MARIA, dezembro de 2018).

Juliana, brasileira casada com senegalês, relata o mesmo receio que Maria. Ela teve dois casamentos anteriores e tem dois filhos. Ela não pode mais ter filhos. Juliana teria medo de ter filhos porque o marido não renunciaria a eles. Ela explicou que na religião muçulmana quando o casal se separa, os filhos permanecem com o pai.

Eu sei que se a gente tivesse filho e não desse certo e que pela religião dele o filho ficaria com ele. Eu nunca aceitaria uma coisa dessas. Eu já falei para ele. Nossa: Deus sabe. Deus é muito correto, porque ele faz as coisas certas. Nunca abriria mão de um filho. E também não ficaria em um relacionamento só porque um relacionamento não dá mais certo. As coisas

estão encaminhando assim. Aí, o meu filho mais velho questionou mais. Esse que você viu, não. Ele fala: “Mãe, esse é o jeito do Otávio²². Ele é muito simpático e bonito. E é mais novo” (JULIANA, março de 2019, grifo nosso).

Os papéis sociais estabelecidos entre homens e mulheres podem inverter ou mudar devido às dificuldades provindas do processo de adaptação e integração em uma terra estranha. De acordo com Lind (2008), o casal deve estar atento à inversão de papéis quando muda de país. A hipótese do psicólogo português é que o cônjuge estrangeiro depende, principalmente na fase inicial, do parceiro. No relato das entrevistadas, muitas mulheres fizeram concessões em função do relacionamento. Até porque para iniciar o casamento é necessário que um dos parceiros se desloque do país de origem, da língua materna e das práticas culturais para se inserir em outra realidade.

O feminismo surgiu como forma de quebrar o sufocamento do patriarcado e apresentou diversos enfrentamentos ao longo da história até a atualidade. bell hooks (2019a) propõe que o pensamento feminista seja sobre o crescimento mútuo entre homens e mulheres, com necessidades respeitadas, sem abusos ou subordinação. O pensamento sobre o amor foi muito criticado pelas feministas (HOOKS, 2019a), e muitas mulheres se afastaram do movimento porque não queriam negar a importância do amor, da família e do outro. As práticas de amor patriarcais anteriores eram equivocadas.

O ideal proposto pela feminista norte-americana é uma luta pela liberdade dentro das relações amorosas, que não alcançamos na atualidade devido ao machismo e ao sexismo. O movimento feminista alerta que o ideal de amor romântico serviu aos interesses dos homens e das mulheres patriarcais. Assim, no anseio por amor, os homens e as mulheres podem fazer qualquer coisa. Algumas mulheres deixam de se autorrealizarem para correrem atrás de um grande amor. Homens dominam, subalternizam e até matam por amor.

No Brasil, mesmo que as influências dos movimentos emancipatórios sejam transformadoras em alguns níveis, o trajeto é feito a passos lentos, ainda mais levando-se em consideração a conjuntura da política atual. Entretanto, não podemos

²² Nome fictício para preservar a identidade.

deixar de sonhar com relações mais justas e igualitárias. Assim, finalizamos o capítulo com a frase de bell hooks (2019) sobre o amor e as práticas feministas.

Quando aceitarmos que o verdadeiro amor é fundamentado em reconhecimento e aceitação, que o amor combina com cuidado, responsabilidade, comprometimento e conhecimento, entenderemos que não pode haver amor sem justiça. Com essa consciência, vem a compreensão de que o amor tem o poder de nos transformar e nos dar força para que possamos nos opor à dominação. Escolher políticas feministas é, portanto, escolher amar. (HOOKS, 2019, p. 150).

2. MÉTODOS E PARTICIPANTES

Neste segundo capítulo, apresentaremos a metodologia para coleta e análise dos dados. A fim de contextualizar melhor o debate, introduziremos as interlocutoras da pesquisa, os trechos de suas histórias de vida e informações sobre a metodologia utilizada para o desenvolvimento deste trabalho.

As narrativas discursivas das interlocutoras contribuíram para o estudo, por isso apresentaremos a base teórica e empírica para compreensão dos fenômenos, de acordo com os objetivos propostos no trabalho. Fizemos um perfil das entrevistadas, com os dados: idade, profissão, período de relacionamento, filhos e religião. Infelizmente, não conseguimos utilizar todas as informações das entrevistas, mas fizemos um recorte do material discursivo, com um embasamento teórico-metodológico.

2.1 Metodologia

A escolha da metodologia qualitativa deve-se à possibilidade de compreensão dos fenômenos psicossociais. Assim, a análise qualitativa possibilita descobrir as semelhanças e diferenças entre os casais mistos. De acordo com Maria Cecília Minayo (2009), a pesquisa qualitativa busca o entendimento dos dados coletados, confirmar ou não a hipótese da pesquisa, responder às questões formuladas e adquirir conhecimento maior sobre o assunto pesquisado. O estudo qualitativo foi realizado por meio da análise do discurso, seguindo o referencial teórico-metodológico da *Análise crítica do discurso*, de Norman Fairclough (2001) e *Análise do discurso*, de Maria Rocha-Coutinho (1994).

O método da Sociologia Compreensiva de Jean-Claude Kaufmann (2013) buscou compreender os casais interculturais, relacionando-os aos objetivos da pesquisa. Contudo, existem premissas, questões e objetivos prévios, problemas e hipóteses, construídos com as interlocutoras. As interlocutoras falaram sobre assuntos que preferiram abordar durante a entrevista. Entretanto, tentamos nos aproximar dos temas estabelecidos anteriormente, divididos em quatro eixos temáticos: afeto, migração, interculturalidade e gênero.

O método de entrevista escolhido apresenta um “tom mais informal” para que os atores sociais se sintam à vontade para narrarem suas histórias. Escolhemos tal método porque não queríamos manter uma distância com as interlocutoras no ato da entrevista, mas propusemos tornar a “relação de poder mais igualitária” (KILOMBA, 2019, p. 83). Kaufmann (2013) ressalta a importância da pesquisadora compreender a realidade dos entrevistados. Diante disso, descrevemos nossa experiência pessoal²³ durante as entrevistas, com o intuito de nos “aproximarmos” das entrevistadas e deixá-las à vontade para que pudessem falar sobre suas histórias de vida.

O método escolhido de entrevista da Sociologia Compreensiva (2013) apresenta uma abertura maior para as narrativas das participantes, com uma escuta “sensível”. A escuta sensível está relacionada ao sentimento de empatia, que reconhece o outro, aceitando os defeitos, complexidade e simplicidade. Dessa forma, o pesquisador tem um envolvimento maior com as interlocutoras. No ato da entrevista, que pode ser definido como uma “conversa”, a grade temática é ampliada para interação entre a entrevistada e a entrevistadora. O estudo é uma crítica à formalização científica que ocorre no ato da entrevista, transformando o espaço vazio e frio em um contato mais “humano”. A Sociologia Compreensiva retira o formalismo do ato da entrevista, funcionando mais como uma “conversa”. Ao estabelecer o ato da entrevista, há o momento de compartilhamento de experiências.

A investigação apoia-se na linha weberiana que busca a compreensão do sentido da ação humana. Nesta proposta metodológica, o campo pode inferir que o indivíduo é influenciado pelo social. O campo empírico auxilia na elaboração de perguntas e hipóteses, no ato da entrevista. Outro ponto levantado por Kaufmann é a abertura para o bom humor e a descontração, sem perder a seriedade da pesquisa. A intenção é deixar o conhecimento menos técnico e mais compreensivo.

Os textos resultantes das transcrições foram submetidos à análise do discurso. A análise qualitativa do discurso permitiu o entendimento sobre diferentes ideias e experiências similares e/ou conflituosas. Dividimos as interlocutoras em dois grupos. Grupo 1: as mulheres estrangeiras casadas com brasileiros. Grupo 2: as mulheres

²³ A pesquisadora viveu um relacionamento intercultural e descreve sua experiência pessoal durante as entrevistas.

brasileiras casadas com estrangeiros. Dessa forma, há um exame crítico das práticas sociais e culturais presentes no discurso. Portanto, a ênfase desta análise recai sobre a compreensão do discurso referente aos problemas culturais, às variáveis interseccionais (como gênero, classe social, raça, por exemplo) e, em especial, aos papéis sociais estabelecidos no casamento heteronormativo.

O objetivo desta metodologia foi inferir a partir dos discursos a forma como as entrevistadas se comportam diante do que é esperado pela sociedade. Norman Fairclough (2001) afirma que o discurso é uma forma de materialização ideológica, moldado no espaço social como uma forma de transformar as práticas discursivas. Ora o indivíduo confirma as práticas discursivas formadoras, ora resiste a elas, resignificando-as e reconfigurando o cotidiano.

De acordo com Fairclough (2001), as pessoas com práticas, etnias e culturas distintas apresentam diferentes discursos que se misturam, ou seja, uma contextualização híbrida. O discurso, para o linguista britânico, pioneiro no estudo, é uma prática social, capaz de transformar a realidade a partir de uma perspectiva psicossocial, reestruturando as formas de dominação sociais e ideológicas. A linguagem representada no discurso é uma mola social, que tanto pode mudar a sociedade quanto ser influenciada por ela.

Os assuntos importantes para o estudo foram divididos em capítulos e subcapítulos. Os pontos abordados na dissertação durante a análise foram: mulher no Brasil e no mundo; papéis sociais no casamento; migração afetiva, afeto a distância; diferenças interculturais: hábitos da culinária, religiosos, tradições familiares, barreiras linguísticas, educação dos filhos, entre outros. A análise do discurso foi feita com a revisão da literatura sobre a temática dos casamentos interculturais.

Entendemos que a análise do discurso é um instrumento importante para a compreensão das questões de gênero e os papéis sociais. Os Estudos de Gênero são centrais para a Pesquisa Social, Psicologia e Análise Cultural. Conforme define Maria Rocha-Coutinho (2006), as desigualdades de gênero são profundas e não podemos esquecer-las. A análise do discurso é marcante para a compreensão da mulher na sociedade porque, no ato de falar, as mulheres transmitem ideias, experiências de vida e percepções de mundo. “Assim, torna-se importante que as mulheres falem

sobre suas experiências, sobre sua situação no mundo, a fim de que assumam a autoria, suas vozes e vidas” (ROCHA-COUTINHO, 2006, p. 6).

Maria Rocha-Coutinho (1994) acredita que existem diversas formas de proceder sobre a análise do discurso, por isso a tentativa de abordar uma análise do discurso menos convencional, inferindo sobre as falas, os comportamentos, as ideias similares e conflitantes. Acreditamos que esse modelo nos propõe um melhor entendimento dos objetivos propostos neste trabalho. Os discursos podem se transformar cotidianamente nas diferentes interações estabelecidas entre homens e mulheres.

O método da Sociologia Compreensiva (2013) permitiu que retomássemos questões importantes para maior compreensão dos assuntos estudados. Os temas não são fixos, e os assuntos foram ampliados durante a entrevista. Como também foram abordados temas que não estavam previstos originalmente, por exemplo, os hábitos da culinária, afeto a distância, entre outros. As entrevistas foram abertas, com perguntas amplas, *a priori*: como os parceiros se conheceram? Quais são os planos para o futuro? Como foi o processo de adaptação ao Brasil? Quais são as diferenças culturais? Como foi o processo de integração? Como funcionou o relacionamento a distância? Qual língua é falada no ambiente familiar? Como ocorrem as negociações dentro do casamento? Quais as adaptações que fizeram depois de conhecerem o parceiro? Qual a linguagem afetiva? Quais os papéis dentro do casamento? Quais as dificuldades em relação aos filhos? Como é ser mulher nos diferentes países? Como são divididas as tarefas domésticas?

Devido às dificuldades para selecionar e interpretar todo o material empírico, fizemos um recorte selecionado, com o conteúdo discursivo das interlocutoras em uma análise cuidadosa. Entretanto, sem um direcionamento prévio. Os discursos com diferentes pontos de vistas foram importantes para o entendimento de suas histórias de vidas. Os pontos de vista divergentes representam o resgate sobre as conquistas nas questões mais amplas na esfera pública e privada.

O material resultante das entrevistas apresentou um grande número de páginas, e está como apêndice no final do trabalho. As entrevistas foram realizadas mediante a autorização das pessoas, que faziam parte do recorte selecionado. A pesquisa foi submetida ao Conselho de Ética e não pretende provocar nenhum risco às entrevistadas.

2.2 Certificação do Conselho de Ética

A pesquisa seguiu os preceitos éticos vigentes pela Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde sob número de parecer aprovado – 711.423 – pelo Comitê de Ética em Pesquisa. O trabalho buscou atender às questões ético-legais e não tem intenção de provocar nenhum risco aos entrevistados, expondo-os a situações nocivas ou que representem um problema direto à sua integridade física e psicológica. Assim, as informações coletadas foram utilizadas somente para fins da pesquisa, com absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a identidade dos entrevistados.

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da pesquisa: Casais mistos: afeto e interculturalidade no contexto das migrações transnacionais

Pesquisador: CATARINA GONCALVES Área Temática: Versão: 1

CAAE: 04207018.6.0000.5582

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Patrocinador principal: financiamento próprio

DADOS DO PARECER

Número do parecer: 3.095.864

Este parecer foi elaborado com base nos documentos abaixo relacionados:

Tipo de Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1256465.pdf	01/12/2018 18:36:27		Aceito
Projeto Detalhado/ Brochura Investigador	projetocomitedeeticacata.docx	01/12/2018 18:32:30	CATARINA GONCALVES	Aceito
TCLE/ Termos de Assentimento/ Justificativa de Ausência	tclecat.docx	29/11/2018 20:25:34	CATARINA GONCALVES	Aceito
Folha de Rosto	02.pdf	29/11/2018 20:13:06	CATARINA GONCALVES	Aceito

Endereço: Av. Pasteur, 250 – Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar / sala 30.

2.3 Apresentação das participantes da pesquisa

O contato com as participantes foi realizado pelas redes sociais. O registro de “anúncio” na página pessoal do Facebook da pesquisadora, com chamada direta, explicitava: “Procuro mulheres estrangeiras casadas com brasileiros, que moram no Brasil”. Como se tratava de uma parcela muito pequena e específica, os amigos ou conhecidos, por meio de postagens, indicaram mulheres que pudessem compartilhar suas histórias de vida. O gênero e o casamento intercultural foram fatores delimitadores para a escolha das participantes.

As indicações e localizações das entrevistadas foram feitas pelo método “bola de neve” (MAY, 2004), utilizado em Ciências Sociais, para a seleção não probabilística. As interlocutoras foram selecionadas a partir da relação pessoal das pessoas dispostas a indicar contatos. A amostragem “bola de neve” soluciona a problemática da falta de contatos. A mesma técnica é utilizada por Gisele Almeida (2013) na tese de doutorado sobre a imigração brasileira na França.

O procedimento para o contato utilizado foi por meio das redes sociais e WhatsApp. A hora e o local ficaram a critério das interlocutoras. As entrevistas foram realizadas em diferentes estados brasileiros (Curitiba, Goiânia, São Paulo e Rio de Janeiro). Duas delas realizadas no local de trabalho; duas realizadas por Skype (moravam em cidades diferentes); uma em um café em Copacabana; outra realizada presencialmente na cidade de Goiânia. Em suma, dividimos em dois grupos: três mulheres brasileiras casadas com estrangeiros; três mulheres estrangeiras casadas com brasileiros.

As mulheres estrangeiras são de diferentes localidades (Bósnia, Porto Rico e EUA) casadas com brasileiros. As mulheres brasileiras são casadas com homens estrangeiros de dois países distintos (Senegal e Israel). As interlocutoras são mulheres estrangeiras e brasileiras, na faixa etária de 29 a 51 anos. As interlocutoras têm diferentes profissões técnicas ou altamente qualificadas, com cursos de mestrado e pós-graduação, oriundas de diferentes áreas: relações internacionais, jornalismo, segurança do trabalho e educação. As mulheres conheceram os seus companheiros no Brasil, quando trabalhavam juntos; no Peru, quando estavam de férias; nos Estados Unidos, quando cursavam o mestrado; no ambiente de trabalho; na aula do curso de português.

As entrevistas foram sobre temas recorrentes. Uma das entrevistadas alterna entre português e inglês. Já outra entrevistada mistura o português com espanhol, e prefere pronunciar algumas palavras em inglês. As variações linguísticas (português, inglês e espanhol) foram opções utilizadas para manter as falas com as características pessoais das interlocutoras. Nas transcrições das entrevistas permaneceram os erros de português, as pausas e, principalmente a preferência da língua falada.

Duas entrevistadas foram indicadas pelo orientador desta pesquisa. Entramos em contato por meio das redes sociais. Tivemos retorno da primeira, que morava em São Paulo. Como o contato presencial não era possível, usamos a opção do Skype. A entrevista não transcorreu tão bem, a duração foi muito curta em relação às outras. A entrevista foi considerada para uma primeira análise, mas com contribuições menores. A entrevista foi transcrita à mão. Tivemos dificuldades com a internet e com a disponibilidade de tempo da entrevistada. A primeira entrevista foi utilizada como método para a definição do que poderia ser perguntado nas próximas entrevistas, conforme define o método da Sociologia Compreensiva.

Depois dessa, realizamos outra entrevista, em um café em Copacabana. O encontro foi em um local público, porém silencioso. A entrevista transcorreu bem, com duração de 1 hora e 30 minutos. A interlocutora apresentou dificuldades com a língua portuguesa. No entanto, foi uma das entrevistas mais importantes para o desenvolvimento do trabalho, principalmente sobre gênero, refúgio e migração. A história de vida da interlocutora é marcada por guerra, intercâmbios e diversos componentes que contribuíram muito para o desenvolvimento deste trabalho.

A terceira entrevista foi realizada por Skype, com duração de 1 hora e 40 minutos. Durante a entrevista, tivemos problemas com a conexão da internet. A interlocutora alternou entre o português e o inglês e apresentou contribuições importantes, como por exemplo, os papéis sociais e questões inter-raciais, interculturais, religiosas, entre outros.

A quarta entrevista foi realizada em um estúdio de yoga, local em que a interlocutora trabalhava. Fizemos uma hora de aula de yoga e, depois, retomamos a entrevista, que havíamos começado e interrompido devido à atividade. A duração foi longa, mas não conseguimos abordar todos os temas. Concluimos, porque a interlocutora tinha um compromisso.

A quinta entrevista foi realizada na cidade de Goiânia. A entrevista durou 1 hora e 40 minutos. Estávamos em uma fazenda, passamos a tarde juntas. A interação foi mais fácil devido à intimidade que tínhamos anteriormente. Depois da entrevista continuamos conversando. Foi possível a interação com os filhos, o marido e amigos. Posteriormente, nos vimos. Fizemos uma entrevista com o marido, mas o material não ficou bom. Depois não tivemos mais contato presencial.

A sexta entrevista foi realizada no local de trabalho da interlocutora. Fomos interrompidas algumas vezes por clientes que passavam no local. Retomamos algumas vezes. A interlocutora foi indicada por amigos e conhecidos. Mantivemos contato pelas redes sociais. Já nos encontramos uma vez após a entrevista, em um evento. Ela mandou fotos e autorização de imagens para divulgação e apresentação em um congresso.

Foi realizada somente uma entrevista com todas as interlocutoras. Realizamos conversas informais, algumas gravadas, outras não. Com uma delas, foi possível participar de um momento de intimidade familiar, como reunião com o marido e filhos. Utilizamos a rede social como meio de contato com as interlocutoras, que me enviaram fotos e informações posteriormente. Acompanho os *posts* e mensagens de muitas delas pelas redes sociais (Facebook e Instagram), observando como interagem no cotidiano, marido, trabalho, entre outros. Algumas compartilham dúvidas e dificuldades similares. Já outras têm diferentes opiniões sobre o mesmo tema. Percebemos que as entrevistadas se sentiram confortáveis com a entrevista, o que podemos relacionar ao fato de terem sido indicadas por amigos ou conhecidos.

O método de entrevista da Sociologia Compreensiva buscou compreender o mundo no qual as interlocutoras vivenciam o cotidiano, principalmente os fatos decorrentes da migração afetiva, dos relacionamentos amorosos e de hábitos das convivências interculturais. Não procuramos uma uniformidade, mas compreender os fragmentos de vida. O passado biográfico no país de origem foi usado com três entrevistadas estrangeiras para entender a infância e as histórias anteriores à vinda ao Brasil, bem como compreender as diferenças interculturais no processo de adaptação e negociação dentro do casamento.

Na entrevista, com o método da Sociologia Compreensiva, o objetivo proposto é que as interlocutoras ocupem o lugar central. Evitamos condicionar as respostas e buscamos compreender o “significado de mundo” para cada uma delas. A partir disso,

foram avaliadas as reações das entrevistadas em relação aos diferentes temas: os deslocamentos, as diferenças culturais, os problemas de adaptação, as dimensões linguísticas, as negociações, apropriações e adaptações. Fizemos uma breve exposição sobre as participantes, juntamente com os fragmentos de suas histórias de vida. Fizemos uma tabela para entender o perfil, por exemplo, a idade, a nacionalidade do cônjuge e duração do casamento, grau de instrução etc. Os nomes presentes na tabela são fictícios. Todas as interlocutoras da pesquisa tiveram os nomes alterados a fim de preservar a identidade e a intimidade. Segue a tabela abaixo:

Nome	Idade	Nacionalidade	Cônjuge	Período juntos	Filhos	Grau de instrução	Religião
Elisa	29	Estadunidense	Brasileiro	3 anos	–	Mestrado	Católica
Maria	38	Brasileira	Israelense	14 anos	2	Mestrado	Espírita
Juliana	51	Brasileira	Senegalês	3 anos	2	Técnica	Católica
Lívia	32	Bósnia	Brasileiro	7 anos	–	Mestrado	Muçulmana
Mame	29	Brasileira	Senegalês	2 anos	–	Técnica	Muçulmana
Helena	42	Porto-riquenha	Brasileiro	2 anos	3	Superior	Católica

Figura 2: Dados sobre as entrevistadas.

Elisa

Tipo, eu sou apaixonada por ele, né, mas ele não foi a única causa. Quando eu mudei para o Brasil, eu namorei com ele. E não queria mudar por causa disso. Eu não queria mudar por amor, eu acho bem perigoso isso.

Elisa, março de 2019.

Elisa, 29, estadunidense, casada com brasileiro. Conheceu o marido nos Estados Unidos, mas decidiram morar no Brasil. Atualmente, os dois moram em Curitiba. Ela trabalha em uma escola como professora de inglês. Elisa tem curso superior e mestrado em Educação. Ela é de classe social média. Trabalhou desde muito nova para pagar os estudos nos Estados Unidos. O casal ainda não tem filhos.

Elisa trabalhava como coordenadora, em uma instituição conhecida, nos Estados Unidos. Começou a estudar português porque tinha alunos brasileiros. Ela conheceu o marido indicada por um amigo. Ele dava aula de português e ela foi aluna dele. Mas começaram a namorar posteriormente. Os dois ficaram a distância por um ano até que ela decidiu mudar para Florianópolis, depois Curitiba. Entretanto, ela acha perigoso migrar por amor. O visto do marido foi negado para ele voltar para os EUA, por isso ela veio morar aqui. Os dois se casaram porque ela precisava do visto para trabalhar no Brasil.

Como mulher americana, ela acredita ter uma mentalidade diferente das brasileiras, porque o marido tem mais liberdade para sair com amigos dele. Na opinião dela as mulheres brasileiras são muito possessivas. Ela acha que as brasileiras são mais femininas e que não vai mudar a sua aparência física, pois se sente mais confortável assim. “Eu acho que as coisas físicas são diferentes, tipo no início, eu me importei um pouco, eu preciso ter cabelo grande, cabelo longo, usar maquiagem, essas coisas, agora eu sou mais confortável pra ser eu” (ELISA, março de 2019).

Elisa disse que é feminista e vegana. Ela acredita que como é da área de educação consegue ajudar outras mulheres. Ela acha que as mulheres precisam apoiar os protestos e movimentos sociais.

Eu sou uma feminista, e sou uma vegana também. Eu sou vegana, mas eu nunca participei dos protestos dos animais também. Eu acho que é o jeito que se vive. Se você é da Educação para uma mulher... você já ajuda...se você [sic] escuta. Se você ouve o que ela precisa, já ajuda e eu acho, eu acho que mulheres precisam apoiar, eu não julgo outros protestos. Eu acho legais, eu acho legais (ELISA, março de 2019).

Elisa acredita que os seus valores familiares são diferentes porque o seu pai sempre cozinhava em casa e que os papéis eram mais divididos. Ela trabalhava em um outro setor mais administrativo nos Estados Unidos. Mas, com o trabalho aqui no Brasil, ela estaria no mesmo nível com que saiu do país de origem e usou a expressão “crescer para os lados”. Elisa disse que não tem planos para o futuro, mas que pretende continuar morando no Brasil.

Eu não sei²⁴. Eu realmente não quero voltar. Eu tenho que dizer honestamente. Eu consigo dormir melhor. É loucura isso. Eu durmo melhor no Brasil, porque eu não me sinto culpada. Nos Estados Unidos, eu sinto culpada pelas crianças na Síria. Eu sinto culpada pelas pessoas no Afeganistão (ELISA, março de 2019).

Percebemos que Elisa quer continuar no Brasil também porque se sente menos culpada pelos problemas decorrentes das políticas em seu país de origem. Na entrevista, Elisa afirma que não queria imigrar somente por amor, que achava muito perigoso. Mas que atualmente gosta de morar em Curitiba, cidade natal do marido.

Os Estados Unidos²⁵ são um país de consumismo. E quero viver simples. Apreciar as coisas que agregam valor, tempo com a família (risos), momentos divertidos com os amigos. Não preciso de muito dinheiro para esta experiência. Eu quero viajar. E acho que parte disso vem da economia brasileira. As pessoas não têm muito dinheiro para desperdiçar seu dinheiro. Nos Estados Unidos, as pessoas estão desperdiçando sem saber. Assim, o consumismo faz parte da cultura tanto que não percebemos (ELISA, março de 2019).

²⁴ *I don't know. I don't really wanna go back. I have to say, being very direct. I sleep better. This is crazy. I sleep better in Brazil because I don't feel guilty. In the United States, I feel guilty for children in Syria. I feel guilty for people in Afghanistan* (Tradução nossa, inglês-português).

²⁵ *The United States is a country of consumerism and I want to live simple. Appreciate things that bring value, time with family, laughing, fun moments with friends. I don't need a lot of money for this experience. I want to travel. And I think parts of this comes from the economy in Brazil. People don't have a lot of money to waste their money. In the United States people are wasting without knowing. Like, the consumerism is part of the culture so much that we don't realize it in the United States.* (Tradução nossa, inglês-português).

Ela relatou que não queria viver longe dele, pois são recém-casados. Mas também em função da sua relação afetiva inter-racial, com os assuntos que surgiram durante a entrevista, realizada por Skype. Chegamos até a entrevistada por meio de amigos. Ainda mantemos o contato pelas redes sociais (Facebook e Instagram).

Segue o mapa com os percursos migratórios:

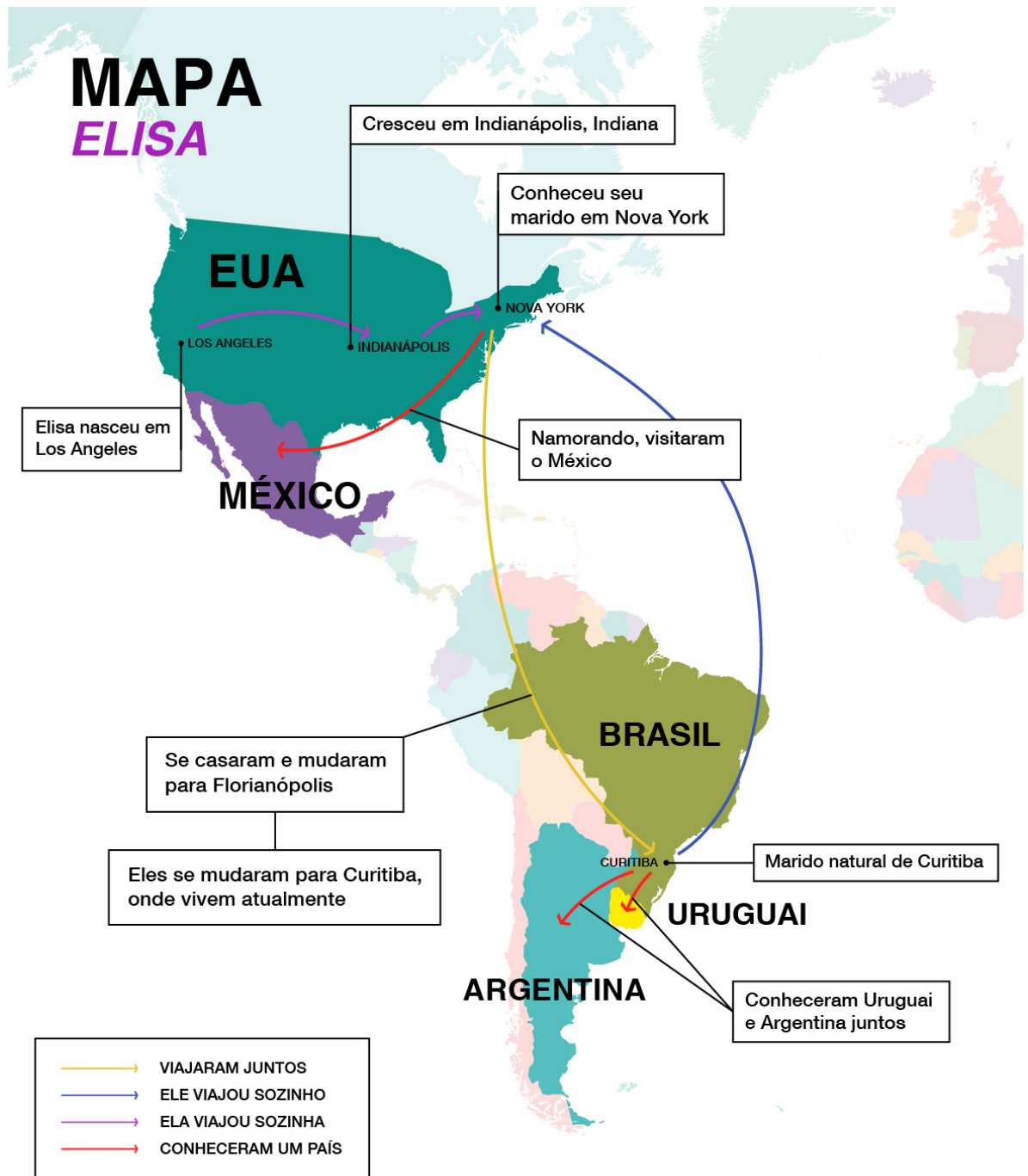


Figura 3: Mapa Elisa

Lívia

A gente era bolsista. Eu não sei se você conhece a bolsa Fulbright, que é uma bolsa praticamente financiada pelo governo dos Estados Unidos. É um programa que tenta apoiar profissionais com cinco ou mais anos de carreira, da atuação profissional para aprofundar conhecimento dele sobre a área certa e determinada.

Lívia, março de 2019

Lívia, bósnia, 35 anos, casada com brasileiro. Ela conheceu o marido no programa de mestrado Fulbright nos Estados Unidos. Ela é formada em Comunicação Social e ele em Psicologia. O marido se mudou para a Bósnia por dois anos, durante a licença de trabalho, porque é funcionário público. Posteriormente, ela se mudou para São Paulo quando conseguiu um trabalho. Atualmente, mora no Rio de Janeiro com o marido. Ela estava cursando pós-graduação na FGV, mas estava desempregada no momento da entrevista.

A história de vida de Lívia é marcada pela guerra na cidade de Sarajevo. Ela quis sair do seu país pelos traumas familiares sofridos durante a guerra. Ela, a mãe e sua irmã se separaram do pai durante os conflitos e foram morar em outra cidade. Entretanto, eles conseguiram se reunir posteriormente. Ela contou sobre a separação familiar pela guerra, conforme abaixo.

A minha mãe foi e meu pai ficou, porque naquela época, Sarajevo estava ocupada, porque Sarajevo fica em um vale. Então, eles praticamente fecharam a cidade e deixaram praticamente a cidade sem água, sem eletricidade, sem comida, sem aquecimento e sem remédio. Ainda “bombando” (sic) a cidade para matar pessoas. E não deixaram ninguém sair. O meu pai ficou lá. Graças a Deus, a gente conseguiu sair. E a gente vai só se juntar, reunir dois anos depois²⁶ (LÍVIA, 35 anos, março de 2019).

Eu nunca tinha nem pretensão, nem ambição em ficar no meu país, por causa dessa situação e esse trauma. E me veio hoje, depois de 25 anos da pós-guerra, praticamente o mesmo conflito físico. O país está dividido, tem umas três religiões. Temos praticamente três países dentro de um país. Essa é uma situação bem complicada, que eu acho que não é relevante para sua

²⁶ A entrevistada teve algumas dificuldades com as palavras em português, mas a transcrição foi feita na íntegra, conforme os erros pronunciados.

pesquisa. Mas acho que foi um conjunto de uma infância que foi parada em um momento. E depois uma tentativa para que eu possa criar uma vida melhor para mim (LÍVIA, 35 anos, março de 2019).

Lívia foi a única da família que saiu de sua cidade natal. A irmã e os pais continuam em Sarajevo. Ela tinha um projeto prévio de migrar para outros países, tanto que conheceu o marido durante o mestrado nos Estados Unidos. “Eu tenho uma irmã e ela é mais velha. Ela é farmacêutica e quatro anos mais velha do que eu. Ela mora em Sarajevo. Eu sou o único membro da família que me desloquei (risos)” (LÍVIA, março de 2019).

Lívia veio morar em São Paulo, após conseguir emprego em uma empresa em que trabalhou anteriormente na Bósnia. Ela disse que fez uma opção de unir sua vida profissional e afetiva. Os dois ainda não têm filhos, pois querem estabilizar a área financeira primeiramente. Lívia relatou sua vida profissional e carreira, mesmo que não tenhamos abordado especificamente esse tema. Ela pretende montar um negócio na área de turismo, já que sabe falar vários idiomas.

Ainda não sei o que quero, mas sei que quero montar uma minha coisa. Além do meu MBA, ainda estou formando **no meu curso de guia de turismo, porque quero valorizar o meu conhecimento de idiomas**. Isso será o primeiro passo (LÍVIA, março de 2019, grifo nosso).

Eu completei [o ensino médio]. E depois decidi estudar jornalismo. Eu me formei em jornalismo porque sempre achei que jornalismo era “ficcional”. Mas quando comecei a estudar, eu percebi que eu não *quero* fazer isso. Não quero ser jornalista, mas me direcionei mais para área de Relações Públicas e Comunicação. Foi por isso que comecei a criar a minha vida nessa direção. Completei alguns cursos que me capacitaram para atuar, naquela área, no mercado. E comecei a trabalhar para essa empresa que, depois de 10, não, 8 anos vai me oferecer uma oportunidade no Brasil (LÍVIA, março de 2019, grifo nosso).

Ela estudou jornalismo, mas depois decidiu que não queria ser jornalista. Fez cursos para direcionar a carreira para a área de Relações Públicas. Lívia disse que está casada há sete anos. E que ambos investiram muito para superar as dificuldades do relacionamento a distância, assunto que desenvolveremos melhor ao longo do trabalho. Ela contou que o marido teve uma atitude mais madura do que ela para manter o relacionamento, pois tinha vivenciado experiências anteriores similares.

C: Você acha que vale o sacrifício por amor?

L: É difícil... é muito difícil... Você está gravando agora?

C: Você quer que tire..., mas essa parte é a mais interessante (risos), mas se você quiser eu tiro.

L: Então, é difícil, mas não quero ver isso como um sacrifício. Eu quero ver isso como uma possibilidade, meu desafio, que vai servir de lição para o meu crescimento. Eu não acredito que alguma coisa acontece sem razão. Nada é de repente, entendeu? Eu tinha que passar pelo mundo todo. Eu e meu marido, a gente se encontrou nos EUA.

C: O casamento de vocês teve algo religioso ou não?

L: Não, somente cível, porque é aquele negócio de religiões diferentes. E como juntar as duas coisas? Mas o meu marido não se declara, ele não pratica. A gente teve essa conversa, entendeu? (LÍVIA, março de 2019).

No final da entrevista, falamos sobre a nossa experiência intercultural. A interlocutora foi bem aberta e disponível em ajudar, indicando outras entrevistadas. Não mantivemos contato depois, porque como foi indicada por amigos, não tivemos acesso por meio de redes sociais. E a interlocutora mudou o número de telefone. E não obtivemos mais retorno. Gostaria de saber se ela tinha se estabelecido profissionalmente no Rio de Janeiro.

Segue o mapa com os percursos migratórios:

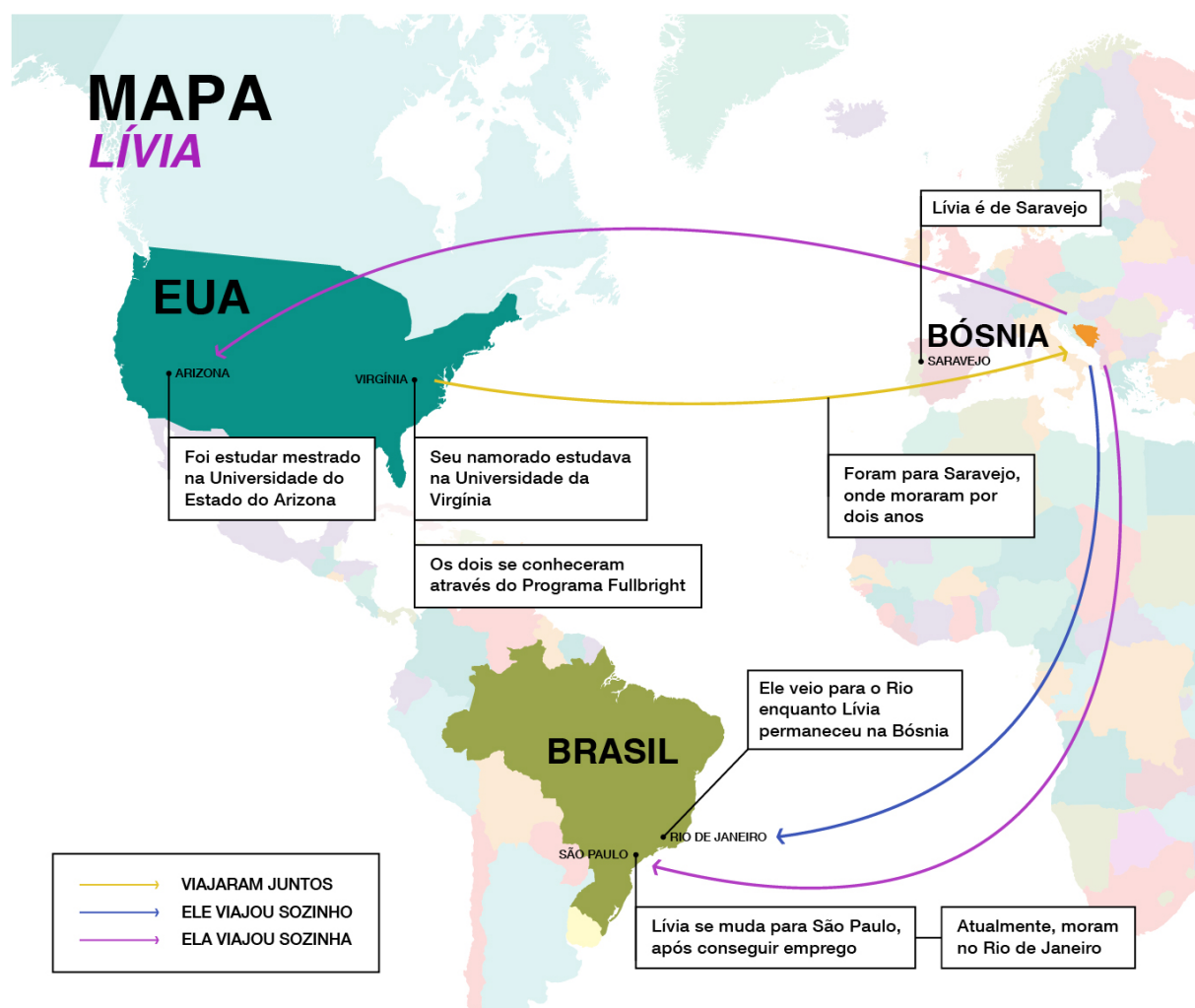


Figura 4: Mapa Lívia

Mame

Eu me adaptei à vida dele. Eu tenho essa coisa ligada à África. A educação aqui, no Brasil, é bem diferente. A gente tem tanta cultura, mas não tem uma.

Mame, março de 2019

Mame, brasileira, 29 anos, é casada com um senegalês. Ela trabalha em um restaurante como garçonne, em São Paulo. Conheceu o marido através de amigos senegaleses. Ela é convertida ao islamismo. E tinha sido casada com um muçulmano anteriormente. Ela e o marido pretendem montar uma lavanderia em casa e pretendem expandir os negócios. Eles não têm filhos, mas ela disse que estava planejando. O marido vende óculos nas ruas, em São Paulo. Segundo ela, no inverno o negócio é muito difícil e complicado.

Mame saiu da casa dos pais quando tinha 15 anos e foi morar em uma comunidade rastafári, na Brasilândia, em São Paulo. “Eu morei na comunidade uns quatro ou cinco anos. Eu fui rastafári e minha mãe sempre me apoiou” (MAME, março de 2019). Ela era vendedora ambulante quando conheceu alguns senegaleses e aprendeu a gostar da religião muçulmana aos poucos.

Mame relatou que conheceu o marido no local de trabalho, onde ele vendia pastéis. Os dois conversaram e ficaram amigos. Depois de dois meses, os dois se casaram. A religião muçulmana não permite que parceiros tenham relações sexuais antes do casamento. A interlocutora disse que se identifica muito com a cultura africana. Ela se sente muito aceita e amada, como se tivesse nascido na África. Mame questiona o fato de que a imagem do país africano no Brasil está associada às pessoas passando fome. “Nem todo mundo na África está passando fome. Eu acho que tem povos e povos. Culturas e culturas”. Ambos mantêm uma relação inter-racial, mas ela não abordou esse tema na entrevista.

Gostaríamos de ter aprofundado mais assuntos, mas a interlocutora não tinha disponibilidade de tempo. No entanto, continuamos em contato pelas redes sociais, com *likes* e comentários no Facebook. Mame é muito “atuante” por meio das redes sociais. A entrevistada enviou fotos para a apresentação oral de um trabalho e disse que ambos estavam separados. Ela é muito simpática e disposta a ajudar.

Segue o mapa com os percursos migratórios:

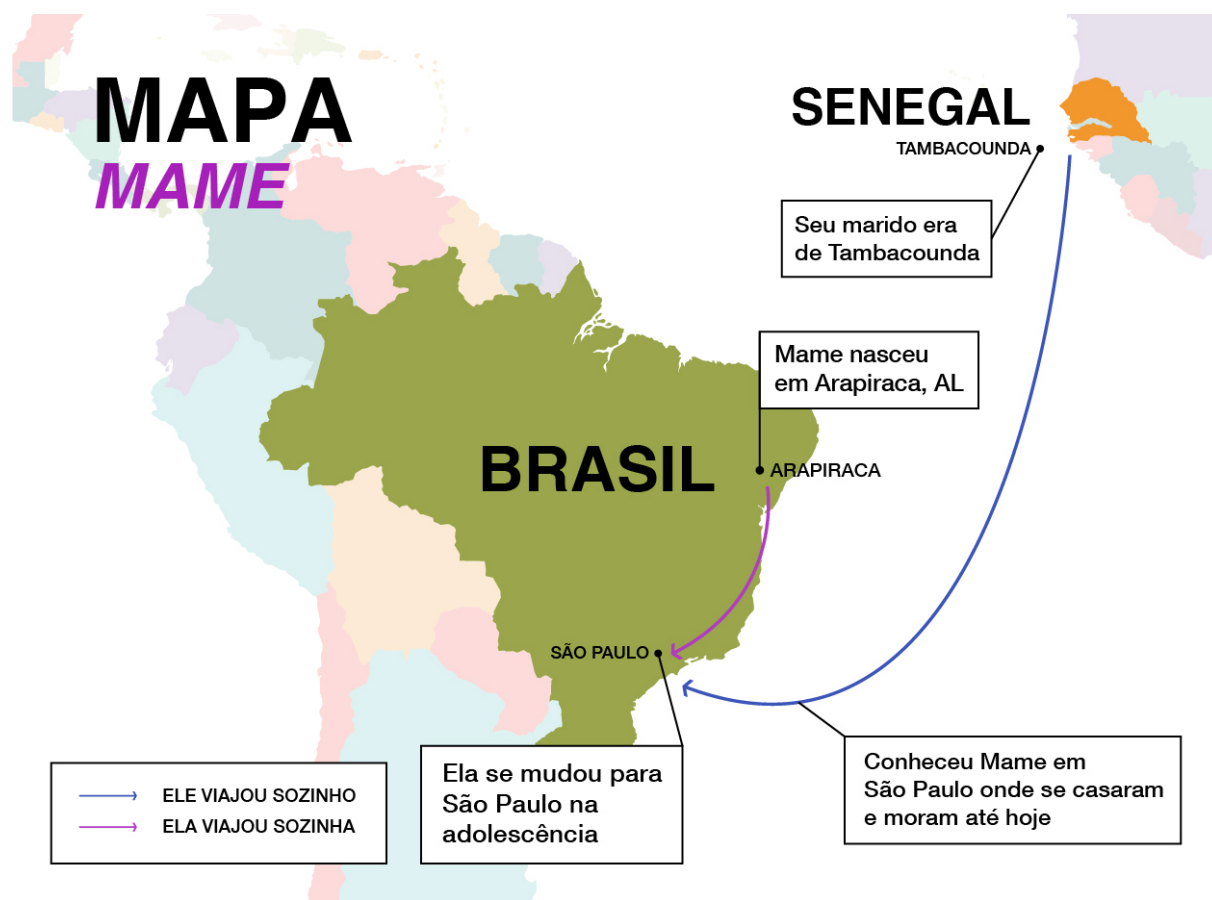


Figura 5: Mapa Mame

Maria

Ele entrou para dentro da boate e estava lá sozinho e ficou lá vendo as pessoas na boate, mas ele não estava bebendo e não fumava. Não estava com mulher. E estava sozinho. Eu achei aquilo muito intrigante. Aí falei: será o que aconteceu? Quem é esse homem?

Maria, dezembro de 2018

Maria, 38 anos, brasileira, é casada com um israelense. Ela tem um negócio de verduras e frutas em Goiânia. Estudou Relações Internacionais no Brasil e mestrado, na mesma área, em Israel. A família é classe média. Maria é a mais velha entre os quatro irmãos. Morou em Israel por doze anos, antes de decidir vir morar no Brasil com o marido. Eles moram em Goiânia por mais de dois anos. Atualmente, ela lidera o negócio da família. O marido é advogado, mas ele não pode exercer a profissão. Os dois têm dois filhos. Eles se conheceram no Peru, numa boate, em Cusco, Machu Picchu.

Maria afirma que quando foi morar em Israel não abdicou de muita coisa. “Não, eu já tinha me formado na universidade. Aí eu fui para lá. Aí eu não deixei muita coisa, não. Ao mesmo tempo deixei de ficar aqui, no Brasil, com a minha família” (MARIA, dezembro de 2018). A interlocutora imigrou em função do seu relacionamento. E permaneceu conversando com o namorado por Skype por dois anos até decidir ir morar em Israel. Maria relatou os problemas enfrentados, em Tel Aviv, como guerra, procedimentos de segurança e treinamentos antibombas nas escolas. Maria disse que não gostava da forma como as pessoas gritavam, em Israel.

Lá, o que tive dificuldade foi com a gritaria das pessoas. **Lá as pessoas falam como se elas estivessem gritando.** E acham tudo normal. Isso foi muito difícil. **Assim, às vezes tem guerra. Aí, o povo fica passando de helicóptero, de um lado para o outro do país ou às vezes toca um alarme. E daí, tem que parar o carro, no meio da rua, por causa de Israel ou da guerra. Eu preferiria ser normal.** Você vai ficar ali e esperar cinco minutos. O alarme tocou. E deu tudo certo. E daí você sai. E vai embora, sem muitos comentários a respeito. O meu filho perguntava: “Mãe, mas por que estão atirando bombas em cima da gente?” Isso era muito chato. Isso é normal, pois eles estavam em treinamento antibombas nas escolas, né? Eles tocam alarme e as crianças tem que saber para onde ir. Essas coisas eu não gostava, não, pois as crianças já nascem lá como se tivessem um inimigo (MARIA, dezembro de 2018, grifo nosso).

Maria disse que não gostava do fato de que a Palestina é o inimigo constante de guerras entre os países. O casal decidiu vir morar em Goiânia. O marido é judeu não praticante. Maria é espírita. O marido, atualmente, tem a mesma prática religiosa. Ela disse que poderia mudar-se novamente para Israel, mas que não gosta de planejar muito o futuro, embora tenha metas de vida. Ela contou que é adaptável e não teve muitas dificuldades morando fora, pois geralmente faz amizades facilmente. E acha que tem mais dificuldades no Brasil, pois está “sempre” trabalhando.

Eu sou uma pessoa extremamente adaptável. Eu fui para a universidade de Israel. Eu fiz meu mestrado em hebraico. Eu tenho duas grandes amigas israelenses. **Então, assim, eu não tive dificuldades de ser naquele país. Igual eu te falei: eu aprendi a furar a fila do correio e a entrar igual o povo entra. Eu *super* me adapto ao lugar em que estou. Eu faço amizades com as mães dos meninos da escola** (MARIA, dezembro de 2018, grifo nosso).

Maria acha que tem mais facilidade de se adaptar a outros países e cultura por ter morado, anteriormente, nos Estados Unidos. Mas também contou que o sofá da casa, na sua infância, mudava sempre. Já o marido é filho único e tem mais dificuldades em mudar do que ela. Maria disse que gosta de ver a mesma coisa por diferentes ângulos. A entrevista transcorreu facilmente, na chácara onde o irmão da pesquisadora mora, na convivência com diversos amigos e familiares. Não acompanhamos a interlocutora nas redes sociais. Entretanto, houve um encontro após a entrevista, na companhia do marido e dos filhos. A facilidade de abertura durante a entrevista se deve à amizade anterior.

Segue abaixo mapa com os percursos migratórios:

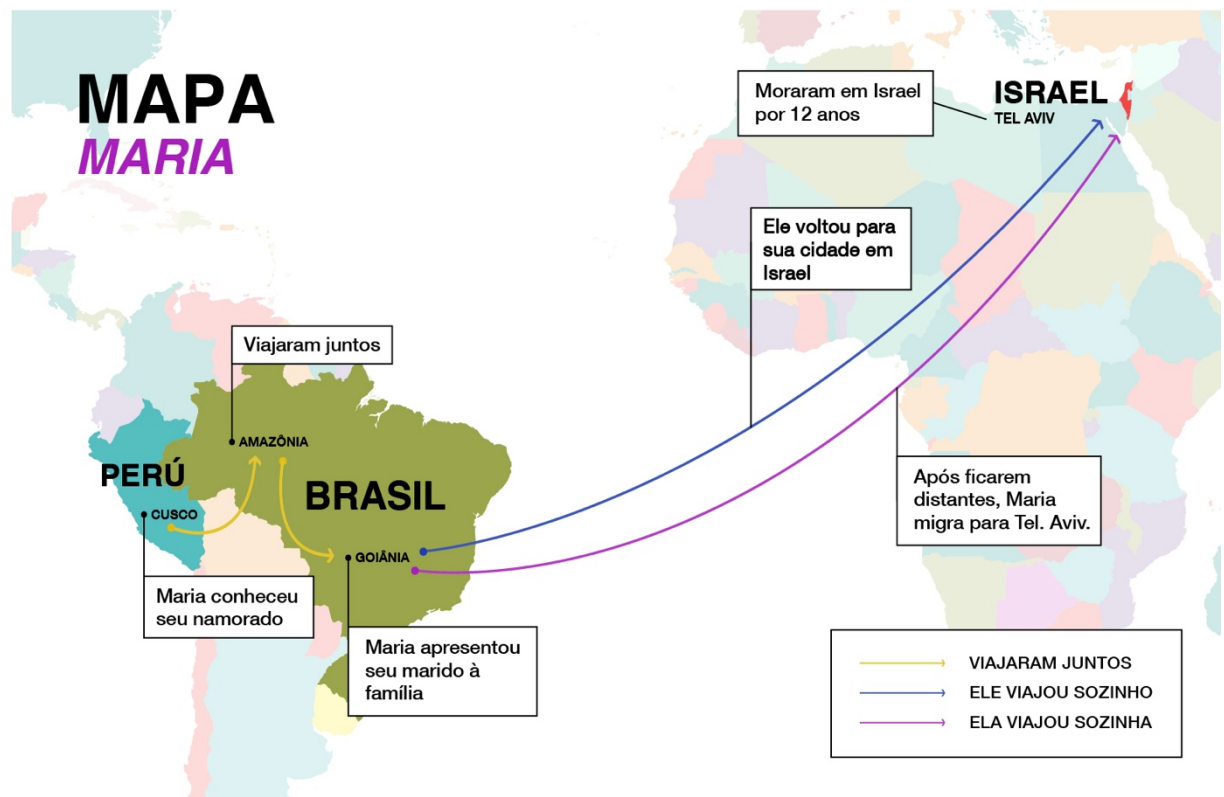


Figura 6: Mapa Maria

Juliana

Tanto que, em uma semana, a gente já... porque normalmente eles não namoram. Daí, é mais ficar conversando mesmo.²⁷ Daí, com uma semana eu viajei, no final de semana. E, aí, acabou que a gente trocou mensagem tipo: “Quando você volta e tal? Estou com saudades. Quando você volta? E não sei o quê”. E aí a gente marcou de se encontrar.

Juliana, março de 2019

Juliana, brasileira, 51 anos, é casada com um senegalês. Ela conheceu o marido no ambiente de trabalho. Ela era técnica de segurança de trabalho. Ambos trabalhavam em uma empresa de construção. Atualmente, montaram um negócio de roupas e artesanatos africanos. Ela é mais velha do que ele, com uma diferença geracional em torno de 20 anos. Ele está no primeiro casamento. Ela no terceiro. Ele é muçulmano, Juliana é católica. Ela tem dois filhos do casamento anterior.

Juliana disse que teve muito medo que o marido quisesse ser pai, pois ela não pode mais ter filhos. “Ele é muito simpático e bonito e é mais novo. Eu posso me sentir insegura com algumas coisas, como eu não mudei por causa dele” (JULIANA, março de 2019). Os dois se casaram no segundo mês de namoro. No início, ela contou que ficou um pouco relutante. Mas que o filho ajudou a convencê-la a se casar. Um dos motivos de ela ter ficado desconfiada foi a fama que os senegaleses têm de bater nas esposas. Mas quando perguntada, pela tia, se ela tinha medo dele, respondeu que nunca tinha conhecido um homem de tanta paz.

Como vou te dizer. É lindo, quando eu conheci meu marido tem uma tia que me perguntou: “Você não tem medo, não?” Eu disse: “Olha, eu nunca conheci uma pessoa tão da paz como o Otávio²⁸. E estou conhecendo os amigos dele” (JULIANA, março de 2019).

O marido tem alguns hábitos diferentes dos dela, como por exemplo, a religião. “Ele não abre mão de nada se prejudicar ele em relação à religião dele. E isso não

²⁷ Na religião muçulmana não é permitido namorar ou ter relações sexuais antes do casamento.

²⁸ Nome fictício para preservar a identidade.

interfere no meu relacionamento com ele. Eu sou muito tranquila” (JULIANA, março de 2019). Ela não se converteu ao islamismo. Contudo, começou a praticar o catolicismo com mais frequência. Juliana também frequenta a religião dele e usa as roupas da cerimônia.

Juliana disse que a mãe dela gostava muito dele porque ele era vendedor. No caso, quando a mãe ficou doente, ele que ajudou a cuidar dela. Ela admira muito a forma como ele trata as mulheres mais velhas. Quando Juliana perdeu o trabalho como técnica de segurança, recebeu uma rescisão. Dessa forma, eles investiram em um negócio de moda africana em uma galeria, como ele sonhava. Ela disse que quando ficou sem trabalho, fazia doces e ele vendia. Eles começaram bem devagar e estão ampliando o negócio juntos. Durante a entrevista, que aconteceu enquanto ela trabalhava, Juliana me mostrou fotos com os trajes religiosos que a mãe dele enviou para ela. Continuamos em contato pelas redes sociais, a interlocutora é muito solícita e damos *likes* e comentários no Facebook.

Segue abaixo mapa com o percurso migratório do marido:

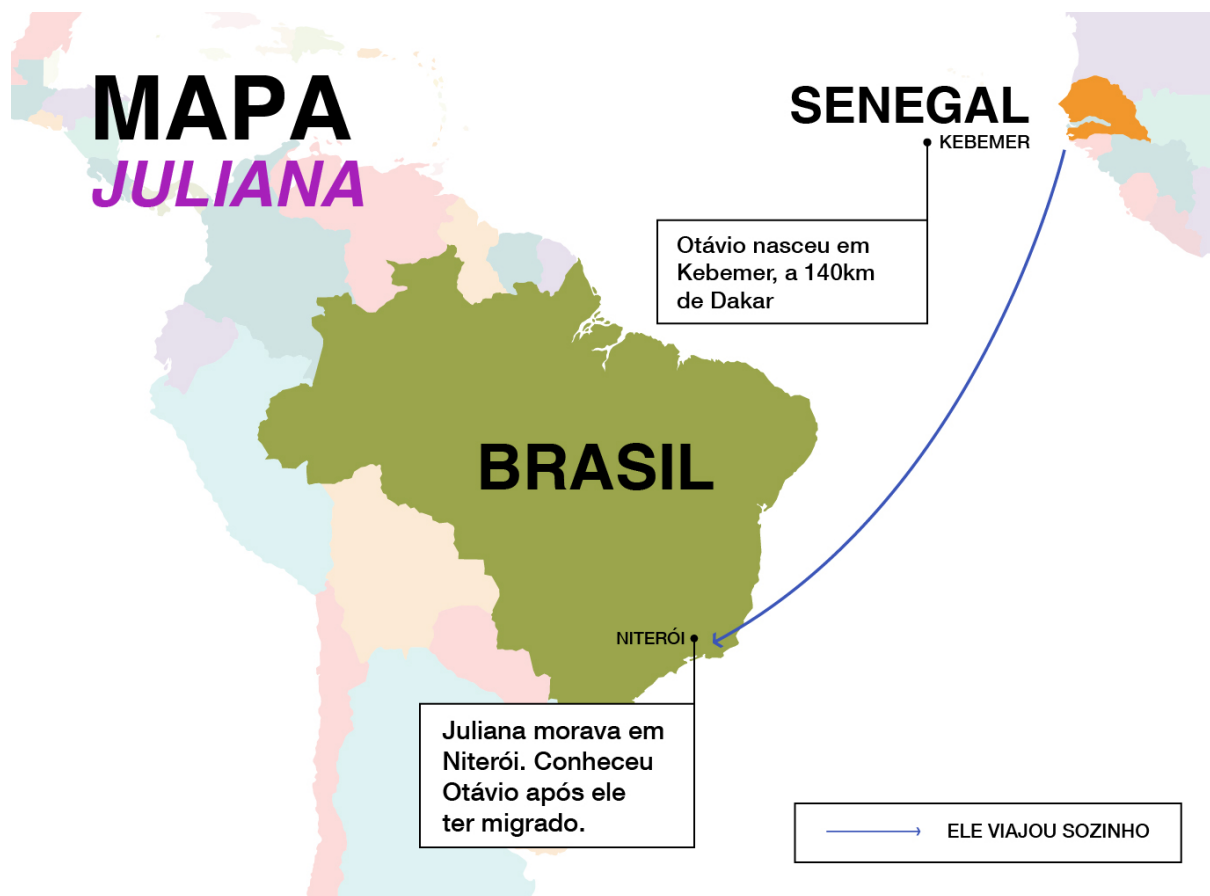


Figura 7: Mapa Juliana

Helena

Casamos mais porque precisávamos, do contrário seguia 'coltando'²⁹ [seguindo juntos, sem um compromisso sério], de adiante e de trás para frente. Ele tem uma pequena companhia de construção lá nos EUA. Ele falava: "Você pode morar no Rio e voltar".

Helena, março de 2019

Helena, 42 anos, porto-riquenha, é casada com um brasileiro. Ela conheceu o marido nos Estados Unidos, na mesma academia em que dava aulas de yoga. O marido veio morar no Brasil porque teve um problema com o visto e ela veio acompanhá-lo. Ela tem curso superior, mas atualmente é professora de yoga. No Brasil, também dava aulas em um estúdio de yoga, em Ipanema, Rio de Janeiro.

Helena disse que cresceu em Porto Rico e depois se mudou para os Estados Unidos porque tinha curiosidade de conhecer outros países. Ela contou que tem curiosidade de se conectar com outras culturas. Ela estudou na universidade para ser professora de inglês e trabalhou durante muitos anos com Recursos Humanos até receber uma proposta de trabalho nos EUA. Depois que conheceu o yoga, mudou sua profissão e abriu um estúdio na Flórida. Casou-se muito nova e teve três filhos. A sua filha mais velha tem 22 anos, o segundo, 17 anos e o mais novo, 15 anos. O seu filho menor morou com ela aqui no Brasil, mas teve muitas dificuldades com a língua. "Difícil porque não se pode comunicar de nenhum jeito. Só na escola privada alguns estudantes falavam inglês. Ele gostou porque até certo ponto ficou famoso, porque era o gringo da escola" (HELENA, março de 2019).

Eu sou maestra de yoga. Eu sou professora de yoga. E ele é jiu-jiteiro e ele tem diferente, mas em comum a prática dele e minha no mesmo lugar. Falamos. Ele não falava bem inglês e eu não falava nada de português. Foi engraçado, pois a gente não podia comunicar-se bem (HELENA, março de 2019).

²⁹ No dicionário em espanhol a palavra 'coltando' significa cortar, mas na frase é usada como uma gíria, e está no sentido de continuar "a vida de um lugar para outro", sem um compromisso. Permanecem as formas linguísticas e erros da entrevista.

Conforme o trecho acima de Helena, eles se conheceram na academia, nos Estados Unidos, onde ambos moravam. Ela disse que ele, como namorado, ia e voltava, ele havia pedido uma extensão de visto para ficar mais tempo. “Ele era meu namorado e você sabe que para poder ficar sem ter que ir e vir, nós casamos. Continuamos trabalhando. Decidimos ir visitar ao Brasil e viemos morar no Brasil” (HELENA, março de 2019). Helena contou um pouco da sua história de vida, que cresceu em Porto Rico, estudou em uma escola americana e já pensava em mudar de país. Ela acha que a cultura latina é mais divertida do que a americana.

Porto Rico, por pertencer aos EUA, é uma cultura muito, não sei que palavra usar em português e nem em espanhol. **Eu não sei, gostosa, muito diferente da americana, assim latina.** Eu não sempre só quis mudar para os Estados Unidos. Mas sempre tive curiosidade de viajar a qualquer outro país. Agora mesmo, *por supuesto*, eu gostaria de voltar aos EUA. *Pero*, em algún momento visitar a Índia. Ficar lá por dois meses. Isso é mais uma coisa relacionada ao yoga (HELENA, março de 2019, grifo nosso).

Fui *na* Universidade para ser maestra de inglês. Eu casei muito nova. Não gostei. Uma profissão que me *gustava* era a de Recursos Humanos. *Esso* trabalhei por muitos anos. Fui morar nos EUA porque tive uma oferta de emprego, em RH. Logo, por talvez, 10 ou 15 anos, eu me apaixonei pelo yoga. Eu me divorciei. Tudo muda quando você se apaixona por algo. *La forma de viver la vida*, de comer, tudo mudou. Eu me apaixonei pelo yoga, ao *punto dela* loucura, porque deixei meu trabalho. E que era um trabalho que ganhava muito bem, porque trabalha para o governo, *em encontrado de* (pausa), em Flórida. Eu me apaixonei pelo yoga. E fui trabalhar como *maestra*. E não foi assim tão rápido. Eu fui trabalhar como maestra só porque gostava de dar aula, dava aula por satisfação, porque gostava. E começava a dar mais e mais aulas. E participei de um retiro. Vocês falam retiro também? De um retiro de yoga. E aí *sabes*. Foi como mudou minha vida. (HELENA, março de 2019).

Helena acredita que as mulheres brasileiras e porto-riquenhas têm as mesmas atitudes, que estão preocupadas com a aparência. Ela acredita que as mulheres brasileiras sofrem com o aspecto físico e têm um padrão muito alto para ser alcançado.

Pienso que es tudo circunstancial. E, em Porto Rico *tiene* muitas mulheres que são *igual* que aquí, no Brasil. E, que pensam que os homens es *lo chefes* da casa. Mas, en la casa, minha casa, é a minha mãe que mandava. E minha avó mandava. Mas quando falo em mandar ambos mandam. E meu pai mandava (interrupção). Você sabe a pessoa que tem mais medo? Então, essa pessoa que manda, quem disse assim não? A última palavra. A mulher tem a *mala reputación* de ser assim (risos) (HELENA, março de 2019).

Helena disse que morou em Porto Rico, mas com a influência dos Estados Unidos como o ideal. Anteriormente ela trabalhou em um hotel americano. Com a função de mãe, terminou com dificuldades seus estudos na área de Recursos Humanos. Ela se mudou para os EUA com 25 anos e adaptou-se muito rapidamente. Depois veio morar no Brasil. Helena se casou aos 19 anos. Ela acredita que isso deve-se ao fator cultural, uma vez que as mulheres em Porto Rico são cobradas a terem filhos e se casarem. Ela acredita que as mulheres americanas são mais espertas porque aproveitam a vida e depois se casam e têm filhos. Elas sabem separar os dois mundos. “Geralmente têm uma vida muito diferente. Elas *logram* por separar por completo essa loucura da sua realidade. Possivelmente *tiene* uma boa carreira, isso tudo muito centrado e afastado *una* coisa da outra” (HELENA, março de 2019).

Helena acredita que as mulheres brasileiras e as porto-riquenhas são muito parecidas no modo de compreender a vida. Entretanto, acredita que a mulher brasileira se preocupa muito com o aspecto físico.

Então, como mãe não gostaria, não que fique feia, mas sendo mãe, como você vai educar uma filha aqui, enquanto o resto do mundo grita pelo oposto, os homens também? A mulher tem um *standard* [padrão] muito alto para alcançar em comparação com a mulher porto-riquenha. Acho que toda a mulher gosta de se ver sempre linda, com maquiagem, *make up*, pelo lindo, *arrumadita*³⁰ [arrumadas], com cheiro porque la *porita* [mistura, mestiça], *porque sou porto-riquenha, e es a personalidade de ser la chefe de la casa* (HELENA, março de 2019).

Helena disse que tem a mentalidade um pouco diferente porque é professora de yoga e acredita que tudo é provisório. Ela descreveu como foi o pedido de casamento, que não aceitou de imediato. “Ele me pediu, mas eu não aceitei de imediato, porque eu havia prometido de não mais casar (risos). Ah! não tenho uma boa foto. *Non hai* uma boa foto” (HELENA, março de 2019). Helena foi muito simpática e comunicativa. Não conseguimos continuar a entrevista porque ela tinha outro compromisso, mas mandou fotos para publicação em um trabalho. Os dois retornaram à Flórida. Permanecemos em contato por meio das redes sociais.

³⁰ É uma gíria que significa “arregladitas”, ou seja, arrumadas. Ela mistura os dois idiomas e faz uma crítica sobre as mulheres brasileiras serem muito arrumadas.

Segue mapa com os percursos migratórios de Helena e o marido:



Figura 8: Mapa Helena

2. AMORES, MOBILIDADES E TICS

Os encontros *online* têm acontecido mais frequentemente devido aos aplicativos de relacionamento. As redes sociais afetam o movimento migratório. Diferentes estudos apontam que os indivíduos migram por amor, reunificação familiar e união entre conhecidos. As decisões que envolvem a mobilidade humana estão relacionadas aos vínculos com amigos, conhecidos e/ou namoros.

No presente estudo buscamos o entendimento sobre as relações microsociais, como por exemplo, a migração por amor. Nesta seção, abordaremos a feminilização das migrações, migrações afetivas e o processo anterior ao casamento, o amor a distância. A manutenção do relacionamento a distância, que é o impulsionador da migração afetiva, torna-se possível com os meios de comunicação e transporte, entre outros.

3.1 Migrações e TICs

Os relacionamentos amorosos estão se modificando com as tecnologias digitais e a globalização, transformando a intimidade e a sexualidade. A migração³¹ e a mobilidade geográfica permitem que encontros aconteçam mais frequentemente entre diversas nacionalidades e diferentes referenciais sociais, culturais e linguísticos. Os celulares, a internet e os voos mais baratos facilitaram a manutenção dos relacionamentos a distância.

De acordo com os sociólogos Anthony Elliot e John Urry (2010), o Skype, o WhatsApp e outros meios de comunicação propiciaram novas formas de intimidade mais flexíveis, móveis e em transformação. As relações afetivas, que historicamente eram mediadas por parentes e amigos, passam a não ser mais. Anteriormente, os vínculos eram estabelecidos pela Igreja, família, escola, amizade e territórios.

Os encontros *online* têm aumentado consideravelmente. Nos Estados Unidos, as pesquisas da Universidade de Stanford apontam que o número de casais que se constituíram entre 2009 e 2017, a partir das plataformas virtuais de encontros

³¹ Estamos nos referindo, especificamente, à migração motivada por amor.

amorosos heteronormativos, chegou a 40%. Em 2017, de acordo com o mesmo estudo da universidade, o número de relações homoafetivas que se formaram pelos sites de relacionamento chegou a 65% (HCMST, 2017; ROSENFELD; THOMAS; HAUSEN, 2018).

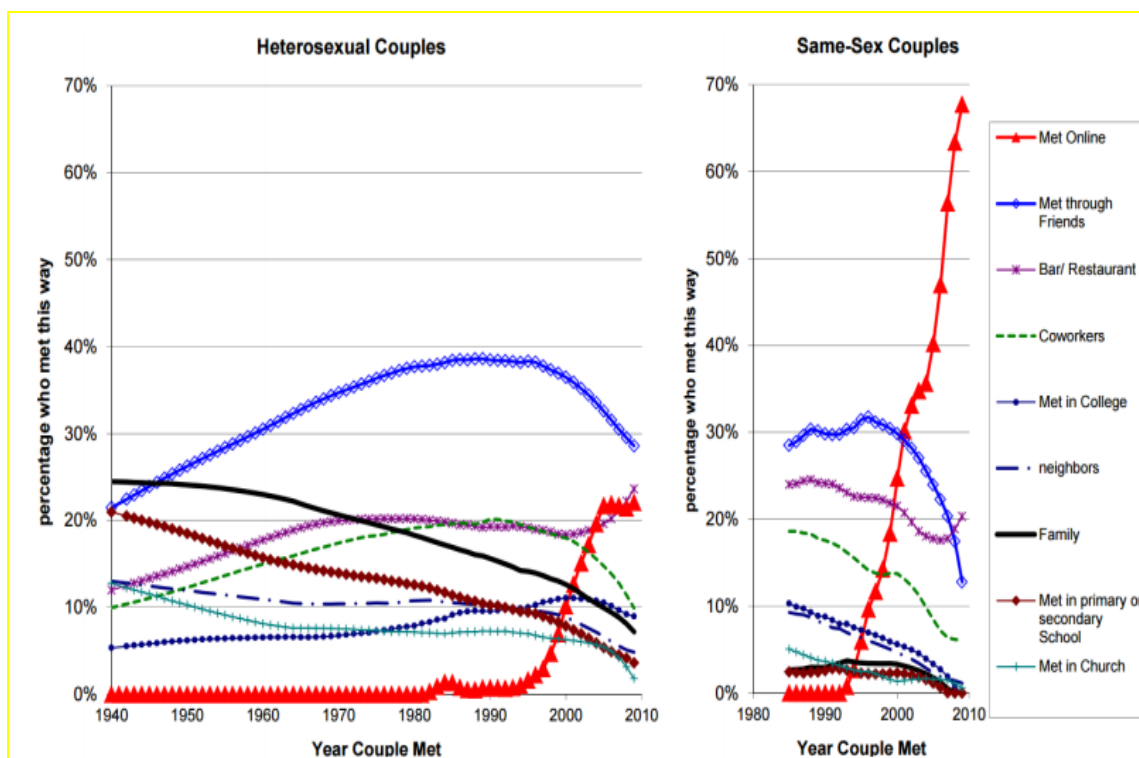


Figura 9: Comparações dos encontros *online* e outros meios tradicionais.

No ano de 2000, ocorreu uma mudança nas relações afetivas devido ao surgimento do aplicativo Match.com. Em 2014, com a popularização do Tinder, houve maior integração social. De acordo com dados divulgados pelo Messenger Match³² em 2019, o Brasil lidera em número de usuários em aplicativos de relacionamento, seguido por Estados Unidos, Portugal e Índia. Os brasileiros estão acima da média mundial de tempo gasto por dia no *app* e na quantidade de “*matches*”³³ ou “*likes*”.

O aplicativo Bumble, no Brasil, apresenta um novo tipo de interação, somente as mulheres podem puxar conversa, diferentemente de outros aplicativos. O advento do aplicativo deve ser para conter o assédio às mulheres. Uma das plataformas mais

³² Messenger Match. Disponível em: messegermatchbot.com. Acesso em: 10 out. 2019.

³³ Dar *matches* ou *likes* significa que o(a) usuário(a) gostou de alguém no aplicativo. Posteriormente é desenvolvida uma conversa dentro do mesmo aplicativo ou outros meios de comunicação.

populares é o Badoo, a terceira rede social mais acessada do país, ficando atrás somente do Facebook e do Youtube, segundo a pesquisa da Experian Marketing Service. O aplicativo *românticobrazil.com* também é um site desenvolvido para mulheres brasileiras à procura de parceiros de outros países.

As redes sociais, o Skype e o WhatsApp possibilitam a manutenção de namoros ou relacionamentos a distância. A *web* é usada para organizar as relações sociais, principalmente, em uma perspectiva transnacional, conforme definem Camila Escudero e Mohammed ElHajji (2015). A mobilidade física na contemporaneidade, além de facilitada, também apresenta uma “mobilidade virtual” que “está em movimento mesmo se fisicamente parada” (BAUMAN, 1999, p. 85 *apud* HAESBAERT, 2004, s/p). Por outro lado, a mobilidade geográfica proporciona a manutenção das conexões físicas e informacionais combinadas com a multiterritorialidade³⁴.

A dimensão tecnológica apresenta alcance instantâneo, de acordo com o geógrafo Rogério Haesbaert (2004), em consonância com Pierre Levy (1996, 1999), e a velocidade da internet e dos meios de comunicação é inovadora para os relacionamentos a distância. Daniel Miller e Mirca Madianou (2012) acreditam que a principal mudança da contemporaneidade foi a ressocialização da mídia.

As sociabilidades das polímídias evidenciam que indivíduos utilizam o meio para superar limitações interpessoais, falta de tempo e tensões do relacionamento. Os aplicativos de paqueras auxiliam o encontro do parceiro para o sexo, beijo ou namoro. Até o momento em que um dos parceiros decide migrar para outro país e o relacionamento sai do “mundo virtual”.

As trocas de “mensagens virtuais” podem ser consideradas como uma importante mudança. A comunicação é instantânea, atuando sobre diferentes níveis em territórios distintos. O “novo aparato tecnológico-informacional à nossa disposição, de uma multiterritorialidade não apenas por deslocamento físico como também por

³⁴ “Esta flexibilidade territorial do mundo “pós-moderno”, embora não seja uma marca universalmente difundida (longe disso), permite que alguns grupos, em geral os mais privilegiados, usufruam de uma multiplicidade inédita de territórios, seja no sentido da sua sobreposição num mesmo local, seja da sua conexão em rede por vários pontos do mundo. Aqui podemos lembrar a multiterritorialidade mais funcional da organização terrorista Al Qaeda, analisada em trabalho anterior (HAESBAERT, 2002), e a multiterritorialidade funcional e simbólica da elite ou da ‘burguesia’ globalizada” (HAESBAERT, 2004, s/p).

“conectividade virtual”, a capacidade de interagirmos à distância, influenciando e, de alguma forma, integrando outros territórios” (HAESBAERT, 2004, s/p).

Os deslocamentos físicos, sociais e culturais são atravessados pelos processos subjetivos. Para Mohammed ElHajji e Camila Escudero (2015), as multiplicidades estão mergulhadas no sensível e inteligível da realidade, que, por meio de narrativas, os migrantes ressignificam suas experiências materiais e simbólicas no país de destino. No texto *Migraciones transnacionales y medios de comunicación*, Denise Cogo, Maria Gutiérrez e Amparo Huertas (2008) observam, por meio de relatos de residentes em Porto Alegre e Barcelona, bem como por meio de dados estatísticos, que as decisões de migrar estão intimamente relacionadas às relações afetivas. O estudo retrata que a questão afetiva é um fator impulsionador de migrações entre um país e outro.

Os indivíduos migram em busca de um amor, reunificação familiar, união entre amigos ou entre indivíduos do mesmo país de origem. De acordo com Cogo, Gutiérrez e Huertas (2008), as noções de redes sociais e os processos transnacionais estão relacionadas, auxiliando na compreensão das migrações contemporâneas. No estudo das autoras, os entrevistados, sobretudo em Barcelona, expressam sua opinião sobre a tendência de vitimização do migrante nos meios de comunicação, que enfatizam a precariedade de suas condições de vida, moradia e trabalho. Assim, a mídia colabora para unificar a heterogeneidade da experiência cultural das migrações, reduzindo-a à perspectiva economicista e outras complexidades envolvidas no fenômeno migratório.

Os estudos da professora de comunicação Denise Cogo (2017) sobre os impactos das migrações transnacionais gerados pela força de trabalho sugerem que os migrantes enviam considerável volume de dinheiro aos seus países de origem³⁵. Os recursos colaboram para a manutenção de redes transnacionais de migrantes e usos das TICS para manutenção da comunicação. Cogo (2017), em consonância com Guarnizo (2004), analisa as diásporas não apenas como meramente fontes econômicas, mas também sociais. Dessa forma, circulam ideias, comportamentos, identidades e capital social entre local de origem e destino.

³⁵ Estimativas da ONU News afirmam que as remessas de dinheiro a famílias mais pobres ajudam cerca de 750 milhões de pessoas por ano. Cerca de 85 milhões de seus ganhos ficam nos países para os quais migraram por meio de impostos e gastos.

A noção de “comunidade virtual”, proposta pelos primeiros estudiosos da internet, tinha o objetivo de entender como os meios tecnológicos poderiam auxiliar a sociabilidade e as diferentes formas de interação. Manuel Castells (2003) acredita que as substituições das comunidades espaciais pelas redes foram fundamentais para a sociabilidade.

As famílias escolhem os meios de comunicação para manutenção do contato a distância. A comunicação apresenta uma dinâmica de significados e processos de múltiplas redes. O uso das TICs é moldado pela experiência migratória, assim que o migrante consegue manter o relacionamento com os familiares no país de origem. Os voos mais baratos, a internet, os celulares e os outros meios de comunicação ampliam a dimensão transnacional das migrações.

A webdiáspora (ou e-diáspora) é um termo utilizado por vários autores. Em revisão da literatura, Camila Escudero (2014) destaca que a webdiáspora, ou seja, a produção midiática na *web* por migrantes espalhados pelo mundo, está além de uma proposta bem definida. Escudero, citando Claire Scopsi (2009), usa o termo em inglês diáspora “digital” para referir-se aos imigrantes que utilizam a internet para manter conexões identitárias. As construções de identidades mediadas pelas tecnologias digitais envolvem o protagonismo do migrante, por meio do uso de sites, blogs e fóruns de discussões, na condição da experiência migratória. Ou seja, as webdiásporas são as interações e mediações que refletem o ativismo midiático de imigrantes no espaço virtual.

Os diálogos entre os coletivos de migrantes, conforme define Liliane Dutra-Brignol (2015), envolvem temáticas complexas. A procura por sites ou blogs de comunidades diaspóricas pode estar relacionada a um meio de sobrevivência no país de destino para aqueles que estão em busca de empregos ou oportunidades. Não encontrando condições melhores na luta diária por trabalho, os migrantes envolvem-se em projetos empreendedores independentes e autônomos. Peter Pál Pelbart (2011) critica o modelo de “empreendedor de si mesmo” tão defendido pela agenda neoliberal. O empreendedorismo difunde, cada vez mais, a insegurança do mundo fluido e imprevisível.

Diversas pesquisas de recepção e uso de TICs foram realizadas. Denise Cogo (2017), a partir de relatos dos entrevistados, observou as experiências de aproximação, “convivência” e “gestão afetiva” das famílias transnacionais no

acompanhamento dos filhos por meio de Skype e/ou redes sociais. A popularização e a ampliação do uso das tecnologias digitais têm relevância nas manutenções dos vínculos familiares e afetivos no país de origem. Cogo (2017) percebeu que é exigido determinado esforço para utilização da internet em cidades onde o acesso é limitado, dificultando o estabelecimento de conexões com familiares e indivíduos no país de origem. A professora de Comunicação acredita que há inquietações, principalmente para as mulheres imigrantes, que utilizam a internet para o controle “excessivo” dos filhos.

Délia Dutra (2013), afirma que as imigrantes peruanas, em Brasília, não conseguem estabelecer relações com os membros familiares, no país de origem, porque sofrem outros tipos de indagações relacionadas às pressões e aos condicionamentos que a economia do trabalho doméstico impõe às mulheres, como por exemplo, o excesso de horas extras trabalhadas. Assim, as peruanas têm tempo reduzido para as interações por meio das redes de comunicação ou tecnológicas, com filhos, familiares e/ou amigos no país de origem.

De acordo com Daniel Miller e Mirca Madianou (2012), anteriormente, nos anos 1990, as mães deixavam seus filhos no país de origem e permaneciam separados, porque não tinham como estabelecer uma comunicação. Atualmente, os avanços das tecnologias digitais contribuíram para manutenções dos laços afetivos e sociais entre as famílias transnacionais.

Temos³⁶ vários exemplos de crianças dizendo que o relacionamento com os pais só melhorou quando os pais migraram. Portanto, nosso material é rico em exemplos de ausência que exacerba o conflito com os pais e é igualmente rico em exemplos de ausência que ajuda a resolver conflitos com os pais (MILLER; MADIANOU, 2012, p. 149).

Os meios de transporte e comunicação podem ser vistos como articuladores do percurso migratório. De acordo com Denise Cogo (2017), os avanços na produção e circulação de informações são importantes para o exercício da maternidade ou paternidade. A comunicação em rede tem um papel importante para a aproximação

³⁶ *We have several examples of children saying their relationship to their parents improved only when the parents migrated. So, our material is rich in examples of absence that exacerbates conflict with parents and equally rich in examples of absence that helps resolve conflict with parents* (Tradução nossa, inglês-português).

entre culturas migrantes nas cidades de destino. Liliane Dutra Brignol (2012) afirma que as contribuições das mediações comunicacionais, na era da internet, fortalecem as conexões entre as comunidades de origem, preservando os laços familiares e amizades.

As TICs têm sido, ainda, ferramentas estratégicas na coordenação de mobilizações e demandas no contexto de redes migratórias. De acordo com Carmen Lussi e Jorge Durand (2015), os conceitos de desterritorialização e transnacionalismo podem auxiliar o entendimento da perspectiva dos fenômenos migratórios. As migrações passam a ocorrer além do deslocamento do país de origem e de destino porque é criado um fluxo que produz reterritorialização e hibridizações.

O conceito de diáspora no dicionário vem de um termo grego '*diasporá*', que é a dispersão de povos, por motivos políticos ou religiosos. No livro *Da diáspora: identidade e mediações culturais*, Stuart Hall (2018) retrata os deslocamentos dos negros caribenhos que iam para o Reino Unido. Carmen Lussi e Jorge Durand (2015) acreditam que as causas econômicas são mais utilizadas para explicar as migrações, como por exemplo, os desastres naturais ou guerras.

O imigrante constitui parte de uma dualidade no sistema capitalista, que tem necessidade de mão de obra barata, flexível e móvel, conforme define Sandro Mezzadra (2012). No entanto, por outro lado, impõe o controle ao imigrante por meio do Estado, dificultando as obtenções de vistos, legalizações, entre outros. O professor da Escola de Comunicação Mohammed ElHajji (2016) alerta sobre as relações de dualidade nas políticas discriminatórias para produção de uma desigualdade, dominação e segregação do imigrante, com intenção de uma desvalorização da sua mão de obra.

Abdelmalek Sayad (1998) afirma que o imigrante é essencialmente uma força de trabalho. A contradição da imigração reflete sobre o estado provisório do imigrante. A comunidade local, muitas vezes, reafirma sua "condição de provisóriedade", reagindo com hostilidade.

É, por fim, a sociedade de imigração que, embora tenha definido para o trabalhador imigrante um estatuto que o instala na provisóriedade enquanto estrangeiro (de direito, mesmo se não o é sempre, ou, se o é pouco, de fato) e que, assim, nega-lhe todo o direito a uma presença reconhecida como permanente, ou seja, que exista de outra forma que não na modalidade do provisório contínuo e de outra forma que não na modalidade de uma presença apenas tolerada (por mais antiga que seja essa tolerância), consente em

tratá-lo, ao menos enquanto encontra nisso algum interesse, como se esse provisório pudesse ser definitivo ou pudesse se prolongar de maneira indeterminada (SAYAD, 1998, p. 46).

Na cidade de Chicago, Robert Elzra Park (1971) preocupa-se com a inserção do homem negro na sociedade norte-americana, classificando-o como “homem marginal. A estranheza pode não levar a uma identificação fraternal, mas à discriminação, de acordo com Julia Kristeva (1994). A filósofa afirma que existe um conflito entre o desejo e a vontade de discriminação entre o estrangeiro e o local. “Pelo menos, sou também – singular e portanto devo amá-lo’, diz para si o observador; ‘não, prefiro a minha própria singularidade e, portanto, devo matá-lo’, pode ele concluir” (KRISTEVA, 1994, p. 11).

Alfred Schutz (2010) acredita que, ao se aproximar do grupo, o estrangeiro ainda continua separado pelo seu passado, excluído das suas experiências e vivências anteriores. O estrangeiro acredita que as suas descobertas são diferentes e, portanto, também terá um deslocamento do referencial cultural de seu país de origem. As receitas culinárias da infância, por exemplo, representam um padrão cultural tanto de “esquemas de interpretação” tanto quanto de expressão (SHUTZ, 2010, p. 125). O estrangeiro nem sempre terá a garantia de sucesso, mas poderá construir uma imagem no grupo aproximado, com suas receitas de culinária que não “devem” ser necessariamente compreendidas

Helena, porto-riquenha casada com brasileiro, acredita que conhecer a cultura brasileira é uma oportunidade para conhecer o marido. Ela disse que no Brasil assistir à manifestação cultural do futebol brasileiro para o estrangeiro é como usar “óculos novos”.

Para mim estar aqui *es una* oportunidad enorme de aprender e de conhecer mais a ele, que por mais que ele me explicava...para mim tem sido uma experiência como digo em aula *super cool*. *Pode non ser, mas sentir essa pasión e orgullo coletivo da nación brasileira en la Copa*. Já vocês estão *acostumbrados* [acostumados], mas para uma pessoa com “óculos novos”, como o estrangeiro. É, como eu ver, geralmente, as pessoas não veem, porque esse amor e esse orgulho as pessoas não veem. E é lindo, outros países não têm isso. Porto Rico tem (HELENA, março de 2019, grifo nosso).

Para Schutz, a adaptação ao país de destino pode, no início, “ser ou parecer” estranha, mas será um processo contínuo de interpretação, com multidimensões de categorias relacionadas à classe, ao gênero, à raça e à geração.

Elisa, casada com brasileiro, afirma sobre ser uma mulher branca, imigrante estadunidense e sobre os privilégios da branquitude. E acredita que se tivesse outra nacionalidade o tratamento poderia ser diferenciado, porque segundo ela os brasileiros adoram americanos brancos.

E³⁷: Sim, a segurança no Brasil. É como se eu me sentisse poderosa como **uma mulher branca, branca americana, porque quando vamos à loja e os seguranças estão nos seguindo, eu seguro sua mão e falo em inglês e eles param de nos seguir**. Então, acho que se eu fosse de uma nacionalidade diferente, talvez me sentisse diferente, mas acho que **os brasileiros amam os americanos e eles amam os brancos** (ELISA, março de 2019, grifo nosso).

O sociólogo Zygmunt Bauman, no livro *O mal-estar da pós-modernidade*, diferencia os turistas e os vagabundos. Os turistas são viajantes que podem ir para todos os lugares. Já os vagabundos são os “turistas involuntários” (BAUMAN, 1998, p. 117), que viajam pois não têm outras escolhas. Considerando o estudo em questão, nos referimos metaforicamente aos vagabundos, que são os estrangeiros que saem à procura de melhores ‘condições de vida’.

Os migrantes preenchem funções que não foram ocupadas ou vagas ociosas no país de destino, por serem funções mal remuneradas ou pouco procuradas. Os migrantes, ao tentar se inserirem no novo país, podem sofrer também xenofobia e discriminação pelo desemprego, que são frequentes, principalmente no Brasil. Lívia, bósnia casada com brasileiro, acredita que os principais motivos de deslocamentos no mundo são por melhores situações econômicas. Ela afirma que poderia viver em outros países, como por exemplo a Austrália e os Estados Unidos.

Catarina: Você acredita que um dos principais motivos de deslocamento do mundo é em função do amor?

L: Eu acredito não, acredito não, mas falaria que não em função de amor, por melhores condições econômicas, de vida, melhor situação econômica (LÍVIA, março de 2019).

³⁷ E: Yes, the security in Brazil. It's like I feel powerful as a white woman, white American woman, because when we go to the store and the securities is following us I hold his hand and I speak in English and they stop following us. So, I think that if I was from a different nationality maybe I would feel differently but I think Brazilians love Americans and they love white people. (Tradução nossa, inglês-português).

O mundo desterritorializado em que pessoas se movem promove, definido por Arjun Appadurai (2004), uma maneira de refletir sobre o novo papel da “imaginação da vida social”. As migrações e os meios de comunicação têm um papel inédito no imaginário coletivo, pois os meios de comunicação aumentam informações, construindo um imaginário social. A pesquisa divulgada pelo Instituto de Pesquisa Ipsos³⁸ (2018) concluiu que os brasileiros têm uma perspectiva equivocada sobre o número de imigrantes no país. O palpite dos entrevistados é que 30% da população é formada por imigrantes. Entretanto o número é de 0,4%. A percepção é sentida como um problema maior do que aquilo que é. Os dados em relação ao palpite médio global sobre o número de imigrantes apresentam um histórico equivocado não somente no Brasil, mas em outros países. Segundo os dados do Ipsos, a população de imigrantes e refugiados no mundo corresponde a 28% no imaginário, mas na realidade o número real é de 12%.

Camila Escudero (2017), na tese de doutorado *Comunidades em festa: a construção e expressão das identidades sociais e culturais do imigrante nas celebrações das origens*, retoma o conceito de “dupla ausência” desenvolvido por Sayad para reinterpretar a realidade como “dupla presença”, as marcas dos registros comunicacionais na vida social, política e subjetiva (no país de origem e destino). A mobilidade humana produz, no estrangeiro, o processo de dupla ausência (SAYAD, 1998), no sentido da ordem subjetiva, como também afetiva. O medo e o esquecimento da memória do lugar de origem dificultam o processo de adaptação no país de destino.

Nos processos migratórios torna-se importante considerar as redes migrantes (origem e destino) ou até mesmo outras redes familiares, amigos, conhecidos ou interesses. As redes sociais são consideradas como uma extensão das amizades, relações de parentesco ou de pertencimento por interesses ou necessidades, definindo como um “capital social” (LUSSI; DURAND, 2015). O “capital social” influencia o fenômeno migratório, favorecendo o acesso ao país de destino, às informações e aos recursos para o êxito no processo migratório.

³⁸ Brasileiro superestima em 75 vezes o número de imigrantes no país, diz pesquisa. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/12/brasileiro-superestima-em-75-vezes-o-numero-de-imigrantes-no-pais-diz-pesquisa.shtml>. Acesso em: 6 ago. 2019.

As redes sociais são fatores determinantes do contínuo fluxo migratório (DANTAS, 2015), pois as pessoas migram para o local onde têm amigos ou conhecidos. As comunidades migrantes catalisam esses indivíduos como uma nova “oportunidade de vida”. Essas comunidades têm, muitas vezes, mercados específicos, restaurantes com comidas típicas, jornais locais, cabeleireiros, entre outros, construindo as redes ou pontes de apoio para receber outros imigrantes. A integração e assimilação dos imigrantes, nos Estados Unidos, ganharam, com os estudos sociológicos propostos pela Escola de Chicago, conceitos usados para compreensão dos deslocamentos populacionais.

Estudos sobre a migração adotam a teoria da assimilação para analisar os processos de inserção na sociedade de destino e, assim, as transformações decorridas desse processo. O conceito de assimilação modificou-se. Estudiosos definem essa categoria por diferentes formas, como: incorporação, inserção, multiculturalismo e interculturalidade. Entretanto, Lussi e Durand (2015), citando Ewa Morawaska (2009), sugerem que o termo assimilação e/ou integração continue sendo usado.

A importância da perspectiva transnacional afeta a vida de milhares de pessoas com implicações sociais, políticas, culturais, assim como o bem-estar individual dos imigrantes. As redes sociais são provedoras de apoio emocional, cognitivo e conselhos para resoluções de problemas. Além disso, são importantes meios para estabelecer novos contatos e acesso ao mercado de trabalho, conforme define Dantas (2015). “Mas hoje em dia, as margens (os *marginatti*), as novas formas de subjetividade, também podem se afirmar em sua vocação de gerir a sociedade, de inventar uma nova ordem social” (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 283), com valores menos competitivos. As minorias expressam-se por “devires do desejo”.

Os coletivos de imigrantes ou redes sociais podem ajudar no estabelecimento de uma “nova vida” no país de destino, diminuindo o estresse, trauma e/ou mal-estar enfrentados por pessoas em situações de deslocamentos forçados, violação de direitos etc. O sofrimento, quando ancorado no coletivo, por meio do acolhimento social, auxilia na superação de traumas, unindo-se aos sentimentos de segurança e confiança.

As lutas, tensões e violência entre fronteiras atravessam os migrantes subjetivamente e fisicamente. Mas é necessário considerar a importância das redes

familiares e comunitárias para a integração na sociedade de acolhimento. Sandro Mezzadra (2012) afirma que a necessidade da organização comunitária no local do destino é um importante suplemento para o vínculo social.

Lívia, bósnia casada com brasileiro, afirma que no Brasil não existe uma comunidade bósnia, mas sérvia. Ela acredita que o fato de não existir uma embaixada da Bósnia, na América do Sul, é um fator de impedimento para o processo migratório.

C: Você faz parte de alguma comunidade do seu país?

L: Eu não faço parte porque aqui não existe uma comunidade bósnia, mas existe uma comunidade sérvia. Muitos sérvios que migraram da Sérvia têm uma comunidade em São Paulo (ah). Eu não tenho a necessidade. Outra coisa, a Bósnia não possui embaixada no território da América do Sul. Só por isso eu acredito que não tem tantos imigrantes da minha terra, mas falando que tem países vizinhos, que eram os mesmos países, mas que eu não tenho absolutamente contato (LÍVIA, março de 2019).

No entanto, Elisa, estadunidense, faz parte de uma comunidade em Curitiba e diz que todos os seus amigos são estrangeiros de diferentes países. “Sim, quase **todos os meus amigos são estrangeiros da Síria, Holanda, Colômbia, Bolívia, Itália (risos)**. Tem uma comunidade aqui em Curitiba bem grande para estrangeiros. Eu prefiro fazer amizades com eles” (ELISA, março de 2019, grifo nosso).

A perspectiva adotada por Morawaska (2009) conclui que as atividades migratórias transformam as comunidades de acolhimento, como também várias negociações são feitas pelos “diferentes *backgrounds* dos imigrantes e suas situações em constante de mudança” (LUSSI; DURAND, 2015, p. 115). Os migrantes produzem muitas subjetividades, tensões e conflitos que são modulados por classe, gênero e raça.

As mulheres estão cada vez mais se deslocando no mundo, rompendo com padrões socioculturais e familiares que impediam a realização pessoal (DANTAS, 2009). Embora a migração feminina contemporânea tenda a reduzir as condições de subordinação de classe e gênero, mulheres migrantes ainda estão ocupando posições no setor doméstico, como cuidadora de idosos e trabalho sexual. A migração provoca uma desorganização e reorganização posterior. Os laços sociais e a solidariedade são importantes para a integração no local de chegada. As mulheres que deixaram suas profissões no país de origem, podem sofrer com sintomas depressivos ou dificuldades para inserção no mercado de trabalho.

3.2 Mulheres migrantes

*Marsene correu nas ruas cheias de gente.
Subiu num barco e navegou no meio das
ondas. Entrou num avião e viu as nuvens de
perto. Viajou bastante até chegar ao Brasil.*

Fernanda Paraguassu

O livro *A menina que abraça o vento*, de Fernanda Paraguassu, narra a história de uma mulher, mãe, que saiu da República Democrática do Congo devido aos problemas econômicos e políticos em busca de “melhores” condições para si e para os filhos. É a história de uma entre tantas mulheres que migraram com seus filhos para outros países por situações de guerras, violações de direito, entre outros.

A interlocutora, Lívia, relatou que em sua infância viveu uma situação parecida com a história de Marsene, no livro da autora Paraguassu (2017). A mãe, a irmã e ela foram morar na Croácia, quando a capital da Bósnia, Sarajevo, foi bombardeada pela Iugoslávia. A mãe fugiu com as duas filhas devido à guerra. Lívia passou a sua infância e início da adolescência fugindo. Somente após o fim da guerra, com o acordo de Dayton, em 1995, ela conseguiu reencontrar o seu pai, que ficou em Sarajevo.

Eu sou de Sarajevo, capital da Bósnia. Eu fui a mais prejudicada. Então, com nove anos, eu virei refugiada. É quando eu, com minha mãe e minha irmã tivemos que sair do nosso apartamento porque foi ocupado pelo inimigo, pelos sérvios, pelo exército da Sérvia, que atacou a Bósnia. A gente foi para a Croácia, a gente ficou lá cinco meses. E a gente voltou para a Bósnia, mas uma cidade que fica na parte central. Ficamos lá dois anos, conseguindo só retornar novamente para a nossa cidade em 1994. O meu pai achou que a guerra iria acabar muito rápido, o que não aconteceu porque a guerra acabou só com a assinatura de acordo de Dayton, em 1995. E com esse documento a guerra acabou. A gente só conseguiu retornar ao nosso apartamento em 1996. Você consegue ver que, dos 8 até 13 anos, a minha vida foi marcada pela guerra. E pelo fato de que a gente era refugiada (LÍVIA, março de 2019).

Com a intensificação dos movimentos migratórios no século XX e a globalização, um número cada vez maior de pessoas passou a se locomover de um país a outro. É possível constatar que as mulheres, de um modo geral, deslocavam-se acompanhadas por homens. Atualmente, as mulheres não são mais aquelas que aguardam os pais e maridos, mas que partem sozinhas ou em companhia de outras

mulheres, indo para outros destinos, e configuram o que é definido como Feminização ou Feminilização (YANNOULAS, 2011, p. 273)³⁹ da migração.

O termo “feminização” tem sido usado para marcar a presença feminina nos fluxos imigratórios e significa ação ou efeito de feminizar, ou seja, atribuir gênero ou caráter a algo ou alguém. A cientista política Mirjana Morokvasic, no texto “*Os pássaros de passagem também são mulheres*”⁴⁰ (1984), retrata que a participação das mulheres nas migrações internacionais foi durante muito tempo negligenciada por pesquisadores e formuladores de políticas públicas.

A filósofa Gláucia de Oliveira Assis (2007) afirma que estudos comprovam que a imigração das mulheres começou a ser contabilizada, no Brasil, a partir da década de 1990. “Em geral, essas mulheres inserem-se no setor de serviços domésticos e utilizam-se de redes sociais informais, os chamadas enclaves étnicos de imigrantes, trabalhando como donas-de-casa ou empregadas domésticas” (ASSIS, 2007, 746).

As mulheres migrantes são pressionadas com o acúmulo das tarefas domésticas e o cuidado com os filhos. Além disso, encontram dificuldades para ingressar no mercado de trabalho local pela barreira da língua; pela pouca ou nenhuma política pública de acolhimento e amparo; pela falta de creches; por questões legais quanto à documentação e regularização da condição de imigrante; e, assim como as brasileiras, recebem os menores salários.

Segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) do IBGE, as crianças de 0 a 3 anos que pertencem ao grupo com renda familiar mais baixa do país têm um índice de 33,9% de crianças fora das creches, pois não existe vaga ou creche perto do local onde vivem. Os dados demonstram que as imigrantes e brasileiras não têm acesso às creches. A realidade não é tão positiva para as mulheres que, atualmente, têm o maior nível de desemprego do Brasil. O desemprego atinge 6% da população feminina comparado a 5,2% dos homens. A falta de emprego é um problema para a mulher brasileira e essa realidade pode ser mais acentuada em relação à mulher imigrante.

³⁹ De acordo com a autora, a feminização se refere ao peso qualitativo para mensurar o aumento do gênero feminino nas profissões, que são originárias do termo Feminização, que mensurava os termos quantitativos vinculados à concepção de gênero.

⁴⁰ “*The bird of passage are also women*” (Tradução nossa, inglês-português).

De acordo com Sandro Mezzadra (2012), a feminização da migração restabelece a ordem patriarcal anterior aos movimentos feministas. As imigrantes ocupam uma posição de subalternidade, nos trabalhos domésticos, enquanto as mulheres europeias “emancipadas” estão exercendo outras funções no mercado de trabalho. A discussão sobre as imigrantes trabalhadoras pode reproduzir as condições de gênero e classe.

Pedro Bocayuva (2013), em consonância com Mezzadra (2012), afirma que há uma produção social do espaço global, criticando a necessidade do sistema capitalista de produzir nos movimentos migratórios situações “sobre-humanas de exceção e de excesso” (BOCAYUVA, 2013, p. 47). No mercado de trabalho, as imigrantes, geralmente, fazem serviços domésticos, de cuidadoras de idosos, crianças ou no mercado sexual. Entretanto, vale lembrar que algumas mulheres imigrantes saem à procura de melhores condições de vida e, muitas vezes, deixam os filhos no país de origem.

A divisão da imigração Sul-Norte é considerada uma divisão que aborda as discussões econômicas, como o PIB e a renda per capita. A migração feminina no Brasil é marcada na direção Sul-Norte, com as cadeias de cuidado. A mulher imigrante cumpre os papéis sociais que a mulher europeia e/ou americana não pode cumprir. As mulheres do Sul vão para os países do Norte à procura de trabalho. Nos países desenvolvidos existe uma necessidade de mão de obra feminina nos cuidados de idosos e trabalhos domésticos, que será preenchida pelas imigrantes.

Saskia Sassen (2004) acredita que devemos refletir sobre a relação da migração feminina com o tráfico de pessoas, mas também com as relações de trabalho. As migrantes passam a ocupar importante contribuição nas funções, principalmente domésticas, na Europa. As pesquisas problematizam as mulheres latino-americanas que migram dos países do Sul para o Norte, como forma de “organização social, de produção e de relações de poder”, conforme define Denise Cogo (2017).

A antropóloga Adriana Piscitelli (2010) retrata que a imigração feminina é marcada pelo desempenho de funções precárias e frágeis, tais como: empregadas domésticas, enfermeiras, babás, cuidadoras de idosos e prostitutas. Percebemos que é extremamente importante que indivíduos exerçam esses papéis “nos circuitos globais de sobrevivência” (SASSEN, 2004 *apud* PISCITELLI, 2010, p. 15). As

múltiplas discriminações que sofrem as mulheres imigrantes podem ainda representar uma triplicidade referente à etnia, classe e gênero.

A inserção de mulheres na economia do cuidado nos países de destino é uma análise documentada desde as feministas analíticas como parte de um processo de globalização e privatização da reprodução social (YOUNGY *et all*, 2003 *apud* HERRERA, 2012). As mulheres são vítimas das situações de gênero, exploração sexual, prostituição. Ainda sofrem para conciliar a família e o trabalho, exercer a maternidade e serviços públicos de forma mais ampliada.

Segundo Carmen Gil Gregório (2013), as relações de poder produzem as diferenças entre gênero, classe, estrangeiridade, etnicidade e sexualidade que levam a considerar a mulher imigrante em uma posição de “subalternidade”. As migrantes vítimas do tráfico de pessoas apresentam uma condição de fragilidade. De acordo com Mirjana Morokvasic (1984), as mulheres não migram somente por razões econômicas, mas também por rompimento com as sociedades discriminatórias e conseguem uma emancipação, fugindo de situações de subalternidade. Algumas mulheres são pioneiras nas famílias de origem, quebrando os conceitos estabelecidos que as mulheres esperam por homens ou são dependentes deles. A experiência migratória feminina passar a ter uma problematização sobre as relações entre os membros da família (COGO, 2017).

Gregório (2013) acredita que as migrações internacionais constituem um direito social, que impactam estruturas econômicas, sociais e políticas nos níveis global e local. O estudo da socióloga Gioconda Herrera (2012) sobre as latino-americanas, principalmente do Equador, retrata que as migrações vão além dos fatores econômicos e têm outras explicações como conflitos familiares, violência doméstica, discriminação étnica, orientação sexual, entre outros.

Os deslocamentos são responsáveis pelo surgimento de novas formas de interagir socialmente e culturalmente. A socióloga Elaine Acosta González (2013) apresenta um estudo sobre a “fuga do cuidado” em direção ao Sul-Sul e Norte-Sul, descrevendo sobre o modelo da força de trabalho feminino e flexível, realizado por mulheres imigrantes, indígenas e afrodescendentes. González (2013) retrata que o fenômeno de feminilização, tanto dos fluxos migratórios Sul-Norte como Sul-Sul, não se produz somente devido aos problemas econômicos na sociedade de origem, mas

como uma forma das mulheres imigrantes se inserirem no mercado de trabalho nos países desenvolvidos.

O processo de inserção da maioria de mulheres imigrantes nas oportunidades de trabalho pode ser definido como a “crise do cuidado”. A Espanha e o Chile importam mão de obra de imigrantes, especialmente de mulheres para completar essa função. A inserção da mulher ocorre por segmentação, que é muito similar em diferentes países. As mulheres imigrantes ocupam os trabalhos com menos prestígio social. No Chile (migração Sul-Sul), tanto quanto na Espanha (migração Norte-Sul), as imigrantes ocupam posições de subordinação no mercado de trabalho. Os países desenvolvidos importam mão de obra mais barata de países em desenvolvimento ou com problemas como crise humanitárias, violação de direitos, entre outros.

Aline Santos e Rosa Rossini (2018) acreditam que a presença feminina ocorre mais frequentemente no fenômeno Sul-Norte. Geralmente, o trabalho das mulheres migrantes está no nível do definido como “cadeias globais de cuidado”, com o processo de entrada de mulheres no mercado de trabalho doméstico e prestação de serviços como cuidado com crianças e idosos. As observações sobre a participação das mulheres e homens nas migrações podem dar pistas de como são mantidos os discursos sobre o Sul e o Norte global. Existe uma hierarquia socioespacial na divisão do trabalho entre nacionais e imigrantes. O processo migratório é influenciado pelas redes sociais, que auxiliam o fluxo, contribuindo também para a divisão do trabalho e no território de destino. Os fluxos migratórios extrapolam as fronteiras globais porque estão relacionados com a economia global.

Teresa Kleber Lisboa (2007), em consonância com Sassen (2004), retrata a migração como “contra geografia da globalização”. Muitas vezes, o fluxo migratório impõe situações da dinâmica de invisibilidade de gênero. Além disso, existem agências que enganam e traficam mulheres por sexo ganhando milhões. Algumas teorias negligenciam o fluxo de mulheres que entraram no mercado de trabalho, conforme define Lisboa (2007). As mulheres que saem do seu país de origem estão em busca de melhores condições de vida, lutando muitas vezes contra estruturas de dominação, também como outras formas de opressão, dominação e subordinação. A perspectiva de gênero reflete na imigração: de acordo com os dados da ONU, 70% de pessoas que vivem em estado de pobreza no mundo são mulheres.

De acordo com a assistente social Lisboa (2007), alguns estudos sobre imigração têm negligenciado que muitas mulheres pobres não têm direito à herança, às propriedades no campo, são obrigadas a se casar, mesmo menores de idade. Muitas fogem ou se separam, deixam o companheiro e têm a oportunidade de recomeçar em um outro país. As mulheres que decidem migrar deveriam ter alternativas nos países de origem ou destino voltados para inserção de trabalho e políticas sociais em diferentes âmbitos.

A desigualdade entre homens e mulheres continua a existir porque as mulheres não têm o mesmo tipo de oportunidade de trabalho e igualdade salarial. Deve-se estar atento aos fenômenos migratórios de mulheres em relação ao papel exercido aos cuidados, para incentivar a luta por igualdade de gênero e políticas públicas para emancipação das mulheres, tirando-as da condição de servidão.

Lívia, bósnia casada com brasileiro, relata as dificuldades de “ser mulher e imigrante”. O marido acredita que o nome diferenciado da interlocutora reafirma a sua condição de mulher imigrante. E que isso pode dificultar no momento de aplicar para uma vaga de trabalho. E mesmo que de fato as escolhas migratórias tenham sido por diferentes razões, a mulher migrante terá um “estigma maior para se integrar na sociedade”, mesmo porque desconhece os códigos e pessoas no mercado de trabalho local.

C: Você vê uma dificuldade dupla em ser imigrante e mulher?

L: Eu vejo como esse é meu problema, porque eu não vivi aqui, eu não morei aqui. Esse problema de ser mulher para crescer profissionalmente eu ainda não enfrentei direto. Eu estou vendo o caso das minhas colegas e amigas, que vejo que no ambiente, a situação é sempre a mesma. Não importa onde você atua (LÍVIA, março de 2019).

L: Não sei se você conseguiu ler esse artigo, mas eu acho que seria muito importante para você. O artigo fala de como mulheres imigrantes têm dificuldades para se integrar na sociedade. No contexto profissional. Eu não sei. Eu não sei da vida particular. Tudo está fechado e tem amigos e tudo. Eu acredito que ainda o Brasil é um país muito fechado para esse tipo de possibilidades. Eu acho que para pessoas que que (gaguejou). Não estou falando da experiência profissional quando você é alemão e foi transferido para atuar em uma área dentro da empresa. **Eu estou falando de mulheres que são imigrantes e chegaram aqui por causa de razões diferentes. Eu acho que existe um estigma para se integrar, para dar confiança de como elas podem contribuir para a sociedade.** Por exemplo, o meu marido não sei se você percebeu, ainda tenho o número de São Paulo, porque eu morava lá e por preguiça eu não fiz. O meu marido falou: “Você tem que mudar o seu número para o Rio, porque quando você aplica para trabalho o seu número fica lá e a primeira coisa, Lívia com J, **já é estrangeira e não tem como ser brasileira e com o número de São Paulo. Já veem que**

“você é alguém sem conhecimento do mercado local, que carioca, isso são hipóteses” (LÍVIA, março de 2019, grifo nosso).

Gláucia Assis (2007), no estudo sobre as mulheres imigrantes brasileiras nos Estados Unidos, observou as categorizações e representações da sensualidade e beleza da mulher brasileira. As mulheres brasileiras são marcadas por estereótipos como bondosos e carinhosos no mercado de casamentos. As mulheres brasileiras estão associadas, muitas vezes, à prostituição e à objetificação dos seus “corpos dóceis”⁴¹, que “devem” ser submetidos aos prazeres sexuais dos homens.

Adriana Piscitelli (2008) acredita que a mulher migrante brasileira é representada na mídia europeia como um objeto sexual, independentemente da cor de pele. Denise Cogo (2017) afirma que as mulheres brasileiras são consideradas mestiças, com disposição para fazer sexo e com propensão à prostituição. Entretanto, Cogo (2017) em consonância com Piscitelli (2008), define que nem todas as mulheres brasileiras sofrem o mesmo tipo de racismo e discriminação, pois existem as variáveis de raça e classe social.

As mulheres brasileiras tanto no mercado de trabalho quanto no mercado matrimonial apresentam as concepções de que são amigáveis ou dóceis, com o ideal de domesticidade (PISCITELLI, 2008). As representações são imagens de esposas, sensuais, domésticas etc. As uniões interculturais podem expor algumas mulheres ao risco, devido ao racismo e à desigualdade social. Assim, a imigração de pessoas do Sul para a Europa pode recriar padrões normativos de masculinidade.

As mobilidades humanas constituem um fenômeno contínuo no cenário contemporâneo, repercutindo em diversos âmbitos sociais, econômicos e familiares. As migrações e os meios de comunicação influenciam os encontros interculturais. As entrevistadas conheceram o cônjuge em um país entre viagens, intercâmbios, estudos ou mesmo no local de trabalho. Os meios de comunicação como Skype, Facebook e outros são responsáveis pela manutenção dos relacionamentos a distância.

⁴¹ Conceito de Foucault, em *Vigiar e punir*: “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”.

3.3 Afeto a distância

Espera. Tumulto de angústias suscitado pela espera do ser amado, no decorrer de mínimos atrasos (encontros, telefonemas, cartas, voltas).

Roland Barthes

Anteriores à era digital, os relacionamentos a distância ocorrem desde o século XIX. Com a popularização da leitura, as cartas⁴² de amor auxiliaram na manutenção da intimidade. As cartas de amor marcaram a literatura. Cyrano de Bergerac, por exemplo, escreve cartas para confessar seu amor por Roxane. As pesquisadoras Caroline Carpenedo e Silvia Koller (2004) acreditam que a carta é uma forma de confortar o coração nos momentos de ausência do ser amado. As histórias de amor atravessam o tempo e os escritos imortalizam os sentimentos, já “que a memória do coração elimina as más lembranças e enaltece as boas e que graças a esse artifício conseguimos suportar o passado” (MÁRQUEZ, 1986, p. 134).

O livro *Fragmentos de um discurso amoroso*, de Roland Barthes (2019), registra um coração apaixonado à espera de uma mensagem, um telefonema, os ciúmes e os delírios de uma paixão amorosa. E, principalmente, a ausência do ser amado. Os casamentos, “relacionamentos a distância e encontros nos finais de semana são negociados e renegociados”, a intimidade, a sexualidade e o erotismo. (ELLIOT; URRY, 2010, p. 84)⁴³. Mas o que facilitou a vida íntima a distância?

Segundo a professora de Comunicação Paula Sibilia (2016), os relatos midiáticos apresentam a “crise dos modelos de temporalidade” devido à velocidade e instantaneidade das informações comunicacionais. Com o deslocamento do fenômeno da contemporaneidade, muda a forma como o “eu” passa a ser narrador e personagem dos diários íntimos (SIBILIA, 2016). Os diversos códigos comunicacionais são instantâneos. Especialmente nas redes sociais e blogs, a

⁴² Para exemplificar, a carta pode assumir o papel de ciência (as cartas de Freud), de histórico-geográfico (a Carta de Pero Vaz de Caminha), de obra literária (as Cartas Portuguesas de Mariana Alcoforado), entre outros.

⁴³ *From commuter marriages to distance relationships to weekend couples, the shift to personalized, detraditional word in which intimacy, sexuality and eroticism are negotiated and renegotiated across distance has emerged as a kind of normative model for intimate relationship in the twenty-first century* (Tradução nossa, inglês-português).

atualização de informações e postagens são permanentes por meio de conteúdo. Com a participação em *chats* de conversação, nos *apps* ou em outros aplicativos, são iniciados contatos que podem evoluir para o namoro. E após alguns usuários iniciarem o namoro, mudam o *status* de relacionamento no Facebook e publicam declarações amorosas nas redes sociais, em um “espetáculo” de emoções e sentimentos⁴⁴.

A apresentação pessoal e a busca por parceiros *online* auxiliam a elucidar os ideais de amor, parceiro ou mesmo uma nova maneira de viver cotidianamente. Os encontros requerem um grau de introspecção para uma apresentação de si mesmo por meio de efeitos visuais. Nos sites de relacionamentos, os indivíduos são solicitados para se descreverem de maneira objetiva. Assim, o movimento por meio da escrita e apresentação pessoal invertem o sentido para dentro do *eu*. A atração, que acontece no meio físico, passa para segundo plano. Os valores da vida pessoal e afetiva são invertidos.

Arditi sugere que amar significa aprender o outro de maneira direta e indireta. Significa que não há nenhum objeto social ou cultural entre o amante e o amado, isto é, que nenhum elemento do intelecto desempenha qualquer papel na experiência de amar (ILLOUZ, 2011, p. 158).

A mídia, de certo modo, pode controlar a expressão das emoções, não funcionando somente como meio que expressa as emoções e sentimentos, mas como a própria mediação. A tecnologia digital apresenta uma ferramenta complexa de gerenciamento de emoções, mediando relações entre opostos. Nos relacionamentos a distância há uma idealização, que pode ser mais acentuada pela apreciação pelo “outro” ser ausente.

A distância força pessoas a dedicarem tempo e esforço para mostrarem que se importam, como atestam muitos de nossa participação, que disseram que expressariam prontamente o amor na comunicação mediada em vez da comunicação cara a cara (MILLER; MADIANOU, 2012, p. 146).⁴⁵

⁴⁴ Este comportamento é diferente entre gerações, mas muito comum entre jovens que cresceram com o advento das tecnologias digitais.

⁴⁵ *Distances forces people to make time and effort to show they care, as attest by many of our participation who said that they would readily express love in mediated rather than face-to-face communication* (Tradução nossa, inglês-português).

As tecnologias digitais podem auxiliar os casais não somente a encontrar parceiros, mas em um “tipo de coabitação” (MILLER; SINANAM, 2014, p. 59), sem uma separação do encontro físico, capaz de criar uma intimidade. Os usuários se contradizem sobre o uso do Skype: ora acreditam que o aplicativo funciona, ora não. Os contatos virtuais são responsáveis pelas reinvenções das dimensões amorosas e sexuais. De acordo com Daniel Miller e Mirca Madianou (2012), na separação e a distância há uma apreciação maior pelo ser ausente. Na distância, considera-se que existe um esforço para demonstrar os sentimentos. A distância pode funcionar como facilitador dos sentimentos e uma vontade mais acentuada pelo objeto de desejo ou amado.

Apesar das dificuldades encontradas nos relacionamentos a distância, não podemos negar que as relações são mantidas pelas tecnologias digitais. As relações *online* apresentam novas formas de contato físico e emocional. As tecnologias digitais promovem um sentimento de copresença ou quase-presença, que se refere ao local virtual por meio de uma conexão em rede, mas sem estar presente fisicamente. Muniz Sodré define que:

A situação descrita implica uma experiência de copresença sensível de sujeitos humanos, em que corpos interagem epidemicamente. No que diz respeito à “quase-presença” produzida pela mídia, torna-se pertinente a noção escolástica de imagem tátil, desde que reinterpretada como esse “sinal” para a relação *estésica*, interativa dos sentidos, de que fala Jeudy (SODRÉ, 2016, p. 83).

Os sentimentos de copresença produzidos pelos meios digitais auxiliam as interações. A *webcam* emerge imediatamente com a criação íntima da copresença, conforme definem Miller e Sinanam (2014). Os autores acreditam que a *webcam* não produz somente uma relação face a face, mas uma interação com sentimentos. Dessa forma, há uma ideologia do contato, produzindo subjetivamente a interação midiática.

A mediação operada pelas tecnologias digitais não implica necessariamente a ausência da emoção, porque mesmo mediadas, as pessoas se apaixonam, sofrem ou gozam. A sensação física não deixa de existir. A mediação pode acelerar a idealização e o amor. Diante disso, a negociação é um processo de dependência do modelo “cultural de sociabilidade” (MILLER; MADIANOU, 2012, p. 139) e os registros emocionais.

O Skype funciona como elemento de copresença física. A *webcam*, nesse contexto, vai mediar sexo virtual entre os “enamorados”. A atração física é um fator preponderante nas relações de namoro, que são marcadas pela satisfação, não apenas das necessidades sexuais, mas também emocionais e sociais. A manutenção dos relacionamentos afetivos interculturais mediada pela tecnologia digital diminui as barreiras físicas. A intimidade manifestada no cotidiano mediada pela tecnologia aproxima e viabiliza o relacionamento a distância.

A ausência do objeto amado, em relação ao corpo físico, é “encarnada” pela imagem ou voz. A socióloga Eva Illouz, no livro *O amor nos tempos do capitalismo*, descreve que a distância social derivada da ausência do corpo físico não desestimula a sociabilidade, uma vez que as pessoas podem formar laços significativos nas redes, auxiliando a expressão que é definida como “Eu autêntico” (ILLOUZ, 2011, p. 153).

Os indivíduos atribuem valor à comunicação afetiva verbal da esfera privada para pública, exibindo os sentimentos e declarações amorosas por meio das tecnologias digitais. O *eu* afetivo torna-se público, principalmente nos laços sociais. Illouz (2011) acredita que o *eu* na internet pode ser tão ou mais autêntico do que o *eu* social. Assim sendo, o *eu* social é dominado pela opinião dos outros, de maneira não sincera. De acordo com a socióloga marroquina, a internet propicia uma evolução para uma autenticidade do *eu*. Com a ausência do corpo há dignidade e mais veracidade por meio das tecnologias digitais.

Daniel Miller e Jolynna Sinanam (2014), em consonância com Goffman (1959), consideram o continente virtual um espaço de amor na contemporaneidade, sobretudo para aqueles que não compartilham o mesmo território e têm diferentes referenciais culturais, sociais e simbólicos. “A própria palavra⁴⁶ ‘apaixonar-se’ mostra até que ponto a conhecemos como uma espécie de condição normativa, supostamente natural, como uma versão inicial da doença que tentamos curar” (MILLER; SINANAM, 2014, p. 49).

Os relacionamentos íntimos são formas autênticas do ideal romântico. Apesar das considerações positivas sobre o Skype, por exemplo, alguns exemplos citados por Miller e Sinanam (2014) constatam que há uma dificuldade em abraçar ou estar

⁴⁶ *The very word "falling in love" show how far we have set it up as a kind of normative condition, supposedly natural, rather like benign version of disease that we endeavour to catch* (Tradução nossa).

com alguém. A *webcam* sugere um momento imediato no âmbito da intimidade, e contrário à presença física. Miller e Sinanam (2014) acreditam que os relacionamentos transnacionais conseguem durar meses e anos como um aprendizado de “viver juntos” *online*. O desenvolvimento do relacionamento ocorre no ambiente virtual, introduzindo “novos” hábitos comuns. A experiência virtual suprime adaptando possibilidades de copresença com programas que podem ser compartilhados, por exemplo, comer, assistir ao filme e/ ou adormecer.

Maria, brasileira, disse que manteve contato com o namorado pela internet até decidir se mudar para Israel. Ela conheceu o marido em uma viagem para Cusco, no Peru. Os dois são casados há 14 anos e têm dois filhos. Primeiramente, ela foi morar em Israel, mas atualmente eles moram em Goiânia.

Daí ele falou: “Para onde você quiser ir eu te levo”. Daí eu falei: “Vamos para a Amazônia”. Daí a gente ficou um mês viajando e depois perguntei se ele queria conhecer a minha família e ele quis e veio para Goiânia conhecer a minha família. Depois a gente continuou em contato pela internet. Aí ele falou: “Eu vou te levar para Israel”. Aí eu formei, terminei um curso superior. Daí ele falou: “Agora você vem para cá”. Aí eu fui e nós ficamos 11 anos morando lá em Israel e agora nós estamos dois anos e meio aqui no Brasil (MARIA, dezembro de 2018).

Lívia, bósnia, afirma que conheceu o marido brasileiro quando ambos estavam estudando em um programa de mestrado Fullbright, nos EUA. O marido morou na Bósnia por dois anos, pois é servidor público e conseguiu uma licença do trabalho. Lívia e o marido tiveram o objetivo de construir uma relação que dura mais de 7 anos, apesar da distância entre países e cidades. Atualmente ambos vivem no Rio de Janeiro.

O período de distância é complicado. O relacionamento é complicado. **O relacionamento só vai dar certo se os dois tiverem vontade para fazer as coisas darem certo.** O meu marido era mais maduro pois ele havia passado um relacionamento a distância. Ele mostrou uma atitude mais madura do que eu (LÍVIA, março de 2019, grifo nosso).

Temos 7 anos juntos. E hoje eu escuto perguntas: “Como você consegue?” Muita gente não consegue, porque você fala com a pessoa e não sabe como. Eu acho que eu e meu marido, no início, a gente sabia que a gente queria ficar juntos. E ele era mais maduro nesse relacionamento, porque **ele já tinha passado por um relacionamento a distância. Ele sabia o que isso significa. E se você vai me perguntar eu acho que nesse sentido, ele para manter esse relacionamento** não investiu mais, mas mostrou uma atitude mais madura do que eu. Mas (pausa) (LÍVIA, março de 2019, grifo nosso).

Não. Eu acho que é muito importante destacar que o relacionamento só vai dar certo se ambos os parceiros têm a mesma vontade, mesma preparação. Não sei, um tipo como “*readiness*” em inglês. Não sei. Vontade para fazer as coisas darem certo e (pausa). Entendimento, confiança, porque realmente você não consegue controlar nem você 24 horas. Ainda mais com uma pessoa que mora a 10.000 km de distância de você, com o fuso horário. É complicado, mas para a gente. Acho que quando **falamos sobre isso, a gente percebe que ambos tivemos um desejo forte para construir um relacionamento que dura, demora, até hoje** (LÍVIA, março de 2019, grifo nosso).

Elliot e Urry (2010) acreditam que as trocas de mensagens pelos amantes ou namorados são uma recordação sobre as dificuldades de manter conexões emocionais maduras nas relações amorosas a distância. Lívia disse que o marido era mais maduro do que ela porque já teve um relacionamento a distância anteriormente. Lívia relatou que ficou namorando a distância durante três anos pelas redes sociais. Posteriormente, ela conseguiu um emprego em São Paulo e ficaram a distância, mas no eixo Rio-São Paulo.

Esse é o nosso destino. **O nosso destino parece que foi para a gente ficar separado. A gente está praticamente, na estrada, o nosso relacionamento, a partir de 2011 até 2014 separado**, pelas redes sociais. Em 2014, a gente se juntou, casou, moramos um ano juntos. Depois voltamos para o Brasil, com a diferença que ele voltou para o Rio. E eu fui para São Paulo. Isso também entre o período de dois anos até a minha mudança para o Rio de Janeiro. **A gente ficou viajando a cada sete dias. São Paulo- Rio de Janeiro e contrário** (LÍVIA, março de 2019, grifo nosso).

Os relacionamentos a distância também reordenam as questões de gênero e sexuais. Elliot e Urry (2010) acreditam que para alguns casais o relacionamento a distância proporciona maior autonomia para as mulheres do que outros relacionamentos tradicionais, pois elas têm liberdade para serem bem-sucedidas na área profissional, com seus atributos educacionais, sem abdicar da sua profissão ou interesses pessoais. Os casais, na contemporaneidade, com a comunicação por meio das tecnologias digitais ajustam os vários aspectos de suas vidas afetivas e íntimas.

Em alguns casos, as mulheres no relacionamento a distância são responsáveis pela manutenção com mensagens e carinho. As feministas estavam preocupadas em questionar se a presunção em combinar trabalho e o espectro social com relacionamento íntimo leva às formas contemporâneas de intimidade, rompendo com padrões estabelecidos para muitas mulheres. Em certas circunstâncias, o

relacionamento a distância pode ser benéfico para o casal de namorados. Na união, as pessoas não têm de renunciar a nada em função da outra. O cotidiano e os espaços individuais são respeitados.

As tecnologias digitais utilizadas pelos casais promovem a experiência íntima e sexual presente nas relações amorosas, com o sentimento de copresença para o problema de separação e ausência. A *webcam* pode recriar modos e soluções completas com sentidos de intimidades nas rotinas entre os namorados. Elisa, estadunidense casada com um brasileiro, também relata sobre as dificuldades do namoro a distância. Ela sofreu muito, porque eles conseguiram se ver três vezes durante um ano. Os dois fizeram um planejamento financeiro para ela vir para o Brasil e não precisar trabalhar.

Quando⁴⁷ **ficamos a distância, foi muito difícil. Eu o vi três vezes em um ano.** Foi muito, a cada quatro meses para ver alguém que você ama. **Chorei muito, chorei muito. Meu coração apenas doeu. Eu nunca pensei que me sentiria assim.** E economizei muito dinheiro porque sabia que queria me mudar para o Brasil. Meu marido e eu sempre concordamos. Nós nos amamos, mas não sabemos se seria o melhor. Para estarmos juntos, queríamos ver se nossas culturas poderiam se encaixar. E então ele me ajudou. Ele é ótimo no Excel. Então ele fez uma planilha para eu ver quanto dinheiro eu precisaria todo mês para alugar algum lugar, quanto dinheiro eu precisaria para comida e tudo isso. **Por isso, durante um período a distância, isso me deu um objetivo: decidimos focar (interrupção) e economizei dinheiro suficiente para vir ao Brasil. E viver sem trabalhar quase um ano. Ainda tenho esse dinheiro, em caso de emergência** (ELISA, março de 2019, grifo nosso).

A correspondência afetiva virtual não apresenta nenhum perfil específico. Os números de usuários correspondem a uma parcela cada vez mais frequente com acesso à internet. Críticos acreditam que a internet é um mecanismo de perda do homem para uma esfera mais humana, conforme define Márcio Gonçalves (2001). O psicólogo brasileiro acredita que, com a separação do corpo ou contato físico, há uma

⁴⁷ *When we did long distance, it was so hard. I saw him three times in one year. It was a lot. But every four months to see someone you love. I cried so much. I cried so much. My heart just hurt. I never thought that I would feel like that. And I saved a lot of money, because I knew I wanted to move to Brazil. My husband and I always agreed. We love each other, but we don't know if the best for us would be to be together. We wanted to see if our cultures could fit. And, so he helped me. He's great at Excel. So, he made a spreadsheet for me to see how much money I would need every month to rent somewhere. How much money I would need for food and all of this. So, it gave me a purpose during our time in long distance. We decided to focus (interrupção) and I saved enough money to come to Brazil. And live without working almost a year and I still have some of that money in case of an emergency* (Tradução nossa).

modificação da sexualidade. O uso da tecnologia digital viabiliza o sexo nos relacionamentos a distância. Os elementos utilizados para o prazer mudam. Assim, com a perda do corpo, o prazer ocorre através da masturbação, proporcionando outras formas de sentir ou dar prazer ao parceiro ou parceira. No encontro sexual virtual, os parceiros podem fantasiar, simultaneamente, outros lugares, cenários, novas formas, como por exemplo a violência e/ou presença de outras pessoas. Diferentemente do relacionamento físico, o sexo virtual tem presença mais acentuada da fantasia. O uso de sites de pornografias ou novos elementos são estabelecidos na rotina entre o casal, porque eles não conseguem ter uma conexão física.

O afeto e emoções com impossibilidade do contato físico não implica ausência do corpo, porque existe a presença da *webcam*. As emoções não deixam de ser expressas quando há ausência do corpo físico. Os parceiros podem se emocionar ou apaixonar. David le Breton (2009) acredita a cultura afetiva é um processo de construção social. Anteriormente, as relações amorosas estavam na esfera corporal, mas os rituais sociais em torno das afetividades são transformados com as mudanças contemporâneas, em relação ao conteúdo e às formas. “Na vida real, apenas a interação, como ela é vivida pelos diferentes protagonistas no interior de uma ordem simbólica identificável esclarece (de forma relativa) o significado dos ritos afetivos dos atores” (BRETON, 2009, p. 267).

Na psicanálise, a identificação imaginária ou narcísica é caracterizada como a formação do inconsciente que desconhece sua produção, mas que é a matriz de complexos e fantasias, conforme define Sodré (2016, p. 117). A imagem decorrente dos fluxos midiáticos produz novas formas, em que o imaginário se confunde com as representações da vida real. As relações amorosas não devem ser compreendidas como incompletas, mas com outros significados. Márcio Gonçalves (2001) afirma que no espaço virtual cria-se uma imagem sobre determinada pessoa que não difere da esfera tradicional ou “real”. As imagens midiáticas são produzidas no inconsciente para a identificação de uma representação “real”, mesmo que não existindo uma personificação corpórea.

Os aplicativos como Skype, Facebook, Instagram, Telegram, Zoom, entre outras plataformas, como Tinder, Happn ou Bumble, além dos voos mais baratos, encurtaram as distancias e permitiram a manutenção dos relacionamentos. As novas tecnologias possibilitaram que os namoros não terminem, mesmo com barreiras

impostas pela distância. Em contraponto, alguns estabelecem o matrimônio e estão dispostos a pagar o preço dos desgastes e conflitos da relação. A mediação por meio das tecnologias digitais é responsável pela produção da construção social do namoro e do casamento. As entrevistadas brasileiras Mame e Juliana não vivenciaram o relacionamento a distância porque conheceram os maridos estrangeiros no Brasil. Helena não ficou um período distante do marido, pois logo quando o marido teve um problema com visto ela decidiu vir morar no Brasil. As interlocutoras da pesquisa (Lívia, Maria e Elisa) permaneceram namorando a distância até que decidiram consolidar o relacionamento e migraram para outros países.

3.4 Migração afetiva

Os fluxos migratórios e a facilidade de comunicação transformaram o cotidiano de viver em sociedade. De acordo com Arjun Appadurai (2004), a convivência com a diversidade é permanente na maioria dos continentes, pois as migrações continuam por diferentes motivos. Maria Eduarda Rittiner (2006) afirma que o contato entre povos também acontece devido às migrações de turismo, aos estágios ou aos estudos em países estrangeiros.

As migrações por um casamento e/ou amor estão relacionadas ao desejo de formar uma família. Jordi Roca i Girona, Yolanda Puerta e Monteserrat Masdeu (2012) acreditam que as mulheres que migram por uma relação afetiva podem ter uma posição privilegiada em relação às outras porque são integradas à sociedade na parte jurídica (têm os documentos), na parte social (os amigos ou familiares do cônjuge) e na parte econômica (capacidade de consumo). Diferentemente de outras experiências migratórias, as migrações afetivas apresentam uma integração em três grandes áreas: jurídica, social e econômica.

Jordi Girona i Roca (2007) afirma que muitas mulheres saem do Leste Europeu em busca de um casamento, apesar de terem oportunidades equilibradas no mercado de trabalho. Maria Lima e Paula Togni (2012), na investigação na Espanha, perceberam que as mulheres do Leste Europeu são as preferidas pelos homens espanhóis, seguido das latino-americanas (brasileiras, colombianas e cubanas). Segundo as autoras as mulheres do Leste Europeu estão insatisfeitas com os homens de seus países por declararem serem “beberrões”, violentos e irresponsáveis. As

antropólogas observaram também que mesmo as brasileiras escolarizadas ainda têm o desejo de casamento baseado no “modelo ideal” de família conjugal.

A antropóloga Mirian Goldenberg (2011), no artigo “Afinal, o que quer a mulher brasileira?”, conclui por meio dos relatos que as interlocutoras brasileiras estão insatisfeitas com os homens brasileiros, por isso estão à procura de companheiros de outras nacionalidades. Os homens brasileiros pela “lente” das entrevistadas estão associados “ao sexo e à infidelidade”, não seriam confiáveis e trairiam frequentemente.

Flávia Pasqualin (2018), na tese *O (des)encanto do casamento intercultural: brasileiras casadas com muçulmanos estrangeiros*, afirma que suas entrevistadas reclamam da falta de compromisso dos homens brasileiros e relatam que os homens árabes têm um caráter mais romântico e protetor. Uma de suas entrevistadas compara o machismo, declarando que os homens árabes são tão machistas quanto os brasileiros. Entretanto, os primeiros são mais protetivos e os segundos têm caráter de competição.

Viviane Assunção (2016) sobre o casamento entre brasileiros e estrangeiras conclui que os homens holandeses, segundo suas entrevistadas, são menos machistas, mais leais e honestos. Assunção (2013) realizou uma pesquisa etnográfica, entre 2012 e 2013, com quinze brasileiras que viviam na Holanda e observou que as entrevistadas são de diferentes localidades e classes sociais. Assunção (2013) analisa as entrevistas de mulheres brasileiras com diferentes idades, localidades e classes sociais sobre a vantagem e desvantagem em se mudar para viver na Holanda com o namorado.

A jornalista brasileira, em seus estudos, argumenta que, geralmente, o senso comum é descrever que as mulheres jovens estão preocupadas em sair de seu país de origem devido à pobreza e/ou à incapacidade de homens de sua nacionalidade cumprirem com o papel esperado por elas. Contudo, existem diferentes interlocutoras, como as mulheres entre 40 e 50 anos que passam pelos processos migratórios em outros estágios de vida. A idade, segundo a autora, influencia as perspectivas diversas sobre a decisão do processo migratório.

As entrevistadas na Holanda, no estudo de Assunção (2013), acreditam que a dependência financeira é mais difícil com a idade adulta. Entretanto, mesmo que dependente financeiramente do marido, as mulheres conseguiam ter uma vida social

independente. Para a jornalista brasileira, as redes de amizades auxiliam o processo de adaptação na Holanda, como também é uma fonte de apoio emocional para lidar com o sentimento de saudade do Brasil. Mulheres e homens se envolvem em casamentos interculturais, mas estão longe dos estereótipos do senso comum. Não somente mulheres jovens e pobres se relacionam com homens europeus (ASSUNÇÃO, 2016).

Lívia, bósnia, disse que conheceu o marido brasileiro quando ambos estavam estudando em um programa de mestrado Fullbright, nos EUA. Lívia afirma também que prioriza o amor e os sentimentos. Ela posteriormente migrou para o Brasil, após ter conseguido um emprego em São Paulo. “No meu caso, o amor venceu. Estou te falando agora. Talvez em dez anos, eu te contaria outra história” (LÍVIA, março de 2019). Para ela foi o “casamento entre a vida privada e profissional”.

Eu imigrei, praticamente, pelo casamento com o meu marido. A gente era bolsista do governo dos EUA. E a gente se encontrou em 2011. Lá a gente se conheceu. E eu voltei para minha cidade. E ele voltou para o Rio de Janeiro. E aí, a gente ficou junto mais dois anos através do Skype. A ideia foi ou a gente vai junto ou ele vai lá para Bósnia. Mas como eu não tinha nenhuma perspectiva sobre emprego, a gente decidiu segurar. E como ele é funcionário público, ele conseguiu congelar a posição dele. E ir atrás de mim para a gente tentar. **A razão que imigrei para o Brasil foi um casamento entre a vida privada e a vida profissional** (LÍVIA, 32 anos, março de 2019, grifo nosso).

Lívia acredita que o motivo da sua migração foi a união entre a vida privada e profissional. O marido é funcionário público e conseguiu morar dois anos na Bósnia. Percebemos que foi exigido um esforço de ambos para o estabelecimento do relacionamento.

Eu cheguei aqui por causa de um emprego porque eu trabalhei para uma empresa, há 10 anos atrás, sediada na Alemanha. Eles fizeram aqui uma compra de uma empresa. **Eu fui oferecida como uma oportunidade profissional,** como sempre queríamos mudar para o Brasil. Essa opção foi ótima, morando quase dois anos e meio em São Paulo (LÍVIA, março de 2019, grifo nosso).

A migração é um fator desencadeador de mudança, que podem ser vivenciadas por diferentes aspectos. Assim, percebemos que a migração afetiva tem um aspecto mais “integrador”. A “esposa migrante” tem um acolhimento, diferentemente de outros tipos de migração: ao chegar no país de destino, a esposa tem alguém esperando por

ela. O marido passa a ser o único vínculo afetivo. Além da dependência emocional, existe a dependência financeira por um período determinado ou não, dependendo de cada processo migratório.

A perda da individualização da mulher foi uma regularidade que os dados empíricos revelaram, justificada muitas vezes por problemas jurídicos ou institucionais, (ausência de autorização para o trabalho), pela falta de relações interpessoais (o companheiro passa a ser o único vínculo afetivo), e pela dependência econômica (ocasionada pela dificuldade de inserção no mercado de trabalho). (LIMA; TOGNI, 2012, p. 139).

A justificativa de deixar tudo por amor pode ser acompanhada pela falta de individualização da mulher (LIMA; TOGNI, 2012). Lívia relatou que o marido é o seu único vínculo emocional e afetivo. Ela disse que não tem muitos amigos no Brasil, em comparação à sua terra natal. Mas ela contou que o marido é um bom companheiro, sobretudo quando ela ficou desempregada, após ter decidido vir morar em São Paulo.

Para mim fortaleceu, porque no Brasil eu não tenho meus amigos. **Claro que eu tenho amigos que são tipo mais conhecidos, mas eu não tenho amigos como eu tenho amigos na minha terra, entendeu? Quando eu estou passando momento difícil ele é a única pessoa para quem eu posso enfrentar, que posso me virar e pedir ajuda.** Isso impactou muito. O meu estresse ficando desempregada (pausa). Com certeza, mas a gente sempre busca sentar e conversar. E acho que esse é o segredo (LÍVIA, março de 2019, grifo nosso).

As decisões migratórias em função de uma relação afetiva e/ou amor são variáveis presentes na atualidade. As três mulheres estrangeiras que entrevistamos decidiram migrar para o Brasil. Helena, porto-riquenha, disse que não queria vir morar no Brasil anteriormente, mas ela e o marido vieram porque ele teve um problema com o visto. Helena acredita que a família e o amor são suas prioridades. Para Helena, o compromisso e o amor são responsáveis por sua mobilidade afetiva. Os dois moravam nos EUA anteriormente.

Eu sempre que me vi, em meu caso, sempre tomei risco, porque yo me apaixono e entrego tudo. Assim como yoga, eu entreguei *todo, lo que move*, que me apaixona. Acordar cedo, se sou feliz e vou fazer de tudo para que isso funcione. Talvez, como neste caso, quero fazer com que isto funcione. *Again*, não quero generalizar, **mas talvez uma mulher muito feminista, com o pensamento linear sobre *lo corazón*, falaria eu *lo sento* (risos). Você tem um problema com a sua imigração. Você vai ter que ir lá e vai ter que resolver.** Doí. Amo você. Talvez podemos *logar* a distância (HELENA, março de 2019, grifo nosso).

Helena considera o amor algo primordial, mesmo que sinta que deveria fazer diferente. Acreditamos que Helena confunde a questão feminista como uma questão dura de algo que não deveria fazer. Ela assume que a postura dela é essa, mesmo que ela queira fazer diferente. Assim, a entrevistada reconhece também a influência da sua família nuclear nas decisões que envolvem o relacionamento. A sua família é de Porto Rico. “Para mim o que vem primeiro é o amor, a família e a conexão. Talvez se estivesse morando desde o começo da minha vida, talvez tenha sido diferente. Mas a influência da minha mãe e da minha família em geral é mais forte do que qualquer coisa” (HELENA, março de 2019).

Helena morava, à época da entrevista, com o marido brasileiro no Rio de Janeiro. Ele não conseguiu retornar aos EUA e permaneceu no Brasil. Na análise do discurso de Helena observamos que os valores familiares definem sua maneira de se relacionar afetivamente. Interpretamos que os valores aprendidos são que o amor e a família devem ser colocados em primeiro lugar. Ela não sabe fazer diferente porque são os valores que foram construídos (na infância), definindo o modo como deve relacionar-se na vida afetiva.

Lívia também acredita que o amor é globalizado porque as mobilidades continuam por diversos motivos. Lívia ressalta que existe uma barreira linguística entre as duas famílias. Como a temática linguística é muito extensa, decidimos retomá-la mais adiante no trabalho.

Eu⁴⁸ acredito total que o amor é globalizado porque hoje eu vejo, não nas minhas amigas, mas conhecidas ou são exemplos. As meninas da Bósnia vão para Austrália, não só da Bósnia, mas meninas do Brasil vão para a França. Eu acho que essa barreira não existe, tanto quanto existir uma vontade e uma intenção que você quer criar alguma coisa, um tipo de relacionamento. Claro, no nosso caso, meu marido existe uma barreira linguística. O meu marido e os meus pais não falam em nenhum idioma. Os meus pais só falam no idioma bósnio, porque eles têm uma dificuldade para entender o meu marido, porque ele não fala bósnio. Ele começou um pouquinho a aprender, mas é muito difícil, mas pelo menos ele consegue falar. Claro, essa uma expectativa do (gaguejou) lado dos meu pais. Eles queriam um rapaz, que eu fosse casada com que eles pudessem conversar, trocar ideia. Claro que, é nesse caso, eles total, impedidos, porque existe uma barreira linguística. (LÍVIA, março de 2019).

⁴⁸ Os erros de oralidade e gramática continuam nas transcrições.

A interlocutora acredita que os sentimentos são globalizados e que não existem tantas barreiras porque as pessoas estão em constante deslocamentos. A globalização é responsável pelo desaparecimento da tradição, pois os espaços não são tão marcados por características territoriais, mas por uma constante desterritorialização. O termo desterritorialização significa quebra de vínculos, perda de território, controle e acesso aos territórios econômicos e simbólicos.

Elisa disse que não é muito romântica, mas o motivo pelo qual resolveu sair do seu país de origem foi o marido, porque ele teve um problema com o visto. Contudo, ela já tinha um projeto prévio de migração. O marido e ela decidiram não manter mais o namoro a distância.

Eu não sou muito romântica. Eu já queria morar em outro país. Eu sou apaixonada por ele. Ele não foi a única razão. **Eu não queria mudar por amor.** Eu acho bem perigoso. Eu morei em outra casa, primeiramente, antes de morarmos juntos (ELISA, março 2019, grifo nosso).

Ah! Eu já queria morar no Brasil, mas eu acho a razão do momento, da época, que eu mudei para cá foi (pausa) por causa do visto do meu marido. Ele foi negado duas vezes para ir nos Estados Unidos. A gente já se conheceu lá. E estava namorando a distância por um ano. Naquela época, ele não queria ficar mais tempo, né? Mais tempo de distância (ELISA, março 2019).

Helena, porto-riquenha, disse que o motivo da imigração para o Brasil foi também porque o marido precisava do visto para voltar para os EUA. Eles estão esperando a permissão dele sair para voltar para os Estados Unidos. Mas ela veio morar com ele, provisoriamente, até que o visto dele ficasse pronto.

Mas o motivo foi uma *discrepância* na imigração. Ele precisava de um *permiso* [visto] para voltar para o Brasil, porque estava no meio da cidadania dele de lá. Não sabíamos. Viemos visitar o Brasil e ficamos. Agora, estamos esperando que o processo acabe. Descobrimos que ele precisava esperar de uma permissão dos EUA para vir aqui. Ele tirou, mas pensou que era somente uma carta. Não era só a carta, mas segundo as digitais dele foi um processo. E ninguém sabia. Visitamos minha mãe. Ela falou: “Você tem uma *cita*, uma carta. Foi aprovada, mas precisava fazer algo”. Já era tarde (HELENA, março de 2019).

Elisa descreve o casamento e migração para o Brasil. Ela afirma que tentou um trabalho em São Paulo, mas não conseguiu. Ele a pediu em casamento. Ela se casou rapidamente porque precisava do visto para morar no Brasil. Elisa veio ao Brasil e voltou casada.

Casamos⁴⁹ no cartório. Então, saímos, vim para o Brasil no final de setembro de 2016 e saí do Brasil com ele. Nós não me deixamos sair em paz, ele estava preocupado. Nós passamos no Uruguai, Argentina, em dezembro e janeiro, janeiro de 2017, voltamos a Florianópolis. Eu estava entrevistando para um emprego em São Paulo e vimos que eu ia conseguir o emprego e eles me disseram que não poderiam me dar o emprego porque eu não tinha visto. E então, não, isso foi antes, eu estava entrevistando para o trabalho e ele propõe, ele propõe antes, em fevereiro ele propõe e, em março, eu descobri que precisava me casar, precisava do visto. Então, nós já estamos noivos e decidimos ok, vamos nos casar rapidamente, nos amamos, já estamos noivos e nos casamos em abril de 2017. Então, foi um noivado muito rápido, muito curto. Então, estamos casados desde então. (ELISA, março 2019).

O processo de globalização, os meios de transporte e os meios de comunicação contribuíram para que encontros interculturais aconteçam mais frequentemente, principalmente na sociedade brasileira. A popularização e as funcionalidades dos *smartphones* facilitaram o acesso e introduzem possibilidades de outros espaços para que as relações aconteçam mais frequentemente.

O amor move pessoas de diferentes países de origem, que são atravessadas pelos choques culturais, sociais e linguísticos. Na análise das quatro entrevistadas percebemos que o afeto, amor e paixão foram os impulsionadores do projeto de vida a dois. No entanto, para que isso aconteça é necessário que um dos parceiros se desloque do seu país de origem. As entrevistadas dos países (EUA, Bósnia e Porto Rico) passaram pelo fenômeno migratório e processo de adaptação em outro país. Já Maria, brasileira, foi morar em Israel com o namorado. Mas atualmente ambos vivem no Brasil. As interlocutoras Mame e Juliana não saíram do país, no caso conheceram os maridos estrangeiros no Brasil.

Os casamentos interculturais apresentam vários aspectos que devem ser considerados, como por exemplo, as diversas combinações entre fronteiras, línguas, gerações, etnias, raças, tradições e religiões, que começam a acontecer mais frequentemente. As interlocutoras conheceram o cônjuge em outros países entre

⁴⁹ *We married in the 'cartório'. So, we left, I came to Brazil in the end of September of 2016 and I left Brazil with him. We wouldn't let me leave alone, he was too worried. We spent in Uruguay, Argentina in December and January, January of 2017 we return to Florianópolis and I was interviewing for a job in São Paulo and we saw I was gonna get the job and they told me they couldn't give me the job because I didn't have the visa. And then, no this was before, I was interviewing for the job and he propose, he propose before, in February he propose and then in March I found out I needed to get married to, he needed the visa. So, we already are engaged and we decided ok let's get married fast, we love each other, we're already engaged and we got married in April of 2017. So, was a very fast engagement, very short. So, we've been married since then* (Tradução nossa).

viagens, intercâmbios, estudos ou mesmo no local de trabalho. Nos casos de Juliana e Mame foram ambos os maridos que vieram morar no Brasil, por motivações pessoais ou econômicas. Os casais interculturais apresentam dificuldades em adaptação maior do que os monoculturais devido aos desenraizamentos de valores culturais, sociais, linguísticos, entre outros.

2.5 Casais interculturais: uma revisão da literatura

Os casamentos interculturais, com diferentes definições⁵⁰ na literatura, tornaram-se mais comuns devido à facilidade de encontro entre parceiros de diferentes origens. O termo “casais interculturais” baseia-se na denominação utilizada por Lind (2008), que nomeou três critérios para definir o conceito: (1) a língua materna distinta dos cônjuges, (2) os cônjuges de origens de países diferentes e (3) os cônjuges com ascendência de origem diferentes.

A interculturalidade busca compreensão e respeito aos valores, tradições e conhecimentos, desenvolvendo novo sentido de convivência e união de encontro entre duas ou até três culturas, dependendo se o filho do casal nasceu em outro país, com outro referencial cultural e linguístico, diferentemente do local de origem dos seus pais (LOUBACK, 2017).

A psicóloga Martha Tormenta (2009) conclui por meio de entrevistas que existe um interesse maior por diferentes culturas, viagens e intercâmbios e busca por novos saberes interculturais. Romano (*apud* LIND, 2008) acredita que o espírito aventureiro é um fator preponderante nos casamentos biculturais. Romano (2001) busca compreender as características que levam à procura de indivíduos por outras nacionalidades. De acordo com o autor, existem determinadas tipificações de personalidades que estão à procura de parceiros de diferentes nacionalidades: a) não são tradicionais e se sentem mais livres; b) os românticos ou aventureiros (procuram algo novo); c) os compensadores (necessitam de atributos de que sentem falta); c) os rebeldes (protesto à própria cultura) e; d) os internacionais (já estão familiarizados com culturas diferentes).

⁵⁰ Usamos as nomenclaturas interculturais, binacionais, mistos, transnacionais para denominar o mesmo termo. Lind (2008) acredita que os conceitos são tidos como sinônimos e não parecem ser muito claros, porque ainda é uma área nova, com estudos recentes.

O casamento entre diferentes nacionalidades integra a convivência com outros membros do núcleo familiar. No processo de socialização que acontece entre os indivíduos há integração e resolução dos conflitos entre diferentes línguas, crenças e/ou tradições. Paul Rosenblatt (2011) acredita que o casamento intercultural envolve família e cultura diversas. Dessa forma, mesmo que ambos os parceiros morem distantes das famílias de origem, geralmente ocorre a manutenção da comunicação, visitas e contato constantemente. A família de origem pode tentar influenciar o modo de vida do casal e também opor-se ao estabelecimento e fortalecimento da relação intercultural (LOUBACK, 2012).

Roca, Puerta e Masdeu (2012) observam que no discurso das entrevistadas não podem ser evidenciadas as motivações de ordem econômica. Entretanto, a tendência é acontecer uma legitimação dos sentimentos, o ideal de amor romântico destrói “interesses” que possam estar presentes nas relações conjugais. As motivações migratórias afetivas também podem estar relacionadas ao desejo de melhorar as condições de vida, oportunidade de ter mais facilidades e não ter problemas financeiros.

De acordo com Otávio Vasquez e Nídia Quinões (2017), as variações entre idades e nacionalidades entre companheiros estrangeiros variam em função do gênero. Os autores destacam também que o número de matrimônios entre homens espanhóis com estrangeiras é maior do que o número de mulheres espanholas com homens estrangeiros.

Um novo nicho de mercado em expansão, aquele das novas agências transnacionais de casamento, se constituiu a partir da demanda masculina pela normatização dos papéis de gênero na unidade doméstica; oferecem mulheres “dóceis e amorosas” para quem tudo o que importa é “a vontade da família e do marido” (RONIG, 2001, p. 89 *apud* MEZZADRA, 2012, p. 91-92).

A antropóloga Adriana Piscitelli (2010) acredita que devemos fazer uma leitura da decolonialidade nas relações afetivas, que podem ser definidas como globais e locais. Piscitelli afirma que há uma mercantilização dos afetos, que são intensificados na presença de problemas em relação à intimidade, ao amor e à sexualidade. Os casamentos, no estudo, envolvem mulheres de países pobres e periféricos, como por exemplo, as brasileiras com espanhóis. Para a antropóloga, não devemos deixar de

considerar os sentimentos e as práticas econômicas, criando relações hierárquicas na conjugalidade.

No entanto, a afirmação sobre “interesse” (ALMEIDA, 2013) não pode ser confirmada, embora possamos afirmar que há uma evidência de que os casamentos binacionais podem estar associados à necessidade de mudança de vida. Por outro lado, percebe-se que homens espanhóis apresentam certa resistência em relação às espanholas, que são independentes financeira e afetivamente. Dessa forma, os homens buscam mulheres de outro país (ROCA; PUERTA; MASDEU, 2012, p. 688). De acordo com Roca (2007), o ideal de amor romântico transformou as relações afetivas.

O ideal de amor romântico e a lógica da individualização que se *crystalizam* na família nuclear moderna dão origem às duas referências principais que constituem, muitas vezes, dois polos em tensão: a do casal como paradigma do amor romântico e do casal como união de opostos, como opressão de si mesmo (GUTIÉRREZ, 2002 *apud* ROCA, 2007, p. 440).⁵¹

O casamento perde a conotação econômica, aumentando a importância sexual e amorosa. A escolha do parceiro passa a ser influenciada pelo sentimento e uma vontade de autorrealização individual. Outro fator que pode ser observado, segundo Georg Simmel (1993a), é que o ideal de amor romântico, principalmente para as mulheres, tem importância para o estabelecimento do casamento monogâmico e a implementação de sentimentos de paixão.

Diferentemente do estudo dos casamentos, na Espanha, Madalena Ramos e Ana Cristina Ferreira (2012) afirmam que os homens portugueses têm casado com mulheres de outros países, com maiores pesos nas profissões intelectuais e cientistas, comparando-se com os que se casaram com mulheres de nacionalidade portuguesa, que ocupavam outras profissões com salários menores. Embora a hipótese inicial da pesquisa devesse explicar que os casamentos binacionais seriam para obtenção de documentos ou “interesses”, essa afirmação não pode ser confirmada pelas sociólogas portuguesas.

⁵¹ *El ideal del amor romántico y la lógica de la individualización que cristalizan en la familia nuclear moderna dan lugar a dos grandes referentes que a menudo constituyen dos polos en tensión: el de la pareja como paradigma del amor romántico y el de la pareja como unión de opuestos, como opresión del yo* (GUTIÉRREZ, 2002) (Tradução nossa, espanhol-português).

A revisão da literatura com as questões descritas acima nos permite entender melhor as questões de gênero nos casamentos transnacionais. Contudo, não se pretende fazer referências aos estereótipos, discriminações, conotações, enquadramentos de arquétipos relacionados aos “interesses” ou sexuais. Existe uma produção de inúmeros artigos centrados na concepção Sul ao Norte, conceituando a relação de decolonialidade e subalternidade de mulheres que vão ao encontro de um parceiro e/ou companheiro.

Os artigos científicos retratados na revisão da literatura sobre a mulher brasileira casada com estrangeiro foram feitos por homens ou mulheres estrangeiras. Percebemos que há o imaginário de reprodução do modelo de hipótese e tese que tende a “incluir mulher brasileira como prostituta ou interesseira”. Embora a hipótese não possa ser confirmada, se pode verificar que existe o estereótipo sexual da mulher brasileira fora do país, mesmo para aquelas de classe média e cientistas.

Lind (2008) realizou sua pesquisa com 278 casais monoculturais e 146 biculturais para descobrir se os casais biculturais têm mais conflitos do que os monoculturais. O autor conclui que os casais interculturais têm mais intimidade, mas também mais conflitos. Carolina Louback (2017), em consonância com Esther Perel (2002), descreve que as diferenças culturais podem influenciar o processo de adaptação entre os casais biculturais. As relações afetivas interculturais promovem uma ressignificação nos campos da linguagem, cultura, sexualidade, intimidade e afetividade.

A migração afetiva flexibiliza os modelos rígidos de casamento entre parentes e fragilizam a percepção de gênero no estrangeiro, principalmente no cenário de matrimônios (LIMA; TOGNI, 2012). O meio simbólico exprime a relação do eu e o grupo ente os diversos valores sociais, culturais, regionais ou geracionais. Assim, conhecer e identificar as dificuldades e impasses podem nos oferecer uma melhor compreensão dos desafios enfrentados entre os casais.

Os filhos de casais binacionais também aprendem a ter uma flexibilidade maior e conseguem lidar melhor com as diferenças, pois vivenciam no cotidiano a experiência intercultural. De acordo com a psicoterapeuta Esther Perel (2002), os companheiros afetivo-conjugais apresentam uma concepção mais ampla, rica, com novas formas de aprendizados, trocas e experiências.

A mobilidade humana é responsável pelas novas interações e redes de relacionamentos. A explicação é que a procura por companheiros ou companheiras de outra nacionalidade tem de ser vista como uma forma de integração. Não podemos negligenciar o fato de que a mobilidade humana propicia um aumento no número de interações entre novas redes sociais. Entendemos que o processo de migração afetiva sugere uma adaptação ao ambiente desconhecido ou hostil. A experiência migratória envolve o luto ou incapacidade de se adaptar. É um processo complexo, contraditório, vivenciado por perda, ruptura e mudança.

4. INTERCULTURAIS E AFETIVOS

O afeto e vínculos são impulsionadores das emoções e mediações que transformam o ser humano. Para entendimento do processo vivenciado na construção das relações interculturais, partimos da definição de Walsh (2005) e Ramos (2009) sobre a interculturalidade, e para a interpretação e análise teórica, os autores Schultz (2010) e Geertz (1989). Partimos do conceito de interculturalidade para compreender os processos de interações. A interculturalidade promove o reconhecimento da diversidade, permitindo construções, desconstruções, reconstruções, negociações de interações mais dinâmicas e flexíveis.

A relação intercultural apresenta a influência do sistema de valores individuais e/ou do parceiro afetivo. E buscamos compreender as diversidades que são construídas nas interações e estabelecimentos dos vínculos sociais e afetivos. Reconhecemos a importância dos afetos trocados para o desenvolvimento dos indivíduos, como a “integração”, adaptação parcial, construções e reconstruções interculturais, como por exemplo, as tradições familiares, hábitos da culinária, hábitos religiosos, educação dos filhos e barreiras linguísticas.

4.1 Afeto no tempo e tempo de afeto

Inspiramo-nos na teoria de André Comte-Sponville para explicar que existem três formas de amor: o amor/Eros, o amor/Philia e o amor/Caritas. O amor/Eros é permeado pelo desejo e o ideário romântico. O Eros corresponde ao sofrimento, à obsessão e à incessante procura de algo para nos sentirmos completos. O sofrimento é parte essencial do amor romântico. “Parafraseando Hegel, páginas felizes são páginas em branco na história do amor romântico” (BORGES, 2004, p. 9).

O amor *philia*, denominado por Aristóteles, significa o desejo de compartilhar a vida com o outro, tanto pelo prazer como pela virtude. O terceiro amor é denominado ágape ou caritas e está mais próximo da *philia* do que do Eros. Ele é o amor que representa a caridade sem interesse. A *philia* é a unidade que vem a partir dos vínculos. O “amor recíproco característico da *philia*, denotativo de afeição, amizade, familiaridade e lealdade – um amor especificamente comunitário” (SODRÉ; PAIVA, 2017, p. 3).

A preocupação sensível, para Aristóteles e Platão, é denominada *aisthela*. O sensível na sociedade é movido por gestos, ritmos e apresenta uma lógica afetiva, conforme define o professor da Escola de Comunicação Muniz Sodré (2016). A beleza, arte e percepção estariam em um sentido amplo de perceber o ser humano de uma forma mais sensível. Seria a teoria da sensibilidade, com os conhecimentos intuitivos. “O requisito essencial da compreensão é, assim, o *vínculo* com a coisa que se aborda, com o outro, com a pluralidade dos outros, com o mundo” (SODRÉ, 2016, p. 68).

O corpo é lugar dos afetos, que é submetido à racionalização. De acordo com Sodré (2016), o afeto poderia ser considerado uma teoria compreensiva da comunicação. Sodré (2016), em consonância com Gianni Vattimo (1971), considera a comunicação como uma comunidade afetiva, que partilha das mesmas emoções e vozes coletivas, que “estaria no apelo permanente à dimensão afetiva – às emoções, às paixões e aos sentimentos – como força comum que, ao lado da inteligência, constitui e integra a vida” (p. 71).

A ação mediadora é constituída porque existe um comum que nos obriga a falar de um e outro. A comunidade é uma relação social que se consolida com a vinculação. Os vínculos são as estratégias essenciais das interações por meio da mediação. Muniz Sodré (2016) afirma que os homens são comunicantes porque estabelecem relações ou porque organizam mediações simbólicas, de modo consciente ou inconsciente, em nome da partilha de algo em comum. O conceito de comum é definido também pelas questões psicológicas que considera a comunidade como “a qualidade de relação entre indivíduos, que se caracteriza pela presença de sentimentos de solidariedade, identificação, união, altruísmo e integração” (PAIVA, 1998, p. 75).

O filósofo Michel Maffesoli (2014) observa as dimensões sensível e afetiva dentro das relações sociais. Diversos estudos de Simmel abordaram as práticas sociais com as vivências das emoções. A aventura, o amor, a arte e o conflito caracterizam o universo das emoções, que as ciências sociais denominam como “Sociologia ou Antropologia das emoções” (PERES *et all*, 2011, p. 96).

As emoções orientam o indivíduo desde os primórdios da civilização. Embora as discussões sobre os afetos tenham permanecido longe dos círculos filosóficos europeus (SODRÉ, 2016, p. 40) ao longo da história, não podemos negar a

importância dos afetos para a construção das relações sociais. O antropólogo francês David Le Breton (2009), em consonância com Marcel Mauss (1969), afirma que, em determinadas sociedades, os sentimentos são induzidos ou esperados. Mauss (*apud* BRETON, 2009), por meio de estudos, conclui que em determinadas sociedades quando alguém morre esperamos naturalmente uma demonstração de tristeza, porque os sentimentos são formas utilizadas para expressar as experiências culturais.

As emoções podem ser caracterizadas como o não lugar ou entre lugares da vida social, conforme define Fábio Peres *et al* (2011). E as relações são expressas de forma distinta em cada cultura ou sociedade. Os registros afetivos devem ser compreendidos nas diferentes formas de expressão. Peres *et al* (2011), citando Simmel (1983), ressalta a possibilidade de levarmos em consideração as emoções: raiva, medo e amor como formas de socialização. As experiências são formas de socialização como sair, namorar e encontrar amigos. Podemos incluir como “formas de estar com o outro e de ser para o outro, pelas quais e nas quais os indivíduos vão se vincular e influir uns sobre os outros” (PERES *et al*, 2011, p. 102).

O amor é o princípio orientador das redes familiares. Os sentimentos medem a qualidade das trocas, discussões, crenças populares, visões de mundo e outras formas de consistência que constituem a comunidade de destino, que pode ser composta por uma pluralidade de elementos, que nos faz sentirnos solidários. O modo como são construídas e traduzidas as experiências interculturais representam um universo de possibilidades, que podemos denominar como cultura afetiva. “O registro afetivo de uma sociedade deve necessariamente ser compreendido no contexto de suas condições reais de expressão” (BRETON, 2009, p. 10).

O outro é responsável pelo entendimento daquilo que não compreendemos, pois o outro nos ressignifica. Breton (2009) acredita que o mundo sem pessoas é um mundo sem laços e destinado à solidão. “Assim, o outro não é somente o “transformador” do homem da qualidade de *infans* para a de ator social, ele é também a condição de perpetuidade do simbolismo que o atravessa e do qual ele se serve para comunicar-se com os outros” (BRETON, 2009, p. 43).

O trabalho do lar, nas relações familiares, pode ser designado, citando Muniz Sodré (2016), como uma economia afetiva. O termo refere-se ao trabalho silencioso das mulheres: os cuidados com os filhos e as tarefas domésticas que não têm remunerações. O lar é o espaço do afeto. O papel afetivo que as mulheres ocuparam

e ainda ocupam durante muitos anos. A invisibilidade feminina, que denominamos como responsável pela economia afetiva, com o esforço com a dupla ou mesmo tripla jornada, conforme consideram alguns estudos feministas.

Os papéis diferenciados entre homens e mulheres demarcaram os estereótipos que definiram as mulheres como carinhosas e passionais com atributos menos competitivos do que os homens (ROCHA-COUTINHO, 1994). E dispostas à abdicção de si em prol do outro ou com a contribuição invisível dentro das relações familiares. Os sentimentos de solidariedade e espontaneidade alimentam as construções sociais e afetivas. As dimensões sensíveis, como a intuição e a solidariedade, integram a vida. Estar vivo é conceder ao Outro.

Os vínculos são responsáveis pela diminuição da carência orgânica ou emocional. As pesquisadoras Márcia Lúcia Rieth Uber e Mariana Gonçalves Boeckel (2014) designam a comunidade não somente como um espaço de relações familiares, mas de redes sociais. As redes sociais afetam positivamente ou negativamente a saúde dos indivíduos. Os afetos, conforme definimos no subtítulo anteriormente, são construções sociais que se modificam de “tempos em tempos”.

O amor no Ocidente, a partir do século XX, torna-se na combinação entre desejo sexual, amizade e afeto uma única relação. O amor romântico modificou a sexualidade, propondo um amor único, que é recíproco na busca por felicidade. “A atração romântica é considerada a base adequada e, na verdade, única para qualquer pessoa escolher a sua companheira para o resto da vida” (LINS, 2012, p. 195).

Os relatos românticos na literatura narravam casos de suicídio quando o amor não era respondido. A filosofia contemporânea explica o amor como uma inquietude da alma. As cartas de amor eram trocadas entre os ‘enamorados’, mas marcavam o papel submisso das mulheres. Os bilhetes e as cartas de amor descreviam os sentimentos do amante ao ser amado. Sigmund Freud, durante os três anos de noivado, escreveu 940 cartas para Marta. Nas cartas, Marta é idealizada por Freud como a esposa ideal. As novelas, folhetins e livros de romances fazem sucesso. No contexto literário, a família, a Igreja e a escola definem o que os jovens deveriam ler (LINS, 2012).

As narrativas literárias propagavam conceitos de subalternidade das mulheres, geralmente representadas como dóceis, dependentes e pobres. Enquanto isso, os homens são representados como os heróis fortes que salvam as donzelas do perigo

ou apuro. Os relacionamentos, a partir do século XX, modificam-se por meio de flertes e o modo com que ocorriam as conquistas. As bicicletas, em 1920, proporcionam que encontros acontecessem e possibilitaram novas escolhas entre parceiros. O amor ganhou importância com o tempo, e indivíduos acreditam que não podiam viver sem um grande amor.

O amor romântico mudou a história do casamento. A partir da década de 1940, as escolhas por amor fizeram com que a felicidade estivesse presente nas relações amorosas porque o amor e o desejo sexual eram recíprocos. O amor é uma busca constante, em que homens e mulheres estão se reinventando com as novas descobertas. O “amor romântico começa a sair de cena levando com ele a sua principal característica: a exigência de exclusividade” (LINS, 2012, p. 303) do relacionamento monogâmico.

O amor, para Julia Kristeva, permanece uma aventura e existe para o outro e por meio do olhar do outro. “Quando sonhamos com uma sociedade feliz, harmoniosa, utópica imaginamos construída sobre o amor, portanto que me exalta e às vezes me supera ou me excede⁵² (KRISTEVA, 1987, p. 4). O sentimento de paixão pode nos virar de “perna para o ar” e invade a nossa cabeça. “É comum se fazerem escolhas radicais e muitas vezes penosas – falta-se ao trabalho, larga-se o emprego, muda-se de cidade, abandona-se a família” (LINS, 2012, p. 298). Mas por que nos apaixonamos?

A pesquisadora Dorothy Tennov, na década de 1960, realizou uma pesquisa com indivíduos de 37 culturas e concluiu que a duração média de uma paixão é de 18 meses a três anos. O término do sentimento é explicado porque o cérebro não suportaria manter a excitação por muito tempo. Outra pesquisa realizada pela italiana Donatella Marazziti (2016)⁵³, da Universidade de Pisa, observa que diversas substâncias cerebrais são liberadas quando estamos apaixonados, o que ajuda a explicar, do ponto de vista químico, as noites sem dormir e a perda de apetite. Os estimulantes naturais, como a dopamina e a norepinefrina, são produzidas em

⁵² *Cuando soñamos con una sociedad feliz, harmoniosa, utópica, la imaginamos construída sobre el amor, puesto que me exalta a la vez que me supera o me excede* (KRISTEVA, 1987, p. 4) (Tradução nossa-espanhol-português).

⁵³ Paixão revelada. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/paixao-revelada/>. Acesso em: 18 jan. 2019.

quantidades maiores do que o usual por quem se apaixonou. Essas substâncias são as mesmas utilizadas em moderadores de apetite.

O amor é a cura para os diversos descontentamentos, como por exemplo, a ansiedade e a solidão. As transformações na família, outras formas de sexualidade e a ascensão da mulher no mercado de trabalho afetam as divisões domésticas e os cuidados com os filhos. As formas de se estar em família foram se modificando, com o aumento do número de divórcios e mudanças nos papéis sociais.

A afetividade e a sociabilidade são responsáveis por sentimentos de reciprocidade, solidariedade e vontade de compartilhar a “vida junto à toa” (MAFFESOLI, 2014, p. 115). O relacionamento com o outro está na empatia e reconhecimento sensível da experiência do outro. A relação de mutualidade é dinâmica, significa viver e estar presente.

Os casais interculturais estabelecem “participação de um na vida do outro, há uma abertura recíproca aos atos intencionais do outro, vivenciamos os conteúdos subjetivos de significados um do outro” (CAPALBO, 2000, p. 295). A maneira de socializar pode ser aprendida nas instituições sociais: família, escola, Igreja ou religião. Maffesoli (2014) afirma que muitas vezes “gostamos daqueles que se parecem conosco, que pensam e sentem como nós” (p. 157). Mas sentimo-nos atraídos por aqueles que são diferentes.

4.2 Afetividade, sociabilidade e interculturalidade

Eu acho que o mundo hoje em dia é internacional. Ainda mais com a globalização, as diferentes culturas. Eu acho mais fácil viver quando a pessoa tem um entendimento de outras possibilidades, mais perspectivas e mais visão de mundo.

Maria, dezembro de 2018

A convivência com as diferentes nacionalidades e culturas promove uma integração maior em diversos contextos. A frase da interlocutora Maria, brasileira casada com israelense, retrata que os efeitos das diferenças culturais podem influenciar positivamente, ampliando a “visão de mundo” para novas possibilidades.

O termo intercultural é definido como uma dimensão de interação (DANTAS, 2017). A Unesco, em 1978, criou ações voltadas à educação intercultural para o combate ao racismo. A interculturalidade é a renúncia de um ideal e “vai muito mais além do respeito, da tolerância e do reconhecimento da diversidade; assinala e alimenta muito bem um projeto social e político dirigido às construções de sociedades, relações e condições de vida novas e distintas” (WASH, 2008, p. 140)⁵⁴.

A interculturalidade afeta a dinâmica interacional entre os indivíduos e grupos, não somente entre diferentes nacionalidades, mas também entre grupos com diversos interesses. Os casamentos binacionais são marcados por novos espaços simbólicos permeados por interações nas quais as diferenças culturais e individuais são mais acentuadas. Assim, os conflitos e negociações ocorrem também mais frequentemente na convivência intercultural.

Célia Falicov (1995a) acredita que os casamentos inter-étnicos, inter-religiosos e inter-raciais oferecem oportunidades únicas que podem enriquecer e beneficiar pessoas e familiares envolvidos nessas relações amorosas. Entretanto, sabemos que existem conflitos e problemas. O marido ou mulher pode apresentar dificuldade de

⁵⁴ *Va mucho más allá del respeto, la tolerancia y el reconocimiento de la diversidad; señala y alienta, más bien, un proceso y proyecto social político dirigido a la construcción de sociedades, relaciones y condiciones de vida nuevas y distintas* (Tradução nossa, espanhol-português).

sentir-se inserido no contexto social, cultural, profissional e/ou familiar. Um dos cônjuges sentir-se-á como um “estranho” ou *outsider*.

De acordo com o filósofo Georg Simmel (1983b), uma vez que a divergência não pode ser considerada como sistema de fusões sem os aspectos das diferenças culturais, só se pode entender a dinâmica interacional se considerarmos a diversidade, entendendo como se dá a apropriação e a interpretação dos códigos materiais e simbólicos.

Se toda a interação entre os homens é uma forma de sociação, o conflito – afinal, uma das mais vívidas interações e que, além disso, não pode ser exercida por um indivíduo apenas – deve ser considerado uma sociação. E de fato, os fatores dissociação – ódio, inveja, necessidade, desejo – são as *causas* do conflito; este irrompe devido a essas causas. O conflito está assim destinado a resolver dualismos divergentes; é um modo de conseguir algum tipo de unidade, ainda que através da aniquilação de uma das partes conflitantes (SIMMEL, 1983b, p. 122).

O conflito, apesar de comumente ser considerado apenas pelo seu viés negativo relacionado à crise ou briga, possui um caráter positivo para as interações, na medida em que pode ser minimizado ou até mesmo dirimido, por meio do consenso ou do acordo. É o momento em que o singular e o desigual emergem como parte constitutiva da socialização, tornando o conflito um evento como parte da negociação. De acordo com os sociólogos Vasquez e Quinões (2017), as uniões apresentam grande relevância para a gestão do conflito. “Todas elas estão vinculadas pela comunicação eficaz que é sustentada pelo amor e o compromisso” (VASQUEZ; QUINONES, 2017, p. 20).⁵⁵

O conflito pode auxiliar os relacionamentos afetivos porque apesar dos pontos discordantes as pessoas buscam formas de solucionar os problemas. “O próprio conflito resolve a tensão entre contrastes. O fato de almejar a paz é só uma das expressões – e especialmente óbvia – de sua natureza: a síntese de elementos que trabalham juntos, tanto um contra outro, quanto um para o outro” (SIMMEL, 1983b, p. 123).

Segundo a psicóloga Marta Tormenta (2009), os indivíduos não pertencem a uma comunidade específica, mas ao espaço contemporâneo multicultural, com

⁵⁵ *Todo ello vehiculizado de la comunicación eficaz que se sustenta en el amor y el compromiso.* (Tradução nossa, espanhol-português).

diferentes conflitos. Ou seja, nos casamentos interculturais, frequentemente, as pessoas mudam e ajustam seus hábitos. Os aniversários e funerais passam a ser celebrados, e são acontecimentos comunitários.

Maria, brasileira casada com israelense, não tem certeza se a cultura é responsável pelos conflitos com o marido. “O amor é multicultural. Eu não sei se culturas diferentes geram o conflito. Eu não sei se é isso que gera o conflito” (MARIA, março de 2019). Arjun Appadurai (2004) acredita que no espaço global ocorre o processo de hibridização de costume, identidade, língua e gastronomia. Outro fator proposto pelo autor é que a globalização propõe uma desterritorialização, e isso passa a ser uma tendência mundial, com grupos diaspóricos diferentes. Pode-se inferir que a diversidade tem um lado positivo, pois os indivíduos buscam por novas possibilidades, formas de viver, modos de agir e pensar.

Maria disse no início da entrevista que não existiam tantos conflitos somente pela questão cultural. Ela abordou a discussão sobre as dificuldades no seu relacionamento e ora disse que não tem problemas em relação aos fatores culturais, ora ressaltou que o casamento “não é tranquilo”. Interpretamos que as “histórias de vida que nós temos” podem simbolizar as questões culturais. Portanto, por mais que a entrevistada retrate que o conflito não é cultural, compreendemos que diferentes fatores podem influenciar as dificuldades de relacionamento, principalmente a interferência dos valores familiares, que não estão ‘desatrelados’ das questões culturais.

A minha forma de acreditar é o seguinte: eu não fico chamando as coisas para mim. **Quando estava lá em Israel, eu que ficava mais ofendida se ele falasse mal do Brasil** do que estando aqui. Talvez quando a gente está longe a gente sinta mais (MARIA, dezembro de 2018, grifo nosso).

Não, o casamento não é tranquilo. **O casamento... não sei se é tranquilo por causa da cultura. Acho que é por causa da personalidade mesmo nossa.** Pela falta de conseguir falar sem julgar. Eu não sei o que é. Acho que a nossa história não é porque somos de cultura diferentes, mas pelas personalidades e **histórias de vida que nós temos** (MARIA, dezembro de 2018, grifo nosso).

O processo é bastante complexo. No entanto, inferimos que a cultura distinta tem grande interferência no relacionamento de Maria. Elisa, estadunidense casada com brasileiro, discorre sobre a dificuldade do irmão em aceitar seu relacionamento. Ela disse que o irmão, no início, foi contrário pelas questões culturais e comunicativas.

Não,⁵⁶ meu irmão, no começo, meu irmão não achava que continuaríamos namorando porque o inglês do meu marido não era ótimo. Meu irmão ensinou “ok, com certeza, por algum tempo você vai namorar e se casar com alguém da sua própria cultura, porque faz mais sentido, você pode se comunicar melhor”. **Meu irmão, ele estudou literatura, então a comunicação para ele deve ser inteligente, o estilo de comunicação dele. E ele não consegue entender como você pode ter um estilo diferente de comunicação com alguém** e, ok, eu entendo. Mas depois de algum tempo ele percebeu, ele disse “ok, é diferente, mas é para você, tudo bem”. Minha família ama meu marido. Eu disse que eles o amam mais do que eu. Meu marido diz que sua família me ama mais do que você. Nós realmente gostamos da família de um e do outro (ELISA, março de 2019, grifo nosso).

As fronteiras estabelecidas entre pessoas de diferentes países são atravessadas pelas experiências simbólicas, que ordenam a vida de ambos os parceiros (GEERTZ, 1989). Na análise do discurso de Elisa, inferimos o conceito de Schutz (2010) sobre a problemática que envolve em aceitar outro padrão cultural não familiar. É o caso do irmão de Elisa, que acredita que ela deveria estar com alguém da sua cultura para não enfrentar os problemas referentes às barreiras linguísticas.

Lívia, bósnia casada com brasileiro, acredita que as diferenças e os conflitos são amenizados quando os indivíduos têm a possibilidade de conhecer outros territórios. Lívia foi para os Estados Unidos estudar mestrado. Mas, anteriormente, ela conheceu a Europa e o marido também viajou bastante. A interlocutora acredita que isso auxilia para que os indivíduos tenham outras “ólicas culturais”.

Eu não vou falar que sempre pensava que diferenças culturais, o que são e como a gente pode defini-las, como eu e meu marido. Antes de eu conseguir essa bolsa, como estudante, sempre viajava. Eu viajei pela Europa. Ele também, graças a Deus, *teve* essa possibilidade de viajar. Acho que já no início, antes que a gente vai se conhecer, a gente já ampliou as nossas perspectivas sobre o mundo, sob a ótica de culturas. Isso tudo. Eu acho que também ele morou na Austrália. Como eu já morei nos Estados Unidos. Para mim foi uma coisa normal (LÍVIA, março de 2019).

Eu estou me casando com um rapaz que mora quilômetros de distância de mim, que tem total outra cultura, outros hábitos. Mas eu acho que quando você fizer aquela decisão, que você quer a vida com alguém,

⁵⁶ *No, my brother. In the beginning my brother didn't think we would keep dating because my husband's English wasn't great. My brother taught 'ok, sure, for some time you'll date than you'll marry someone from your own culture, because makes more sense, you can communicate better'. My brother he studied literature so communication for him it has to be intelligent, his style of communication and he can't understand how you could have a different style of communication with someone and ok I'm understand. But after some time, he realized, he said 'ok, it's different but it's for you, that's fine'. My family loves my husband. I said they love him more than me. My husband says his family loves me more than they love him. We really like each other's families* (Tradução nossa, inglês-português).

você já está pronto para fazer compromissos para a sua vida. Para responder a sua pergunta, claro que a gente tem altos e baixos, que é normal. Mas é através de uma conversa, um entendimento, essas diferenças diminuem. E a gente consegue andar sem impactos maiores, sabe? (LÍVIA, março de 2019, grifo nosso).

Lívia enfatizou que estava se casando com um “rapaz com outros hábitos”, e a sua decisão de se casar é um “compromisso para a vida”. Assim, compreendemos que a questão cultural não foi um fator de impedimento para construir a vida ao lado do marido. Lívia acredita que ao conhecer o marido já, no início do relacionamento, ampliou as suas perspectivas de mundo. Mas, conforme podemos ver na entrevista, racionalmente, ela sabia que ele tinha outros hábitos culturais e familiares. Percebemos no relato que ela ponderou as questões que envolvem o relacionamento multicultural. Entretanto, a interlocutora no seu discurso disse que estava “pronta para fazer um compromisso”. Inferimos que seriam as negociações interculturais para o “funcionamento” da relação. Lívia acredita que as dificuldades fortaleceram o seu relacionamento.

Então vamos chamar assim. No meu casamento, eu não vejo essa diferença que que (gaguejou) ...**me impediriam para construir minha vida com um homem que não pertence à minha cultura. Só, eu acredito que conversa, conversa, confiança e amor** são coisas que ajudam a ultrapassar (LÍVIA, outubro de 2019, grifo nosso).

Eu acho que afeta muito, porque quando um dos parceiros se desloca da terra ele sempre está fora. Ele sempre está fora. Ele ou ela está fora da situação natural, quando você está passando pelas dificuldades, como eu enfrentei. Como ele enfrentou, lá comigo. Impactaram o nosso relacionamento. Mas, eualaria que, impactaram o meu relacionamento de uma forma mais positiva (gaguejou). E fortaleceu a relação (LÍVIA, março de 2019).

Esther Perel (2002) afirma que existem diferenças que deveriam ser superadas entre países de origem. Em alguns países, principalmente no Ocidente, o casamento é uma escolha. E os objetivos são gerar felicidade e autorrealização para ambos, com sentimentos de amor. Assim, um dos parceiros assimila os valores do outro ou de um e outro. As diferenças entre ambos são diluídas e as negociações ocorrem mais frequentemente. Helena, porto-riquenha casada com brasileiro, acredita que não teve problemas em mudar-se para o Brasil porque tem uma facilidade maior de adaptação. Ela disse que tem amigos de diferentes nacionalidades.

Sim e não, porque lá tenho diversos amigos de diferentes lugares, culturas. E quando você viaja, *la mente* abre. E a facilidade de se adaptar *es major que* uma pessoa que não viaja. Eu, quando vim aqui a primeira vez, eu me apaixonei. Você não sabe quando é como voltar a ter dezoito anos. Eu fiquei apaixonada por *todo, la musica*, tudo criou o marco, *la experiencia* foi tão incrível! (HELENA, março de 2019).

Célia Falicov (1995a; 1995b) afirma que existem estudos que defendem a ideia de que a experiência do relacionamento na mesma cultura é essencial para o desenvolvimento dos sentimentos de amor. As teorias e estudos demonstraram que as similaridades são facilitadoras para o compartilhamento da vida em conjunto. Falicov (1995a; 1995b) define também que a integração entre as partes complementares pode produzir algo mais significativo e satisfatório do que àqueles que se casaram com pessoas da mesma cultura de origem.

As interlocutoras que migraram para o Brasil, ou mesmo se relacionam com parceiros de outra nacionalidade, são atravessadas pelas mudanças decorrentes do relacionamento e tiveram que negociar e adaptar-se parcialmente aos valores do parceiro. O universo simbólico atravessa as relações entre pessoas, principalmente no casamento intercultural.

A mudança para outra cultura representa uma transformação dos referenciais de pertencimento. As rupturas com amigos, trabalho e família causam várias perdas. “Estar entre dois mundos culturais significa adentrar diferentes jogos de espelho realizados pelos outros” (DANTAS, 2015, p. 78). O sentimento de inadequação por não ter sido formado no grupo social do país de destino provoca desconforto e/ou traumas psíquicos. Os afetos trocados auxiliam o desenvolvimento de competências individuais, como significam um modo de integração e acolhimento no país de destino.

4.3 Desenraizamento, integração e negociação

Toda cultura é um processo permanente de construção, desconstrução, reconstrução que, em tempos de rápidos deslocamentos e constante contato intercultural, torna-se extremamente dinâmico.

Sylvia Dantas

O processo migratório envolve um desenraizamento da cultura. O desenraizamento cultural significa histórias e experiências pessoais vividas a partir da cultura de origem. O desenraizamento físico representa a falta das sensações e experiências físicas, como por exemplo, a comida local, a música e a língua materna. O desenraizamento é estressante, pois requer a adaptação a uma nova cultura, juntamente com o sentimento de perda social e psíquica da cultura anterior.

Célia Falicov (2001) aborda o conceito de desenraizamento cultural como uma perda. A psicoterapeuta belga está se referindo às experiências, histórias pessoais e visões sobre a realidade. O processo que Falicov (2001) define como desenraizamento também provoca a compreensão dos diferentes códigos. O estabelecimento em outro país requer adaptações que são feitas não somente por aqueles que migraram para outro destino, mas entre os que convivem com pessoas de outros fundos sociais, linguísticos, raciais, étnicos, religiosos etc.

As trocas interculturais promovem a construção de novos hábitos, condições de vida e desconstruções de padrões anteriores. A psicóloga Carolina Louback (2017) acredita que o casal intercultural busca o intercâmbio entre distintas culturas de famílias de origem, favorecendo a comunicação e o aprendizado. Embora a intenção do casal seja a construção de um projeto de vida a dois, é necessária uma adaptação diferenciada, porque um dos parceiros renunciará à sua cultura, língua materna, convivência com amigos e familiares em prol do outro (LOUBACK, 2017).

Os casais são afetados pelas construções, desconstruções e reconstruções na vivência intercultural. Os erros comuns ao se analisar as diferenças nas relações podem estar envolvidos com o senso etnocêntrico e os estereótipos sobre determinada raça, por exemplo. As experiências vividas sobre gênero, raça, etnicidade e classe social são diversas: os casais enfrentam conflitos e desafios,

entretanto, ao mesmo tempo, podem ter similaridades que complementam um ao outro, como a mesma profissão, entre outros aspectos.

O ensaio de Alfred Schutz (2010) analisa a situação do estrangeiro para identificar e interpretar, a partir do seu *pattern* simbólico, o padrão cultural do grupo ao qual se aproxima. O estrangeiro carrega um padrão cultural do país de origem até a chegada em outro grupo do país de destino. A princípio, o estrangeiro é um observador que, somente após interpretar os códigos materiais e simbólicos do grupo aproximado, transforma-se, adaptando-se e expressando os códigos cotidianamente. “Somente após, tendo assim reunido um determinado conhecimento da função interpretativa do novo padrão cultural, pode o estrangeiro começar a adotá-lo como esquema de sua própria expressão” (SCHUTZ, 2010, p. 125).

Juliana, brasileira casada com senegalês, mudou sua forma de pensar sobre a bebida alcoólica. O marido, que é muçulmano e não bebe, disse que não queria ver a esposa bebendo. “Um dia fomos em um churrasco aí e eu bebi muito. Ele não comentou nada. Disse: ‘no dia em que você quiser sair para beber me avisa que eu levo você e depois vou buscar, porque não quero ver você beber’” (JULIANA, março de 2019).

Eu olhei a foto. Eu nunca tinha me visto daquela forma. Eu nunca tinha me visto daquele jeito. **Eu estava chapadinha. E a minha postura era vulgar.** O jeito que estava em pé. Eu não me vi ali. Como não é o meu jeito. As minhas amigas falavam para mim, porque eu sempre fui uma mãezona. Elas enchiam a cara. E eu estava lá (...). Eu que deixava elas em casa. Eu me vi de um jeito, sei lá, não gostei do que eu vi. Aí, eu mostrei a foto para ele. E falei: “Amor, eu fico assim quando eu bebo?”

Ele respondeu: “Fica sim”.

Eu falei: “Gente, eu nunca me vi assim”.

E ele: “Fica assim”.

Então, daquele dia em diante eu vi aquilo como se fosse... **eu acho que eu deletei essas fotos. Daquele dia em diante não posso falar que eu não bebi. Devo ter bebido um copo de cerveja ou outro. Eu não me senti nada feliz com o que eu vi, me senti vulgar, até discuti** com a minha tia por causa disso (JULIANA, março de 2019, grifo nosso).

Juliana, após beber, sentiu-se vulgar e não gostou do seu estado. É necessário entender as grades simbólicas de Alfred Schutz (2010) para interpretar o discurso. Juliana, ao sentir-se vulgar, está se vendo com as ‘lentes’ culturais do marido; antes

de conhecê-lo, provavelmente ela não se sentiria da mesma forma. O marido é muçulmano e a bebida não é permitida na sua prática religiosa. As interpretações de cada indivíduo atravessam as fronteiras, mesmo para aqueles que não saíram do seu país (DANTAS, 2012). É o caso da entrevistada Juliana, que nunca saiu do Brasil e interpreta a realidade com as mesmas percepções culturais do país do marido dela.

O padrão cultural é um guia para as situações que acontecem na vida social e apresenta direções sem questionamentos e indagações. O estrangeiro, ao se aproximar do grupo, “é um homem sem história” (SCHUTZ, 2010, p. 122). Mas a cultura do país de origem continua a ser parte da sua biografia pessoal. As memórias da culinária ou afetividades estão presentes e são elementos subjetivos do passado, especificamente do grupo com o qual o estrangeiro se relacionava anteriormente.

O desconcerto ao se aproximar do grupo do país de destino, no início, é causado porque temos um modo de pensar, agir e sentimentos internos que são construídos culturalmente. A integração, segundo as psicólogas Ivy Daure e Odile Reveyrand-Coulon (2009), é a melhor forma de interação entre indivíduos de duas culturas distintas, pois permite a socialização entre uma e outra cultura. A cultura é um processo de interações que se mantém no campo do outro.

João Rossini Coelho (2018) buscou repensar o termo integração no processo migratório de um modo mais amplo. Analisando a interculturalidade, o publicitário brasileiro define a integração como um meio de negociação, com diferentes perspectivas. A integração para Lívia, bósnia casada com brasileiro, acontece em diferentes níveis, como por exemplo, o sentimento de integração no lado afetivo. Entretanto, não se sente integrada na área profissional.

Eu falaria assim... eu amo o **Brasil porque é uma mistura de culturas, de raças diferentes**. O Brasil é enorme e você não fica olhando e perguntando quem é que. Eu acho que vale a pena... se você tem como contribuir com a sociedade... e nesse caso eu me sinto integrada, mas claro que eu tive dificuldade de arrumar um emprego. Eu também, eu comecei a perguntar se isso também foi um problema meu, mas olhando a situação no Brasil. Ok. (LÍVIA, março, 2019, grifo nosso).

Eu não vou ficar parada, em depressão, porque eu não consigo me integrar completamente no sentido profissional. Agora eu vou tentar puxar o máximo daquela situação e criar uma... coisa minha.... só que do lado particular e privado eu falaria assim... eu me sinto integrada ao lado do meu marido, mas do lado profissional não. Essa parte já é (pausa) (LÍVIA, março, 2019, grifo nosso).

Agora, agora, eu poderia discutir sobre isso. Olha: ela foi ótima, mas infelizmente, depois de seis meses a empresa entrou em processo de operação judicial. Eu fui mandada embora e infelizmente eu saí do emprego... como meu marido é carioca, eu decidi morar no Rio de Janeiro. Agora é hora... eu sempre quis morar no Rio, mas como tive a oportunidade profissional em São Paulo, eu fiquei lá. Eu achei que lá tem muitas oportunidades profissionais e tudo, mas por causa desta situação no Brasil, **é mais difícil arrumar um emprego e eu percebi que não tem mais razão de continuar em São Paulo e me mudei para o Rio.** (LÍVIA, março de 2019, grifo nosso).

A minha maior dificuldade é a integração na vida profissional, a gente tem amigos maravilhosos, entendeu? **A gente tem uma família maravilhosa. Eu também tenho meu círculo de amigos que ficaram em São Paulo, mas não existe aquela proximidade, que eu me acostumei a ter. Mas é lógico eu estou aqui só dois anos** (LÍVIA, março de 2019, grifo nosso).

Sofia Gaspar (2010), nos estudos sobre casais mistos, observa que muitos entrevistados que migraram tiveram dificuldades em encontrar vagas de emprego com base na educação anterior e qualificação profissional no país de destino. A socióloga portuguesa acredita que, além das barreiras profissionais, existem dificuldades nos estabelecimentos dos laços de intimidade em relações sociais fora do ambiente familiar. As dificuldades enfrentadas representam também discriminação pela *estrangeiridade* e barreiras linguísticas.

A integração pode ocorrer em um sentido e não em outro. Lívia, para se sentir integrada, acredita que deveria estar trabalhando. Ela ressalta que as barreiras linguísticas, dificuldades e conflitos interferem no processo de integração à sociedade brasileira, e afirma que “vai continuar lutando para sentir-se integrada” no âmbito profissional. Lívia aprendeu o idioma para sentir-se parte da cultura brasileira. A língua é também um fator de integração.

Eu senti muita dificuldade para aprender a língua. Exatamente essa foi uma das razões **por que eu me forcei para aprender o português mais rápido, porque não consegui me integrar na sociedade.** Porque meu marido... [não continuou a frase]. Eu pensei quando chegar no Brasil eu vou falar inglês quatro ou cinco meses até (...). Mas eu não consegui nem comunicar com os meus colegas do trabalho, porque poucos brasileiros falam inglês. **O meu marido tinha que marcar médico, ida pra salão de beleza...(so)** (LÍVIA, março de 2019, grifo nosso).

Para Lívia, o aprendizado do código cultural acontece por meio da linguagem, por isso ela quis aprender o português. Nathalia Ramos (2001) afirma que a integração social e cultural tem um processo de dupla apropriação, que pode ser: a

apropriação do indivíduo por um contexto social e cultural particular (que insere o indivíduo); ou a apropriação pelo indivíduo nas estruturas simbólicas, na aprendizagem do código dentro do contexto sociocultural em que ele está inserido (o indivíduo é construído à medida que ele aprende o código cultural). Dessa forma, percebemos que a língua é o código que Lívia “forçou-se a aprender” e para integrar-se ao Brasil.

Mame, brasileira casada com senegalês, afirma que se adaptou à vida do marido. Ela ama as origens africanas. “Eu me adaptei à vida dele. Eu tenho essa coisa ligada à África. A educação aqui no Brasil é bem diferente. A gente tem tanta cultura que não tem uma” (MAME, março de 2019). Percebemos que Mame adaptou e negociou os hábitos culturais brasileiros com os africanos. É dessa forma que ocorre a aculturação, que permite a construção de uma nova cultura, por meio da convivência com a heterogeneidade do outro.

O processo de aculturação é o fenômeno no qual o indivíduo adquire a cultura do outro (no caso, do marido), por meio do processo de relacionar-se com ele. Os fatores variados, como o domínio da língua em um outro país, aquisição de uma religião diferente, podemos denominar como a aculturação. As mudanças culturais dos meios de comunicação, por exemplo, diferem das relações afetivas.

Assistir a filmes em inglês, usar roupas americanas não faz com que as pessoas se pensem ou ajam como americanos; falar francês, adotar a culinária francesa não torna ninguém mais europeu; assim como fazer ioga e seguir um guru, estando em seu país natal, difere do impacto que o contato suscita quando se muda de contexto cultural (DANTAS, 2012, p. 118)

Sylvia Dantas (2017) afirma que a integração representa a manutenção da cultura de origem, integração e/ou adaptação aos grupos. O processo de adaptação envolve transformações de valores, crenças e costumes de ambos os parceiros. O comportamento humano e envolvimento com outras culturas é explicado pela Psicologia Intercultural como “aculturação psicológica”. Interpretamos, como é o caso de Mame, que está adaptada aos valores da cultura africana. Mesmo sem sair do Brasil, Mame passou pelo processo de adaptação e aculturação da religião africana, com os valores do *pattern* simbólico do marido.

As diversidades são construídas nas interações e no estabelecimento dos vínculos sociais, conforme o pensamento bakhtiniano, e podem nos levar a

compreender que a alteridade apresenta uma “visão multirreferenciada” no espaço interacional. Mikhail Bakhtin (2011) afirma que o outro me constitui e é possível compreender o outro. “Nesse encontro dialógico de duas culturas elas não se fundem nem se confundem; cada uma mantém a sua unicidade e a sua integridade *aberta*, mas elas se enriquecem mutuamente” (BAKHTIN, 2011, p. 366).

No encontro intercultural as barreiras são quebradas, o que permite que cada um se coloque no lugar do outro. A compreensão do outro reforça o sentimento de empatia com a estrangeiridade do outro. “Esse estrangeiro, dentro de nós, escapa nas situações mais familiares e emerge quando está diante de situações geradoras de estresse, como no caso da migração ou ao se atravessar fronteiras culturais onde quer que se esteja” (DANTAS, 2015, p. 87).

A psicóloga Marta Tormenta (2009) afirma que os casais biculturais, apesar das diferenças e conflitos, podem atingir uma harmonia posterior como os casais monoculturais. E, após construções interculturais e negociações das diferenças, os casais atingem uma compreensão mútua. O psicólogo português Lind (2008), em consonância com Romano (2001), acredita que é importante cultivar o espírito aventureiro e curiosidade constante para que o relacionamento seja bem-sucedido. Célia Falicov (1995a) acredita que a complexidade dos relacionamentos pode indicar também uma forma de ultrapassar a “chatice do cotidiano”. Muitos casais binacionais podem oferecer uma experiência inovadora e compreensão de diferentes esferas, como por exemplo, os rituais familiares, hábitos de culinárias, hábitos religiosos, educação dos filhos, aprendizagem de uma nova língua, entre outros.

4.3.1 Rituais familiares

As diferentes formas de se relacionar marcam os casais interculturais, que são atravessados por duas crenças, diferentes línguas maternas, religiões e modos diferentes de olhar o “mundo” para o ambiente exterior. Os rituais quando são interrompidos por diferentes motivos, como por exemplo, no processo migratório, divórcio ou problemas de estereótipos da cultura dominante, as famílias transculturais podem passar por um período de crise.

A experiência migratória envolve o luto ou incapacidade em adaptação. A perda da língua e hábitos familiares do país de destino podem causar traumas e dificuldade

de inserção social. A migração é uma situação que provoca uma desorganização, exigindo uma reorganização posterior. Sendo assim, devemos considerar a importância dos laços sociais para a adaptação em uma terra estranha. As redes sociais são importantes para a experiência individual, como o bem-estar e hábitos de “cuidado” (SLUZKI, 1997).

O apoio de representantes religiosos e redes familiares favorecem a resolução de problemas e o desenvolvimento do sentimento de segurança (SLUZKI, 1997). Os casais que pertencem a diferentes culturas passam por uma fase de transição cultural, mantendo valores individuais e aprendendo a negociar outras questões conflituosas. De acordo com Lind (2008), percebe-se que há uma maior flexibilidade entre os rituais familiares dos casais interculturais.

Célia Falicov (2001) acredita que o ritual pode oferecer suporte social e emocional para facilitação do processo de transformação e mudança cultural. O restabelecimento dos rituais, preparações de pratos, festas tradicionais e eventos importantes na cultura de origem são transformadores para a inserção em um novo país, conforme define Lind (2008).

As negociações entre ambos os cônjuges permitem descobrir as semelhanças e diferenças, que estão relacionadas à linguagem, à religião, às crenças familiares, ao vestuário, às questões socioeconômicas, à música etc. Os rituais familiares são formas de ajudar no estabelecimento do bem-estar físico e psicológico. Lind (2008), citando Vogelsanger (2002), acredita que os rituais são uma criação ou construção da cultura, com a necessidade de interpretar o mundo e dar-lhe sentido.

A diversidade cultural entre os casais binacionais (FALICOV, 2007) apresenta valores que são restritivos na cultura de origem, que podem significar proibições em contato com a nova cultura. A construção de novo código cultural requer o entendimento de duas culturas (FALICOV, 1995b) e valorização de ambas as culinárias, por exemplo, como também aceitação de ambos os rituais comemorativos entre os dois países (PEREL, 2002).

Falicov (2001) verificou que as tradições entre os casais interculturais podem gerar desafios, mas também misturas e adaptações mútuas. Os rituais afetam o comportamento das pessoas no ambiente familiar (LIND, 2008). Os rituais podem delimitar fronteiras de cada membro, com características individuais. E podem formar, exprimir e manter as relações interpessoais.

Maria, brasileira casada com israelense, acredita que ambos se adaptaram às tradições israelenses e brasileiras. Maria adaptou-se à circuncisão, que é uma prática cultural em Israel. Entretanto, a sua mãe achou estranho. Maria disse que não tem problema em seguir as tradições judaicas, assim como o marido respeita a cultura brasileira. Segundo os rituais sagrados, todos os meninos judeus devem realizar a circuncisão, denominada *Brit Milá*, no oitavo dia de vida. De acordo com a tradição em Israel, o menino é identificado como judeu nos primeiros dias de vida.

Nasceu. E é menino. A gente faz a circuncisão. Minha mãe queria morrer. Ai! Vai cortar o pinto dele. Ficou toda (pausa), mas a gente fez. **Lá em Israel todo mundo faz. Lá ele era igual a todo mundo. Aqui, ele é diferente.** Aqui o povo não corta, né? Por exemplo, com 13 anos tem *Bar Mitzvá*. Não sei se vamos fazer. A gente, assim, não tem, não temos problema de seguir as tradições da cultura, porque eu respeito a cultura judaica. E ele também respeita a minha forma de viver aqui no Brasil, não é? (MARIA, dezembro de 2018).

Carolina Louback (2012), em consonância com Paul Rosenblatt (2011), acredita que o casamento não ocorre somente entre o casal, mas envolve a família e a cultura de cada um dos parceiros. A família de origem pode transparecer expectativas de como o casal deve viver, opor-se e ressentir-se em relação ao estabelecimento do relacionamento intercultural.

Elisa, estadunidense casada com brasileiro, discorre sobre as diferenças familiares entre ambos. O marido acredita que ela mantém uma comunicação muito “espaçada” com os familiares dela. No entanto, Elisa acha que deve ligar para os seus familiares somente para conversar sobre questões mais significativas. “São diferentes com características, personalidades, e os pais, meus sogros, são mais velhos do que meus pais: meu sogro tem 76 anos, 75, este ano ele vai virar, vai ter 76, então meu pai só tem 68 anos” (ELISA, março de 2019).

A família é importante. Eu... é diferente, tipo, meu marido acha que eu sou doída, porque eu falo com meus pais uma vez a cada duas semanas. Eu acho que a família é importante. E ele fala: “Qual é? *I like*. Você fala com eles uma vez a cada duas semanas”. **Mas, para nós, a gente só fala sobre coisas importantes. Nesses momentos, a gente fala duas, três horinhas, mas com conversas bem significadas.** E aqui, a família fala mais sobre menos coisas, tipo: “o que você comeu hoje?” (ELISA, março de 2019, grifo nosso).

A reprodução cultural oferece suporte social e emocional para facilitar o processo de adaptação de um desterritorializado. Maria acredita que a tradição

judaica é interessante. “A tradição da circuncisão eu acho muito legal fazer, pois fica mais higiênico, né?” (MARIA, dezembro de 2018). De acordo com os estudos de Lind (2008), as famílias que conseguem se adaptar aos rituais são mais flexíveis e saudáveis. Nesse sentido, para manter os rituais de forma satisfatória é necessário readaptar-se às tradições do parceiro ou parceira. Maria ressaltou que comemorava o Natal com a celebração do ano novo judaico, denominado *Rosh Hashaná*. Os dois celebram as festas e rituais que são importantes para ambas as culturas.

Isto é uma negociação que existe lá em casa. E um tratado. A gente não mantém nenhuma cultura. Assim, **a gente estava lá em Israel e, se eu quisesse fazer o Natal, eu fazia. E ele, o *Rosh Hashaná*. Ele fazia, que é a festa do ano novo lá. Então, a gente não tem nada contra ou a favor. Eu até gostaria de ficar fazendo as festas da tradição judaica.** Eu não estava com muito tempo para ficar gastando com isso. Então, acabei que não fiz. A gente canta. Chega ano a gente faz o *Rosh Hashaná* lá. Quando chegava o Natal, a gente comemorava. Então, a gente vai cumprindo os dois feriados, não temos um problema com isso. A gente faz a festa dos dois lados (MARIA, dezembro de 2018, grifo nosso).

As rotinas e rituais são necessários para a estabilidade e fortalecimento dos laços emocionais (MISKE *et al.*, 1994 *apud* LIND, 2008). O estabelecimento de práticas e rituais auxiliam a integração e diminuição de conflitos. Valorizar as práticas ritualísticas do outro favorece uma rotina saudável, mais humana, por meio de relações interpessoais. Os rituais e tradições da cultura de origem ajudam no alívio de sofrimentos, traumas e articulações, que dificultam o processo de integração no novo ambiente.

Os estudos do psicólogo Lind (2008) indicam que a realização do ritual está associada à construção da saúde familiar e um ajustamento psicossocial dos indivíduos. Entretanto, o não uso dos rituais pode gerar diversos problemas, como doenças. Por exemplo, é saudável que o casal, mesmo pertencente a diferentes práticas culinárias, mantenha o hábito de jantar juntos. O jantar seria um ritual íntimo, com a identidade de cada um entre ambas as culturas, com duas culinárias distintas, valorizando o espaço e a experiência de integração por meio da comida.

4.3.2 Hábitos da culinária

O sistema culinário representa o lugar de ordenar o mundo de maneira específica. A alimentação pode expressar identidades e diferenças culturais construídas no fenômeno migratório. As lembranças do país de origem marcam a ausência do convívio e trocas materiais, simbólicas e afetivas. A comida, conforme define Assunção (2011), é estar em contato com algo presente ao copiar, imitar ou aderir ao cotidiano. “Assim, as comidas não somente representam as lembranças dos imigrantes, marcadas pela saudade, como o convívio familiar e os momentos de festividade da localidade onde nasceu, como também têm o poder de carregar estas lembranças” (ASSUNÇÃO, 2011, p. 173-174).

A comida é o espaço de troca, o contato com o passado e a infância. Viviane Assunção (2011), na tese *Onde a comida não tem gosto: estudo antropológico das práticas alimentares de imigrantes brasileiros em Boston*, acredita que a comida brasileira está associada à dimensão afetiva e familiar. A comida é manifestação das relações sociais, e os imigrantes nos Estados Unidos utilizam hábitos gastronômicos para manutenção de laços com o Brasil.

Viviane Assunção (2011), em consonância com Menezes (2002), aborda o estudo sobre agreste e Nordeste, exemplificando o fenômeno de migração interna para trabalhar na cana-de-açúcar. Evidenciam-se as trocas entre duas culturas, como também os conflitos entre os grupos. Os pernambucanos explicam que os paraibanos misturam os alimentos doces e salgados para representar divindades.

A comida promove e reforça os sentimentos de pertencimento social. A feijoada é marcada pela identidade nacional brasileira. Gilberto Freyre e Câmara Cascudo (ASSUNÇÃO, 2011) acreditam que a alimentação é o elemento que representa a identidade nacional e regional. A feijoada, prato típico de escravos, passou a ser reconhecida mundialmente como prato típico da culinária brasileira. A culinária não somente representa as lembranças dos imigrantes, como a memória do convívio familiar, daqueles que permaneceram na terra de origem, e as festas, os rituais e as festividades.

Segundo Viviane Assunção (2011), citando Mata Codesal (2010), nos estudos com os equatorianos, conclui-se que os imigrantes, na cidade espanhola de Santander, estavam tentando manter ligação com o lar e a memória familiar através

da comida do país de origem. A comida estabelece conexão com o território constituindo vínculos sociais a distância (ASSUNÇÃO, 2011). Por exemplo, os filhos de migrantes que comem a comida do país de origem da mãe continuam com um vínculo afetivo materno. Assim, os filhos não terão problemas para se adaptarem aos hábitos da culinária quando viajarem ao país de origem da mãe. Assunção acredita que os filhos de imigrantes que cresceram em outras culturas são reconhecidos como brasileiros quando aprendem desde pequenos a experiência cultural através da comida brasileira.

Diversos estudos afirmam que a comida é uma forma de comunicação. Massimo Montanari (2008) acredita que a participação na mesa comum é sinal de pertencimento ao grupo. A culinária transporta tradições e a identidade de um determinado grupo. Conforme define o historiador italiano, a comida é veículo de troca cultural, com modos dinâmicos e gostos distintos. No contato entre pessoas de diferentes espaços geográficos ainda persistem diferenças, que não são destruídas, mas misturadas.

A gastronomia é o veículo que transporta a troca cultural porque comer a comida dos outros é, segundo Montanari (2008), mais fácil do que aprender uma língua estrangeira. A culinária é uma linguagem que não é diferente de outros tipos de linguagens. O historiador italiano, em consonância com Roland Barthes (1975), acredita que a comida exerce função social. “O sistema alimentar se organiza como um código linguístico portador de valores acessórios” (MONTANARI, 2008, p. 158). Comer significa o convívio social, com a participação à mesa.

As histórias que contamos nos lembram que toda a cultura, toda tradição, toda identidade é um produto da história, dinâmico e instável, gerado por complexos fenômenos de troca, de cruzamento, de contaminação. Os modelos e as práticas alimentares são o ponto de encontro entre culturas diversas, fruto da circulação de homens, mercadorias, técnicas, gostos de um lado para o outro do mundo (MONTANARI, 2008, p. 189).

A comida tem a materialidade no gosto e no cheiro. As trocas simbólicas culturais são traduzidas na comensalidade. A gastronomia é parte do contexto social em que estamos inseridos, mas no qual podem ocorrer algumas rupturas, principalmente, entre os casais binacionais, quando aprendem a gostar de comer algo “estranho” e novo. Viviane Assunção (2011) ressalta a importância do gosto na

interação. A adaptação aos novos hábitos culinários talvez não substitua os hábitos da culinária do país de origem porque a comida desempenha um papel afetivo.

A gastronomia brasileira e entre os diferentes países representam trocas interculturais ressaltadas pelas interlocutoras da pesquisa. Lívia, bósnia casada com brasileiro, afirma que aprendeu a comer a comida brasileira e adora. No entanto, demorou um período para adaptar-se. A culinária, como relata a interlocutora, é um modo de aprender outra cultura. Lívia exemplifica a culinária como uma mudança “simples” no seu convívio intercultural.

Eu aprendi a comer arroz e feijão. E adoro, aparentemente, não tenho nenhum problema. Eu adoro a comida brasileira. A variedade de salada, mas também demorou tempo para mim. Eu me acostumar. E começar a preparar aquela comida, porque tudo que eu levo como minha herança é outra coisa, outro bicho (LÍVIA, março de 2019).

Eu acredito que sim. Eu não acredito, mas eu vejo assim, se você tivesse me perguntado essa pergunta antes eualaria não existe. Essas diferenças podem ser só mais ou menos visíveis ou impactadas para aquele relacionamento. **Só o que existe, a partir de comida, que me acostumei a comer. Agora estou falando de comida, uma coisa bem básica, entendeu?** (LÍVIA, março de 2019, grifo nosso).

Elisa, estadunidense casada com brasileiro, também utiliza a mesma expressão: "Existem as diferenças culturais que podem ser mais ou menos impactadas. Tudo que levo como herança é outro. Eu aprendi a comer a comida brasileira e adoro" (ELISA, março de 2019). Elisa refere-se à comida brasileira como a herança do outro. A gastronomia apresenta categorias simbólicas de integração cultural.

Juliana disse que começou a comer a comida senegalesa e adora. Os filhos dela experimentaram a culinária senegalesa e ambas são similares. Ela cozinha a comida brasileira para o marido, como estrogonofe e lasanha. Os dois estabeleceram uma culinária que definimos como intercultural. No entanto, o marido é muçulmano, e não come carne de porco. “Na religião dele é proibido porque eles falam que faz mal para a saúde. Tudo que faz mal, como a carne de porco, é proibido” (JULIANA, março de 2019). Ela disse que prepara uma lasanha para ele, sem usar presunto, e outra para os filhos.

Eu amo a comida dele, eu acho bom, o tempero é diferente, só acho que é igual, é a mão dele mesmo, porque não tem segredo, é alho. Não tem

nada diferente, cebola e caldo Knorr. Mas a comida dele fica diferente. Então, não sei se é a mão. Os meus filhos comem a comida dele e, é muito assim, arroz com carne, legumes, peixe, e eles não têm muito hábito de comer salada, tipo alface e tomate. Quando faz peixe, aí ele gosta mais de verdura, arroz, tem uma comida que ele faz como se fosse aquele baião de dois (JULIANA, março de 2019, grifo nosso).

C: Sim, baião de dois.

J: E é com feijão fradinho, sem ser preto, às vezes o que faço para agradar ele é estrogonofe de carne e frango cozido. Daí, às vezes eu faço uma coisa que ele ama, para ele lasanha, mas aí eu tiro o presunto da lasanha. Então porque aqui não tem isso, aqui não entra mais. Por exemplo, o meu filho: como somos nós que cozinhamos, eu não compro carne de porco, mas entra presunto, quando faço misto-quente. Quando faço lasanha, eu faço uma para ele e outra com queijo e presunto para o resto (JULIANA, março de 2019).

Eu, a única coisa que evito mesmo foi carne de porco, mas eu amo e como. Entendeu? Se eu for almoçar em um restaurante eu como, mas eu evito comprar aqui para casa. A única coisa que mudou (JULIANA, março de 2019).

Os alimentos imbricam origens simbólicas entre várias civilizações. A fome e a sede mostram que têm caráter de animalidade, mas existem regras sociais. A comensalidade impõe as regras sociais. A refeição ordena as relações sociais de maneira recíproca (MONTANARI, 2008). Em alguns casos, a comida é uma forma de inserção social, representando modos complexos de simbolizar os processos sociais.

A história da alimentação está associada à religião. As práticas alimentares dos judeus são seletivas e as regras judaicas foram interpretadas como um recurso de distinção cultural. Maria, brasileira casada com israelense, afirmou que fez negociações interculturais, usando elementos da culinária judaica e brasileira. Ela morou anteriormente em Israel, durante 12 anos. Mas, atualmente, ambos vivem em Goiânia. Ela ressalta que continuaram com uma alimentação saudável e fazem uso dos mesmos ingredientes, como por exemplo, o *tahine* e a coalhada.

Maria não relatou nenhum conflito envolvendo as práticas alimentares, mas se referiu a uma adaptação entre as duas culinárias, sem que isso atrapalhasse na rotina estabelecida tanto no Brasil quanto em Israel. “Essa coisa de misturar carne com leite não é digestivo para nenhum organismo, então”, afirmou Maria, que já está adaptada ao modo israelense de não misturar os alimentos.

A gente trouxe muita coisa de lá. Por exemplo, a gente continuou saudável igual lá. A gente continua falando inglês com os meninos. **A gente continua mais ou menos do mesmo jeito, assim, de ser, sabe? A gente não mudou, assim, porque está aqui** (MARIA, dezembro de 2018, grifo nosso).

Elisa, americana casada com brasileiro, durante a entrevista, quando falávamos sobre o processo de integração e amizades no Brasil, ela respondeu sobre a comida. Ela disse que gosta de sair e frequentar os restaurantes veganos.

C:⁵⁷ **Mas você acha que tem menos amigos aqui?**

E: Sim, é a única coisa. Mas acho que a qualidade de vida, como a comida é fresca. A comida é tão boa. Adoro sair para jantar. É muito *gourmet*. Eles têm muitos restaurantes veganos. Então, meu marido, ele não é vegano, definitivamente não é vegano. E ele gosta de cozinhar comida vegana. Ele gosta de ir a restaurantes veganos. E, nos Estados Unidos, dependendo da cidade, pode ser difícil, assim como o Brasil. Então, vivemos em uma boa cidade, com muitas opções *vegan*. **Então, me sinto feliz com meu estômago. Meu estômago está feliz. Temos um bom lar.** Temos uma boa vida aqui (ELISA, março de 2019, grifo nosso).

Portanto, a culinária brasileira, para Elisa, é um fator de conexão. A comida representa a integração e o aspecto social. A comida seria o espaço de troca entre o casal. A interlocutora afirma que tem menos amigos no Brasil, mas relata que “meu estômago está feliz, temos um lar”. Para entender a integração ou adaptação ao Brasil por meio da culinária, interpretamos que “ter um lar” para Elisa significa sentir-se confortável. Portanto, para a interlocutora a comida é o mesmo que ter amigos. A professora Viviane Assunção (2011) aborda a interação pelo gosto, quando os imigrantes aprenderem a conviver em outro contexto cultural. Conforme define Geertz (1989), a integração cultural não pode estar separada e nem distante do cotidiano.

A comida é uma forma de integração na sociedade brasileira. No caso de Juliana, a integração acontece por meio da culinária senegalesa. As diferenças religiosas, o fato de o marido não comer carne de porco, não afetaram o convívio familiar com as diferentes práticas alimentares. Os encontros afetivos interculturais apresentam novas formas de expressão, que não necessariamente irão contrapor-se ao convívio familiar, pois há respeito aos valores culturais e simbólicos.

⁵⁷ C: *But do you think you have less friends here?*

E: *Yeah, that's the only thing. But I think the quality of life, like the food is fresh, the food is so good. I love going out to dinner it is very gourmet. They have a lot of vegan restaurants. So, my husband he's not vegan, definitely not vegan. And he loves to cook vegan food, he loves to go to vegan restaurants. And in the United States, depending on the city it can be difficult, just like Brazil. So, we live in a good city with a lot of vegan options, so I feel happy with my stomach, my stomach is happy, we have a nice home. We have a good life here* (Tradução nossa).

Culinária é afeto. A memória afetiva da infância necessária para reconexão no processo de adaptação em um país estrangeiro. Os casais interculturais perpassam por processos de rupturas em diferentes níveis. Os diversos códigos culturais influenciarão a convivência em diversos aspectos, alguns mais integradores, como a culinária, outros, no entanto, mais conflituosos, como a religião.

4.3.3 Hábitos religiosos

A religião é definida como um padrão de significados, com símbolos diferentes. As crenças religiosas representam significados que indivíduos adaptam à experiência cotidiana. A religião é uma maneira simbólica para compreensão do mundo, conforme define Geertz (1989). De acordo com Gerd Baumann (2001), a religião é um demarcador da diferença. O triângulo multicultural apresenta debates entre nação, etnicidade e diferença religiosa.

A religiosidade representa uma relação direta com o comportamento de determinados grupos (GEERTZ, 1989). Os elementos são os símbolos “*ethos*”, o termo vem do latim e significa visão de mundo. Estudos demonstram que a religião pode interferir na escolha do parceiro: é muito frequente parceiros de uma determinada religião buscarem companheiros no mesmo grupo religioso, com os mesmos ensinamentos e círculos de amizades similares (HOFFMAN; COSTA, 2019).

Os psicólogos Eduardo Hoffman e Cristofer da Costa (2019) fizeram um estudo sobre como a religiosidade impactava na escolha do cônjuge. A pesquisa realizada na Turquia, com 94 casais, tinha o objetivo de medir os efeitos da religiosidade na satisfação do casal. De acordo com os dados, os autores concluíram que a religião é importante para a satisfação dentro do relacionamento, resolução de conflitos e desenvolvimento de sentimentos de esperança.

Historicamente, a religião e espiritualidade uniram as pessoas. Na pré-história, as mulheres, quando deixavam sua família de origem, renunciavam à sua prática religiosa (HOFFMAN; COSTA, 2019). Esta pode funcionar como recurso de enfrentamento de crises familiares, especialmente aquelas famílias em estado de vulnerabilidade, entre as quais, destacam-se as migrantes (WALSH, 2003).

O casal misto, geralmente, apresenta diferentes práticas religiosas. Os desafios começam quando decidem casar-se. Em alguns casos, um dos cônjuges se converte

à religião do parceiro; em outros, ambos mantêm as duas religiões distintas, respeitando as práticas religiosas entre um e outro. A primeira pergunta que surge é: em qual religião eles irão se casar? Depois, como serão educados os filhos ou em qual das duas práticas religiosas?

Lind (2008) acredita que as divergências religiosas acontecem mesmo para aqueles que pertencem à mesma religião, mas são de países diferentes. As concepções religiosas são determinadas pela forma como é interpretada a prática religiosa em cada país. O marido ou a mulher pode apontar diferenças religiosas e práticas culturais em diversos aspectos de crenças e rituais, relacionados ao núcleo familiar ou país de origem. Como também os casais podem encontrar similaridades religiosas.

Mame se casou anteriormente com um muçulmano, mas depois que se separou continuou frequentando a religião em São Paulo. Ela conheceu o marido por meio de amigos senegaleses. Mame disse que anteriormente pertencia à religião *Hare Krishna*⁵⁸ e casou-se depois de dois meses, uma vez que na religião muçulmana o namoro não é permitido.

Eu me converti ao islamismo. E casei no mesmo dia. As pessoas no trabalho já estão acostumadas. E me chamam de Mame. A minha família me chama de Antônia⁵⁹. Este é o meu nome de família. Eu me converti ao islamismo tem uns cinco anos. Fui casada. Separei. O meu segundo marido conheci tem dois anos e meio. **Eu namorei dois meses. E já no terceiro mês nos casamos. Na minha religião, a gente não pode ficar namorando muito. Antes do islamismo, eu era rastafári. E não estava buscando o Islã** (MAME, março de 2019, grifo nosso).

Juliana⁶⁰, casada com um senegalês muçulmano, acredita que as diferenças religiosas são respeitadas no seu casamento, embora ainda existam alguns conflitos de crenças. Os dois se conheceram no Brasil, no ambiente de trabalho, e ela não se converteu à religião muçulmana, é católica.

Eu até acredito que ele gostaria que eu me convertesse, mas ele não... [pausa] induz, não. Ele fala nada. Tem coisas que ele não aceita na minha religião e tem coisas que eu também na religião dele que... não é que eu não acredite, mas eu acho que são um pouco absurdas, mas aí já entra coisa que

⁵⁸ Religião relacionada às crenças do hinduísmo, originada em 1966.

⁵⁹ Nome fictício para preservar a identidade.

⁶⁰ Idem.

eu acho... aí sou eu, né? Eu respeito, eu acho que você tem que ver a pessoa, o caráter, né? (JULIANA, março de 2019)

Apesar de quando eu conheci o Otávio⁶¹, eu não estava tão assídua no catolicismo. Aí, comecei a entrar nessa paranoia de pecado. E comecei a relaxar. O Otávio que falou. Então, se ele tiver que fechar a loja, ele vai fechar. E ir na mesquita lá na Tijuca. Então, mesmo quando ele se sentia em pecado, porque a gente não estava casado, ainda ele não deixava de ir. Ele me falou isso. É onde você vai receber mais bênçãos. E você não pode deixar de ir. Ele falou: “Se for com água benta, aí eu não posso ficar”. Eu falei: “Aí você sai”. Ele chegou a ir na missa comigo. Ele acredita em Maria, mas não acredita que Jesus morreu na cruz (...). Então, eles acreditam que outra pessoa foi crucificada, no lugar de Jesus (JULIANA, março de 2019).

Engraçado que, nesse último evento, eu não me vestia como senegalesa. Vamos dizer assim, tentava até ver um vestido e algo mais geométrico. O primeiro vestido – não fui de calça – eu coloquei um vestido geométrico marrom. Ano passado, a mãe dele mandou uma roupa para mim. Ela mandou um **vestido. Eu falei: “Meus Deus!” E ele falou para eu colocar turbante. Aí eu falei que não ia colocar. Tiramos uma foto. Eu e ele, pois queria tirar uma foto para mandar para ela. Aí, no dia, eu falei: “Eu não vou botar turbante”** (JULIANA, março de 2019).

Juliana e Otávio apresentam diferenças e conflitos no âmbito religioso. Ela não concorda com posições do marido sobre religião, o fato de ser contra a homossexualidade, por exemplo. O marido aceita alguns aspectos, mas outras não. Entretanto, Juliana mudou a sua posição sobre o catolicismo. Para satisfazer o marido, Juliana frequenta os rituais religiosos muçulmanos, com as roupas que são importantes durante a prática religiosa. E mesmo com os conflitos entre ambos, existe uma integração religiosa. No processo de adaptação há a aceitação das diferenças entre um e outro. E as relações são organizadas para redução de conflitos.

Juliana disse que, no entanto, a sua tia já fez comentários discriminatórios. “Quando eu conheci meu marido, tem uma tia que me perguntou: ‘Você não tem medo não?’. Eu disse: ‘Olha, eu nunca conheci uma pessoa tão da paz como o Otávio⁶² e estou conhecendo os amigos dele’” (JULIANA, março de 2019). Juliana acredita que o preconceito religioso em relação ao marido está relacionado ao fato de que os homens muçulmanos estão associados à violência contra mulheres.

Mame, casada com senegalês, afirma que não sofre preconceito em relação ao marido ou à religião. Ela afirma que se sente “como se tivesse nascido lá”. Inferimos que, no entanto, apesar de se sentir parte da cultura muçulmana, ela não usa mais o

⁶¹ Idem.

⁶² Idem.

véu devido à intolerância religiosa. Segundo Mame, quando caminhava pelas ruas de São Paulo, as pessoas a chamavam de Bin Laden, conforme podemos verificar abaixo:

Eu acho que nunca sofri nenhum preconceito. Na verdade, me sinto aceita, sim. Eu me sinto amada. Não vejo diferença. Eu me sinto como se tivesse nascido lá. Eu vou vestida no trabalho normalmente e não usou o véu. No começo eu ia vestida com o véu. **As pessoas começavam a me olhar meio torto. Eu parei. Na rua, quando andava de véu, as pessoas me chamavam de Bin Laden.** Eu não sei por que no Brasil fazem isto (MAME, março de 2018, grifo nosso).

Lívia é muçulmana, mas não tem as mesmas práticas religiosas que Mame, com roupas cobertas. O marido exemplifica que a mulher é muçulmana igual a qualquer católico, mas há preconceito e intolerância religiosa dos amigos e parentes sobre a religião de Lívia. A intolerância religiosa está presente na análise dos discursos de ambas as interlocutoras.

Olha, eu sou muçulmana, entendeu? Agora esse é o choque. Todo mundo acha que vai ser uma pessoa coberta e tudo. Aqui sim. Não é sobre mim, mas quando você fala que é muçulmana, **as pessoas acham que vai ser coberta, que vai ser *ninja* (risos).** Com tudo, com aquela roupa, mas como esse tipo de religião nunca era parte da minha terra, porque Islã na Europa é diferente do Islã na Arábia Saudita, na África. Exatamente. Mas eles perguntaram. Daí, ele falou assim: **“Olha, gente, ela é muçulmana igual vocês são católicos”** (LÍVIA, março de 2019, grifo nosso).

Eu nasci na religião muçulmana, mas nunca praticava. Eu não praticava que nem o meu pai. O meu pai é muçulmano, mas, se você perguntar, ele é mais ateuísta ou agnóstico, entendeu? Ele só pertence àquela cultura. Eu fui ensinada para cuidar, (ah) mas sobre os costumes. Fui educada, mas eu estudava muito sobre o catolicismo ortodoxo, judaísmo, isso não é uma coisa que é exclusivamente de uma religião (LÍVIA, março de 2019).

A intolerância corresponde à negação do Outro. Historicamente, a religião é presente no fundamento de crenças e sentimentos que podem distinguir certas atitudes com posturas intolerantes em relação à orientação sexual, gênero, entre outros. Aurenéa Oliveira (2007) ressalta que certos atributos podem ou não ser aceitos em determinadas sociedades, caracterizadas por preconceito e intolerância muito fortes. Conforme define Oliveira (2007), a tolerância expressa a relação que oscila entre práticas tidas como normalmente aceitas e outras não. Nesse âmbito, há uma forma de desnivelar e excluir determinados grupos e/ou indivíduos de determinadas religiões. Mame, brasileira, disse que anteriormente foi *Hare Krishna*, mas quando

conheceu amigos senegaleses, ela se converteu à religião islâmica. O padrasto não interferiu na escolha, mas o seu pai biológico achou “estranho”.

Uma senhora senegalesa me convidou para ir na casa dela e fez o *chi*⁶³. Um outro dia andando pela Sé conheci o Zé e o João. Esses dois irmãos me convidaram para ir ao Islã. O meu pai mora em Alagoas. Eu sou de lá. Eu fui criada pelo meu padrasto em São Paulo. Ele não ‘se mete’ na vida dos outros. Ele nunca me criticou. Já o meu pai, quando me viu como ‘rasta’, achou estranho (MAME, março de 2019).

As interlocutoras apresentam vivências entre práticas religiosas diferenciadas. Mame já era convertida ao islamismo antes de conhecer o marido. O marido de Juliana é muçulmano, ela é católica. E exemplifica com a prática religiosa do marido, quando ele acorda às 4h20 da manhã para rezar porque sua oração começa às 5 horas. Eles mantêm o respeito mútuo. Juliana acompanha o marido em sua prática, quando ele vai à mesquita e a festividades importantes.

Depende. Normalmente às 5h. Ele acorda às 4h20 e fica esperando a hora da oração (geralmente 4h50), e aí vai depender do sol. Ele tem um aplicativo certinho, que aí ele usa para saber o lado certinho. Lá em casa é sempre para o mesmo lado, mas quando a gente viaja ele leva uma bússola com o aplicativo para saber que lado. As crianças que adoram... Assim, uma vez a gente viajou e os filhos da minha irmã, as crianças foram lá e viram ele fazendo oração. Elas viram ele e ficaram imitando ele fazer... levantar... aí preferi deixar do que falar “sai daí” (JULIANA, março, 2019).

Lind (2008) acredita que as diferenças não são tão significativas em relação ao grau de religiosidade entre os casais porque no processo de assimilação ocorre a adaptação. As diferenças entre os grupos são diluídas e os valores misturados. Maria é espírita, o marido era judeu não praticante. O marido, atualmente, tem a mesma prática religiosa na União do Vegetal⁶⁴. Ele se converteu à religião dela. Os motivos pelos quais eles decidiram vir para o Brasil foram o contexto familiar e religioso, já que a religião que ambos frequentam não existe em Israel.

É, na questão religiosa a gente combina, porque ele acredita em Deus e acredita em reencarnação. Dá certo nesta questão. Ele acredita em Jesus e eu também. Então a gente vai bem nesse lado aí. Ele não tem nenhuma exigência aqui no Brasil (MARIA, dezembro de 2018).

⁶³ Chá senegalês.

⁶⁴ Religião espírita cristã em que os praticantes bebem um chá chamado ayahuasca.

A religião modela as ações humanas, ideias e concepções. É descrevendo o híbrido que nascem formas diferentes, que não são puras, mas heterogêneas. O processo de hibridização, isto é, a mestiçagem religiosa, torna-se possível com a interculturalidade. A hibridização é definida como processos socioculturais que não podem ser separados (CANCLINI, 2013), mas que se misturam, com intuito de gerar novas estruturas, objetos e práticas.

A construção de novas formas apresenta diferentes variáveis. A integração no relacionamento afetivo entre duas culturas ocorre em menor ou maior intensidade. As mudanças ocorrem entre hábitos religiosos, com a análise do discurso das interlocutoras. A religião também é fator de integração entre os casais. Duas entrevistadas relatam que continuaram com diferentes religiões, portanto, percebemos que mudaram conceitos ou concepções.

Algumas interlocutoras tiveram que lidar com a intolerância religiosa entre familiares, amigos ou mesmo conhecidos. Mame foi chamada de Bin Laden. Juliana foi questionada se não tinha medo do marido muçulmano. O marido de Lívia precisou explicar para os amigos que ela era muçulmana como qualquer católico, ou seja, não praticante. Mesmo com todas as variáveis, a religião interage como um elo entre as “estruturas simbólicas do comportamento” (GEERTZ, 1989).

As interações entre os parceiros interculturais produziram efeitos que reforçam uma prática religiosa, e negociam a conjunção entre diversos fatores, porque a religião ordena as grades simbólicas (SCHULTZ, 2010). As negociações são acentuadas entre as práticas religiosas, mas também, dentre outros fatores, como por exemplo, a língua e a educação dos filhos (LIND, 2008). A primeira pode ser identificada como a dificuldade de se comunicar em uma língua não materna. Os casais devem negociar a educação dos filhos, língua no ambiente familiar, entre outros fatores do cotidiano.

4.3.4 Filhos inter(culturais)

Eu acho que as crianças ganham com essa diversidade, uma nova forma que elas têm de ver o mundo. Eu não sei como seria se estivesse casada com um homem brasileiro. Eu não saberia se teria diferença, exatamente. Eu não sei se teria essa diferença.

Maria, dezembro de 2018

A frase de Maria, casada com israelense, ressalta a importância da diversidade para os filhos. Lind (2008), citando McGoldrick *et al* (1991), considera que os valores e atitudes em relação à educação dos filhos constitui uma fonte imensurável e potencial para os conflitos entre os casais interculturais. Os filhos dos casamentos binacionais são confrontados por duas culturas, devendo interpretá-las e adaptá-las, e, devido à complexidade do fenômeno intercultural, se tornam indivíduos mais flexíveis e compreensíveis, conforme define Lind (2008).

A educação dos filhos pode variar de acordo com a cultura de um dos cônjuges, alguns modelos são mais permissivos e outros mais autoritários. A maneira de educar o filho representa o tipo de relacionamento. “Educa-se os filhos para maior conformidade ao grupo, nas sociedades individualistas para maior autonomia” (LIND, 2008, p. 60). Lind (2008), em consonância com McGoldrick *et al.* (1991), exemplifica que os pais alemães enfatizam mais a autonomia e não encorajam tanto a expressão emocional. No entanto, na cultura latina, de acordo com os autores, existe uma tendência para a valorização da alimentação saudável e os pais consideram a saída de casa dos filhos como algo arriscado.

Romano (*apud* LIND, 2008) afirma que muitos casais começam a ter problema a partir do nascimento do primeiro filho, quando surge a necessidade de decidir sobre diferentes aspectos como, por exemplo, qual língua será ensinada ou as duas? Romano acredita que muitos casais tiveram maior consciência sobre os conflitos após o nascimento do primeiro filho.

Lívia, bósnia casada com brasileiro, disse que se ela e o marido tiverem filhos, a questão religiosa será um problema. Ela acredita que os filhos irão conhecer todas as religiões. As diferenças religiosas e a educação dos filhos podem gerar conflitos

entre os casais. Eles ainda não tiveram filhos, mas negociaram que os filhos futuramente irão ter um aprendizado sobre as diferentes religiões. Assim como ela aprendeu na sua infância.

Exatamente, como você *address to people*. Eu não sei essa palavra em português, mas você me entendeu... tipo como você vai abordarmos vínculos. Mas como eu tenho uma pessoa mais maravilhosa do mundo ao meu lado, que tem entendimento e que é muito curioso, ele não quer ficar fechado nesses esboços, entendeu? A gente fala muito, então, amanhã quando a gente tiver criança, **elas vão saber sobre cada religião, pois esse foi o jeito que eu fui ensinada**. Eu só nasci como muçulmana, mas eu sei o que é o judaísmo ortodoxo. Eu sei o que é protestantismo, catolicismo, hinduísmo, budismo, entendeu? Isso agora é uma coisa, outra de educação, de sistema, de onde eu nasci. Isso não foi uma coisa exclusiva muçulmana. Eu entrei a primeira vez na mesquita, quando levei o meu marido para visitar... 30 anos, entendeu? É só esse negócio. Tem muçulmana no meu país que não pode ser... outro (LÍVIA, março de 2019, grifo nosso).

Maria, brasileira casada com israelense, afirma que os filhos de casais interculturais ganham muito com as duas culturas, pois aprendem mais de uma língua. Ela acredita que os filhos de casais binacionais se adaptam mais rapidamente do que os filhos de casais monoculturais, devido ao fato de terem que lidar com dois referenciais culturais.

Os filhos de um casal de estrangeiros, eles ganham muito de duas culturas, querendo ou não eles aprendem duas línguas. Eles já têm tudo isso. Eles vêm de famílias muito diversas. A família do Tony mesmo vem da Rússia. Eles nasceram israelenses. Eu sou brasileira. Isso está no sangue deles. Existe essa diversidade e talvez uma forma de adaptação maior. Eu acho que as crianças ganham com essa diversidade uma nova forma que elas têm de ver o mundo (MARIA, dezembro de 2018, grifo nosso).

Olha, lá em Israel, o Tony participou do exército com 18 anos. Lá os homens participam por três anos e as mulheres por dois anos. Todas as pessoas do país. Tem muitos judeus que saem do país e vão exercer o exército de Israel e pagam por isso. **Eu não gostaria que meus filhos participassem do exército de Israel. Já o Tony...** (áudio perdeu) (MARIA, dezembro de 2018, grifo nosso).

Na análise de Maria, percebemos que existem áreas que são conflituosas, porque ela não gostaria que os filhos participassem do exército. Entretanto, o marido gostaria que os filhos entrassem para o exército, porque para Tony é uma prática comum no seu país de origem. Maria afirma que o marido prefere que eles conversem com os filhos em inglês. "O Tony gosta que a gente converse com os meninos em inglês. Então o Tony fala hebraico e eu falo português em casa. Isso é uma

negociação que existe lá em casa e um tratado" (MARIA, dezembro de 2018). Outra negociação existente em ambas as culturas é o fato de os filhos fazerem uma luta. "Os meninos fazem *Krav Maga*, que é uma luta israelense" (MARIA, dezembro de 2018).

A entrevistada retoma um fator de grande impacto nos casamentos mistos, que é a barreira linguística. Eles negociaram a língua de preferência a ser falada em casa com os filhos. O fato é que, em princípio, a língua pode ser um fator de impedimento de comunicação entre os casais binacionais.

Observamos que, na educação dos filhos, os casais têm tensões. O fato é que, para a socióloga portuguesa Sofia Gaspar (2010), casar-se com alguém de nacionalidade diferente não necessariamente implica os mesmos significados simbólicos nacionais. A socióloga portuguesa acredita que a educação dos filhos requer que um dos membros se esforce para aprender ou assimilar os problemas de linguagem, capacidades, ambiente escolar e outras redes familiares. Alguns pais preferem que os filhos falem a língua do país em que estão inseridos. Em algumas famílias existem estratégias para manutenção das duas culturas diferentes na educação dos filhos. O ambiente multicultural propicia a transmissão de diferentes habilidades, não somente linguísticas, mas existe uma maior compreensão dos diferentes códigos culturais.

As uniões são estabelecidas na forma de comunicação e conflito. Romano (2001) entrevistou 26 casais biculturais e concluiu que algumas áreas podem ser problemáticas na relação amorosa. Os casais apresentam conflitos em relação à comunicação verbal e não verbal, conforme define Falicov (1995). "A comunicação entre pessoas de diferentes culturas é influenciada pelos fatores cuja origem se encontra em diferentes fundos culturais"⁶⁵ (SERVAES, 2003, p. 65). A língua é uma das principais barreiras ao se estabelecer em um país estrangeiro. O não uso da língua materna pode gerar dificuldades e traumas no processo de adaptação na sociedade de acolhimento. Observamos que a língua afetiva é uma forma que usamos para expressar os sentimentos da "alma", como o amor, raiva e ódio.

⁶⁵ *La comunicación entre personas de diferentes culturas está influenciada por factores cuyo origen se encuentra en sus diferentes trasfondos culturales* (Tradução nossa, espanhol-português).

4.4 Linguagem afetiva

A língua do amor é o espanhol e o português.

Helena, março de 2019

Qual a língua do amor? “A língua do amor é o espanhol e o português”. Esta foi a resposta dada por uma das entrevistadas. Para Helena, porto-riquenha, casada com brasileiro, ambos os idiomas atravessam sua relação afetiva, pois são duas línguas do amor que perpassam sua história. A linguagem afetiva é intercultural, pois ocorre o encontro de uma língua com outra, ou seja, o sentimento inter ou um entre lugar. No amor entre duas culturas diferentes nenhuma língua se sobrepõe à outra. Exceto quando um se desloca do seu registro linguístico, que pode ocorrer, frequentemente, quando o casal briga. Ou seja, existe a necessidade de usar a língua materna para expressar os sentimentos mais profundos, como o ódio ou a raiva. E é usado o “palavrão” na língua nativa.

O aprendizado de uma língua envolve uma habilidade que se desenvolve, ao mesmo tempo, no processo físico, mental e emocional. Podemos dizer que as emoções são fundamentais para o aprendizado de uma segunda língua. Consideramos que vários autores se debruçaram sobre a temática das famílias interculturais, mas pouco enfatizaram o critério das línguas maternas.

No entanto, os psicólogos Thomas e Helfrich (1993) desenvolveram pesquisas na área da Psicologia Transcultural e consideram a língua como manifestação da cultura (LIND, 2008, p. 47). A consciência sobre os aspectos interculturais permite uma aproximação necessária para identificar traços subjetivos que interferem na adaptação e na integração no país de destino. E as dificuldades podem ser dirimidas no uso da língua materna⁶⁶ ou nativa.

A utilização de uma língua estranha ao indivíduo pode gerar um desconforto, criando a ausência do afeto. E a superação das dificuldades pode ser minimizada ao

⁶⁶ A língua materna pode ser definida como idioma nativo, primeira língua ou língua nativa. É o primeiro idioma, da língua que se fala em um país. A língua pode assumir as duas funções, como os descendentes de migrantes, caso em que os filhos aprendem duas línguas ao mesmo tempo: a língua dos pais e a língua falada no país de acolhimento. De acordo com Noam Chomsky, a criança aprende a língua materna até 12 anos.

utilizar a língua materna. A ausência da linguagem afetiva ou materna na solução dos conflitos dentro da interculturalidade pode fomentar para termos um trabalho de relevância social, no sentido de tornar consciente que, no momento de atrito, as famílias interculturais terão uma barreira linguística, o que toca o afetivo.

Os sentimentos de raiva, ódio, amor e paixão interligam a necessidade de usar a língua materna, acessando de forma mais completa os elementos subjetivos, porque as narrativas são construídas por meio das emoções (BRETON, 2009). Lacan (1985) define que na língua materna é possível exprimir os sentimentos de maneira segura, porque as emoções mais aguçadas como a raiva, o ódio, amor, nostalgia entre outros sentimentos são mais fáceis de serem demonstrados através da língua do local de origem.

No discurso comum, aquele que fala, pelo menos na sua língua materna, se exprime de maneira tão segura, e com tato tão perfeito, que é ao utilizador mais comum de uma língua, ao homem não instruído, que se recorre para saber qual é o uso próprio de um termo (LACAN, 1985, p. 231-232).

De acordo com Freud, a linguagem vem das pulsões libidinais e seria o grito de uma criança a primeira forma de expressão, que vai ser decifrado, posteriormente, pela mãe. “A via de descarga adquire, assim, uma função secundária de uma importância extrema: a da compreensão mútua” (SCHNEIDER, 1994, p. 46-47). Na análise freudiana, a comunicação é feita por meio da expressão emocional do grito e a intervenção da mãe para acalmar a criança. Nos discursos, as emoções que estão presentes são representadas também pela interação com o meio.

O grito é o “chamamento” da criança e, por meio desse contato, há a abertura de um ciclo de troca com o outro. O estágio de descarga da criança através do grito provoca no Outro (mãe) uma ação repleta de sentido. Pode ser que o afeto seja encenado e dramatizado pela criança, apresentando um antagonismo. Freud afirma que a criança não consegue diferenciar o sofrimento e o grito, mas a mãe é responsável pelo desenvolvimento emocional ou lado afetivo. O grito é a expressão que traduz os sentimentos internos da criança ao mundo exterior. A criança grita e tem a resposta da mãe, deixando de ser vítima para tornar-se um personagem. “O sujeito, por mais criança que seja, que sofra e que grite, a partir do momento em que a associação pôde ser feita por ele entre o grito e a resposta do meio, cessa de ser pura vítima para se tornar ator ou diretor” (SCHNEIDER, 1994, p. 86).

A comunicação é feita por meio da expressão emocional do grito, e intervenção da mãe para acalmar a criança. Segundo Freud, a expressão é uma forma de traduzir para o exterior questões internas. O grito vem de uma necessidade de discurso para uma realidade exterior. O sujeito nasce das pulsões na interação social. Isto é, “o sujeito depende do significante e de que o significante está primeiro no campo do Outro” (LACAN, 1985, p. 194-195).

Jean Milner (2012) afirma que a língua pode estar relacionada pelo todo ou o que não pode ser visto. Por exemplo, o mito da Torre de Babel representa um espaço em que as línguas diferentes se transformam em diversas redes de comunicação de práticas sociais e culturais. A gramática é estruturada na tentativa de uma escrita real e a língua não vai estar associada à totalidade. As línguas grega, germânica ou latina não teriam como ter o mesmo valor referencial. Erroneamente, a língua é tratada no formato de unicidade e totalidade, entretanto, pode ser que tenham um sentido duplo, pois os elementos da gramática de uma mesma língua podem ter divergências pelo som da palavra.

Existem variedades linguísticas entre grupos que falam a mesma língua, mas que têm uma rede de comunicação diversa. Vera Lúcia Costa (1996) afirma que, por exemplo, na área rural, a rede de comunicação tem variações linguísticas de acordo com os fatores sociais e culturais diferentemente da zona urbana, com termos como “nóis vai”, em detrimento da norma culta do português. A língua pode traduzir a realidade que o sujeito demanda a partir da representação. E, através do imaginário, os indivíduos podem dar sentido ou suporte àquilo de que sentem falta.

A língua é, na concepção de Milner (2012), um espaço da realidade que tem falha. Ao falar uma língua, o sujeito não pode dizer tudo. Ou seja, não é possível a transmissão em termos de representação, pois as palavras têm faltas que não podem marcar toda a verdade. Entretanto, no sentido lacaniano, *lalangue*⁶⁷ seria uma forma de abordar a relação da criança com o Outro (mãe), em uma ordem mais simbólica e de uma ação de mediação e integração (MILNER, 2012).

De acordo com Stuart Hall, no livro *Representação e cultura*, os signos são organizados na linguagem. E nos possibilita a tradução dos pensamentos em

⁶⁷ *Lalangue* não está relacionado ao dicionário, mas ao inconsciente, o qual tem relação com a gramática, com o desejo do Outro.

palavras, sons e imagens. Enfim, qualquer som ou objeto é organizado de forma capaz de carregar e expressar sentido, ou seja, uma linguagem. A relação entre “coisas” tem um processo de significação na cultura, e assim surgem, então, dois sistemas de representações. Logo, as pessoas que pertencem à “mesma cultura” devem compartilhar de maneira semelhante o mesmo signo, porque compartilham do mesmo mapa conceitual, porque falam e/ou escrevem a mesma língua. Mas nem sempre a comunicação é feita de forma clara, e são necessárias a interpretação facial e a linguagem corporal de maneira semelhante, conforme define Hall (2016).

A língua é definida como mecanismo de interação social, de acordo com Mikhail Bakhtin (2011). As barreiras linguísticas dificultam a integração. Os casais mistos, depois de assimilarem a língua local ou do parceiro, podem ainda sentir vontade de expressar os sentimentos mais profundos na língua materna. A entrevistada porto-riquenha, Helena, afirma que as barreiras linguísticas dificultaram a comunicação entre ela e o marido. Os dois se conheceram nos Estados Unidos, mas vieram morar no Rio de Janeiro. O fato é que, em princípio, a língua pode ser um fator de impedimento de comunicação entre os casais binacionais. Observamos que a língua é a primeira barreira de comunicação.

Quando nos conhecemos, ele disse: "I don't speak very well!". Ele me mandava o texto todo em inglês por mensagem e falava com palavras que eram todas rebuscadas. E saímos. E vi que ele não falava inglês. **Ele disse que falava espanhol, pois morava com venezuelanos.** Daí, eu comecei a falar com ele em espanhol. Descobri, que nem tampouco falava espanhol. Ele ficava muito tímido e eu não entendia nada do que ele falava (HELENA, março de 2019, grifo nosso).

Além da barreira linguística, as entrevistadas afirmam que há uma duplicidade cultural para afirmar que, na comunicação, não é somente isto ou aquilo, mas a fusão entre as duas línguas. **“A língua do amor é universal, que é aquela de apoio, confiança. E fica combinado entre duas línguas, o bósnio e o português... o bósnio que ele conhece e o português”** (LÍVIA, março de 2019, grifo nosso). A entrevistada Helena acredita que a língua do amor é formada pelo espanhol e o português. “A língua do amor é o portunhol”. Entretanto, Helena acredita ser mais fácil expressar os sentimentos como raiva na língua materna. **“Eu gostaria de brigar na minha língua, pois você não consegue expressar aquela ideia que está lá atrás”** (HELENA, 42 anos, março de 2019, grifo nosso).

A subjetividade dos “elementos emotivos” pode ser transmitida através do discurso ao interagir com o outro. “O uso da palavra implica simultaneamente a utilização do mundo de acordo com os vínculos vigorantes em sociedade” (BRETON, 2009, p. 40). A língua não está separada do contexto social. Se as narrativas são construídas por intermédio das emoções, o discurso é também a representação da cultura coletiva, além da individual. Nas relações sociais há uma produção de subjetividade, que tanto o inconsciente lacaniano ou freudiano reconhece enquanto resposta para a psique.

Os seres humanos são representados pela linguagem dos discursos permeados por emoções. A língua funciona como instrumento de comunicação e poder (SERVAES, 2003). O indivíduo que não fala, não pode ser ouvido e nem ter suas reivindicações atendidas. E, podemos reconhecer que aquele que fala a língua local tem uma posição hierárquica em relação àquele que a desconhece ou não a domina totalmente.

A língua não é somente uma forma de comunicação ou conhecimento. Ela é um instrumento de poder. Neste contexto, as diferenças entre os padrões sociais e culturais ocorrem entre grupos e indivíduos que se comunicam entre si. Os estilos de comunicação verbal e não verbal podem variar de cultura para cultura. E podem ser de ordem racional, reservada, expressiva, direta ou implícita. Um dos maiores problemas enfrentados entre qualquer casal é a comunicação. A escolha da língua pode afetar a dinâmica interacional porque o cônjuge que fala a língua materna tem mais poder de decisão do que aquele que fala uma língua estrangeira.

De acordo com Lind (2008), o cônjuge, seja o homem ou a mulher, que vive no seu país possui mais poder porque tem mais informações ou conhecimento da língua. Ou seja, primeiramente um dos parceiros depende mais do cônjuge que está no seu país de origem. A entrevistada Maria morou em Israel e falava inglês no ambiente familiar, mas, atualmente, ela fala português, porque mora no Brasil. Ela disse que na hora de brigar prefere usar a língua materna.

(...) falo assim, **quando eu quero falar algumas coisas mais sentimental assim, eu gosto de falar português**. Hoje em dia eu falo português mais do que qualquer outro idioma. Quando a gente está com os meninos, eu falo em inglês. Não sei se tem assim... como a gente fala todas as línguas, não sei se tem uma língua. **Na hora de brigar, assim, eu falo em português** (MARIA, dezembro de 2018, grifo nosso).

As perspectivas multiculturais e multilinguísticas são instrumentos de investigação porque os pensamentos são determinados pelas estruturas linguísticas e culturais. Existe uma dificuldade de expressar as emoções e sentimentos em uma língua estrangeira. A relevância do multilinguismo (KEMPINSKA, 2014) para o estudo do funcionamento das emoções no discurso permite abordar o problema da relação entre o discurso e as emoções. Como funcionam as emoções em outra língua?

A professora de linguística Aneta Pavlenko, no livro *Emotions and Multilingualism* (2005), observou a presença de dificuldades de vocabulário, problemas no nível lexical para nomear uma emoção. Marina Tsvetáieva (*apud* KEMPINSKA, 2014) nomeou a relação íntima entre a língua materna e as emoções como “apelo lácteo”. Olga Kempinska (2014) associa a língua materna com as emoções pré-verbais na primeira infância e, no artigo “A função emotiva em perspectiva intercultural”, afirma que as dificuldades de traduzir as emoções em uma nova língua podem ser marcadas pelas estranhamento e infantilização.

Tentar contar uma história de uma forma adequada em uma nova língua é uma tarefa difícil. Torna-se ainda mais desafiadora quando os contadores empreendem a descrição de suas emoções e a estimulação de uma reação emocional determinada nos interlocutores. Para consegui-lo, os contadores de histórias precisam estar familiarizados com as convenções das estruturas narrativas e com os dispositivos afetivos e ser capazes de adotar de uma forma criativa esses dispositivos ao público (PAVLENKO, 2005, p. 122 *apud* KEMPINSKA, 2014, p. 205).

O desenraizamento afetivo que ocorre no multilinguismo pode colocar o bem-estar dos indivíduos em risco, gerando ansiedades e traumas. A língua materna é o lugar dos primeiros afetos, portanto apresenta função emotiva. Olga Kempinska (2014), em consonância com Pavlenko (2005), acredita que é preciso se afastar de posições simplistas e enxergar a pluralidade linguística como um composto de “várias vidas”. Podemos entender que a língua materna em contato com outra língua resulta em um processo de emoções mais dinâmico.

A questão multilíngue é muito ambivalente. A língua materna corresponde à expressão mais profunda das emoções. Mas, por outro lado, muitas pessoas preferem usar a língua aprendida para o controle das emoções. As palavras obscenas e que envolvem a demonstração de raiva e ódio são aquelas que apresentam reações mais fortes na língua materna. A velocidade das emoções e sentimentos estabelece a

relação de “dinamismo um tanto selvagem”. “Os bárbaros, plantas trepadeiras e as ervas daninhas parecem compartilhar um mesmo desrespeito pelas fronteiras” (KEMPINSKA, 2014, p. 211)

Esther Perel (2002) questiona sobre a possibilidade de expressar intimidade em uma língua, que não é a própria, isto é, deve-se considerar tudo o que se perde na tradução. Diante disso, nas relações interculturais é necessário reconhecer a complexidade do cenário das narrativas. A entrevistada Livia acredita que é complicado expressar emoções em um idioma estrangeiro.

É complicado porque **você não consegue expressar aquela ideia, que existe atrás daquela outra ideia**. Se você não usa o seu idioma, mas, por enquanto ele também teve uma vontade enorme de aprender o meu idioma, mas é difícil, porque não têm nenhuma relação (LÍVIA, março de 2019, grifo nosso).

Livia acredita que existem barreiras linguísticas entre as duas famílias, mas o amor é capaz de ultrapassar as diferenças. **“A confiança e o amor são coisas que ajudam a ultrapassar as diferenças. O amor é globalizado. Claro que existe uma barreira linguística entre as nossas famílias”** (LÍVIA, março de 2019, grifo nosso). A partir do discurso da interlocutora de que o “amor é globalizado”, podemos inferir sobre a influência da globalização nos relacionamentos amorosos, em que as fronteiras não são limitantes.

Segundo os sociólogos Elliot e Urry (2010), a globalização transformou a intimidade e reinventou a vida pessoal, auxiliando no processo de interação social. Nesse contexto, surgem as relações afetivas e famílias desterritorializadas, multiculturais, inter-raciais e globais. O amor torna-se multicultural, conforme definiu a interlocutora da pesquisa anteriormente. A globalização influencia os relacionamentos interculturais que podem ser definidos como “globais” (HALL, 2015).

A globalização traz um reflexo direto sobre as identidades culturais⁶⁸. A tendência da escala global é a produção de identidade que Stuart Hall (2015) define como forte e fragmentada de códigos, com multiplicidades de estilos. O espaço global

⁶⁸ HALL, Stuart (2015). Os aspectos da globalização sobre as identidades, em três consequências: 1. As identidades nacionais estão se desintegrando, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do pós-moderno global. 2. As identidades nacionais e outras identidades “locais” ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização. 3. As identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades – híbridas – estão tomando o seu lugar.

é um espaço de fluxos, um espaço eletrônico, um espaço descentrado, um espaço no qual as fronteiras e limites tornaram-se permeáveis. Os lugares fixos incidiam sobre relações sociais entre aqueles que compartilhavam o mesmo espaço e aqueles que estavam ausentes. Na modernidade, o arcabouço cultural estava intimamente relacionado às tradições locais. Já na contemporaneidade, principalmente em relação aos relacionamentos interculturais, os códigos culturais e linguísticos tornam-se híbridos.

Lind (2008) afirma a importância do conhecimento da língua materna do cônjuge em casais biculturais. Assim, “além de possibilitar e facilitar a comunicação intra e extrafamiliar, também proporciona um maior entendimento e compreensão da cultura do cônjuge” (LOUBACK, 2012, p. 39). A psicóloga Carolina Louback (2012), em consonância com Storvik (2010), retrata que o bilinguismo acontece quando cada um dos pais se comunica com os filhos em sua língua materna, e há um respeito mútuo familiar na convivência entre as diferentes línguas.

Maria, brasileira casada com israelense, afirmou que os dois falam diferentes idiomas, de acordo com o país em que moraram. “É que lá em Israel eu precisava falar mais hebraico, né? Quanto mais hebraico eu falava, era melhor para mim. Aqui, quanto mais português ele fala é melhor para ele, né? Foi por isso, basicamente (MARIA, dezembro de 2018). Juliana disse que o marido senegalês “não fala o português muito bem”. Ele tem pouco vocabulário em português, mas fala pouco. “Engraçado, o Otávio⁶⁹ aprendeu logo. Ele fala pouco” (JULIANA, março de 2019). A linguagem é um ato de comunicação, com trocas simbólicas e condutas de sociabilidade, como um modo de se comportar no mundo.

A língua mudará de acordo com o produtor e o produto. Ou seja, na interação linguística ou entre diálogos. Mas a relação depende de forças simbólicas que se instalam em um momento de crise, nas tensões, que favorecem a explosão verbal. A paixão é marcada pelo ódio e conflito. Mostramos os discursos das entrevistadas sobre as dificuldades de demonstrarem as emoções na língua estrangeira, recorrendo à língua materna para superar as limitações.

⁶⁹ Nome fictício para preservar a identidade.

A língua da briga fica em português, mas quando não consigo me expressar troco para o inglês. Ele nunca quer falar em inglês, mas se você me perguntar honesto, **eu gostaria de brigar no meu idioma... (risos), porque eu ainda tenho essas barreiras linguísticas**. Obrigada por lembrar isso... porque eu nunca pensei (LÍVIA, março de 2019, grifo nosso).

(..) A comunicação *estava* difícil. Eu acho que o nível que eu *estou* falando do português agora é mais alto do que o nível que ele tinha quando a gente começou. Então, a gente tinha muita dificuldade, mas ele me ajudou com o português. E eu ajudei com o inglês. E agora a gente fala a maior parte em inglês. **Às vezes, nas brigas são difíceis. A gente muda o idioma depende do assunto, né?** (ELISA, março de 2019, grifo nosso).

C: Quando você está com raiva, não consegue brigar, você briga em português ou inglês?

E: Quase sempre em inglês (ELISA, março de 2019).

Nas situações do processo de adaptação em um novo idioma, conforme esclarece Carlos Sluzki (1997), emergem fenômenos de desequilíbrios interpessoais nas relações, que são intensificadas pela migração. Entendemos que as situações envolvidas nas perturbações ou crises são próprias das dificuldades que os casais biculturais enfrentam. Entretanto, também nascem novos espaços simbólicos, permeados por interações, nas quais as diferenças culturais e individuais são mais acentuadas. E os laços afetivos interculturais são responsáveis por espaços de pertencimentos, com novas organizações sociais, culturais e linguísticas.

Sylvia Dantas (2017), em seus estudos psicossociais, afirma que a mudança para outra cultura pode ter um impacto em diversas esferas da vida, por exemplo, a forma de ser, ver o mundo e/ou relacionar-se. Evidenciamos que são inúmeras dificuldades encontradas pelas participantes da pesquisa no processo de adaptação cultural, aquisição da língua do cônjuge, negociações interculturais e elementos que dificultam o processo de inserção na sociedade brasileira. Mas é na troca intercultural que nascem novos hábitos híbridos e afetivos, que podem ser reconhecidos na dinâmica interacional.

O afeto, na análise psicanalítica, é a primeira forma de expressão da linguagem, atuando na tradução do Eu para o Outro. A linguagem do afeto é a comunicação silenciosa entre mãe e bebê, com sentimentos mútuos de reciprocidade. Na hora do sexo, do amor e da raiva, torna-se extremamente difícil a não utilização da língua materna. Mas o afeto teria relação com a interculturalidade?

O afeto tem grande importância na formação da construção das relações sociais e diminuição das barreiras territoriais e psíquicas. A língua é o lugar do imaginário social, que assimila a cultura do Outro. Nas entrevistas, observamos que existe um “espaço social do casal”, com negociação e adaptação parcial da cultura do parceiro ou companheira. Podemos considerar então o afeto enquanto uma linguagem universal, que acompanha o sujeito desde a infância até a fase adulta. Se o amor é uma linguagem universal será que podemos considerar que os afetos transcendem as barreiras de comunicação entre pessoas com diferentes fundos linguísticos e culturais?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A difícil tarefa de escrever é colocar um ponto final, mesmo com a sensação que poderia aprofundar mais um tópico ou outro. A pesquisa sobre determinado assunto é algo inacabado. A sensibilidade com a qual é feita uma pesquisa ocorre na troca de experiências similares entre o Eu e o Outro. A dissertação foi escrita sobre histórias de vidas, a partir do lugar de narradora e personagem, com diferentes experiências vivenciadas no relacionamento afetivo intercultural.

Os casais interculturais são formados por indivíduos que têm valores diversos, complexa relação de gênero, paternidade e maternidade. Além de hábitos culinários, religiosos e sociais diferentes, as negociações são feitas entre fronteiras, línguas, gerações, etnias, raças, tradições. Identificamos, por meio da interculturalidade, os aspectos que envolvem o cotidiano de conflitos, negociações e apropriações.

As redes sociais, o Skype e o WhatsApp transformaram a intimidade e os relacionamentos, pois permitiram a manutenção de relações deslocadas, móveis e não estáveis, diferentemente do modelo tradicional. A internet propicia uma nova forma de interação, pois os parceiros estão presentes virtualmente *online*, sem necessariamente estarem fisicamente na mesma cidade. Os indivíduos geralmente se conhecem em um país específico, permanecem um período a distância, até que um dos parceiros resolva mudar do seu país de origem para outro país.

A mobilidade humana e a adaptação parcial em adotar costumes diferentes da cultura de origem podem representar uma transformação nos referenciais de pertencimento. Os sentimentos de inadequação podem surgir, provocando desconfortos e traumas. Diante disso, o afeto pode auxiliar no processo de integração na sociedade de destino, já que no processo migratório ocorrem rupturas com familiares, amigos e trabalho. O marido ou esposa transforma-se no único vínculo, auxiliando no processo de enraizamento. A aceitação das tradições, religião, língua, entre outros, permite o desenvolvimento de competências interpessoais mais flexível e adaptável às situações variadas.

A interculturalidade afeta a dinâmica de interação entre os casais. As mudanças, sobretudo nas relações interculturais, são muito complexas porque o processo migratório pode dificultar o processo de integração e adaptação no país de destino. Sendo assim, existe uma dificuldade maior de um dos cônjuges em um novo

ambiente territorial e simbólico. As interlocutoras que migraram para o Brasil ou mesmo se relacionam com parceiros de outras nacionalidades são atravessadas pelas mudanças decorrentes do relacionamento. As entrevistadas tiveram que negociar, adaptar-se parcialmente aos valores do parceiro.

O casamento entre pessoas de nacionalidades distintas requer uma adaptação que acontece no nível social e afetivo. E existem diferenças que podem ser uma experiência reversa ao modelo estabelecido no país de origem. Os hábitos da culinária são mais fáceis de serem incorporados. Entretanto, as questões religiosas e a educação dos filhos são aspectos mais conflituosos.

Os filhos são um campo de batalhas porque a educação pode modificar dependendo do país de origem, emergindo muitos conflitos e decisões que deverão ser negociadas e abdicadas. A língua ou religião de um dos parceiros deverá prevalecer em casa. Em países em que a guarda dos filhos é masculina, como no Senegal, as interlocutoras preferem até abdicar da maternidade. Maria afirma que no seu casamento existe um compromisso maior. Entretanto, acredita que os filhos de casais binacionais ganham muito, principalmente, porque aprendem duas línguas.

As práticas religiosas apresentam formas híbridas. Os cônjuges negociam ou assumem a religião de um dos parceiros. Os dados do campo indicaram que no relacionamento inter-racial há um deslocamento do lugar da branquitude, com a preocupação sobre o racismo e o sofrimento do parceiro. Como também há casos em que o racismo é vivenciado dentro do relacionamento. Elisa prefere morar no Brasil porque o marido é negro. Ela acredita que nos Estados Unidos o racismo e a xenofobia são mais acentuados do que no Brasil. Indicamos que ampliar a discussão sobre as questões inter-raciais seria importante para o campo de estudo, pois na revisão da literatura sobre as relações interculturais não encontramos muitas referências sobre a temática inter-racial.

A racialização interfere na escolha ou preferência, com o apelo ao imaginário da sexualidade do homem brasileiro e da mulher brasileira. No relato de Helena observamos o apelo sexual ao homem brasileiro, pois a interlocutora disse que outras mulheres olhavam os atributos físicos do seu parceiro, mas também a cor e a nacionalidade distinta. Diante disso, é necessária uma perspectiva interseccional de raça, gênero, nação e geração para compreensão dos fenômenos estudados.

Os estereótipos perpassam as relações, principalmente por familiares, amigos ou conhecidos. Juliana disse que a tia perguntou se ela não tinha medo do marido porque o estereótipo do homem muçulmano é ser agressivo com mulheres, embora o marido de Juliana não tenha essa característica. Conforme as análises das entrevistas, percebemos que os casais interculturais têm que reforçar sua escolha afetiva. É preciso compreender o âmbito das migrações transnacionais, que promove novos relacionamentos entre pessoas que têm diferentes formas de expressar afetos, emoções, outros fenômenos de crenças, tabus e conceitos. E as escolhas amorosas têm que ser vistas como forma de integração, que também é fruto desta. Além das transformações e deslocamentos culturais, entendemos que as relações amorosas monoculturais e interculturais estão em processo de mudança devido aos movimentos emancipatórios.

A despeito dos avanços dos movimentos emancipatórios destacados no texto anteriormente, as mulheres podem escolher ir na “contramão” das conquistas feministas e decidirem, ao contrário de terem uma carreira promissora, dedicarem-se aos filhos ou maridos. Atualmente, as mulheres têm se dedicado mais às áreas profissionais e homens têm se dedicado mais às tarefas domésticas e cuidado com os filhos. A hipótese deste trabalho é que as mulheres ainda continuam fazendo sacrifícios em prol da família ou marido e colocam a família como prioridade (cabendo somente a ela fazer concessões). Diante disso, procuramos entender os papéis sociais. Interpretamos que, em alguns casos, mulheres e homens ainda apresentam referenciais do modelo de família patriarcal. Alguns casais seguem os padrões sociais estabelecidos, mas outros não.

Os papéis sociais estabelecidos entre homens e mulheres podem ser invertidos devido à dificuldade de inserção no país. Um dos parceiros deverá renunciar e negociar para integração e adaptação entre duas culturas distintas. Citamos o exemplo da interlocutora Maria, cujo marido israelense, no Brasil, é mais dependente dela. Ela trabalha e ele cuida dos filhos, papel que era exercido por ela anteriormente em Israel. No discurso de Maria, percebemos que quando há a inversão de papéis, muitos problemas podem surgir. É necessária uma flexibilidade maior para superar as dificuldades. No entanto, Elisa relatou que as tarefas domésticas são mais divididas entre os dois. Ela afirmou que ambos não conversam com outros casais sobre isso porque, presumimos, eles não querem ser vistos como “diferentes”, já que o Brasil é

um país machista. Concluímos, por meio das entrevistas, que alguns casais apresentam “posturas” com base no modelo patriarcal. Entretanto, outros têm modelos mais “contemporâneos”, com as responsabilidades financeiras e domésticas divididas.

O método de entrevista da Sociologia Compreensiva (2013) foi fundamental para a interação entre as interlocutoras, sem o estabelecimento de uma relação hierárquica. A partir do método surgiram novos temas para o campo pesquisado, pois as perguntas abertas possibilitaram maior liberdade para que as entrevistadas abordassem diferentes assuntos. As entrevistas foram transcritas e submetidas à análise do discurso, no intuito de compreender as mudanças nas relações sociais entre homens e mulheres e a influência do meio social. Norman Fairclough (2001) define que o discurso é uma estruturação social, a partir das relações entre as diferentes formas de construir sentido. O discurso não é um sistema fechado e rígido, mas um sistema aberto com interações. Além disso, o discurso produz diferentes formas, por isso devemos considerar as experiências de vida. Assim, entendemos que o discurso molda as pessoas, como também transforma a sociedade.

A mulher ainda vive em constante contradição, como sujeito deslocado e descentrado (HALL, 2015) em um mundo globalizado. Existe um senso comum que atua na condição de “subalternidade” (SPIVAK, 2010) feminina em relação à dominação masculina. Os homens e mulheres estão em um processo de transformação e pode ser que não saibam lidar com todas essas mudanças, principalmente em situações de desenraizamento social, cultural e familiar. A mulher ainda tem feito muitas concessões em prol do casamento e da família. As escolhas e decisões das mulheres (conscientemente e inconscientemente) podem ser influenciadas pelo contexto no qual (nós, mulheres) estamos inseridas.

REFERÊNCIAS

- ABDELMALEK, S. **Imigração ou paradoxos da alteridade**. São Paulo, Edusp, 1998.
- ADICHIE, C. N. **Sejamos todos feministas**. Trad. Christina Baum. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. Trad. Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ALMEIDA, G. **Au revoir, Brésil**: um estudo sobre a imigração brasileira na França após 1980. Tese (Doutorado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, 2013.
- ALMEIDA, S. **O que é racismo estrutural?** Rio de Janeiro: Pólen, 2019.
- ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Editora Schwarcz, 2017.
- APPADURAI, A. **Dimensões culturais da globalização**. Lisboa: Editorial Teorema, 2004.
- ARRUDA, A. Teoria das representações e teoria de gênero. **Cadernos de Pesquisa** [online], n. 117, p. 127-147, 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010015742002000300007&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 20. jun. 2018.
- ASSIS, D. Corpos negros e representação social no Brasil: uma discussão sobre gênero e raça. **Revista da ABPN**, v. 9, n. 21, p. 123-134, 2017.
- ASSIS, G. O. **De Criciúma para o mundo**: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros. (Doutorado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, 2004.
- ASSIS, G. Mulheres imigrantes no passado e no presente. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 745-772, set./dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v15n3/a15v15n3.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2018.
- ASSUNÇÃO, V. K. Casamentos e migração internacional: notas a partir de uma etnografia sobre os relacionamentos afetivos entre brasileiras(os) e holandeses(as). In: PADILLA, B. *et al.* (Orgs.). **Novas e velhas configurações da imigração brasileira na Europa**. Atas do 2º Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa. Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa, 2012. p. 349-362.
- ASSUNÇÃO, V. K. **Onde a comida “não tem gosto”**: estudos antropológicos das práticas alimentares de imigrantes brasileiros em Boston. Tese (Doutorado em Antropologia), Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

ASSUNÇÃO, V. Migrantes por amor? Ciclo de vida, gênero e a decisão de migrar em diferentes fases da vida. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis v. 24, n. 1, p. 63-80, 2016.

ASSUNÇÃO, V. Casamento entre brasileiras e holandeses: considerações sobre o papel dos filhos nos processos de decisão sobre migrar ou retornar para o país de origem. **Leopoldianum**, ano 39, n. 107/108/109, p. 49-68, 2013.

ÁVILA, M. B. Modernidade e cidadania reprodutiva. In: HOLLANDA, H. B. *et al.* **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

BAENINGER, R. O Brasil na rota das migrações internacionais no século XXI. **Revista Jurídica Consulex**, v. XVIII, p. 28-30, 2014.

BAENINGER, R.; BÓGUS, L.; BERTINO, J.; VEDOVATO, L.; MAGALHÃES, D.; SOUZA, M. R. S.; SIQUEIRA, C.; GUIMARÃES, R.; CHANG, T.; MAGALHÃES, L. (Orgs). **Migrações Sul-Sul**. Campinas: NEPO-UNICAMP, 2017.

BAKHTIN, M. **A estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo: Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BARROS, C. F. P., ARRUDA, A. M. S. Afetos e representações sociais: contribuições de um diálogo transdisciplinar. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 2, p. 351-360, abr./jun. 2010.

BARTHES, R. **Fragmentos de um discurso amoroso**. São Paulo: UNESP, 2019.

BARSTED, L. Legalização e descriminalização: dez anos de luta feminista. In: HOLLANDA, H. B. *et al.* **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca de segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BAUMANN, G. **El enigma multicultural**. Un replanteamiento de las identidades nacionales, étnicas y religiosas. Barcelona: Paidós, 2001.

BECKER, A. P.; BORGES, L. Dimensões psicossociais da imigração no contexto familiar. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.** v. 35, n. 88, São Paulo, 2015.

BERRY, J. W. Migração, aculturação e adaptação. In: DE BIAGGI, S. D.; PAIVA, G. J. (Orgs.). **Psicologia, e/imigração e cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 29-46.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. 4. reimpressão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

BOCAYUVA, P. C. C. A fronteira como método e como “lugar” de lutas segundo Sandro Mezzadra Bocayuva. **Lugar Comum**, n. 39, p. 45-67, 2013.

BOECKEL, M.; UBER, M. A prática em terapia de família e as redes sociais pessoais. **Pensando Famílias**, v. 18, n. 2, p. 108-123, dez. 2014.

BORGES, M. L. A. **Amor**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BRETON, D. **Antropologia das emoções**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

BRIGNOL, L. D. Protagonismo migrante e transnacionalismo na construção de web-diaspóricas. **Lumina – Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF**, v. 6 n. 1, 2012. Doi: <https://doi.org/10.34019/1981-4070.2012.v6.21023>.

BRIGNOL, L. D. Usos sociais das TICs em dinâmicas de transnacionalismo e comunicação migrante em rede: uma aproximação à diáspora senegalesa no Sul do Brasil. **Comum. Mídia Consumo**, São Paulo, v. 12, n. 35, p. 89-109, set./dez. 2015. Doi: 10.18568/1983-7070.123589-109.

BRITO, L. **Eros – Philia – Ágape: inspirado na teoria de André Comte-Sponville**. Chá.com Letras, Belo Horizonte, 7 nov. 2009. Disponível em: www.chacomletras.com.br. Acesso em: 7. out. 2019.

BURKE, P. **Perdas e ganhos**. Exiliados e expatriados do conhecimento na Europa e nas Américas, 1500-2000. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

BUTLER, J. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**. Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2013.

CANCLINI, N. G. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

CAPALBO, C. A subjetividade em Alfred Schutz. **Veritas - Revista da PUCRS**, v. 45, n. 2, 2000. Doi: 10.15448/1984-6746.2000.2.35065.

CARDOSO, L. **O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre a branquitude no Brasil**. Tese (Doutorado em Ciências e Letras), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara), 2014.

CARNEIRO, S. As mulheres em movimento: contribuições do feminismo negro. In: HOLLANDA, H. B. *et al.* **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

CARNEIRO, S. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, São Paulo, set./dez. 2003. Doi: 10.1590/S0103-40142003000300008.

CARPENEDO, C; KOLLER, S. H. Relações amorosas ao longo das décadas: um estudo de cartas de amor. **Interação em Psicologia**, v. 8, n. 1, 2004. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/3234>. Acesso em: 2 out. 2019.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. e col. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001. p. 7-29.

CASSAB, L. Violência de gênero. In: FLEURY-TEIXEIRA, E.; MENEGHEL, S. N. (Orgs.). **Dicionário Feminino da Infâmia: acolhimento e diagnóstico de mulheres em situação de violência**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz: 2015.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

CASTRO, M. G. Mulheres sindicalizadas: classe, gênero, raça e geração na produção de novos sujeitos políticos, um estudo de caso. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de *et al.* **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

COELHO, J. P. R. T. **Por uma outra “integração local” de refugiados: comunicação intercultural, o papel do vínculo intersubjetivo e da *philia* na experiência migratória – o caso do Abraço Cultural**. Orientador: Mohammed ElHajji. Monografia (Graduação em Publicidade e Propaganda) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

COGO, D. Comunicação, migrações e gênero: famílias transnacionais, ativismos e usos de TIC. 177. **Intercom – RBCC**. São Paulo, v. 40, n. 1, p. 177-193, jan/abr. 2017.

COGO, D.; BADET, M. **Guia das migrações transnacionais e diversidade cultural para comunicadores – Migrantes no Brasil**. Bellaterra: Institut de la Comunicació-UAB / Instituto Humanitas – Unisinos, 2013. Disponível em: www.guiamigracoesdivcult. Acesso em: 17 ago. 2017.

COGO, D.; BRIGNOL, L. Comunicação e transnacionalismo: implicações nos estudos de consumo e recepção das migrações contemporâneas. Trabalho aprovado para apresentação no **XII CONGRESSO ALAIC 2014, GT 7 – Estudios de Recepción**, Lima: ALAIC, 2014.

COGO, D.; DUTRA-BRIGNOL, L.; FRAGOSO, S. Práticas cotidianas de acesso às TICs – outro modo de compreender a inclusão digital. **Palavra Clave**, v. 18, n. 1, 2015.

COGO, D.; GUTIÉRREZ, M., HUERTAS, A. (Orgs). **Migraciones Transnacionales y medios de Comunicación. Relatos desde Barcelona y Porto**. Madrid: Los Libros de la Catarata, 2008.

COSTA, V. L. A. A importância do conhecimento da variação linguística. **Educ. Rev.**, Curitiba, n. 12, jan./dez. 1996.

COULON, A. **A Escola de Chicago**. Campinas: Papirus, 1995.

D'EAUBONNE, F. **As mulheres antes do patriarcado**. Lisboa: Editorial Vega, 1977.

DANTAS, S. Mulheres entre culturas e seu mundo emocional: a possibilidade de ouvir a própria voz ou o silenciar do eu. **Oralidades: Revista de História Oral**. Núcleo de Estudos em História Oral – USP, v. 6, jul./dez, 2009.

DANTAS, S. D. Para uma compreensão intercultural da realidade. In: DANTAS, S. D. Duarte (Org.). **Diálogos interculturais: reflexões interdisciplinares e intervenções psicossociais**. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2012. p. 189-206.

DANTAS, S. D. Psicologia Social e saúde: da dimensão cultural à político-institucional. In: GUANAES; C. *et al* (Orgs.) **Subjetividade e migração: uma abordagem intercultural profunda a partir das migrações brasileiras**. Florianópolis: ABRASPSO Editora; Edições do Bosque CFH/UFSC, 2015.

DANTAS, S. D. Saúde mental, interculturalidade e imigração. **Revista USP**, São Paulo, n. 114, p. 55-70, jul./ago./set., 2017.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAURE, I.; REVEYRAND-COULON, O. Transmissão cultural entre pais e filhos: uma das chaves do processo de imigração. **Psicologia Clínica** [online]. v. 21, n. 2, p. 415-442, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652009000200011. Acesso em: 2 fev. 2020.

DE NARDI, F. S. A estranha relação do sujeito com a língua materna: algumas reflexões sobre língua e identidade. In: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E. A. (Orgs). **Práticas discursivas e identitárias**. Ensaios PPG Letras UFRGS. Porto Alegre: Nova Prova Editora, 2008. p. 124-136.

DOLABELLA, L. Sexualidade, cuidado e relações de poder na diáspora: as imigrantes brasileiras no universo das casas de alterne em Lisboa. **Horizontes Antropológicos**, v. 21, n. 43, Porto Alegre, jan./jun., 2015. Doi:10.1590/S010471832015000100002.

DU BOIS, W. E. B. **The Souls of Black Folk**. New York: Barnes & Noble, 2003.

DURAND, J.; LUSSI, C. **Metodologia e teorias no estudo das migrações**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

DUTRA, D. Mulheres, migrantes, trabalhadoras: a segregação no mercado de trabalho. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, v. 21, n. 40, p. 177-193, jan./jun. 2013.

ELHAJJI, M.; ESCUDEIRO, C. Webdiáspora: migrações, TICs e memória coletiva. **COMPÓS, 2015**. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/compos2015_autores_2759.pdf. Acesso em: 10 nov. 2019.

ELHAJJI, M. Migrantes, uma minoria transnacional em busca de uma cidadania universal. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação XXV. **ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 7 a 10 de junho de 2016.

ELLIOT, A.; URRY, J. Mobile Relationship. In: ELLIOT, A. **Mobile Lives**. New York: International Library of Sociology, 2010.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Trad. Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

ESCUDEIRO, C. A construção e organização da Webdiáspora. **Anais do 3º ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA - Mídia e Memórias do Autoritarismo**. Rio de Janeiro: ECO UFRJ, 14 e 15 de abril de 2014. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-regionais/sudeste/3o-encontro-2014/gt-7-2013-historia-da-midia-alternativa>. Acesso em: 20. jan 2020.

ESCUDEIRO, C. **Comunidades em festa: a construção e expressão das identidades sociais e culturais do imigrante nas celebrações das origens**. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 2015.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Coordenação da tradução: Izabel Magalhães. Brasília: UNB, 2001.

FALICOV, C. J. Cross-cultural marriages. In: JACOBSON, S.; GUTMAN, A. S. (Eds.). Reprinted from **Clinical Handbook of Couple's Therapy**. New York: Guilford Publications, 1995a.

FALICOV, C. J. Migracion, perdida ambigua y rituales. **Perspectivas Sistémicas**, v. 13, n. 69, p. 3-7, 2001.

FALICOV, C. J. Training to Think Culturally: A Multidimensional Comparative Framework. **Family Process**, v. 34, n. 4, p. 373-388, dez. 1995b. Doi: 10.1111/j.1545-5300.1995.00373.x.

FALICOV, C. J. Working with transnational immigrants: expanding meanings of family, community, and culture. **Family Process**, v. 46, n. 2, p. 157-171, 2007.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 11, n. 2, p. 379-394, 1998.

FRANÇA, T.; PADILLA, B. Imigração brasileira para Portugal: entre o surgimento e a construção mediática de nova vaga. **Caderno de Estudos Sociais**, v. 33, n. 2, jul./dez, 2018.

FREEMAN, E. H. **A cor do amor. Características raciais, estigma e socialização em famílias negras brasileiras**. Trad. Victor Hugo Kebbe. São Carlos: Edufscar, 2018.

FREUD, S. **O mal-estar da civilização**: novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FRIEDAN, B. **A mística feminina**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1971.

GASPAR, S. Family and social dynamics among European mixed couples. **CIES Portuguese Journal of Social Science**, v. 9, n. 2. PJSS 9 (2), p. 109-125, Intellect Limited, 2010.

GAGE, M. **Women, Church & State**. Série: Classics in Women's Studies. Ohio: Pinnacle Press, 2017.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Humanas Didático, 1989.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora UNESP: 1992.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDENBERG, M. Afinal, o que quer a mulher brasileira? **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, 2011.

GONÇALVES, C. Mulheres imigrantes e a construção dos laços afetivos interculturais. **VI Congresso Internacional do Núcleo de Estudos das Américas**. Rio de Janeiro: UERJ, 2018.

GONÇALVES, C; SOUZA, C. Communication interculturelle et relation affectives au Brésil: une perspective sur les conflits. In: BIZIMANA, A; KANE, O; TRAORÉ, C. **La communication, les médias et les conflits: perspectives africaines et brésiliennes**. Bamako: Mali-Nouvelles Services (M. N. S), 2020.

GONÇALVES, M. S. Amores virtuais. **Logos**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 13-18, 1999.

GONÇALVES, M. S. O amor virtual. **X COMPÓS**, Brasília: UNB, 2001.

GONZÁLEZ, E. A. Mujeres migrantes cuidadoras en flujos migratórios sur-sur y sur-norte: expectativas, experiencias y valoraciones. **Polis, Revista Latinoamericana**, v. 12, n. 35, p. 35-62, 2013.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: HOLLANDA, H. B. *et al.* **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

GREGÓRIO GIL, C. La categoría de género a la luz del parentesco en el análisis de las migraciones transnacionales: la maternidad transnacional y las cadenas de mundiales de afecto y asistencia. **Anuario Americanista Europeo**, n. 11, p. 11-29, 2013.

GREGÓRIO GIL, C. Mujeres inmigrantes: colonizando sus cuerpos mediante fronteras procreativas, étnico-culturales, sexuales y reproductivas. **Viento Sur**, n. 104, p. 42-54, 2009.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

GRIECO, E. **Women and Migration: incorporating gender into international migration theory**. Migration Information Source. Migration Policy Institute, 2003.

HAESBAERT, R. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>. Acesso em: 20. jan. 2019.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2015.

HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC-RJ, 2016.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovik; Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2018.

HÂNKE, M. A noção de sociabilidade: implicações nos estudos da comunicação. **COMPÓS**. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2015. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_744.pdf. Acesso em: 4 dez. 2019.

HEIBORN, M. L. Entre as tramas da sexualidade brasileira. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 43-59, 2006.

HERRERA, G. Género y migración internacional en la experiencia latinoamericana. De la visibilización del campo a una presencia selectiva. 40. **Política y Sociedad**, v. 49 n. 1, p. 35-46, 2012.

HERRERA, G. Género y migración internacional en la región andina. Reflexiones sobre un campo en construcción. **Revista Terceiro Milênio**, n. 6, p. 130-149, 2017.

HIRSCHI, J. **A courtship after marriage**: sexuality and love in Mexican transnational families. Los Angeles: University of California Press, 2003.

HOFFMANN, E. F.; COSTA, C. Associações entre religiosidade – espiritualidade e as relações conjugais: estudo de revisão sistemática. **Contextos Clínicos**, v. 12, n. 2, mai./ago., 2019. Doi: 10.4013/ctc.2019.122.07

HOLLANDA, H. B. *et al.* **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Trad. Bhuvi Libânio. 8. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019a.

HOOKS, B. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Editora Elefante, 2019b.

ILLOUZ, E. **O amor nos tempos do capitalismo**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.

KAUFMANN, J. C. **A entrevista compreensiva**: um guia para pesquisa de campo. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.

KEMPINSKA, O. D. G. A função emotiva em perspectiva intercultural. **Galáxia** (São Paulo, *Online*), n. 27, p. 202-213, jun. 2014. Doi: 10.1590/1982-25542014115549.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Lisboa: Orfeu Negro, 2019.

KRISTEVA, J. **Estrangeiros para nós mesmos**. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

KRISTEVA, J. **Historias de amor**. Primera edición em español. México: Sigo XXI, 1987.

LACAN, J. **O Seminário. Livro 11**. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. 2. ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. Trad. Pedro Tamen. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

LEJARRAGA, A. L. Sobre a ternura, noção esquecida. On tenderness, a forgotten notion. **Interações**, v. 10, n. 19, São Paulo, jun. 2005.

LIMA, M. A. P.; TOGNI, P. Migrando por um ideal de amor: família conjugal, reprodução, trabalho e gênero. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 16, n. 1, p. 135-144, jan./jun. 2012.

LIND, W. R. **Casais biculturais e monoculturais**: diferenças e recursos. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia e de Ciência da Educação, 2008.

LINS, R. N. D. **O livro do amor**. v. 2. Rio de Janeiro: Bestseller, 2012.

LISBOA, T. Fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo: a globalização da assistência. **Rev. Estud. Fem.**, v. 15, n. 3, Florianópolis, set./dez. 2007.

LOUBACK, C. T. S. **Entre a tradição e a tradução**: um estudo de caso de uma associação de pais imigrantes brasileiros na Espanha. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. São Paulo, 2017.

LOUBACK, C. T. S. **A conjugalidade intercultural de brasileiras**: uma análise sistêmica de *posts* em blogs. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

LORDE, A. Textos escolhidos de Audre Lorde. Heretica Edições Lebofeministas Independentes. **I am your sister – Collect and unplishing writing of Audre Lorde**. Oxford: Oxford University, 2009. Disponível em: https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitoshumanos/direitosdapopulacaolgbt/obras_digitalizadas/audre_lorde_-_textos_escolhidos_portu.pdf. Acesso em 20 jan. 2020.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 320, set./dez., 2014.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2014.

MAY, T. **Pesquisa social**: questões, métodos e processos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MÁRQUEZ, G. G. **O amor nos tempos do cólera**. Rio de Janeiro: Record, 1986.

MATOS, M. Direito das mulheres. In: FLEURY-TEIXEIRA, E.; MENEGHEL, S. N. (Orgs.). **Dicionário Feminino da Infâmia**: acolhimento e diagnóstico de mulheres em situação de violência. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz: 2015.

MATOS, M. Feminismo. In: FLEURY-TEIXEIRA, E.; MENEGHEL, S. N. (Orgs.). **Dicionário Feminino da Infâmia**: acolhimento e diagnóstico de mulheres em situação de violência. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz: 2015.

MCGOLDRICK, M. **Novas abordagens em terapia familiar**: raça, cultura e gênero na prática clínica. São Paulo: Roca, 2003.

MCGOLDRICK, M. **Etnicidade e o ciclo de vida familiar**. As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001. p. 65-83.

MENEGHEL, S. Feminicídio. In: FLEURY-TEIXEIRA, E.; MENEGHEL, S. N. (Orgs.). **Dicionário Feminino da Infâmia: acolhimento e diagnóstico de mulheres em situação de violência**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz: 2015.

MENESES, M. P. R. **Redes sociais – pessoais: conceitos, práticas e metodologia**. Tese (Doutorado em Psicologia), Faculdade de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.

MEZZADRA, S. Multidão e migrações: a autonomia dos migrantes. **Revista Pós-Eco**, Rio de Janeiro, n. 15, 2012.

MILLER, D; MADIANOU, M. **Migration and new media**. New York: Routledge, 2012.

MILLER, D; SINANAN, J. **Webcam**. Cambridge, United Kingdom: Polity Press, 2014.

MILNER, J. C. **O amor da língua**. Trad. e notas: Paulo Sérgio de Souza Júnior; revisão técnica: Cláudia Thereza Guimaraes de Lemos e Maria Rita Salzano Moraes. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2012.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MONTANARI, M. **Comida como cultura**. São Paulo: Editora Senac, 2008.

MOROKVASIC, M. **Birds of Passage are also women**. International Migration Review, v. XVIII, n. 4, p. 886-907, winter, 1984.

MORAWSCA, E. **A sociology of immigration**. (Re)making multifaceted America. Essex: PalgraveMacmillan, 2009.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais. Investigações em Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2017.

NASCIMENTO, B. A mulher negra no mercado de trabalho. In: HOLLANDA, H. B. *et al.* **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

OLIVEIRA, A. M. Preconceito, estigma e intolerância religiosa: a prática da tolerância em sociedades plurais e em Estados multiculturais. **Estudos de Sociologia**, Rev. do Progr. de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, v. 13, n. 1, p. 239-264, 2007.

PADILLA, B. *et al* (Org.). **Novas e velhas configurações da imigração brasileira na Europa**. Atas do 2º Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa. Lisboa: ISCTE, p. 349-361, 2012. Disponível em: repositorioiul.iscte.pt/handle/10071/3874. Acesso em: 10 mar. 2018.

PADILLA, B. A imigrante brasileira em Portugal: considerando o gênero na análise. In: MALHEIROS, J. M. (Org.). **Imigração brasileira em Portugal**. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI), 2007. p. 113-135.

PAIVA, R. **O espírito comum**: comunidade, mídia e globalismo. Petrópolis: Vozes, 1998.

PAIVA, R. **Política**: palavra feminina. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

PAIVA, V. L. M.; NASCIMENTO, M. **Sistemas adaptativos complexos. Língua(gem) e aprendizagem**. Campinas: Editora Pontes, 2011.

PAVLENKO, A. **Emotions and multilingualism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

PARAGUASSU, F. **A menina que abraça o vento**: a história de uma refugiada congoleza. Rio de Janeiro: Voinho, 2017.

PARK, R. E. Human migration and the marginal man. **The American Journal of Sociology**, v. 33, n. 6, 1928.

PARK, R. E. **Comunicação, linguagem, cultura**. In: PARK, R. E.; SAPIR, E. São Paulo: ECA/ USP, 1971. p. 55-76.

PASQUALIN, F. A. **O (des)encanto do casamento intercultural**: brasileiras casadas com muçulmanos estrangeiros. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, SP, 2018.

PELBART, P. P. **Vida capital**: ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2011.

PEREL, E. Uma visão turística do casamento. Desafios, opções e implicações para a terapia de casais interculturais. In: PAPP, P. (Org.). **Casais em perigo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

PERES, F. F. *et al*. A 'sensibilidade' de Simmel: notas e contribuições ao estudo das emoções. **RBSE** 10, n. 28, p. 93-120, abr. 2011. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/FabioArt.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2019.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PISCITELLI, A. Geografia política do afeto: interesse, "amor" e migração. In: CARVALHO, Flávio *et al* (Eds.). **Atas do 1º SEMINÁRIO DE ESTUDOS SOBRE A**

IMIGRAÇÃO BRASILEIRA NA EUROPA. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2010. p. 14-22. CD-ROM.

PISCITELLI, A. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, v. 11, n. 2, jul./dez. 2008.

PLATTEAU, G. Les couples mixtes: l'adoption de deux cultures. **Cahiers Critiques de Thérapie Familiale et de Pratiques de Réseaux**, v. 2 n. 49, p. 241-258, 2012. Doi: 10.3917/ctf.049.0241.

PORTES, A., GUARNIZO, L. **Capitalistas del trópico**: la inmigración em los Estados Unidos y el desarrollo de la pequeña empresa en la República Dominicana. Santo Domingo: FLACSO Sede República Dominicana, 1991.

PORTES, A. Convergências teóricas e dados empíricos no estudo do transnacionalismo imigrante. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 69, p. 73-93, 2004.

QUINONES, N. G. M.; VÁSQUEZ, A. O. La integración de las parejas conformadas por personas españolas y extranjeras en Andalucía. **Odisea. Revista de Estudios Migratorios**, n. 4, 3 out. 2017.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

RAGO, M. Epistemologia feminista, gênero e história. In: HOLLANDA, H. B. *et al.* **Pensamento feminista brasileiro**: formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

RAMOS, M.; FERREIRA, A. C. Imigrantes brasileiros em Portugal: como casam e com quem casam. In: **VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA**. Porto. Atas Porto: Associação Portuguesa de Sociologia, 2012. Disponível em: http://associacaoportuguesasociologia.pt/vii_congresso/papers/finais/PAP0779_ed.pdf. Acesso em: 5 mar. 2019.

RAMOS, N. Comunicação, cultura e interculturalidade: para uma comunicação intercultural. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, Coimbra, v. 35, n. 2, p. 155-178, 2001.

RAMOS, N. Diversidade cultural, educação e comunicação intercultural – política e estratégias de promoção do diálogo intercultural. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 34, p. 9-32. jan./abr. 2009a.

RAMOS, N. Saúde, migração e direitos humanos. **Mudanças - Psicologia da Saúde**, v. 17, n. 1, p. 1-11, 2009b.

RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RITTINER, M. E. N. **O fluxo migratório do turismo gerando família interculturais**, 2006. Disponível em: http://www.abant.org.br/conteudo/ANAI_S/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2035/maria%20eduarda%20noura%20rittiner.pdf Acesso em: 21 jan. 2020.

RITTINER, M. E. N. **Ser estrangeiro**: a construção de múltiplas identidades nas relações afetivos-conjugais interculturais helvético-brasileiras. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal de Pernambuco, 2006.

ROCA GIRONA, J. Migrantes por amor. La búsqueda y formación de parejas transnacionales. **Revista de Antropología Iberoamericana**, v. 2, n. 3, 2007. Disponível em: www.redalyc.org/articulo.oa?id=62320303. Acesso em: 10 mar. 2019.

ROCA GIRONA, J. **Amor importado, migrantes por amor**: la constitución de parejas entre españoles y mujeres de América Latina y de Europa del Este en el marco de la transformación actual del sistema de género en España. Ministerio de la Igualdad, Instituto de la Mujer, 2008.

ROCA GIRONA, J.; MASDEU, M.; PUERTO, Y. Migraciones por amor: diversidad y complejidad de las migraciones de mujeres. **Papers. Revista de Sociología**, v. 97, n. 3, 2012.

ROCHA-COUTINHO, M. L. **Tecendo por trás dos panos**: a mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ROCHA-COUTINHO, M. L. A narrativa oral, a análise de discurso e os estudos de gênero. **Estud. Psicol.**, Natal, v. 11, n. 1, jan./abr. 2006. Doi: 10.1590/S1413-294X2006000100008.

ROMANO, D. **Intercultural marriage** – Promises & pitfalls. 2. ed. Yamouth, Maine USA: Intercultural Press. 2001. p. 172-186. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/59832032/Intercultural-Marriage-Promises-and-Pitfalls>. Acesso em: 19 dez. 2019.

ROSENBLATT, P. C. A systems theory analysis of intercultural couple relationships. In: KARIS, T. A.; KILLIAN, K. D. **Intercultural couples**: exploring diversity in intimate relationships. New York / London: Routledge, Taylor & Francis Group, 2011. cap. 1, p. 23-38.

ROSENFELD, M.; REUBEN, J.; HAUSEN, S. Disintermediating your Friends: how online dating in the United States displaces other ways of meeting. **PNAS. Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 116, n. 36, 2019.

ROSTAND, E. **Cyrano de Bergerac**. São Paulo: Scipione, 2013.

ROUGEMONT, D. **A história do amor no Ocidente**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

SANTOS, A.; ROSSINI, R. Migrações Sul-Sul. In: BAENINGER, R. *et al.* (Orgs.). **Reflexões geográficas sobre migrações, desenvolvimento e gênero no Brasil**. 2. ed. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2018.

SASSEN, S. Formación de los condicionantes económicos para las migraciones internacionales. **Ecuador Debate**, n. 63, p. 63-87, 2004.

SCHNEIDER, M. **Afeto e linguagem nos primeiros escritos de Freud**. São Paulo: Editora Escuta, 1994.

SCHUCMAN, L. V. **As famílias inter-raciais: tensões entre cor e amor**. Salvador: Edufba, 2018.

SCHUCMAN, L. V. Braquitude e poder: revisitando o “medo branco” no século XXI. **Revista da ABPN**, v. 6, n. 13, p. 134-147, 2014.

SCHUTZ, A. O estrangeiro. Um ensaio em Psicologia Social. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 113, out. 2010.

SERVAES, J. Comunicação intercultural e diversidade cultural: um mundo, muitas culturas. **Revista Famecos**: publicação do programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul - PPGCOM/ PUCRS, 2003.

SIBILIA, P. **O show do Eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SILVA, M. R.; NETO, Z. **Perspectiva psicanalítica do vínculo afetivo: o cuidador na relação com a criança em situação de acolhimento**. Artigo científico apresentado ao Instituto Luterano de Ensino Superior de Porto Velho - ILES/ULBRA, como requisito para a obtenção do título de Formação Específica em Psicologia, nov. 2012.

SILVA, N. V. Distância social e casamento inter-racial no Brasil. **Estudos Afro-Asiáticos**, n. 14, 1987.

SIMMEL, G. **A filosofia do amor**. São Paulo: Martins Fontes, 1983a.

SIMMEL, G. **A natureza sociológica do conflito**. In: MORAES FILHO, E. (Org.). São Paulo: Ática, 1983b.

SIMMEL, G. O conflito como sociação. Trad. Mauro Guilherme Pinheiro Koury. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 10, n. 30, p. 568-573, 2011. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>. Acesso em: 20 nov. 2019.

SLUZKI, C. **A rede social na prática sistêmica: alternativas terapêuticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

SLUZKI, C. Network disruption and network reconstruction in the process of migration/relocation. **The Berkshire Medical Center Department of Psychiatry Bulletin**, n. 2, p. 2-4, 1989.

SLUZKI, C. A migração e o rompimento da rede social. In: MCGOLDRICK, M. **Novas abordagens da terapia familiar: raça, cultura e gênero na prática clínica**. São Paulo: Roca, 2003. p. 414-424.

SODRÉ, M; PAIVA, R. Cidadania, mídia e direitos sociais. Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação. XXVI Encontro Anual da Compós, Faculdade Gásper Liberos, São Paulo, 06 a 09 de junho de 2017.

SODRÉ, M. **As estratégias sensíveis. Afeto, mídia e política**. Petrópolis: Vozes, 2016.

SPIVAK, G. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

TAVARES, F. “**Visualizada e não respondida**”: uma metáfora para pensar a experiência do amor mediada pelas tecnologias digitais de Comunicação. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade Estadual do Rio de Janeiro, UERJ, 2016.

TELLES, E. E. **O significado da raça na sociedade brasileira**. Tradução para o português *Race in another America*. Trad. Ana Arruda Callado. Versão divulgada na internet em 2012.

TORMENTA, M. **Casais biculturais um estudo exploratório**. Dissertação (Mestrado em Temas de Psicologia), Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto, 2009.

VIGOYA, M. V. **As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América**. Trad. Alysson de Andrade Perez. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

WALDMAN, K; RUBALCAVA, L. Psychotherapy with intercultural couples: a contemporary psychodynamic approach. **American Journal of Psychotherapy**, v. 59, n. 3, p. 227-245, 2005.

WALSH, C. **La interculturalidad en la education**. Lima, Perú: Ministério de Educación e UNICEF, 2005. Disponível em: http://issuu.com/paul_sanchez/docs/la_interculturalidad. Acesso em 20 dez. 2019.

WALSH, F. Crenças, espiritualidade e transcendência: chaves para a resiliência da família. In: MCGOLDRICK, M. **Novas abordagens em terapia familiar: raça, cultura e gênero na prática clínica**. São Paulo: Roca, 2003. p. 72-89.

WILLIAMS, L. **Global marriages: cross-border marriage migration in global context**. Hampshire (UK), New York: Palgrave Macmillan, 2010.

WINICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

YAMAMOTO, E. Y. Sobre a vinculação. **Rev. Estud. Comun.**, Curitiba, v. 13, n. 30, p. 47-56, jan /abr. 2012.

YANNOULAS, S. Feminização ou feminilização? Apontamentos em torno de uma categoria. **Temporalis**, Brasília, v. 11, n. 22, p. 271-292, jul./dez, 2011.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A pesquisadora Catarina Gonçalves, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, está realizando uma pesquisa intitulada “Mulheres entre culturas: afeto e interculturalidade no contexto das migrações transnacionais”. A pesquisa será realizada através da análise de algumas entrevistas que serão realizadas individualmente com mulheres imigrantes e brasileiras que vivem no Brasil.

As entrevistas seguem um roteiro de perguntas previamente elaborado de acordo com os objetivos da pesquisa. Todas as entrevistas serão gravadas em arquivo de áudio e, posteriormente, transcritas na íntegra e de forma absolutamente sigilosa. Informamos ainda que as informações coletadas serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar sua identidade.

Os nomes dos participantes da pesquisa e todas as informações que permitam identificá-los serão mantidos em sigilo, garantindo, assim, seu anonimato. A sua participação consistirá em ser entrevistado, autorizando a utilização das informações fornecidas nas entrevistas para os fins deste estudo, bem como sua divulgação em artigos científicos e trabalhos acadêmicos. A participação neste estudo é voluntária, sem retribuição financeira ou de qualquer outro tipo. Mesmo não tendo benefícios diretos em participar deste estudo, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Esclarece-se, ainda, que os riscos envolvidos nesta pesquisa são classificados como de grau “baixo”. Isto significa que, mesmo não estando exposto a situações nocivas ou que representem um risco direto a sua integridade física e psicológica, você poderá se sentir desconfortável ao responder algumas perguntas. Caso isso ocorra, você poderá não responder e até mesmo desistir de continuar a participar deste estudo em qualquer momento, sem nenhum prejuízo. Como forma de minimizar este risco, você pode solicitar ao pesquisador apoio ou outra forma de reparo que julgue necessário.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas com a pesquisadora Catarina Gonçalves, e-mail: catarina.cgo@gmail.com, telefone (21)

98443-2266 ou pelo Comitê de Ética em Pesquisa do CFCH da UFRJ. Avenida Pasteur, 250 - Urca. Rio de Janeiro / RJ. 22.295-900. Brasil. Caso concorde em participar, por favor assine este termo, que será apresentado em 2 vias (uma ficará com você e outra com a pesquisadora).

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste Termo de Consentimento.

Nome do participante:

Telefone para contato: _____

Endereço: _____

RG ou CPF: _____

Assinatura do participante

Local e data

Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE B

Entrevista: Entrevista transcrita.

Arquivo: 1 hora e 15 minutos de entrevista.

Lívia, 35 anos, bósnia casada com brasileiro, mora no Rio de Janeiro. Jornalista com mestrado nos Estados Unidos. O marido é psicólogo e funcionário público.

C: Iremos gravar a entrevista com Lívia sobre as mulheres imigrantes no Brasil. Então, eu vou deixar gravando. Eu acho que vai ser difícil anotar esse nome. De qual país que você veio?

L: Bósnia, ex-Iugoslávia.

C: Quais foram os motivos que levaram você a imigrar?

L: Eu imigrei praticamente pelo casamento com o meu marido. A gente era bolsista do governo dos EUA. E a gente se encontrou em 2011, lá a gente se conheceu. E eu voltei para minha cidade, e ele voltou para o Rio de Janeiro. E aí, a gente ficou junto mais 2 anos através do Skype. A ideia foi: ou a gente vai junto ou ele vai lá para Bósnia, mas como eu não tinha nenhuma perspectiva sobre emprego a gente decidiu segurar. E como ele é funcionário público, ele conseguiu congelar a posição dele e ir atrás de mim para a gente tentar. A razão que imigrei para o Brasil foi um casamento entre a vida privada e a vida profissional.

C: Quando você chegou aqui? Como você chegou? Com um trabalho?

L: Eu cheguei aqui por causa de um emprego, porque eu trabalhei para uma empresa há 10 anos atrás, para uma empresa sediada na Alemanha. Eles fizeram aqui uma compra de uma empresa. Eu fui oferecida como uma oportunidade profissional. Como sempre queríamos mudar para o Brasil essa opção foi ótima, morando quase 2 anos e meio, em São Paulo.

C: Foi uma escolha que foi boa também para a sua profissão?

L: Agora, agora eu poderia discutir sobre isso. Olha, ela foi ótima, mas infelizmente depois de 6 meses a empresa entrou em processo de operação judicial. Eu fui mandada embora, e infelizmente eu saí do emprego. Como meu marido é carioca, eu

decidi morar no Rio de Janeiro. Agora é hora. Eu sempre quis morar no Rio, mas como tive a oportunidade profissional em São Paulo, eu fiquei lá. Eu achei que lá tem muitas oportunidades profissionais e tudo, mas por causa desta situação no Brasil é mais difícil arrumar um emprego. E eu percebi que não tem mais razão de continuar em São Paulo. E me mudei para o Rio, em março deste ano. Estou praticamente aqui tem três meses, e no Brasil em outubro vai ser, vão ser completados os três anos. Então, eu aceitei essa oportunidade profissional e foi um casamento: uma possibilidade profissional e uma possibilidade privada, porque o meu marido naquela época já morava comigo na Bósnia. Por que ele foi? Eu não sei se está conseguindo me acompanhar, talvez seja difícil, mas você pode tirar o que você precisa. Outra dificuldade encontrada é que o meu país não tem embaixada aqui, não tem embaixada no território da América do Sul. Então, a gente sabia que ia ser muito difícil e desafiador, nesse caso administrativo, se a gente se casasse aqui. Então ele foi atrás de mim. Foi para a Bósnia, porque lá existe embaixada do Brasil. Eu acho que a gente casou em 2014 e moramos juntos até outubro de 2015. Quando essa possibilidade para mim abriu eu aceitei e me mudei para o Brasil. Essa seria uma história. Praticamente, entendeu, não foi uma coisa, eu queria explorar as coisas para o Brasil, mas também não queria deixar a minha carreira lá de 12 anos que eu criei toda minha vida, entendeu? Eu não queria deixar minha experiência profissional, e por isso a gente balançava as coisas, mas quando essa oferta de trabalho apareceu, claro, foi tudo que juntou, entendeu? Eu aceitei e vim para cá. Infelizmente não deu certo. Eu não consegui ficar nessa empresa e nem consegui crescer profissionalmente com essa empresa. Mas eu aceitei pensando que vai ser boa essa empresa até eu conhecer o ambiente, até eu aprender o idioma, até eu criar os contatos e tudo, mas infelizmente aconteceu tudo mais rápido que eu poderia imaginar. A empresa entrou com esse processo e mandou embora quase 2.000 pessoas fora. E eu saí em março.

C: Como você conheceu o seu marido?

L: É (risos) a gente era bolsista. Eu não sei se você conhece a bolsa Fulbright, que é uma bolsa praticamente financiada pelo governo dos Estados Unidos. É um programa que tenta apoiar profissionais com cinco ou mais anos de carreira, de atuação profissional, para aprofundar conhecimento dele sobre área certa e determinada. O meu marido é psicólogo e ele foi colocado na Universidade de Virgínia. Eu fui locada

no Arizona State University, em Fênix. E... como a gente atendia o mesmo programa, a gente se conheceu nesse programa nos EUA, em 2011. Há sete anos atrás.

C: Conta um pouco da sua vida. Como foi a sua infância, sua adolescência e os planos para o futuro daqui a 5 anos? E se pretende continuar no Brasil?

L: Eu (total) pretendo continuar no Brasil, mas espero que as coisas melhorassem. Acho que isso é o que todo mundo quer. Na verdade, na minha infância, é uma parte da minha vida que contribuiu para tudo que sou hoje. Mas é uma parte que eu não gosto de lembrar, porque não sei se você conhece, mas depois da queda da parede de Berlim, a Iugoslávia separou e Bósnia passou por uma guerra. E eu como sou de Sarajevo, capital da Bósnia, eu fui mais prejudicada. Então, com nove anos, eu virei refugiada. Quando minha mãe, minha irmã e eu tivemos que sair do nosso apartamento, porque foi ocupada pelo inimigo, pelos sérvios, pelo exército da Sérvia que atacou a Bósnia, a gente foi para a Croácia, a gente ficou lá cinco meses. E a gente voltou para a Bósnia, mas uma cidade que fica na parte central, ficamos lá dois anos, conseguindo só retornar novamente para a nossa cidade em 1994. O meu pai achou que a guerra ia acabar muito rápido, o que não aconteceu, porque a guerra acabou com assinatura de acordo de Dayton em 1995, e com esse documento a guerra acabou. A gente só consegue retornar ao nosso apartamento em 1996. Você consegue ver que de 8 até 13 anos da minha vida foi marcado pela guerra, pelo fato de que a gente era refugiado. Depois disso, quando a situação estabilizou, eu queria...(pausa), era tempo de completar o ensino médio. Eu completei, depois decidi estudar jornalismo. Eu me formei em jornalismo porque sempre achei que jornalismo era "ficcional", mas quando eu comecei a estudar, eu percebi que eu não quero fazer isso. Não quero ser jornalista, mas me direcionar mais na área de Relações Públicas e Comunicação. Foi por isso que comecei a criar a minha vida nesta direção. Completei alguns cursos, que me capacitaram para atuar naquela área no mercado. Comecei a trabalhar para essa empresa, (...) que depois de 10, não, 8 anos, vai me oferecer uma oportunidade no Brasil. Ah! Depois desse emprego, como eu atuava na área de comunicação e marketing, eu pelo menos sabia naquela época, mas a história sobre a guerra, sobre enfrentar o passado, uma situação que não tem muita perspectiva. Eu decidi que não quero continuar nesse ambiente e que quero construir a minha vida fora do meu país, por isto foi a razão por que procurei uma bolsa que me

dava possibilidade de conhecer o mundo. Ampliar as minhas perspectivas para depois que eu possa escolher o que eu quero fazer. Ainda, naquela época, eu não sabia que a minha escolha final vai ser Brasil. Eu sabia que não vou ficar no meu país. Agora, posso juntar a sua pergunta, a razão que cheguei no Brasil. Se (gaguejou) se... as circunstâncias não fizeram aquilo que já foi feito, se não tivesse me levado ao Brasil, eu provavelmente moraria nos Estados Unidos, Canadá. Eu nunca tinha nem pretensão e nem ambição em ficar no meu país, por causa dessa situação. E esse trauma. Eu me vejo hoje depois de 25 anos da pós guerra, praticamente o mesmo conflito físico. O país está dividido, tem umas três religiões, temos praticamente três países dentro de um país. Essa é uma situação bem complicada, que eu acho que não é relevante para sua pesquisa. Mas acho que foi um conjunto de uma infância que foi parada em um momento, e depois uma tentativa para que eu possa criar uma vida melhor para mim.

C: Sua família foi e seu pai ficou?

L: A minha mãe foi e meu pai ficou porque naquela época Sarajevo estava ocupada, e porque Sarajevo fica em um vale. Então, eles praticamente fecharam a cidade e deixaram praticamente a cidade sem água, sem eletricidade, sem comida, sem aquecimento, sem remédio e ainda “*bombando*” a cidade para matar pessoas, e não deixaram ninguém sair. O meu pai ficou lá. Graças a Deus, a gente conseguiu sair e a gente vai só se juntar, reunir dois anos depois.

C: Você tem irmãs?

L: Eu tenho uma irmã. Ela é mais velha. Ela é farmacêutica e quatro anos mais velha do que eu. Ela mora em Sarajevo. Eu sou o único membro da família que me desloquei.... (risos).

C: Todos retornaram e ficaram unidos?

L: Sim, a gente começou a criar a nossa vida lá normal. A guerra parou, a situação normalizou. E minha irmã continuou com o ensino médio. Eu também, tudo até o momento em que eu tinha que decidir o que eu quero decidir da minha vida.

C: Você sabe agora o que você quer fazer?

L: Agora eu sei. Eu sei. Eu praticamente agora vou aproveitar todo o meu conhecimento, todo a minha educação, e já tenho ideia sobre um... micro... Eu agora vou pedir sua ajuda...

C: Microempreendimento?

L: Eu quero montar o meu micronegócio particular, porque nesse momento estou fazendo o meu MBA, na Fundação Getúlio Vargas, de Gestão Empresarial. E, por isso, eu matriculei, por esse programa, porque acredito que vai me dar conhecimento, e vai me capacitar para amanhã juntar e montar o meu negócio.

C: O seu marido mora aqui? Quando você estava em São Paulo vocês ficaram entre idas e vindas?

L: Ah, esse é o nosso destino. O nosso destino parece que foi para a gente ficar separado. A gente ficou praticamente, na minha estrada, o nosso relacionamento, a partir de 2011 até 2014 separado pelas redes sociais. Em 2014, a gente se juntou, casou, moramos um ano juntos. Depois voltamos para o Brasil, com a diferença que ele voltou para o Rio, eu fui para São Paulo. Isso também entre o período de dois anos até a minha mudança para o Rio de Janeiro. A gente ficou viajando a cada sete dias (São Paulo-Rio de Janeiro e contrário).

C: Como é a vida de vocês na vida íntima? Quais são as diferenças culturais?

L: Olha, pergunta muito interessante. Eu não vou falar que sempre pensava que diferenças culturais, o que são e como a gente pode defini-las. Como eu e meu marido, antes de eu conseguir essa bolsa, eu, como estudante, eu sempre viajava, eu viajei pela Europa. Ele também, graças a Deus, teve essa possibilidade de viajar. Acho que já no início, antes que a gente vai se conhecer, a gente já ampliou as nossas perspectivas sobre o mundo, sob a ótica de culturas. Isso tudo. Eu acho que também ele morou na Austrália. Como eu já morei nos Estados Unidos... para mim foi uma coisa normal. Eu tô me casando com um rapaz que mora quilômetros de distância de mim, que tem total outra cultura, outros hábitos, mas eu acho que quando você fizer aquela decisão, que você quer a vida com alguém, você já está pronto para fazer compromissos na sua vida. Para responder a sua pergunta: claro que a gente tem altos e baixos, que é normal, mas é através de uma conversa, um entendimento, essas

diferenças diminuem. E a gente consegue andar sem impactos maiores, sabe? Então, vamos chamar assim, no meu casamento, eu não vejo essa diferença, que que (gaguejou) ...me impediriam para construir minha vida com um homem que não pertence à minha cultura. So, eu acredito que conversa, conversa, confiança e amor são coisas que ajudam a ultrapassar essas diferenças.

C: Você acha que o amor é globalizado?

L: Eu acredito total que o amor é globalizado porque hoje eu vejo, não nas minhas amigas, mas conhecidas ou são exemplos, as meninas da Bósnia, vão para Austrália, não só da Bósnia, mas meninas do Brasil vão para a França. Eu acho que essa barreira não existe, tanto quanto existir uma vontade e uma intenção, que você quer criar alguma coisa, um tipo de relacionamento. Claro, no nosso caso, meu marido existe uma barreira linguística. O meu marido e os meus pais não falam em nenhum idioma. Os meus pais só falam no idioma bósnio, porque eles têm uma dificuldade para entender o meu marido, porque ele não fala bósnio. Ele começou um pouquinho a aprender, mas é muito difícil, mas pelo menos ele consegue falar. Claro, essa uma expectativa do do ... (gaguejou)... lado do meu país. Eles queriam um rapaz, que eu fosse casada com quem eles pudessem conversar, trocar ideia. Claro, que é nesse caso, eles total são impedidos porque existe uma barreira linguística. Eu também isso com a família dele porque quando eu conheci ele, eu não falei português e me forcei para aprender. Agora eu consigo me integrar na sociedade. Eu entendo.

C: Você se sente integrada?

L: Boa pergunta, agora em qual sentido seria me sentir integrada? Eu falaria assim: eu amo o Brasil porque é uma mistura de culturas, de raças diferentes. O Brasil é enorme. Você não fica olhando e perguntando quem é o quê. Eu acho que vale a pena se você tem como contribuir à sociedade, e nesse caso eu me sinto integrada. Mas claro que eu tive dificuldade de arrumar um emprego. Eu também comecei a perguntar se isso também foi um problema meu, mas olhando a situação no Brasil, Ok, eu não vou ficar parada, em depressão porque eu não consigo integrar completamente no sentido profissional. Agora eu vou tentar puxar o máximo daquela situação, e criar uma... coisa minha. Só que do lado particular e privado eu falaria assim: eu me sinto integrada ao lado do meu marido, mas do lado profissional, não. Essa parte já é.

(Pausa). Eu falaria... tipo uma coisa natural porque cada pessoa, que deixa a sua vida e foi criada lá em um país, decide começar uma vida nova. Você tem que ter essa ciência, que vão passar alguns anos para você estabelecer naquele país, naquela terra... (Pausa). Mas, por exemplo, como eu atuo na área de Comunicação e Marketing, que é uma área bastante específica, eu tenho uma dificuldade enorme para recolocar no mercado profissional. Eu tenho educação fora. Morei, estudei nos EUA, falo inglês fluente. Então, isso tenho essa experiência internacional. E não consigo me integrar profissionalmente, pois quando aplico para uma vaga, eles sempre vão dar vantagem para as pessoas que são locais, que têm experiência do mercado nacional, que têm experiência dos clientes locais. Infelizmente, nesse sentido, eu não posso ter esse conhecimento. E nem essa perspectiva, se ninguém vai me dar essa possibilidade para obter essa experiência, mas o que eu poderia contribuir seria trazer aquela perspectiva internacional, porque eu acredito que tem muito a ver com minha vida, minha criação e minha vida profissional para que eu posso contribuir aqui no mercado profissional. Exatamente, com essa perspectiva. Só que... um jogo [não deu continuidade].

C: Como é ser mulher aqui no Brasil e no mundo?

L: Eu acho que, no Brasil, não é absolutamente uma exceção. Agora eu vou falar uma coisa, é muito interessante para você. Eu encontrei dez dias antes, quando uma menina, que mora hoje em Chicago, ela é Bósnia, mas ela foi criada na Alemanha, morava em Paris. Ela não tem nada a ver. Ela tem, só tipo, a origem da Bósnia. Ela trabalha. Ela hoje é Gerente de Comunicação para Bosch, nos Estados Unidos. Ela fala: “Eu cresci muito naquela empresa, mas se existe uma coisa, mas não é na Bosch, mas em todas as empresas, existe um limite se você é mulher, e se você não é alemã. Eu não consigo fazer, crescer mais”. Então, essa é a resposta para sua pergunta. Eu acho que, hoje, mulheres, ainda não existe essa divisão igual. Eu acho que mulheres só por causa de ser mulheres enfrentam muito mais dificuldades, por causa de abuso sexual no emprego. Hoje as mulheres passam por essa situação. Então, é muito difícil, porque as mulheres não são pagas igualmente pelas mesmas posições. Por exemplo, BBC anunciou que mulheres lá na Inglaterra, que atuam na área de jornalismo, na BBC têm menores salários do que colegas homens, que atuam nas mesmas funções. Então, eu acho que não é coisa brasileira ou coisa lá... de... Balt.. (interrupção). Eu

falaria que é uma coisa global, que ainda mulheres, infelizmente, não têm essa força para, e nem essa possibilidade para contribuir com a sociedade. O Brasil, eu acho que é uma sociedade muito machista, que ainda a vantagem é sempre dada, que a prioridade é sempre dada para homens.

C: Você vê uma dificuldade dupla em ser imigrante e mulher?

L: Eu vejo, como esse é meu problema, porque eu não vivi aqui. Eu não morei aqui. Esse problema de ser mulher para crescer profissionalmente, eu ainda não enfrentei direto. Eu estou vendo o caso das minhas colegas e amigas, que vejo que, no ambiente, a situação é sempre a mesma. Não importa onde você atua.

C: Você faz parte de alguma comunidade do seu país?

L: Eu não faço parte, porque aqui não existe uma comunidade Bósnia, mas existe uma comunidade sérvia. Muitos sérvios que migraram da Sérvia, tem uma comunidade em São Paulo...(Ah!). Eu não tenho a necessidade. Outra coisa: a Bósnia não possui embaixada no território da América do Sul, só por isso eu acredito que não tem tantos imigrantes da minha terra. Mas falando que tem países vizinhos, que eram os mesmos países, mas que eu não tenho absolutamente contato.

C: Você acredita que um dos principais motivos de deslocamento do mundo é em função do amor?

L: Eu acredito não, acredito não, mas falaria que em função de amor, por melhores condições econômicas, de vida, melhor situação econômica.

C: Se você pudesse morar em outro país, você se mudaria?

L: Eu acho que poderia viver na Austrália e EUA, mas eu gosto do Brasil. O Brasil era sempre a minha preferência. E hoje eu estou super feliz, porque estou aqui e nem tento arrumar e nem construir outras condições em outros países.

C: Você pretende ter filhos?

L: Eu pretendo ter filhos, mas agora não é viável porque temos somente uma renda, mas queremos ter uma família.

C: Quais são os seus planos para o futuro?

L: Olha, Catarina, eu quando descobri que não quero trabalhar como jornalista, mas naquela época com 18 anos, a gente tem que descobrir o que quer fazer da vida. Eu absolutamente não tinha ideia do que eu quero. Eu achei que sabia o que quero e a minha escolha foi jornalismo. Eu sempre quis trabalhar com o turismo, mas como o mercado é bem pequeno, eu peguei aquele primeiro trabalho que apareceu para mim. Agora, com a minha chegada, e minha mudança ao Rio de Janeiro, eu planejo entrar naquilo que sempre quis entrar. Eu planejo entrar no mercado do turismo, no segmento de turismo e quero atuar nesse segmento, porque eu sempre acho quando a gente quer uma coisa muito, eu acho que o universo conspira a nosso favor.

C: Você quer montar um negócio?

L: Ainda não sei o que quero, mas sei que quero montar uma minha coisa. Além do meu MBA, ainda estou formando no meu curso de guia de turismo, porque quero valorizar o meu conhecimento de idiomas. Isso será o primeiro passo.

C: Você não sentiu nenhuma dificuldade na língua, né, quando chegou?

L: Eu senti muita dificuldade para aprender a língua. Exatamente essa foi uma das razões por que eu me forcei para aprender português o mais rápido, porque não consegui me integrar na sociedade, porque meu marido... (não continuou a frase). Eu pensei quando chegar no Brasil eu vou falar inglês quatro ou cinco meses até, mas eu não consegui nem comunicar com os meus colegas do trabalho, porque poucos brasileiros falam inglês. O meu marido tinha que marcar médico, ida para salão de beleza... (so). Eu total me senti cortada da sociedade naquela época, por isso. Eu acho que eu consegui começar falando depois de 3 meses da minha chegada no Brasil, porque eu queria me sentir, como eu pertença àquele ambiente, porque tive muita dificuldade. Mas acredito que eu não sou o único caso. Hoje qualquer pessoa, que vem para o Brasil para falar português tem muitas dificuldades.

C: Qual a língua do amor e da intimidade?

L: A língua do amor é universal, que é aquela de apoio, confiança. E fica combinado entre duas línguas, o bósnio e o português. O bósnio que ele conhece e o português.

C: E a linguagem da briga?

L: A língua da briga fica em português, mas quando não consigo me expressar troco para o inglês. Ele nunca quer falar em inglês, mas se você me perguntar honesto, eu gostaria de brigar no meu idioma... (risos), porque eu ainda tenho essas barreiras linguísticas. Obrigada por lembrar isso, porque eu nunca pensei.

C: Eu também já tive essa dificuldade.

E: É complicado porque você não consegue expressar aquela ideia que existe atrás daquela outra ideia... se você não usa o seu idioma, mas por enquanto... ele também teve uma vontade enorme de aprender o meu idioma, mas é difícil, porque não têm nenhuma relação.

C: Ele fez curso lá?

L: Ele fez curso lá e aprendeu lá.

C: Vocês ficaram a distância? E como foi esse período a distância?

L: O período foi complicado, porque a gente só conseguiu se ver duas vezes por ano. Naquela época falávamos por Skype e Facebook. Eu vou falar que relacionamento a distância é muito difícil, muito complicada e muito exigente.

C: Você pensou em algum momento em desistir?

L: Não. Eu acho que é muito importante destacar que o relacionamento só vai dar certo se ambos os parceiros têm a mesma vontade, mesma preparação. Não sei, tipo como *readiness* em inglês. Não sei, vontade para fazer as coisas darem certo e... (pausa)... entendimento, confiança, porque realmente você não consegue controlar nem você 24 horas, ainda mais com uma pessoa que mora a 10.000 km de distância de você, com o fuso horário... é complicado. Mas para a gente, acho que quando falamos sobre isso, a gente percebe que ambos tivemos um desejo forte para construir um relacionamento que dura, demora até hoje.

C: Vocês têm quantos anos juntos?

L: Temos 7 anos juntos. E hoje eu escuto perguntas: "Como você consegue?" Muita gente não consegue, porque você fala com a pessoa e não sabe como. Eu acho que

eu e meu marido, no início, a gente sabia que a gente queria ficar juntos. Ele era mais maduro nesse relacionamento porque ele já tinha passado por um relacionamento a distância. Ele sabia o que isso significa. E se você vai me perguntar: eu acho que, nesse sentido, ele para manter esse relacionamento não investiu mais, mas mostrou uma atitude mais madura do que eu. Mas... (pausa).

C: Mas isso foi o que te fez assim decidir ficar com ele, mudar a sua estrutura?

L: Não. Não, eu acho que isso só fez para esse relacionamento sobreviver naquela época, porque a gente se encontrava só uma vez no verão, uma vez em dezembro, quando a gente conseguiu viajar. Mas eu sempre sabia o que quero. Eu quero criar minha vida com ele. Se essa vida vai ser no Brasil ou Estados Unidos, a gente não pensou bastante, certo que a preferência vai ser o Brasil. Naquela época era muito difícil para mim, sem saber falar português, entendeu? A gente nunca em absolutamente nenhum momento pensou em desistir.

C: Como você vê o casamento?

L: Em qual sentido você pergunta?

C: Nessas mudanças que você fez. Você acha que isso afeta?

L: Eu acho que afeta muito, porque quando um dos parceiros se desloca da terra, ele sempre está fora. Ele sempre está fora. Ele ou ela está fora da situação natural, e, quando você está passando pelas dificuldades, como eu enfrentei e como ele enfrentou lá comigo, impactaram o nosso relacionamento, mas eu falaria que impactaram o meu relacionamento de uma forma mais positiva... que (gaguejou). E fortaleceu a relação.

C: Fortaleceu a relação?

L: Para mim fortaleceu, porque no Brasil eu não tenho meus amigos. Claro que eu tenho amigos, que são tipo mais conhecidos, mas eu não tenho amigos, como eu tenho amigos na minha terra, entendeu? Quando eu estou passando momentos difíceis, ele é a única pessoa para quem eu posso enfrentar, que posso me virar e pedir ajuda. Isso impacto muito. O meu estresse ficando desempregada, com certeza, mas a gente sempre busca sentar e conversar. E acho que esse é o segredo. Você

tem que ter uma relação bem transparente, aberta para que você possa comunicar. Talvez é minha coisa cultural, talvez eu tenha percebido diferente e tocou, entendeu?

C: Você acha que realmente existem essas diferenças culturais?

L: Eu acredito que sim. Eu não acredito, mas eu vejo, assim, se você tivesse me perguntado essa pergunta antes eu falaria não existe. Essas diferenças podem ser só mais ou menos visíveis ou impactadas para aquele relacionamento, só o que existe a partir da comida que me acostumei a comer. Agora estou falando de comida uma coisa bem básica, entendeu?

C: Você aprendeu a comer arroz e feijão?

L: Eu aprendi a comer arroz e feijão, e adoro. Aparentemente não tenho nenhum problema. Eu adoro a comida brasileira, a variedade de salada, mas também demorou tempo para mim. Eu me acostumar e começar a preparar aquela comida, porque tudo que eu levo como minha herança é outra coisa, outro bicho.

C: Quais são os vínculos e o que você traz da sua infância?

L: Eu falaria assim, que eu sempre aprendi a tirar o melhor da situação onde eu estou porque a vida é assim. A gente não sabe o que a vida vai trazer, levar, onde você vai acabar de estar naquelas circunstâncias. Eu aprendi que tenho que buscar novas soluções, novos desafios. Eu aprendi que esse é o único jeito, que te capacita para sobreviver hoje no mercado, que é global, porque não existe mais. Quando você vai aplicar para um emprego, que é anunciado, você não compete mais com brasileiros. Você compete com pessoas que, por exemplo, querem mudar para o Rio e querem começar a trabalhar aqui, entendeu? O negócio é como se posicionar nesse jogo global para conseguir.

C: Quais são as coisas que você acha que influencia: a comida que você sente falta? Digo, como que você se estabeleceu aqui, com as novas amizades? Você acha que você mudou também com o que está em volta?

L: Eu aprendi. Se você quiser você pode apagar essa coisa, e decidir se você vai usar. Eu tenho, por exemplo, eu morava em São Paulo por dois anos. Eu morava em São

Paulo, por isso eu não me vi morar lá, mas eu gosto de paulistas. É bom, eu adoro, entendeu? O meu marido, Paulo⁷⁰, tem problemas com isso. Eu falo isso: quando encontrava pessoas em São Paulo, se eles falam: “Eu posso ajudar” e ele vai tentar ajudar. Entendeu? Eu acho que fui forçada a aprender a não esperar muito das pessoas.

C: Aqui? No seu país não?

L: Ele não vai falar. Ah beleza, e você nunca mais ouvir daquela pessoa. Eu acho que fui forçada a aprender para não esperar muito das pessoas. Eu falaria que é mais o jeito brasileiro ou carioca. Mas como eu sou aqui uma estrangeira, lógico que eu não vou pensar que tenho relacionamentos, como aqueles que eu criei na minha terra há 20, 25 anos, 15 anos. Hoje eu tenho pessoas maravilhosas ao meu lado. E a gente, mas eu aprendi que o brasileiro vai te abraçar, mas existe aquele limite, que ele vai te deixar entrar na zona privada, por exemplo, na vida social e tudo. Eu tenho amigos, mas eu não consegui para ser cem por cento parte do grupo das meninas brasileiras. Entendeu? E cariocas são sempre assim, eu vou te ajudar, mas depois somem. O meu marido já falou sobre isso, eu já me preparei sobre isso. Já os paulistas (...).

C: Quais as dificuldades você enfrenta morando no Brasil ou no Rio?

L: Catarina, agora no momento, eu não sei. A minha maior dificuldade é a integração na vida profissional, a gente tem amigos maravilhosos, entendeu? A gente tem uma família maravilhosa. Eu também tenho meu ciclo de amigos que ficaram em São Paulo, mas não existe aquela proximidade que eu me acostumei ter, mas é lógico eu estou aqui só dois anos.

C: Mas não existe proximidade pelo fato de serem brasileiros? Você não acha que existe uma questão cultural ou uma questão?

L: Eu não sei, talvez pode ser coisa pessoal, entendeu? Mas eu não consigo. Todas as amigas são maravilhosas. E existem, mas é claro, elas não falam: “Vamos sair?” Isso não existe neste momento. Eu pelo menos aqui, no Rio, eu não vivi isso. Mas eu

⁷⁰ Nome fictício.

estou aqui só três meses. Eu já estou apaixonada pela minha vida aqui (risos). Mas existem diferenças entre Rio e São Paulo enormes.

C: Você não sente essa diferença em relação à integração em sua relação afetiva?

L: Eu acho que o que me ajudou foi que eu morava nos EUA. Eu visitei a maioria dos lugares, das cidades turísticas. Lá, como eu era parte do grupo de bolsas, que trazia, que trouxe 250 pessoas de pessoas de todo mundo, a minha colega de quarto era egi.... (gaguejou)... do Egito, outro era de Malden (cidade norte-americana), outro era de Eslováquia, da Rússia. So, eu já menos idade. Eu já me aprendi a conviver com todas as diferenças. So, eu não senti. Eu morava em Nova Iorque, onde todo mundo é estrangeiro. Então você não sente.

C: A sua relação com o seu marido, você acha que te ajuda a fazer mais parte da cidade?

L: Ele me ajuda... o fato que ele saiu do Brasil. Então, era total uma outra perspectiva, uma pessoa que fala idiomas, entendeu? Se você tivesse me perguntado se eu estivesse casada com uma pessoa que não tem uma dinâmica assim da vida, digamos, assim como eu: eu acredito que esse desafio seria bem maior. Mas com meu marido, como ele já experimentou a mesma coisa como eu e aprendeu com que tipos de desafios tem que lidar, tipo de desafio, e isso muito diminui no impacto do nosso relacionamento.

C: Eu não sei mais (risos). Você acha que teria alguma coisa que você acha importante você falar, qualquer coisa. Como você se sente como mulher, como imigrante, como cidadã do mundo?

L: Recentemente, eu vi uma ótima reportagem, na Veja. Não sei se você conseguiu ler esse artigo, mas eu acho que seria muito importante para você. O artigo fala de como mulheres imigrantes, elas falam como elas têm dificuldades para se integrar na sociedade. No contexto profissional, eu não sei. Eu não sei da vida particular. Tudo está fechado, e tem amigos e tudo. Eu acredito que, ainda, o Brasil é um país muito fechado para esse tipo de possibilidades. Eu acho que para pessoas que que (gaguejou)... não estou falando da experiência profissional, quando você é alemão e foi transferido para atuar em uma área dentro da empresa. Eu estou falando de

mulheres que são imigrantes e chegaram aqui por causa de, das razões diferentes. Eu acho que existe um estigma para se integrar, para dar confiança de como elas podem contribuir para a sociedade. Por exemplo, o meu marido não sei se você percebeu, ainda tenho o número de São Paulo, porque eu morava lá e por preguiça eu não fiz. O meu marido falou: “Lívia,⁷¹ você tem que mudar o seu número para o Rio, porque quando você aplica para trabalho, o seu número fica lá e a primeira coisa Lívia com J. Já é estrangeira e não tem como ser brasileira, com o número de São Paulo. Já veem que você é alguém sem conhecimento do mercado local, que carioca”. Isso são hipóteses. O Brasil tem, ainda, entendeu, que crescer e se desenvolver e ultrapassar todos os problemas como aquele de machismo e *mindset* social para abrir portas.

C: Como você vê o machismo no mundo? Você acha que é diferente do Brasil?

L: O machismo no mundo, só o machismo nos EUA que evoluiu. É bem sofisticado, mas está todo mundo falando do papel das mulheres hoje na sociedade. Acho que elas não têm acesso às mesmas oportunidades como homens, e ponto. No Brasil pode ser destacado, é visto mais por causa do Brasil, porque é um país relativamente novo, que tem seus níveis *evolucionais*. Mas, nos Estados Unidos eu tenho amigos que moram lá, e é a mesma coisa, só que é apresentado de maneira diferente. Eu acho que o mundo que a gente mora ainda é o mundo dos homens. Infelizmente, eu acho que é assim.

C: Obrigada! Tem mais alguma coisa que você quer falar?

L: Não, eu acho que falei demais.

C: Não, isso provavelmente é uma pesquisa inicial, se você puder contribuir. Eu entendo, porque também fui mulher imigrante.

L: Eu acho que tem diferenças culturais em tudo. Eu não vou falar que não existem, existem e fazem impacto. Só agora questão é se é o relacionamento que você já criou. Se os fundos do relacionamento vão permitir esse impacto grande acontecer. Eu não sei se você me pegou no que estou falando, mas se eu criei um relacionamento com

⁷¹ Idem.

você baseado em conversa aberta, aceitação de coisas diferentes, então todas as coisas culturais estarão presentes. No meu caso o amor venceu. Estou te falando agora... talvez em dez anos talvez eu te contaria outra história.

C: Você acha que vale o sacrifício por amor?

L: É difícil. É muito difícil. Você está gravando agora?

C: Você quer que tire, mas essa parte é a mais interessante (risos), mas se você quiser eu tiro.

L: Então, é difícil, mas não quero ver isso como um sacrifício. Eu quero ver isso como uma possibilidade, que meu desafio, que vai servir de lição para o meu crescimento. Eu não acredito que alguma coisa acontece sem razão. Nada é de repente, entendeu? Eu tinha que passar pelo mundo todo e meu marido. A gente se encontrou nos EUA.

C: Você tem uma religião?

L: Olha, eu sou muçulmana. Entendeu? Agora esse é o choque. Todo mundo acha que vai ser uma pessoa coberta e tudo.

C: Olha, inclusive o começo da minha entrevista era sobre as mulheres que se converteram ao islamismo.

L: Nossa, jura?! Eu quero ouvir mais sobre isso. Essa tendência de mulheres migrarem por amor está crescendo, né? Vai contra a família, contra a cultura.

C: Eu não sei. Eu tenho uma hipótese sobre isso, que é a hipótese do meu trabalho. Tem esses movimentos feministas e tem também o fato de a mulher também migrar por amor. O que você acha disso? Você acha que vai contra?

L: Eu acho que é difícil juntar as duas coisas. Se vamos falar sobre o feminismo, eu apoio e acredito que as mulheres são criaturas superiores sem nenhuma dúvida, em qualquer contexto, de criar uma vida, de criar filhos, de construir uma vida profissional, de balancear sua vida. O meu pai, por exemplo, com febre de 37 já está morto. Mas eu acho que o feminismo hoje trouxe mais um peso em cima das mulheres, porque a gente já mora em uma sociedade machista, porque a gente tem que fazer tudo aquilo que a gente fazia antes e mais estar super bem-sucedida na carreira profissional, ser empreendedora, ser mãe, balancear todas essas coisas. O feminismo, eu total

defendo e apoio. Nessa sociedade e nesse ambiente dificulta muito, porque a mulher é aquela que vai juntar todas essas coisas e sair como vencedora. E, por exemplo, que não vai te falar o que os homens vão falar. A mulher, além de tudo, hoje não existe aquela divisão, é só o papel do marido e é só o papel da mulher ou do homem. Todos os papéis são juntos e misturados. Você tem que ir em uma reunião e voltar para casa. E acho que a sociedade não ajuda esse tipo de mulheres hoje. Embora eu apoio, eu não sou aquela feminista *'lutante'*, mas estou bem ciente da nossa dominância, e nossas capacidades, que ainda, infelizmente, não foram exploradas. Agora, falando sobre a presença da mulher na história e na Igreja, sempre mulher, sempre foi apagada. Foi eliminada. Então, não é uma coisa do século XXI, é uma coisa que tem suas raízes. Muito mais quando a gente está falando de mulheres na história. A gente está falando de mulheres que as instituições religiosas apagaram essas mulheres bruxas, na Inquisição. E não foi por causa que a mulher era bruxa, mas foi porque aquela mulher tinha uma dominação. Você não tinha como lutar contra isso. Você tinha que apagar todo o progresso e se livrar desse tipo, tipo de pessoas, que poderiam prejudicar aquilo que você está falando. Eu vejo que mulher sempre foi assim eliminada sistematicamente, uma estratégia.

C: Você falou que é muçulmana. Você tem algum preconceito? As pessoas têm algum preconceito em relação a isso?

L: Aqui sim. Não é sobre mim, mas quando você fala que é muçulmana, as pessoas acham que vai ser coberta, que vai ser ninja (risos) com tudo, com aquela roupa. Mas como esse tipo de religião nunca era parte da minha terra, porque o Islã da Europa é diferente do Islã na Arábia Saudita, na África. O Islã que chegou na Bósnia foi trazido pelos turcos, pelos otomanos quando a Bósnia foi conquistada em 1463. So, a perspectiva do Islã era diferente, quando a Turquia era diferente, porque agora eles estão puxando mais para esse ambiente, pelo lado direito, aquele idiota do Erdogan. Eles consideram o que é Malata Turca, o primeiro presidente da Turquia moderna, o pai da Turquia moderna, porque ele reformou o país, aumentou o número de alfabetizados. Entendeu? O que ele fez? Ele proibiu todas as mulheres que atuam na repartição pública de demonstrar símbolos religiosos. Nenhuma mulher que ia trabalhar na repartição pública poderia ser coberta. Então, esse é o islã que eu conheço. Eu nasci na religião muçulmana, mas nunca praticava. Eu não praticava,

que nem meu pai. O meu pai tem muçulmana, mas se você perguntar, ele é mais ateu ou agnóstico. Entendeu? Ele só pertence àquela cultura. Eu fui ensinada para cuidar, mas sobre os costumes. Fui educada, mas eu estudava muito sobre o catolicismo ortodoxo, judaísmo. Isso não é uma coisa que é exclusivamente de uma religião. Eu não pratico nada daquilo, tipo mulher não pode cumprimentar homem, ser vista sem aquela cobertura. Isso não é absolutamente parte daquela cultura e quando eu falo, para ser bem honesta, eu não quero falar muito. Eu acho que as pessoas ficam chocadas, mas isso porque há uma falta de conhecimento para os brasileiros, porque, hoje em dia, a gente vê tudo, que Islã é terroristas. Infelizmente é para isso que a mídia está servindo, entendeu? Você não consegue ter uma outra concepção. Mas falando do meu marido, falando que “a minha namorada é muçulmana”, eles ficavam chocados.

C: Seria melhor ele ter falado: “Ela é bósnia”, porque daí eles não sabem a religião.

L: Exatamente, mas eles perguntaram, daí ele falou assim: “Olha, gente, ela é muçulmana como vocês são católicos”. Ele falou tudo, porque todos que são amigos ninguém frequenta a Igreja, porque é o caso de “*batização*” entre Deus. São coisas que se eu fosse homem os meus pais seguiram, como se chama aquele negócio?

C: A crisma?

L: A circuncisão, eu acho, também eu não estou lembrando (risos). Isso é presente no meu país, mas muito poucas pessoas passaram por isso. Isso é uma coisa cultural, quando eu decidi que eu vou me casar com meu marido a gente teve uma conversa bem honesta.

C: O casamento de vocês teve algo religioso ou não?

L: Não, somente civil, porque é aquele negócio de religiões diferentes e como juntar as duas coisas. Mas o meu marido não se declara, ele não pratica. A gente teve essa conversa, entendeu? As nossas crianças quando crescerem vão saber sobre toda a religião. Não vai ser uma coisa exclusiva... eu quero ensinar meus filhos sobre o judaísmo, catolicismo, para que eles escolham o que eles querem ser. Eu não quero impor uma coisa e nem ele se sente assim. A gente falou: a gente vai cruzar sem uma marcação religiosa e a gente vai criar os nossos filhos sabendo sobre cada cultura.

Eu acho que esse elemento poderia provocar um tipo de problema se alguém da gente queria impor alguma coisa.

C: É. Eu acho que seria o mais difícil, né? Não sei. Eu acho que quando você mora com uma pessoa estrangeira, ah, eu não sei, acho que teria a questão, não sei se da cultura, mas a língua que é uma barreira, os costumes, a tradição, a forma como você é criada.

L: Exatamente, como você *address to people*. Eu não sei essa palavra em português, mas você me entendeu? Tipo, como você vai abordar os vínculos. Mas como eu tenho uma pessoa mais maravilhosa no mundo ao meu lado, que tem entendimento, e que é muito curioso, ele não quer ficar fechado nesses esboços, entendeu? A gente fala muito. Então, amanhã, quando a gente tiver criança, elas vão saber sobre cada religião, pois esse foi o jeito que eu fui ensinada. Eu só nasci como muçulmana, mas eu sei o que é o judaísmo ortodoxo. Eu sei o que é protestantismo, catolicismo, hinduísmo, budismo. Entendeu? Ok. Isso agora é uma coisa, outra de educação, de sistema, de onde eu nasci. Isso não foi uma coisa exclusiva muçulmana. Eu entrei a primeira vez na mesquita quando levei o meu marido pra visitar, 30 anos. Entendeu? É só esse negócio. Tem muçulmana no meu país que não pode ser outro, que foi trazida do árabe. Lá eles matavam pelo nome, só pelo nome você tinha que pertencer a determinada cultura. So, eu como Lívia de ambiente de Balcãs, de onde eu venho, eu não consigo ser nada mais do que muçumana culturalmente, com meu nome e sobrenome. Agora, no contexto de praticar a religião, eu não tenho, mas é difícil e complicado. Você já sabe como é?

C: É autobiográfico, né?

L: Mas quando Paulo me falou “ela quer fazer entrevista”, eu falei: “tem que ter uma conexão”, não tem como.

C: Bom, eu vou tirar agora (risos).

APÊNDICE C

Apêndice: Entrevista transcrita

Arquivo: 1 hora e 10 minutos

Helena, Porto Rico, 42 anos, casada com brasileiro, mora no Rio de Janeiro.

C: O seu nome é H, né? Qual é o seu nome e sua cidade e o país que você veio?

H: O meu nome seria HS, mas Helena em espanhol é mais fácil. Eu nasci em Porto Rico, que pertence aos EUA, depois de um tempo mudei para a Flórida. Eu tenho 42 anos, antes que me esqueça (risos).

C: País?

H: Eu venho da Flórida, mas eu nasci em Porto Rico.

C: Qual o motivo que fez você vir ao Brasil?

H: Eu sou casada com um carioca.

C: Ah sim (risos)

H: Mas o motivo foi uma discrepância na imigração. Ele precisava de um *permisso* {*permissão, visto*} para voltar para o Brasil porque estava no meio da cidadania dele de lá, e não sabíamos. Vimos visitar o Brasil e ficamos. Agora estamos esperando que o processo acabe. Descobrimos que ele precisava esperar de uma permissão dos Estados Unidos para vir aqui. Ele tirou, mas pensou que era somente uma carta. Não era só a carta, mas segundo as digitais dele foi um processo e ninguém sabia. Visitamos minha mãe e ela falou você tem uma *cita*, uma carta. Foi aprovada, mas precisava fazer algo, já era tarde.

C: Daí vocês ficaram. Então Brasil era um lugar temporário?

H: Você pode falar que sim, mas gostaria de ter uma propriedade aqui.

C: Quais são os seus planos para o futuro?

H: O futuro voltar próximo, talvez 4 meses, talvez menos de 4 meses.

C: Como você conheceu o seu esposo?

H: Eu sou *maestra* de yoga. Eu sou professora de yoga, e ele é jiu-jiteiro. E ele tem diferente, mas em comum *la practica* dele e minha no mesmo lugar. Falamos, ele não

falava bem inglês e eu não falava nada de português. Foi engraçado, pois a gente não podia comunicar-se bem. Como?

C: Vocês se conheceram em qual país?

H: Nos Estados Unidos, ele já morava lá.

C: Conta a história de vocês dois.

H: Ah, não é muito interessante. Eu conheci ele [sic] na academia. Ele voltava para o Rio de Janeiro e de volta aos EUA. Ele viaja *in and out*, e havia solicitado uma extensão e *logrou* nos EUA, de ficar mais tempo. Ele era meu namorado. E você sabe que para ele poder ficar sem ter que ir e vir: nós casamos, continuamos trabalhando, decidimos ir visitar ao Brasil e viemos morar no Brasil.

C: Como foi largar tudo nos Estados Unidos e vir morar no Brasil?

H: Eu vivo uma vida de yoga. Tenho uma mentalidade um pouco diferente. Tudo é temporário. Tudo tem um propósito. Eu gosto do Brasil, pois parece com a cultura porto-riquenha. Não foi tão difícil. Foi difícil ter que vender e deixar o meu carro e deixar o trabalho. *Essa [parte] foi um pouquinho mais complicado.*

C: E a língua do amor?

H: A língua do amor *es lo espanhol*, mas mais espanhol do que português. Para Luciano⁷² ele fala bastante bem o espanhol. A língua do amor é como um *portunhol*, mas bem inclinado al español.

C: Conta como foi a sua infância. Como você cresceu?

H: *That's is so good.* Eu cresci em Porto Rico. E minha educação foi em uma escola privada também, a escola americana. Eu sempre tive *inclinación por mudar de país*. Porto Rico, por pertencer aos EUA, é uma cultura muito, não sei que palavra usar em português e nem em espanhol. Eu não sei: gostosa, muito diferente da americana, assim latina. Eu não sempre só quis mudar para os EUA, mas sempre tive curiosidade de viajar a qualquer outro país. Agora mesmo, *por supuesto*, eu gostaria de voltar aos

⁷² Nome fictício.

EUA, *pero* em algum momento visitar a Índia. Ficar lá por dois meses. Isso é mais uma coisa relacionado ao yoga. Eu tenho essa curiosidade de me conectar com outras culturas. Eu cresci, estudei. Fui na Universidade para ser *maestra* de inglês. Eu casei muito nova. Não gostei. Uma profissão que a me *gustava* era a de Recursos Humanos, e *desse* trabalhei por muitos anos. Fui morar nos EUA, porque tive uma oferta de emprego, em RH. Logo por talvez 10 ou 15 anos eu me apaixonei pelo yoga, me divorciei. Tudo muda quando você se apaixona por algo, la forma *de vivir la vida*, de *comer*. Tudo mudou. Eu me apaixonei pelo yoga ao *punto de loucura*, porque deixei meu trabalho, que era um trabalho, que ganhava muito bem, porque trabalha para o governo *em encontrado de* [consulado], em Flórida. Eu me apaixonei pelo yoga, e fui trabalhar como *maestra*. É, não foi assim, tão rápido. Eu fui trabalhar como *maestra*, só porque gostava de dar aula. Dava aula por satisfação, porque gostava. E começava a dar mais, e mais aulas. E participei de um retiro. Vocês falam retiro também? Um retiro de yoga. E aí, sabe, foi como mudou minha vida e pensei como *hago* para (...).

C: Fala em espanhol.

H: Não, não, estou pensando...como *hago* para entrar nesse mundo. A competência era alta, mas nos Estados Unidos, muitas mulheres têm um *studio*. Yoga é uma *buena inversión* {*investimento*}, se abre um estúdio, porque tudo que tem haver com saúde *deixa* dinheiro. E aí, pensei como *logro?* [conseguiu]. Aí comecei. Una *amiga* comprou uma franquia, mas se *enfermó*. Ficou doente. Como se *llama?* Antes que nosso conhecimento estava tão mal. Ela me deu *la franquicia*. Eu não gostava. Trabalhava com *ella* para ajudar a ela. *Franquicia* para mim. Yoga & franquicia é como vender que yoga dever ser sempre igual, e yoga deve ser espontâneo. Não es *un* produto que (...) pausa. Fiquei com a franquicia por quase 2 anos, *pero* decidir entregá-la, porque não era algo, que não gostaria de continuar fazendo. *A franquicia* se vendeu para a pessoa justo no momento, em que tudo isso, passa em *maggio* del ano passado. Fiz um acordo com a pessoa da corporação para alguém comprá-la, mas eu falei: “Tudo bem eu não estou interessada em comprá-la”. Bom, a minha amiga me deu *la franquicia* para mim, mas no contrato precisava abrir uma *franquicia* por ano. Isso não era meu interesse. Nada foi meu interesse, inicialmente, só foi assim como que me ajuda. Assim, claro. Eu *vengo* para Brasil em junho, acontece o que passou. Daí voltei e entreguei todo nos EUA, voltei para morar aqui no Rio. Tenho filhos e já estão

grandes, *uno deles* veio comigo *viver aqui nel Brasil, e se foi a pouco*. Se foi porque ele sabe que já vou voltar esse ano. Ele não gostou mais. Ele prefere estudar lá na escola, mas minha filha já es adulta, tem 22 anos e o outro filho tem 17. O mais novo tem 15, e ele sim morou aqui. Mas para ele foi quase impossível se adaptar, porque ele não fala quase o espanhol. Difícil porque não se pode comunicar de nenhum jeito. E na escola privada alguns estudantes falavam inglês. Ele gostou porque até certo ponto ele ficou famoso porque era o *gringo* da escola. Ah, mamãe todo mundo gosta de mim. Tudo *cool*, mas diferente, na verdade. No Natal foi difícil a despedida de ano. Foi difícil porque para visitar o Brasil é difícil para a minha família. Eles precisam de um visto, de um processo de imigração só para visitar, como o brasileiro para visitar os EUA. É igual. Tem que prover a documentação que pode, mas isso não é problema. *Es* que é muito longe e *la oficina del* consulado geral do Brasil es em Miami, quase fica quase cinco horas. E ninguém queres. Vou, vou visitar, mas ninguém vem. Tem que ter muitos desejos para visitar Brasil porque essa burocracia "*tiene en place*". (risos). Entende? Por que outros países podem visitar os EUA? Igual aos EUA podem visitar mais o Brasil. Você sabe *eso*?

C: Sim, sei. Eu morei nos EUA.

H: Não es, assim, como estou com os passaportes, passaportes, mais vistos, só por três meses. Isso complicou para mim. Eu fiquei indo e vindo, porque eu não sou brasileira. A intenção é que agora, mais tarde, porque eu vim ao Brasil oficialmente morar aqui em agosto. E parte desse processo lucra e parte desses processos têm que mostrar os impostos de lá. Então, eu fiquei aqui sem fazer nada por esses processos, sem respostas. Tive que esperar até janeiro esse processo, que demora esse processo, mas talvez estamos de volta em setembro, outubro desse ano. Deus, *queira* a Deus, porque gosto mais. *La ideia* é que gosto tanto, mas gostaria de ter uma propriedade aqui pequena, não em centro, talvez mais distante. Mas essa é a intenção de ter aqui um pedacinho.

C: Como foi o processo para adaptar ao Brasil e se integrar?

H: Sim e não, porque lá tenho diversos amigos de diferentes lugares e culturas. Quando você viaja *la mente* abre e a facilidade de se adaptar es major, que uma pessoa que não viaja. Eu quando vim aqui, a primeira vez, eu me apaixonei. Você não

sabe quanto é como voltar a ter 18? Eu fiquei apaixonada por todo, *la musica*, tudo criou o macro. *La* experiência foi tão incrível.

C: Essa foi a primeira vez aqui?

H: Para mim *haste lo feio* era lindo. Tudo que você acha feio, eu achava lindo como uma pintura. Todo perfeito. Todo para mim era perfeito. Difícil para mim fazer *amistad*. E veio, *es una* cultura muito machista. No aqui, voltamos de volta à Olária. Não aqui, voltamos a Ipanema, aqui são mais alunos. *Es mais fácil* me relacionar com *ellos*, mas a família do meu esposo é muito diferente, mas são pessoas incrivelmente doces. Mas aí, donde eu *hablo*: o choque cultural é grande, como vivem *la vida es diferente*. A vida muito centrada em trabalhar forte e desfrutar a vida ao máximo, compartilhando o jantar. Talvez, muito tempo a casa *compartindo* [sic] o jantar. Eu não me *acostumbro* tanto, sou mais de sair, de sair, não de compartilhar com a minha família. Mas tudo muito fechado, não sei como expressá-lo em espanhol e nem inglês, mas fechado. Todo *es* muito fechado, porque no começo fiquei quase com depressão. Ah, você não pode ir lá sozinha porque não *es carioca*, e não sabes o que vai encontrar porque não fala português. É para se evitar algum problema: “Ei, espere que eu vá com você?” Então, essa liberdade minha de ir a qualquer lugar já não existe, e já me adaptei, já não me afeta. Já *non quedo* triste ou irritada, faz parte da minha vida aqui, parte por estar sempre acompanhada por alguém aqui tanto, mas parte de onde moro. Em Vargem Grande é um lugar muito tranquilo, mas sempre preferem que eu vá com alguém. Sempre *hai* un medo de que prevê que algo aconteça. Isso é o que sinto, mas não tenho nada a que falar aqui. Não tenho tido nenhuma *sola* experiência com ninguém pela rua, mas todo mundo fala: não é um bom momento para o Brasil, que está passando por uma dificuldade muito grande. Mas não se pode presumir que pode ser violento, não se pode confiar. Quando eu vim aqui o tempo todo tirava fotos e meu marido falava: “No, no, no. Não pode fazer isso, guarda esse iphone. Você tem que deixar esse feio *costumbre*. Está *sacando* o celular!” Eu botei foto da montanha, da praia e ele falou: “Você não pode, porque vem uma moto e agarra”. Não sei como chegar *a punto* que aprendi, e eu me adaptei a esse estilo de vida. Como já falei: eu amo a comida, mas tenho falta de uma comida mais saudável a um melhor *precio*, porque é tudo muito caro *en* Brasil. É isso, mas vivo diferente, talvez, como parte da prática de yoga em transformar se constantemente e não se adaptar cem por cento.

E, outra coisa fundamental *nel yoga es ter consciência del vivir nel presente* e non *arraigar* se a nada, nem ao passado e nem ao futuro, *eis* que tudo es *temporário*. Para mim estar aqui *és una* oportunidade enorme de aprender e de conhecer mais a elle, que por mais que ele me explicava...para mim tem sido uma experiência como digo em aula *super cool*. *Pode non ser, mas sentir essa pasión e orgulho coletivo da nación brasileira en la Copa*. Já vocês estão *acostumbrados* [acostumados], mas para uma pessoa com “óculos novos”, como o estrangeiro. É, como eu ver, geralmente, as pessoas não veem, porque esse amor e esse orgulho as pessoas não veem. E é lindo, outros países não tem isso. Porto Rio tem. Estados Unidos não tem, porque eles não se destacam só em um nível de aporte mundial como o Brasil, e agora com o vôlei. Vou voltar como quase vinte por cento carioca, amando quase que as coisas que não amava antes. Eu podia entender, sim, sim. Eu sei, para mim e minha mente era uma oportunidade para viver, para falar, para beber cerveja. Non isso es *otra* coisa, como non que um compartilha. Quando *una volta*, talvez, sinta saudade do Brasil, porque aqui todo mundo é assim muito amigável. Lá você sabe o quê? As pessoas vivem *encuadriladas*⁷³ [fechadas] em sua própria vida. Todo mundo gosta de se juntar e se falar como em família, porque muitas pessoas se sentem desconectadas. Mas lá eu vou falar: *Hi* é só. Aqui, oi é uma conversação. E, isso é bom porque voltamos a esta *conexión* e unidade. Mas cada pessoa vive em sua própria casa, em seu próprio espaço. Já não sei, mas o que falar...(risos).

C: Como é ser mulher aqui no Brasil, em Porto Rio e EUA?

H: Para mim a mulher brasileira e de Porto Rico *tiene las mismas preocupaciones*, todas querem melhorar a aparência. A diferença culturalmente é que a mulher brasileira para mim se preocupa demais por conta do seu aspecto físico, ao ponto que sofrem demais, sofrem demais. E, acho que é culpa da sociedade mesmo. Se você vai em uma loja e vai ver um manequim. Como se fala?

C: Sim.

H: Como um corpo que não existe. Não es possível, como umas dimensões sociais, que já vai crescer e precisam ter esse corpo para ser linda ou um cabelo esticado ou

⁷³ É uma gíria que significar fechado, em um círculo, em quatro, pessoas que não lutam para sair.

um cabelo, assim mais loiro. Isso me preocupa. Então, como mãe não gostaria, não que fique feia, mas sendo mãe como você vai educar uma filha aqui? Enquanto, o resto do mundo grita pelo oposto, os homens também. A mulher tem um *standard* muito alto para alcançar em comparação com a mulher porto-riquenha. Acho que toda a mulher gosta de se ver sempre linda, com maquiagem, *make up*, *pelo* lindo, *arrumadita*⁷⁴ {*arrumadas*}, com cheiro porque *la porita*⁷⁵ [mistura], *porque sou porto-riquenha, e es la personalidad de ser la chefe de la casa*. E, aqui é todo contrário, o homem acha que ele manda (risos). Penso que es tudo circunstancial, e em Porto Rico tiene muitas mulheres que são iguais as daqui no Brasil, que pensam que os homens *es lo chefes* de la casa. Mas *en la casa*, minha casa é a minha mãe que mandava, e minha avó mandava. Mas quando falo em mandar ambos mandam e meu pai mandava (interrupção). Você sabe a pessoa que tem mais medo? Então, essa pessoa que manda. Quem disse assim não? A última palavra. A mulher tem a *mala reputación* de ser assim (risos).

C: Risos

H: *Es male*, assim, só por falar por outros países, que não é Porto Rico. É muito cômodo, porque permite que a mulher seja (...). Então, você escuta *esto* e começa a acreditar que é. Caralho! Nunca pensei isto, pode ser certo (suspiro). Eu acho que eu sou forte, mas não gosto de ser. É naquele sentido se eu fosse um cachorro não, não gostaria totalmente de ser mega, más gostaria que minha *pareja* forte também. E forte, *el sentido de la ambición, non ambición materialista*, mas ter metas. Ambos sermos um time. Nem que uma pessoa *trabaje* mais *aquela outra*, mas estamos alinhados *en lo mismo pensamiento*. A mulher americana para mim das três es, talvez a mais astuta, em comparación com vocês e eu, porque talvez são menos emocionais. Desde que *son* crianças vão já aprendendo *la* importância de não engravidar, de que a família vem em primeiro, mas em um futuro, futuro distante. Essa é talvez a diferença da nossa cultura, pois se você casa mais jovem todo mundo começa a criticar. Ah, se você aqui tem mais de 30 anos. Ah, você não tem filho? Ah, você não é casada? Se você casa mais velha acima de 30 anos as pessoas falam, nos Estados Unidos: não.

⁷⁴ É uma gíria que significa “arregladitas”, ou seja, arrumadas. Ela mistura os dois idiomas, e faz uma crítica sobre as mulheres serem muito arrumadas.

⁷⁵ É uma gíria que significa mistura, mestiçagem.

As mulheres vão lá e curtem. As mulheres americanas têm melhor resultado, para mim, porque, assim, você pode concentrar nos seus estudos e *logram* coisas que, talvez, para mulher latina e hispânica não logram e demoram mais. Tomam mais tempo. (Interrupção). Enquanto, essas *chispas* [faíscas], não sei se vocês falam, mas as mulheres estão aqui. Enquanto esse desejo de conectar, mas talvez a gente carece desta mentalidade linear de alcançar suas metas, talvez perca a *oportunidade del camino*: curtir a vida ao máximo. As pessoas latinas *tiene* essa reputación de curtir a vida ao máximo. E você pergunta qual *es la mejor*? Entre lo meio porque quem não gosta de curtir passa...la vida muito linear (...). Então, la vida passou e não viveu. Deveria existir esse entre meio. Eu conheço uma pessoa, geralmente, as pessoas criadas nos EUA, *sem conexión* latinas, sem influência de outros países são muito lineares. Saiu, escola, universidade, *preparación*, e logo no caminho, é claro que você pensa que namora mais, sempre *majoritariamente*. Nem *en todos los casos*, *majoritariamente*, vai ser mais, isto do que aquilo. *Es un raciocínio*, que sentimento non todos, mas pode se dizer que como todo americano: é tudo muito planejado. La diferença é que somos mais espontâneas e menos rígidas.

C: E você? Qual dessas três?

H: Para mim foi em fases, porque eu morei em Porto Rico, com a influência americana como ideal. O meu primeiro trabalho foi em um hotel e era americano. E *la mayoría* das pessoas eram americanas. E admirei isto, porque eu me casei aos 19 anos. Eu era muito nova e admirei isto, não pode falar que eu era americana. E, depois com essa mentalidade americana, eu me dei conta que, com dificuldade, deveria estudar porque engravidei. Eu não me preparei, e com dificuldade eu terminei meu bacharelado em Recursos Humanos, mas com dificuldades. *Mientras* [no entanto] que outras mulheres, neste caso, já tem um plano. Já vem crescendo com um, essa es sua cultura. Mas, no transcurso do *caminho* você vai ser namorada, você vai curtir. Acho diferente de *nosotros*, porque a gente quer ter uma família, se casar e acaba prejudicando o trabalho e os estudos. Vai mal com estudar e se preparar. Não es por fases. E já quando eu comecei a minha vida muito nova. Mudei para os EUA já com 25 anos. Aprendi e me adaptei, como aqui no Brasil. Depois mudei para o Brasil. Assim, *non tiene* que aprender e obter *lo mejor*. Ah, não sei como se fala *absorve the best* [absorver o melhor]. E neste caso, sería ser mais branco e negro, mais branca e

preto, sobretudo em *la mi profesión* non existem áreas gris ou o que está mal, está mal, deixa emoções de um lado. Eu falava isso para minha mãe: “Como pode? Es assim, frio, frio, porque a gente, somos de uma cultura que sentimos muita *compasión*. E, todo muda de volta a esse local, que *la conexión* pessoal vai primeiro de lá do que *a cá*: um mundo laboral. Tanto homem como mulher, mas focado no próprio gênero son branco e negro. Você es minha amiga, mas no trabalho non es. E, podem separar uma coisa da outra, com uma facilidade incrível. Entende? *Ou non* se adapta ou non sobrevive ou se adapta ou *non vá* [sic] sobreviver. *Es, aí, donde* muitas pessoas que vão para lá pensa: o americano é muito ruim. Americano es *muito* ruim. Não, sabem o seu *roll*. Muitas pessoas que amam as americanas, muitas lá. Só que eles mantêm a integridade: o *roll* que estão vivendo no momento e não se corrompem. E não tem uma mentalidade, não es *la corrupción*, dessa *corrupción*, más de integridade, de que não (...). Ah você é minha amiga, você *logra* isso para mim. Non, não posso non es muito natural. Em minha cultura *non pode* ser visto como você é *mala, de mala fé*. Não é uma boa pessoa, porque, caralho, você es minha amiga. Olha que contraste! Todas temos as mesmas dificuldades, mas só que culturalmente vamos crescendo, com umas prioridades diferentes. É uma forma de ver, uma perspectiva totalmente distinta. Donde como já falei, *anteriormente com 35 anos e você não casou: você tem problemas sério diante la sociedad. De lá* [EUA] *non*, porque você é uma mulher com trabalho. E ninguém vai questionar isso, não tem questionamento.

C: O que vem primeiro o amor ou o trabalho?

H: Para mim o que vem primeiro é o amor, a família e a conexão. Talvez, se estivesse morando desde o começo da minha vida. Talvez tenha sido diferente. Mas a influência da minha mãe e da minha família, em geral, é mais forte do que qualquer coisa. Mas em nível laboral, trabalhei mais de 15 anos para o governo, en los Recursos Humanos, e eu lograva ser essa pessoa. Mas, talvez, seria quase como alter ego. Você entra sabendo que por essa porta você vai ser essa mulher branco e preto, *donde* ninguém vai poder entrar a esse lugar de sensibilidade, de abertura, *non fraqueza*. Mas de vulnerabilidade, porque lá homens e mulheres brigam muito, sobretudo as mulheres brigam para ter a mesma igualdade. E murcham muito para ser vista igual ao um homem. E tem que esquecer os sentimentos. Tem que ser igual aos homens, *tens que ter a mala reputación de não ter a sensibilidade que uma mujer tem*. Por isso, lá

você *salí e* já es outra pessoa no mundo laboral ou *en la calle*. E, se você homens, por exemplo, que *salir com americanas tienes* diferentes opiniones. Ah, son loucas. Ah, mais isso essa las suas *percepción*. Que tal louca son? Mas por quê? Non, porque saiu, viveu, da, da, isso, isso protopo, blá, blá, blá blá. Isso es, talvez a verdadeira ela, mas não falou. Isso porque eu todo o tempo escuto: ah, salí com essa, mas non voltou com essa pessoa. E, talvez passou um tempo, voltam a falar com essa pessoa. Geralmente, tem uma vida muito diferente. *Ellos logram* por separar por completo essa loucura da sua realidade. Possivelmente, *tienes* uma boa carreira, com isso tudo muito centrado e afastado una coisa da outra.

C: Como você se vê daqui 5 anos?

H: De volta lá, pressuposto, *tienendo* una propriedade aqui. E, talvez, continuando dando aula, porque esto é algo que gosto muito e não sei o que mais...viajando. Gostaria de ter uma propriedade aqui. E gostaria de me preparar mais no yoga, e esto non acaba. *La educación* es muito, amplia e pressupostos, principalmente, morando nos EUA, em Flórida.

C: Eu tenho uma hipótese do meu trabalho. É uma hipótese. Assim, a gente passou pelos movimentos feministas, né, da mulher e tudo. Existe uma contradição, né? Eu acho que a mulher vive um paradoxo entre o feminismo, a carreira e o amor. Como que é para você? Você deixaria tudo por amor? Você deixou tudo por amor?

H: Eu acho que cada pessoa es um mundo porque *hai* pessoas que *non logram*, que nascem assim.

C: Mas e para você?

H: Sempre que me vi, em meu caso, eu sempre tomei risco porque yo me apaixono e entrego tudo. Assim como o yoga, eu entreguei todo, lo que me move, que me apaixona. Acordar cedo. Se sou feliz, eu vou fazer de tudo para que isso funcione. Talvez, como neste caso...quero fazer com que isto funcione. *Again*, não quero generalizar, mas talvez uma mulher muito feminista e com um *pensamento mais linear sobre lo corazón*, falaria: “Eu *lo sento* (risos). Você tem um problema com a sua imigração, você vai ter que ir para lá e vai ter [sic] resolver. Doí, amo a você. Talvez podemos lograr a longa distância”. Non, esse momento para mim determina do que

essa fez, *la relación*. Para quê tanta integridade? Para quê tanto compromisso? Se tienes uma pobre integridade. E se vai como se fala, ah, dissolver se non tem uma base forte, vai se desintegrar. *Para mim lo amor es tudo*. Tudo que se *hace* para que una nación se levante, para que una persona vai a trabalhar, guerras sexistas. Todo por amor ou por pássion, e sem esso nada vale ter uma vida de muito dinheiro. Quantas pessoas non *se quita em la vida*, se privam *del vivir porque tienes tudo*, mas non tem amor? Mas, aquelas que non tem todo o monetário, mas *tiene* amor non se *quitán* la vida. Você nunca escutou de que uma pessoa es pobre, e se quitou *de la vida* ou se matou porque non tinha dinheiro? Ninguém sofre se tienes amor, mas se non tienes. Já você sabe tantas pessoas en no mundo que se *quitán de la vida* porque *tienes dinero*? Poder, mas non tiene amor porque amor é a primeira coisa. Es la minha *aspiración*.

C: Como você conheceu ele. Conta como melhor da sua relação?

H: Com Luciano?

C: É

H: Ele está abaixo. Deve subir.

C: (Risos) Coitado.

H: Sim, ele chegou.

C: Tá. Se você quiser terminar a gente termina.

H: Deixa eu falar com ele. Ele não sabe que estou falando. É, ele é muito diferente de mim e ao mesmo tempo muito parecido. Eu conheci ele [sic] na academia. É, eu pensei que ele trabalhava ali, e assim falamos algumas vezes. Eu pensava que ele trabalhava ali, porque eu chegava a la academia, e tinha que esperar, porque lo *espacio* era ocupado por outra aula. E nesse momento, que estou esperando muitas pessoas perguntavam para equipamento das máquinas e ele sempre me saludava, mas, eu pensava que trabalhava lá. Eu falava assim para a pessoa: “Ele pode ajudar a você porque eu não sei *nadia*, non sei onde fica o banheiro. Eu só dou aula de yoga e me vou”. Daí ele me falou um dia, o que achei engraçado, porque me falou em inglês e falava muito horrível (risos). Não entendi nada do que ele falou: *I don't speak very well e invito a me almoçar, e mandava texto todo em inglês*. E eu estava tão confundida, porque eu não tinha tradutor. Caralho, como logra tão rápido e como responder também? As palavras que eram *non* tão rebuscadas, mas era como

(interrupção)⁷⁶. Daí, eu falei é talvez ele fala. E, saímos, e foi aí que entendi que ele não falava. Ele falou que morava com venezuelanos. Daí ele disse que falava espanhol. Daí eu comecei a falar com ele em espanhol. Nem tampouco entendia o que ele falava. Ele falava todo como um homem tímido, mas não entendia nada do que eu falava. Nada. E aí, já quando continuamos vendo. Eu falei: Non senhor não pode ser, eu não queria una relación. A minha vida já era *cheña*, e não tinha tempo para namorar e já você sabe quando gosta de alguém. Aí, você fala: “Que merda!” Eu pensei assim, porque já sei [sic] que vai ser complicado.

C: Risos

H: Ah, que merda! Eu sento essa *sensación* de que vá logra dor se vai embora. Não vai se assim, aí, te conheci e gostei de você e daí falei: “Bye”. Assim, mesmo começamos esse relacionamento e *salimos* porque eu sempre fui muito privada em relação ao relacionamento porque não gosto de que todo mundo, me (interrupção), me pare: “a minha namorada” [sic]. Non, non, não. *Esso* de ir de *mano* para o meu estúdio, nada a que ver [sic]. Ele ia, e no começo ele *non* gostava e dizia: “*Non*, *esso* es de mulher”, porque ele é muito carioca, carioca tem a separação muito grande. Oh, o meu cabelo era totalmente raspado, e ele não falou imediatamente, mas ele odiava. Ele falou: “Eu sei que você é feminista e tal, mas gosto de cabelo grande”. Eu disse: “Eu não sou feminista, mas acho que mulher e homem têm diferenças. Ele: “Mas e o seu cabelo, você acha que vai deixar crescer?” Aí, eu falei: “Sério, qual o problema?” Porque o meu cabelo era bem raspado. A primeira vez que fui à casa dele e ele falou que ia cozinhar, mas que precisa de uma mulher que cozinhava. E eu fui muito grosseira e saquei um dedo para ele. “Sério, cozinha você! Eu não vou cozinhar, por que você está buscando uma cozinheira?” Ele ria e (risos) e cozinhava. Por quase um ano, ele cozinhou. Era só broma, só piada. O cabelo eu deixei crescer. E, em meu estúdio de yoga, ninguém sabia que ele era o meu namorado, e lá as meninas ficavam loucas, porque tudo que é brasileiro, você sabe, homens e mulheres são exóticos? Você fala, já sabem. *Non* importa se vá. Aham, brasileiro. Aham, brasileira, *right?* E, ele é moreno, e em Flórida *hai* muitos morenos, mas ele é um moreno diferente. Vocês, os morenos daqui são muito diferentes dos morenos de lá. *Morenitos del*

⁷⁶ Não entendemos o que a interlocutora quis dizer.

Brasil, moreno bege, uma cor quase vermelho clarinho. Vou mostrar, ele está aqui. E falei: Suba!

C: Risos

H: É um homem normal para vocês, mas para é assim um homem mais definido.

Ah, meu cabelo curto.

C: Risos.

H: Esse é meu filho e Luís.

C: Aham

H: As mulheres ficavam loucas com ele e falam ele tem Facebook? Ele tem Instagram? *Oh, My God!*

C: Risos

H: Acho que deve ter... para mim era incômodo porque non gosto de se eu *conecto* [sic]. Eu estava, em um momento, como *la americana*, falei *non*? Eu aprendi a separar trabalho e vida *personal*. Nesse tempo, como uma americana simpática, eu tive que falar: nada “*desse mesclar*, mas tive que falar porque quando ele entrava as meninas falavam: “Eu gosto tanto...que eu gosto que ele tira sua camisa”. Aqui todo mundo tira a sua camisa, mas lá *non*. Como que é? Por que você está sem camisa? Mas, no estúdio de yoga es normal. Ele entrava sem camisa e elas: “*Oh, My God!* Elas eram gringas brancas, loucas com ele. Assim, que ao final falei. Havia uma aula especial de acrobacia com yoga. Aí, eu sabia que todo mundo falava... eu vou com Luciano. *Oh, my God!* Eu tive que falar. Eu falei assim em inglês: “Ok, vou sair do *closet*”. Como que todo mundo: “É sério? *Non*, assim, *non* sou gay. Eu tenho um segredo. E espero que me perdoem porque não gosto que pensem que sou assim, não quero que pensem que sou mais... es que a minha vida *personal*, geralmente, es muito privada. Mas todo mundo insiste em falar com Luciano. Todo mundo... *non*, que vergonha... porque todo mundo falava em frente a mim dele [sic].

C: Aham!

H: *Non* es problema, só que ele já estava incomodado porque era óbvio, era evidente.

A mulher lá... *non* quero falar mal, mas es muito segura dela mesma e é mais

agressiva. Assim: “Como estás? Queres tomar um suco e um café comigo?” E ele: “*Non*, obrigada! *Non*, obrigada!” Aí, escutando todo esto (risos).

C: Risos

H: Todo mundo sabia... só os clientes do meu estúdio que não sabiam.

C: E quando vocês casaram?

H: Oficialmente, casados fazem dois anos exatamente.

H: Vou falar que já vou.

C: Quando vocês se casaram e as diferenças culturais?

H: Nos casamos em, como se disse Savana? Casamos em uma Savana, em uma *boda* pequena, embaixo de árvores.

H: Ele falou que *non* tem *parking*.

C: Se você quiser paramos por aqui.

H: *Si*, sim. Se você quiser eu posso enviar informação.

H: Nos casamos, não sei como se fala algo, *oak*, *oak*, *tree*. Essa árvore. Eu queria algo, assim uma coisa direta: só minha mãe, meu pai e meus filhos.

C: Quando vocês decidiram casar como foi? Ele te pediu em casamento?

H: Ele me pediu, mas eu não aceitei de imediato porque eu havia prometido de não mais casar (risos). Ah, não tenho uma boa foto. *Non hai* uma boa foto. Casamos mais porque precisávamos, do contrário seguia “*coltando*” [sem um compromisso], de adiante e de trás para frente. Ele tem uma pequena companhia de construção lá nos EUA. Ele falava: “Você pode morar no Rio e voltar, voltar... quantas vezes você quiser, porque o trabalho de ele [sic] era precisa ficar lá. É de construção, preferivelmente, ele ficando lá faz mais dinheiro. Mas, ele trabalha com contratos de construção e trabalha muito na internet. A ideia dele era tranquila. E ele falava: “Você pode vir morar no Brasil?” Eu dizia: “Você está louco!” E, mira *donde* moro agora. Você vem comigo para o Brasil e vai visitar a sua família nos EUA porque, inicialmente ele não gostava de morar lá.

H: “Jamais, nunca isso não vai acontecer! Eu não vou deixar meus filhos” (risos).

C: Risos

H: *Non*, não tem nada que ver, es muito longe. E ele: “*Mira*, se você vai a cada três meses e os seus filhos já estão grandes, podem ter acesso”. “*Non, non sembra* [parece ser] tão complicado”. Era mais medo do que outra coisa. *Non logro* mais, e tenho já uma estrutura para deixar *todo*. É, aconteceu, como seja e aconteceu. Era inevitável, porque o que passou, passou. Mas casada.

C: Risos. Desculpa, demorou muito?

H: *Non...* o áudio cortou!

APÊNDICE D

Apêndice: Entrevista transcrita (Skype).

Arquivo: 1 hora e 40 minutos

Elisa, Estados Unidos, 29 anos, casada com brasileiro, mora em Curitiba.

C: Oi, alô E.

E: Oi, tudo bem?

C: Tudo e você? (*risos*)

E: Tudo bom.

C: Você quer que eu coloque a minha câmera ou prefere assim?

E: Ah, pode ser com câmera.

C: Você que sabe, né, porque é melhor para gente se conhecer. Deixa eu botar a minha câmera. Menina, tive que baixar um programa pra... Coloquei, você tá... Ah, *hi!* (*risos*). Tudo bem?

E: *Hi* (*risos*).

C: Peguei seu contato através de amigos no Facebook, né? São várias amigas que eu nem sei mais. Quem me passou, acho que foi o Marcelo⁷⁷ o seu contato?

E: Uhum, sim.

C: É, é. Então, você é da onde?

E: Dos Estados Unidos.

C: É? E você veio morar no Brasil tem muito tempo?

E: Quase dois anos.

C: Ah tá. E você tem quantos anos?

E: 29.

C: Então, eu acho que te apresentei né?! Eu sou da UFRJ e a gente faz um trabalho sobre estrangeiro e imigração. Já mostrei pelo Facebook?

E: Aham, muito legal.

C: (*risos*). E a gente faz entrevistas, se você se sentir desconfortável posso parar a qualquer momento, tá?!

⁷⁷ Nome fictício.

E: Beleza, mas eu só queria saber é... quais são as informações que vocês vão usar, por exemplo, vocês vão usar meu nome, vão usar minha idade?

C: Você que sabe, se você não quiser usar seu nome a gente pode criar, botar E. Tipo um pseudônimo, se você quiser pode usar o seu nome, tem mulheres que falaram “Ah, pode usar”, mas tem gente que prefere não usar. Conforme você falar, se você não quiser ser identificada não, também não.

E: Por essa entrevista você vai usar a informação como só pra colocar a entrevista lá ou pra pesquisar?

C: Não, na verdade a gente faz pesquisa, né. Então, eu estou escrevendo um artigo sobre as mulheres imigrantes e sobre as relações afetivas, no caso sobre o casamento de pessoas com culturas diferentes, né. No caso, são pessoas que moram no Brasil, porque eu moro aqui. A gente pesquisa sobre a imigração no Brasil. O meu foco é as relações e diferenças afetivas. Então, assim, é tudo que vai por essa parte e a questão feminina porque o meu foco é as mulheres. O meu estudo, porque faço mestrado na UFRJ, é sobre isso: mulheres que migram por amor, essas relações afetivas. E assim, eu não vou usar muita coisa, por agora na entrevista, vou usar uma parte só. E aí, a gente faz. É que você está fazendo por Skype, mas a gente tem um consentimento que, geralmente, a gente faz para as pessoas. Se você quiser eu leio pra você, que aí você vai entender melhor, deixa eu só fechar a porta aqui do quarto. É, a gente faz um termo de consentimento livre para quem pesquisa. Nas pesquisas são realizadas algumas entrevistas, que são realizadas eventualmente com algumas mulheres imigrantes no Brasil. Elas são gravadas, então eu vou gravar as entrevistas, mas elas são apagadas não é exposto o que é falado, só vou usar algumas falas, tá?!

E: Aham.

C: Elas são é... vai ser mantidas em sigilo se você não quiser não precisa ser identificada, tá?! Então não tem nenhum risco se você não se sentir confortável em responder alguma pergunta, não precisa responder também.

E: Tá bem.

C: Meu nome é Catarina, eu já falei, eu trabalho com esse grupo chamado Diaspostic, o estrangeiro, aí a gente, podemos começar a entrevista?

E: Podemos.

C: Podemos, tá! Por que você veio morar no Brasil?

E: Ah, eu já queria morar no Brasil, mas eu acho a razão do momento, da época que eu mudei para cá foi por causa do visto do meu marido. Ele foi negado duas vezes para ir nos Estados Unidos. A gente já conheceu lá, e estava a namorar a distância por um ano. E naquela época ele não queria ficar mais tempo né, mais tempo de distância.

C: Ah tá. E me conta como vocês se conheceram?

E: Ah, eu trabalhava com o programa Ciências sem Fronteiras. Eu trabalhava na faculdade, de uma faculdade lá, e era coordenadora. Eu fiz mestrado na área de Educação. E, então depois do mestrado eu só trabalhava lá e comecei a estudar Português por causa dos meus alunos brasileiros. Eu comecei a estudar português e um amigo meu falou: “Ah, se você precisa ajuda, eu tenho um amigo aqui. E eu conheci ele assim.

C: Ah, através de amigos.

E: Ah, sim, estávamos amigos, no início, por alguns meses, e depois começamos a namorar.

C: Hum.

E: Eu vou mudar mais perto da internet.

C: Tá.

E: Vamos ver se ajuda. E depois de seis meses eu precisava voltar para o Brasil. E a gente fez um ano de distância e eu me mudei, só isso.

C: Só isso (*risos*).

E: Foi.

C: Conta a história do amor de vocês (*risos*).

E: Sim, sim. Eu vou colocar, um momento.

C: Você tá me vendo? Melhorou?

E: Eu acho.

C: Você tá me vendo, né?

E: Tô, você tá me vendo?

C: Então, me conta a história de vocês, a história do amor? Escutou?

E: Sim, eu não sou muito romântica.

C: Não? (*risos*), mas você se mudou por amor.

E: Oi?

C: Mas você se mudou por amor, mas você se mudou por amor.

E: Não, não.

C: Não?!

E: Foi parte, mas eu já queria morar fora do meu país. Tipo, eu sou apaixonada por ele né, mas ele não foi a única causa. Quando eu mudei para o Brasil eu namorei com ele. E não queria mudar por causa disso. Eu não queria mudar por amor, eu acho bem perigoso isso (risos).

C: (risos).

E: Eu morei. Eu, na outra casa para saber se eu gostaria do Brasil.

C: Ah, você veio morou em outra casa? Não, não entendi, me explica melhor.

C: Yes.

E: Um momento, um momento, talvez, por aqui melhor. Desculpa, o que você falou?

C: Não, eu quero saber a história de amor de vocês. Você prefere falar em Inglês? Para mim vai ser mais difícil, se você preferir, achar mais fácil falar.

E: Não, não. Mas eu preciso falar do amor? (risos).

C: Não (risos), do que você quiser, eu quero entender as diferenças culturais, como vocês se conheceram?

E: Entendi.

C: É nesse sentido, é nesse ponto que eu quero chegar que é a minha pesquisa, são as questões interculturais (risos). Você fala do que você quiser, as diferenças, a língua do amor, a língua da briga... (risos).

E: Sim, sim. Eu não sei. Para mim, eu sou mais velha do que ele. Então foi um pouco diferente, porque eu já tinha minha carreira, minha vida. E por ele ser super romântico do que eu porque também na minha cultura a gente não é muito caloroso, carinhoso, caloroso. Tipo quando a gente sai com amigos, saio com amigos lá, nos Estados Unidos, ele sempre quer ir, já me abraçar, segurar minha mão. É tipo para mim, era muito preso, muito preso.

C: Uhum.

E: Então, as coisas físicas eram muito difíceis no início.

C: Uhum, e o que mais?

E: Ah, outras coisas eram mais fáceis. Humanos gostam de comer, cozinhar junto. A comunicação tava difícil. Eu acho que o nível que eu to falando do português agora é mais alto do que o nível, a nível que ele tinha quando a gente começou, então a gente tinha muita dificuldade, mas ele me ajudou com o português e eu ajudei com o inglês

e agora a gente fala a maior parte em inglês. As vezes nas brigas são difíceis a gente muda o idioma depende do assunto, né?

C: Quando você está com raiva, você não consegue brigar, você briga em português ou inglês?

E: Quase sempre em inglês.

C: E ele?

E: Em inglês, em inglês.

C: É. E o que você acha que você... Como é vir morar no Brasil para você?

E: Ah desculpa, eu não ouvi tudo, o que você falou?

C: Como é vir morar no Brasil para você? A experiência, o que você gosta e o que você não gosta? Quais as diferenças culturais?

E: Assim, é bem diferente em alguns jeitos. Eu morava em Nova Iorque, e agora em Curitiba. Então, Curitiba é uma cidade maravilhosa.

C: Uhum.

E: Tem muito centros que são parecidos com o meu país, especificamente, cidades urbanas como Nova Iorque. Às vezes eu não senti muito diferença, mas outras coisas, tipo, eu não sei, tipo... pra... morar aqui. Eu acho um pouco diferente a minha posição como mulher, pra mim tanto faz se ele quer sair tomar cerveja com os amigos. Eu não preciso ir junto. Ele não precisa pedir permissão, mas quase todos os meus amigos, que são casados, acham estranho que ele não precise pedir permissão. Para mim se ele vai estar com amigos e meia-noite chega e eu quero ir para casa. Eu dou um beijo e tchau. E ele pode ficar até duas horas da manhã se ele quiser. Sabe, aqui em questão de relacionamento, eles são mais, não sei como, juntos e para nós...

C: Possessivo.

E: Sim.

C: Sim, sim. Possessivos, né?

E: Oi?

C: Possessivo, em inglês *possessi, possessive, together person, possessive*.

E: *Possessive*.

C: Possessivo

E: Isso, excelente. É tipo, eu não vou ser uma mulher de alguém, tipo a minha mulher. Ele não me chama de minha mulher, porque se alguém me chamasse “a sua mulher” pra mim. Eu falo: “Eu não sou a mulher de alguém, sabe?” Essa diferença (risos).

C: E como é ser mulher no Brasil e como é ser mulher nos Estados Unidos?

E: Aqui é um pouco mais feminino, para mim eu não me importo, mas, quando eu vou nas festas, com certeza, eu vou ser quase a única mulher usando calças. Mas, eu já aprendi isso. Quando eu vou na Igreja, eu vou ser quase a única mulher usando calças ou, é, eu não uso sapatos altos para festas ou pra Igreja. Eu uso sapatos confortáveis. Isso, eu acho que as coisas físicas são diferentes, tipo, no início, eu me importei um pouco: eu preciso ter cabelo grande, cabelo longo, usar maquiagem, essas coisas. Agora, eu sou mais confortável para ser eu.

C: Uhum.

E: Mulheres tocam muito aqui. Eu estou tentando tocar mais pessoas, mas eu não quero tocar pessoas, as crianças querem me abraçar. Tipo, ok, tudo bem (*risos*).

C: (*risos*)

E: Mas, eu não gosto de crianças. Eu não sei se eu quero criança, filho. Então, eles têm uma ideia mais antiga no Brasil. Tipo, meu marido cozinha em casa, eu não cozinho. Eu adoro cozinhar, mas eu não tenho tempo. Então, ele faz a maior parte da responsabilidade em casa, a gente não fala sobre isso, porque pessoas têm preconceito. Mas para nós isso é bom.

C: Normal, né? Dividir.

E: É, meu pai cozinhou mais do que minha mãe, minha cultura é um pouco mais igual com essas coisas, mas também as mulheres trabalham mais lá. A geração da minha sogra, elas não trabalhavam muito naquela época, tinha trabalho diferente tinha leis e regras diferente para elas.

C: E, o que você faz hoje em dia, você trabalha? Você conseguiu se restabelecer aqui profissionalmente?

E: É diferente, vocês não têm minha área aqui no Brasil, tem, mas não é bem usada. Antes que eu mudei para o Brasil eu tentei achar um emprego, uma vaga na minha área, e dentro de um ano e meio eu só achei três vagas no Brasil. Eu tava procurando em qualquer cidade (*risos*), mas eu trabalho na área de Educação, Educação agora. Eu trabalho no colégio à tarde com inglês. Eu trabalho de manhã dando aula particular de inglês. Eu trabalhei na escola de inglês ano passado, à noite. Eles como se fala:

minhas qualificações são bacanas, com certeza ajuda de algum jeito. Mas o fato de que eu falo inglês...eu acho que é a coisa que pessoas se importam mais.

C: Mas o que você fazia antes no seu, no seu trabalho?

E: Eu trabalhava com Administração na Educação, tipo, eu queria ser, eu queria ser, não sei em português, mas tipo um gestor da faculdade.

C: Gestor da faculdade?

E: Eu não sei.

C: Aham, tipo um gestor de colégio, diretor?

E: Isso, isso. E agora é diferente (*risos*).

C: Você acha que...

E: Desculpe.

C: Pode falar você, fala.

E: Não, eu tava contando.

C: Fala, fala, você.

E: Eu queria falar que: eu não atualizei, eu não cadastrei o meu mestrado aqui, no Brasil. Agora, não tá *reconizada*?

C: Reconhecido.

E: Isso, reconhecido, porque tem um processo com o ministro da Educação, que eu preciso começar se eu quero ter um peso com esse mestrado. É se eu quero dar aula na faculdade, por exemplo, se seu quiser trabalhar eu não posso até o meu mestrado está reconhecido, reconhecido pelo ministério...

C: Da Educação, pelo MEC.

E: Isso, eu vi muitas pessoas no MEC. Isso, muitas pessoas falam que é difícil. Então, eu acho que vou começar esse processo e esperar.

C: Você acha que na sua profissão: você ter vindo pro Brasil, você de certa forma, é profissionalmente. Como é que você vê?

E: É diferente porque eu tô dando aula, mesmo, mesmo sendo na área de Educação. Em geral, eu trabalhava com Administração e agora na sala. Para mim é uma coisa diferente, com talentos diferentes. Eu tô aprendendo mais, mas se eu voltasse pra os Estados Unidos, talvez eu ficaria no mesmo nível de quando eu saí, sabe? Eu não tenho uma promoção me esperando (*risos*). Eu não tô perdendo meu trabalho aqui. Eu não tô perdendo, mudando pra trás, só para o lado. Eu acho.

C: Hahm, me conta sobre sua vida, sua adolescência, sua infância onde foi? Como foi?

E: Nossa, tá. Eu nasci em Los Angeles, e cresci em Indianápolis, uma cidade. A minha família não era muito pobre, mas não tinha dinheiro. Eu comecei trabalhando com onze anos para ajudar em casa, ajudar com as contas né? A luz e tal. Eu comecei faculdade, quando eu tinha dezenove anos e eu toco harpa. Eu estudei música para a minha faculdade. Eu paguei tudo, e trabalhei muito. Eu tinha dívidas. Eu precisava tirar dívidas, dívidas para pagar. E, eu também mudei de novo, porque eu mudei para a faculdade, né? Paguei todas as minhas contas, mudei de novo para Nova Iorque para começar o mestrado. Paguei todas as minhas contas lá também. Eu estudei, na Talent Faculdade por dois meses, mas eu gostei da minha vida. Foi muito legal, no fim, eu estava morando em Nova Iorque. Foi muito trabalho lá. Eu trabalhei sessenta horas por semana, às vezes oitenta, às vezes quarenta, dependendo da semana. É, basicamente só isso, né? Minha família mora lá, em Indianápolis, meu irmão mora em (...). Agora, mas, eu sou a única pessoa na minha família que viajei bastante. Viajou bastante e queria morar fora do país.

C: E você antes já tinha namorado com estrangeiro?

E: Ah, sim, não muito sério. Eu namorei bastante, a cada dois meses eu cortava {terminava} o relacionamento (*risos*). Eu tinha meus estudos, meu trabalho, eu era uma voluntária também. Então, todas as coisas na minha vida, eu queria ser melhor, eu queria ajudar. E para mim, para namorar, foi uma coisa, uma parte da minha vida, eu não queria ter uma pessoa ao lado de mim [sic]. Como fala? Tipo, ele me atrasou, os namorados, isso faz sentido? Mas, eu namorei com um cara de qual país? Barcelona. Eu tinha outros namorados lá, em Nova Iorque. Não namorados, tipo...

C: *Dates*.

E: Caras (*risos*), mas caras, que tinham dupla cidadania como Porto Rico e Estados Unidos ou Republica Dominicana e Estados Unidos ou Colômbia e Estados Unidos. E só isso, eu preferia a cultura latina, porque eles são mais calorosos.

C: Uhum.

E: E tem os mesmos valores comigo, família, comunidade, religião, esses valores.

C: Uhum, você é de qual religião?

E: Protestante?

C: Protes...tante?

E: Eu não sei. No Brasil, eu fui em muitas igrejas e eu não gostei das igrejas protestantes (*risos*).

C: (*risos*).

E: É diferente as comunidades locais.

C: Então, eu tenho uma hipótese do meu trabalho, não sei o que você acha. O que você acha dos movimentos feministas, que aconteceram com as mulheres e as mulheres hoje em dia, como você acha que tá, quais são os seus valores, o que você acha importante sendo mulher?

E: Hum, aqui no Brasil ou mundial?

C: O que você quiser falar, no Brasil ou mundial, os dois (*risos*).

E: Ah, hum. É difícil, porque eu acho o direito das mulheres muito importantes, mas também eu acho tem outras pessoas que... (falha no áudio) diretas, por exemplo, têm muitas mulheres como eu que falam: "Ah, a gente está perdendo os nossos direitos". É verdade, de algum jeito sim, mas as mulheres negras precisam muito mais de ajuda do que mulheres, em geral. Os homens negros precisam muito mais de ajuda. Eu acho diferente, na situação, eu acho bom. Eu já participei nos protestos para raça e para climáticos, mas eu nunca participei nos protestos para mulheres. Eu sou uma feminista, e sou uma vegana também, eu sou vegana, mas eu nunca participei dos protestos dos animais também. Eu acho que é o jeito que se vive. Se você é da Educação para uma mulher... você já ajuda se você [sic] escuta. Se você ouve que ela precisa, já ajuda e eu acho, eu acho que mulheres precisam apoiar, eu não julgo outros protestos. Eu acho legais, eu acho legais, mas às vezes fazem os protestos e para lá, por exemplo, eu preciso dar o meu dinheiro. Quando compra uma coisa, eu preciso comprar de uma empresa de mulher ou comprar da pessoa negro ou de outra religião. Eu acho as coisas de colônia muito mais importante para o nosso tempo. Eu não sei se fez sentido, faz sentido?

C: Tudo faz sentido (*risos*). Tudo é importante. É a sua opinião, a sua visão de mundo e isso que eu quero chegar.

E: Uhum.

C: Então, e você vê a mulher brasileira de forma diferente, culturalmente, como que você vê... é mais parecido com os seus valores?

E: São mais (...). Eu não quero falar mal das brasileiras.

C: Mas pode falar mal, eu quero ouvir o que você pensa, tanto faz (*risos*).

E: É, assim. Eu não tinha muitas amigas brasileiras. Eu não tenho porquê. Eu tenho muita dificuldade de fazer amizade com brasileiras. Elas, em geral, homens ou mulheres para mim, e eles já tem um preconceito sobre mim. Tipo, no início da amizade eles falam: “Ah, porque você está morando aqui. Você é doida. Eu já vi os filmes você não sabe nada do seu país e você prefere morar aqui”, e tal. Eu não gosto dessas coisas. Homem fala mais sobre essas coisas pra mim, homens julgam mais do que mulheres. Eu acho que mulheres, em geral, são mais educadas, porque mulheres já viveram pelos momentos mais difíceis, em geral as mulheres têm mais dificuldades. Elas são mais empáticas, simpáticas para essas conversas, mas eu também não tenho muitas amigas brasileiras (*risos*).

C: E você tem muitas dificuldades no Brasil para se relacionar com os brasileiros?

E: Sim, quase todos os meus amigos são estrangeiros: da Síria, da Holanda, Colômbia, Bolívia, Itália (*risos*). Tem uma comunidade aqui, em Curitiba, bem grande para os estrangeiros. Eu prefiro fazer amizades com eles.

C: Tá.

E: De qualquer país.

C: (*risos*).

E: Mas tipo brasileiros, eu trabalho, no colégio e todas as minhas alunas falam sobre marcas, sobre maquiagem. É, e eu falo para elas, tipo, minhas amigas quando eu tentei fazer: “Ah, quando você vai, você vai comprar pra mim?” Tipo ok, eu quase não conheço vocês, mas tudo bem. No segundo encontro já vem com listas, essas coisas e elas quer que eu compro. Eu não voltei para os Estados Unidos, quando saí, né? Mas eu não sou muito, como que fala de apresentação, quase um ano atrás no meu serviço, mulheres estavam falando mal de mim, achando que eu não falei português e falando: “Olha pra ela, ela parece nova, nossa, se você coloca o uniforme nela parece uma aluna. Você acha que ela tem condições de trabalhar aqui?” Isso já aconteceu uma outra vez, quando eu trabalhava em outra escola, mas dessa vez: eu

tive um pouco mais de coragem e eu falei para elas: “Boa tarde, tudo bem?” E, elas falaram: “Você podia entender?” E, eu falei: “Sim, e também aprendi que no Brasil importa mais sobre aparência e minha cultura importa mais sobre qualificações, caráter e personalidade”. Mas eu fui um pouco *salgada* com isso (*risos*) porque não é todas as mulheres, no Brasil que importam mais com a apresentação, aparência.

C: Mas você, como muitas mulheres estrangeiras já me falaram isso, da mulher brasileira que é muito...

E: É, eu não quero julgar, tipo se quer focar nisso, pode... se traz significado para você: Viva do seu jeito! Mas eu só não quero que julga o meu jeito, e isso acontece muito. “Por que você arruma seu cabelo assim? Por que você não usa vestido, maquiagem?” É, eu acho que precisamos viver do jeito que queria, queremos.

C: Então, a hipótese da minha pesquisa é os movimentos feministas foram conquistados, mas a gente vive uma contradição, você não acha?

E: Aqui no Brasil? Pode não repetir, mas explicar.

C: Aham, então a hipótese é que a gente vive uma contradição a mulher. Hum. Entendeu?

E: Tá cortando, desculpa.

C: Eu acho que a gente vive uma contradição, de um lado a gente tem os movimentos feministas, tem a questão do trabalho e do amor da família. Como você vê a mulher?

Você nisso tudo, você largaria tudo por um amor?

E: O que para o amor?

C: Você largaria tudo pelo amor?

E: O que é largaria?

C: *My English is not perfect.*

E: Interessante, interessante. Eu também acho interessante porque uma, desculpe, a namorada do meu amigo, a namorada do meu amigo, ela é muito feminista. Ela tem aquela camiseta “Luta como uma garota” e tal. Mas isso é o que eu queria falar um pouco mais antes, têm muitas pessoas que são participantes nos protestos, nos movimentos, mas só pra postar uma coisa no Facebook. E só pra usar uma camiseta,

só para dizer coisas para outras, mas aqui, no Brasil uma coisa bem diferente para mim. Eu tenho 29 anos e eu comecei a viver sem ajuda da minha família quando era adolescente. Ajudei com as contas e quando era adulta saí de casa. Comecei a faculdade, paguei todas as *mi... contas*. Eu acho diferente porque muitas mulheres são feministas, mas os pais delas pagam. Os pais delas *dá* [sic] carro, apartamentos e elas falam que são feministas, mas aceitam muito ajuda. Eu acho uma contradição, mas acho que estão fazendo as mesmas coisas aqui. Então, eu não quero julgar mulheres por isso. Ah, eu tenho um amigo com trinta, trinta e cinco anos. Ele tá morando na casa da mãe dele, com o pai, com os irmãos. Ele ajuda e isso é legal, mas a mãe lava todas as louças dele. A mãe lava todas as louças dele, lava, limpa o quarto. Eu não quero falar coisas mal das mulheres, mas homens vivem do mesmo jeito aqui, no Brasil. É uma cultura da mãe, sabe? (risos).

C: Mas isso você acha que atrapalha na relação que você tem com o seu marido?

E: Ah tá cortando, pode repetir?

C: E você como mulher largaria tudo por um amor?

E: Ah sim, entendeu agora. Ah, eu acho que não porque eu tenho uma amiga, minha, ela largou quase tudo. Ela tava, tipo, ela mandou todas as caixas com umas coisas dela para Lima. Ela tava morando nos Estados Unidos e tinha um namorado de dois, três anos, no Equador. E, ela tava mudando a vida, ia mudar com ele para o Peru e a visão deles era morar junto. E, houve isso seis meses antes de eu mudar para o Brasil. Então, isso me ajudou bastante, porque ele terminou o relacionamento com ela, antes, duas semanas antes dela se mudar. E foi uma ajuda porque ela não largou, ainda, só perdeu algumas caixas (risos).

C: (risos).

E: Por isso, é, eu acho. Eu acho que você nunca deve fazer outra coisa por uma pessoa. E, eu não sei como explicar bem em português.

C: Fala em inglês, então.

E: Eu não fiz.

C: Fala em inglês, *speak in English*.

E: Yes?

C: Yes.

E: Ok, I think, for me, I don't think you should ever do something for another person one hundred percent. I think eighty percent or sixty percent should be for you, if you take the person out of the situation, maybe you wouldn't make the same decision, it wasn't only for that person like. God forbid. I love my husband, but if he died, would I stay in Brazil? I don't know, I don't know if I would, but I don't live here for him, I live here for me and him. I don't know if that makes sense.

C: Uhum, but if you didn't meet him in the first place, would you still be in Brazil or would you be somewhere else?

E: I would live in another country. I really wanted to move to Palestine. If I didn't marry him I think I would live in Palestine. I really wanted to live outside of my country (interrupção). He was the reason, but also like (pausa) I would find another reason. You know? I love him. I love him with my whole heart. I really love him, but I think I would live somewhere else in another country if I had not known him.

C: Yeah, what's the difference between you and him in the daily, in the daily, every day, the routine, how that works, what do you miss, what did you learn to eat that you before him {sic} you never ate before?

E: It's a good routine, every day we wake up, we talk in bed, lay there for some minutes, then we get up. We make breakfast together, so we live at home a mixture, Brazilian and American. We eat breakfast, he eats an omelet every morning, I eat **feijão**. I eat beans for breakfast or granola and banana. **Granola, banana, or feijão** and then usually go to work. For lunch, sometimes, we have lunch together at home. I work close and it has a nice, very nice culture in Brazil, to have lunch as an important meal. And when I lived in Florianópolis, I lived in Florianópolis for some months and I lived close, his family moved there and then they moved back to Londrina. They are from Londrina, but I would have lunch every day. It was very special. In the routines though, we share all responsibility. We cook together, we clean the kitchen together. I prefer not to clean the bathroom, so I usually do the clothes. I wash clothes every week. He washes the bathroom. He cleans the bathroom, some weeks he does the clothes, some weeks I do other things. We speak English at home and I think we have a balance of both of our cultures.

C: And, how do you feel integrated in Brazil? You feel part of here? You don't feel? How do you feel? Your friends?

E: I have a couple good friends who are Brazilian, but I think they are different, like I, how can I say? It's different from my (pausa), my economic bracket in Brazil. I make more money here in Brazil after taxes than I made in the United States, so I live a very comfortable life in Brazil. A lot of foreigners are like this. We earn more money or equal money here in Brazil, and we have better lives. And it's because foreigners are treated better like they're desired, they're desired here in Brazil and so it's hard, even to go out with some foreigners because they spend more money than the Brazilians. And its sort of divided, it's hard for us to find a balance because when we go out with Brazilians people treat me like: "Oh, you and your husband, you're so rich". They tell my husband: "How did you marry an American? Wow", and 'so we don't like to go out with them, go out with the foreigners, they spend a lot of money". It is just a balance so, I feel like. I don't know socially not as integrated, but I think (pausa), I don't know. I think it's a slow integration and like, If I didn't have my husband I think I would be more integrated, but I would have more difficulty. When I lived with others, I had a lot more difficulty. Here when I lived with this family, this Brazilian family, when we moved to Curitiba and they were always like knocking on my door to have me come to meet their cousins: "Come have lunch, come to have dinner". I didn't want to, I want my life separately. So, it's hard to be as "**calorosa**". It's hard to be as friendly as Brazilians too. Because they think I'm ignoring them if I don't want to spend all my time with them. So, socially I don't feel very integrated but otherwise, I use Portuguese when I talk to people at work. I work in English, in the classroom. I speak English, but if I need to talk to the inspector in the hallway, you know, the gestor, the principal, I speak in Portuguese and if we go out with friends. If my friends, for example, my friends, all my friends who were foreigners, from Syria, from Holland, from these other countries, from Colombia, from Bolivia, we all speak Portuguese with each other, so it's interesting cause I feel more connected to Portuguese than I feel connected to Brazil. I don't know. I think.

C: Why do you think it's so hard to connect with Brazilians?

E: I think. I'm trying not to have my husband hearing me. He's gonna judge.

C: It's research, you can speak about whatever you want.

E: I think. I'm gonna sound very mean, this is very mean. But I think Brazilians like to talk, just to talk. Like: "Bom dia! Bom dia! Bom dia! What's up?", like they like to talk to

hear their voice. Seems like: “Bom dia”, minha cunhada falou: “Bom dia seus feios”. O outro falou: “tão linda” e o outro falou: “a sua mãe mentiu pra você”. “A minha mãe não é uma mentira”, tarara, tipo: conversa de bobagem. Does that make sense?

C: Yes.

E: I don't do this. I don't want to be in a WhatsApp group. I don't want to hear fifteen: “Bom dia!”. I want to have a meaningful connection. Like, even the jokes, the humor in English is more like we joke about intelligent things. Brazilian jokes are about stupid things and humor. We say slapstick comedy in the U.S. and its funny Americans like it, and Brazilian like it intelligent. But the bigger part of Brazilian jokes is about stupid things and small intelligent jokes. In America is more intelligent jokes and small stupid jokes but is ok. It's just not make me feel connected.

C: Ah, you don't feel connected with the jokes and the?

E: Yeah.

C: And with the food, the music, how you feel about that?

E: I love it. I love the food. The music is great. I love the food. I'm like a big food lover in Brazil.

C: And you said that you changed some habits, some attitudes that you had before living here. What did you change in your life?

E: Oh, yeah. I tried to be friendlier. In the United States, everyone told me that I was the friendliest person they know. I'm very friendly. But in Brazil, they tell me: “I'm fechada”. They tell me I'm cold. So, I tried to talk more, I tried to. Like, I care about my friends. But I don't care about their uncles, cousins, child's friend. Brazilians want to connect with these histories so I tried to share more. Like, I don't know, just open up about my life. Or, touch people like at a party. I don't want to hug people, goodbye, and hello so much. But I'm trying. So physically, I'm trying. Conversationally, I'm trying. Also, like making plans. Americans like to schedule with advance. So, Brazil. I tried to, you know, someone invites me to something on the same day. I tried to go, or, I don't know. I think this thing but it's difficult.

C: And what're the things that you changed for your husband? That you like, that you don't like. The cultural difference.

E: I'm trying to ask less questions. Like, in my culture. Like, today, we had a fight. We fight all the time. I love him, but we fight all the time. And we had a fight because we're leaving to buy some things and I said what time you'll be ready? And he said "I am washing the dishes" and I said: "Ok". I'm cleaning the bedroom, how much more time do you need?' And he got very upset, he is like 'why are you rushing me? Why are you pushing me to do all of this? I'm trying to help the house, blá, blá, blá and I was like 'I not rushing you, I'm being direct. I'm asking you a question of how much time do you need? Because I wanna clean the living room and I want to know how much time I have'. And then we fought. So, I think, like communication, I have to listen more. I trying to listen and not ask questions. Because Brazilians they don't ask questions. In your culture you talk, like people usually don't ask questions they just start talking about something. And maybe comes off as evasive or direct or like a pressure for me to ask questions.

C: What else you feel about here? And what are your plans for the future? You want to stay here? You wanna go back?

E: I don't know. I don't really wanna go back. I have to say, being very direct. I sleep better. This is crazy. I sleep better in Brazil because I don't feel guilty. In the United States, I feel guilty for children in Syria. I feel guilty for people in Afghanistan. I feel guilty that my government puts more money into war and the military in other countries. And they put on the education of children and adolescents in my culture I feel very upset about this. I think it's very sad. People look at the United States like it's the greatest country in the world, it's a good country. But, it's doesn't have the same values I have. Like, I want to live in a country that values health and education, community and I don't see it in the United States. Maybe there will be a movement. And also depends on which part, right? The United States is big, Brazil is big, sometimes it's not good to make a generalization, right? From all of these things. But, if I want to move back to the United States my husband cannot go with me. We have to start a process that will take one and a half years and ten thousand dollars (interrupção). Have to leave without him for one and a half years and I'm no ready for that. I love him, he's the light of my life, you know? Like he's not more important than me, I'll never put someone as more important but he's so special. I don't want to go, leave apart. And maybe

someday we will but right now I think. We've only been married for one year and I want to spend more time together in the beginning.

C: And, what're your values? That you think it's similar to Brazil or your husband. What do you think?

E: I think it's wonderful. Curitiba is a city that recycles a lot and I think Brazil in general recycles more than the United States. The United States is a country of consumerism and I want to live simple. Appreciate things that bring value, time with family, laughing, fun moments with friends. I don't need a lot of money for this experience. I want to travel. And I think parts of this come from the economy in Brazil. People don't have a lot of money to waste their money. In the United States, people are wasting without knowing. Like, the consumerism is part of the culture so much that we don't realize it in the United States. We think we need these things and in Brazil, it is expensive to buy these things, so they live without these things. For example, my friend with her children doesn't need the toys in the house. She had 97 stuffed teddy bears, 97, almost one hundred and I thought that's crazy you have three children. Three children do not need 97 teddy bears; they have other toys and stuffed animals. And it's like in Brazil this would never happen, because of the cost, yes. But also like, I don't see this consumerism here because they don't have access. It's more expensive to buy and I think that children grow up with less in some ways but more in other ways.

C: Como que você vê a família no Brasil? A família é o mais importante pra você?

E: Sim, família é importante. Eu, é diferente, tipo: meu marido acha que eu sou doida, porque eu falo com meus pais uma vez a cada duas semanas. Eu falo: família é importante e ele fala: "Qual é? Você fala com eles uma vez a cada duas semanas". Mas, para nós, a gente fala só sobre coisas importantes. Nesses momentos, a gente fala duas, três horinhas, mas com conversa bem significada. E aqui, família fala mais sobre menos coisas, tipo: "O que você comeu hoje? Mas, eu acho muito legal, família, religião. Aqui tem mais respeito. Eu acho respeito, educação, educada. As pessoas são mais educadas com a questão da religião aqui do que no Estados Unidos. Aqui eu me sinto mais respeitada, mas também tudo é diferente, né? Família é importante, e isso muda. Quando eu morava no **middle west**, meio oeste do país, do meu país: família é mais importante. Eu cresci no estado que parece com o Paraná. E, em Nova

York, família não tem o mesmo valor, né? Depende da cidade, se a cidade é mais urbana ou não. Mas pelo menos aqui, em Curitiba, gosto da cultura, família. Paraná tem muita gente boa e que são mais conectadas. As pessoas são mais conectadas, mas também são mimadas, folgadas. Tipo mais conectadas também. Eles acham você pode, poderia fazer mais favores por você ser conectada.

C: Mas você vê diferença entre a sua família e a família do seu marido? Quais são as diferenças?

E: Não tem muitas. Não. São diferentes com características, personalidades. E, os pais, meus sogros são mais velhos do que meus pais. O meu sogro tem 76 anos, 75 este ano ele vai virar, vai ter 76. Então, meu pai só tem 68 anos.

C: Mas a diferença cultural?

E: O meu sogro ele é mais tradicional. Brasileiros são menos progressivos na hora de, como se fala? **Gender roles.**

C: You can speak in English for me it's ok.

E: I think your English it's a lot better than my Portuguese.

C: Whatever you feel comfortable, for me is better. The more you speak, the better.

E: Ok, I think like my father in law he's very traditional Brazilian and I think Brazilians are less progressive with gender roles. So, for example, my husband never could cook. He has sisters. When he was young, his father always told the women will cook, but you will go to the bus stop to meet your sisters when she comes home from college at eleven o'clock at night. You know, like he had another's responsibilities, but they're all masculine. I, some I agree. He's black, my husband is black and he's tall. I think it's safer for him to go to the bus at night than for his sister. And with my family, my dad is from California, so he's very progressive. My dad cooked dinner almost every night. My mom and my dad worked, but my dad washed the dishes, my dad washed our clothes, and the gender roles are different in my house. So, it's really to see. I don't see a lot of differences between our families, you know? We both have brothers and sisters, we both have cousins, we have big families. I have a lot. I have a big family and I didn't believe I would marry someone who has a bigger family. Many, many relatives, a lot of noise. It's good, it's great but just, I think the personalities of our parents because his father is older, more traditional Brazilian. Ah, those types of things. And with my family, my dad is from California, so he's very progressive.

C: Your family influence and your history, how you see women, they need a change in your house? It's yeah? How that works?

E: My husband is really, he's amazing. Even when we started dating, he was so cheesy, Mr. Brega. He is romantic. He's very romantic. He's very kind. He is so nice, like, when someone stops me on the street and asks me for money, ok, if I have a real of course, but he goes he buys them food. He is even more generous. We went to buy groceries last week, a homeless man asks for money, and I said: "Oh, here's a banana" and then my husband said: "Here's the **bolacha**, here's the banana, take two bananas, here's the **bolacha** and I was like: oh, my gosh that's our dinner. So, he really embraces the differences. He, I used to kind get mad because my husband is very messy. He's a musician, you know, artist, he's very messy. So, I used to get frustrated but we divide our room, like ok, this is your side, this is my side, if you wanna leave the clothes on the floor on your side that's ok. (interrupção) He can be messy.

C: And you divide the work? The domestic work and the bills, how that works?

E: Because of the situation, it makes more sense, he's fluent in Portuguese and I'm not fluent and it makes more sense, he pays all the bills and that's ok for us. But whenever, when we started dating, I introduced him to my family and we only dating for six months before he left the United States. So was really important for me to travel with him and when we are in my country we decided, ok, if we travel the person whose country it is will be responsible. And so, I was responsible. And then when I traveled, I visited him in Brazil, the first time visiting we decided he would be responsible, his culture. And then we both traveled one time to Mexico to see each other when we're dating long distance. And in Mexico, we share the responsibility because it's not his culture not mine but he speaks Spanish as a good Brazilian would. So, he says: this is a problem. Months ago, I paid the credit card bill. My husband also pays the same bill and he set automatic payment, so we paid the same bill three times. We sat down and we said ok, let's have one person responsible. So, he's responsible, we've decided to translate for me when we were in Mexico and it was a lot on him. So then when we traveled the next time to Uruguay, in Argentina. Because I came to Brazil with a tourist visa, I needed to leave the country. We did our work away, in exchange, when we worked teaching English, him teaching Portuguese, and staying in someone's house

for a month. And when we did this, he needed to talk a lot of Spanish again for me, we decided I would be responsible to book our housing, to book our bus, to take on logistics, so the same thing with our house. He does the bills and I help like, he usually buys the groceries or we go together but I make the list and I think traveling together really helps to find our strengths. Because my strength is really organized and it helps if I can prepare things for him he can do it easily.

C: When did you get married? And how?

E: We married in the **cartório**. So, we left, I came to Brazil at the end of September of 2016 and I left Brazil with him. He wouldn't let me leave alone, he was too worried. We spend time in Uruguay, Argentina in December and January, January of 2017 we return to Florianopolis and I was interviewing for a job in São Paulo and we saw I was gonna get the job and they told me they couldn't give me the job because I didn't have the visa. And then (pausa), no this was before, I was interviewing for the job and he proposes, he proposes before, in February he proposes and then in March I found out I needed to get married to, I needed the visa. So, we already are engaged and we decided ok let's get married fast, we love each other, we're already engaged and we got married in April of 2017. So, was a very fast engagement, very short. So, we've been married since then.

C: How was the long-distance? How did that work? Before you marry.

E: With my husband?

C: Yes.

E: When we did long distance, it was so hard. I saw him three times in one year. It was a lot. But every four months to see someone you love. I cried so much, I cried so much. My heart just hurt. I never thought that I would feel like that. And I saved a lot of money because I knew I wanted to move to Brazil, my husband and I always agreed. We love each other but we don't know if the best for us would was to be together, we wanted to see if our cultures could fit. And so, he helped me, he's great at Excel. So, he made a spreadsheet for me to see how much money I would need every month to rent somewhere, how much money I would need for food, and all of this. So, it gave me a purpose during our time in the long-distance we decided to focus (interrupção) and I saved enough money to come to Brazil and live without working almost a year and I

still have some of that money in case of an emergency. If I need to go back because my mother got sick, I have dollars in the US that I don't touch, it's not that many but it's enough to help to buy a ticket if I needed to go because I think this is important.

C: What's the plan that you guys have together for the future? Kids? No kids? To buy a house? What are the plans?

E: We have no plans, we are happy to be living in the same country, very happy. We rent an apartment. We like to plan, we do like to plan, so when I said no plans I mean we want to be stable but we don't want to be connected. So, we have lived in this apartment for one year. We have a two-bedroom apartment, we rented our spare bedroom to a friend of ours for almost one month and it's so nice just to have the apartment for us but was to help financially so we lived with him. He speaks English fluently, he's a good friend. So, our plan is to save money because we don't know what will happen. I have student debt in the United States, I have almost three hundred thousand reais, I have almost one hundred thousand in student debt from my masters, because I went to NYU, it's a very expensive university and the tuition was sixty thousand a year not including the cost of living in New York. Anyway, so we may need to move back to pay off this debt in the future, but right now we are just trying to have a good life. We bought a new couch, a nice sofa and also saves, like, having good experiences but also saves money in the case, like for my husband visa, we want to save that money but that's thirty thousand reais. So, we have to save for this and because we're not from Curitiba we had to do a **seguro-fiança**. Do you know **seguro-fiança**?

C: **Ah, pra alugar o apartamento?** To rent the place?

E: **É**, it's like this **fiador**, we had to pay money last year, so this year we want to do a **título de capitalização**, I don't know what's called.

C: So, it's ten thousand dollars that he need to get an American visa?

E: Yes, even to visit the United States, he cannot visit.

C: Oh, how come?

E: He needs to have an (interrupção). He's not allowed, he's not permitted even to visit. We married here in Brazil without my family. They came to visit. My family came in January. But, it was kinda crazy because I didn't want to have a wedding in Brazil.

Because it's like we married at the **cartório**. It would make me really sad to see all of his family and not my family.

C: And do you plan to do a big party in the future?

E: We plan and we realize we have ten thousand dollars to pay for his visa and because we make this **título de capitalização** we paid twelve thousand **reais** for that this year. Like, every time we save money we have somewhere to put our money, it's like, you guys called a **caução**. So, it's like (pausa), we are not from Curitiba we always have to have these savings available to rent an apartment so it's like It's good because we're not spending it but we cannot use it for his visa. So, we're back to zero.

C: But you don't wanna go back to your country? Do you feel good here for now? With your husband, the culture.

E: Yes, it's perfect. We don't know about kids. We don't know if we want kids. I want to experience other countries. I think it's so cool that Brazilians can live in Chile, Colombia, Bolivia, I think it's so amazing. And, I don't know why Brazilians want to live illegally in the United States or in Portugal when they can live legally for three, two years in another country in South America. I think it's amazing. We may consider this. We like the idea that maybe my husband could get a job in Chile in the next couple of years and I could apply for research from the United States.

C: Research job in Chile or in the US?

E: In the U.S. but doing research somewhere, like the Fulbright program in the United States, you can do research in any country but sponsored by the United States or you can teach English. I know a lot of people in Brazil who teach English from the United States and they are paid in dollars to live in Brazil, so we think about these things. We just want to be together.

C: Oh, nice. How long you guys are together, like two years?

E: We've been dating for more than three years like we've been together for more than three years, I've met him almost four years ago. In December... Yep, I met him four years ago.

C: Did you feel any difficulty with his family? Like, you had some problems with them?

E: Only his sister, with his personality. I don't like conflict and she has a strong personality so I heard.

C: And he has some problems with your family like he feels accepted or not at the beginning?

E: No, my brother. In the beginning, my brother didn't think we would keep dating because my husband's English wasn't great. My brother thought 'ok, sure, for some time you'll date than you'll marry someone from your own culture because it makes more sense, you can communicate better'. My brother (pausa), he studied literature so communication for him has to be intelligent, his style of communication means he can't understand how you could have a different style of communication with someone, and ok I understand. But after some time, he realized, he said: "Ok it's different but it's for you, that's fine". My family loves my husband. I said they love him more than me. My husband says his family loves me more than they love him. We really like each other's families.

C: How do you feel like the global world? Like love is global, right? The world, the communication, the globalization, the love, the interaction...

E: I think that is great. Also seeing the process of the United States for him get a visa in the United States it makes me sad, I think it's a form of nationalism to have a very expensive visa. He has (pausa), my husband will have to go to interviews, physical, medical exams, psychological exams. And he and I will have to go through interviews where we are separated. And we look at pictures and each has to talk about these pictures and what color the curtains are in our house. And I think it's sad because I understand why people want to go to the United States illegally. If you love someone and it's this difficult to be with someone. I don't think it should be so difficult to live in different countries and so I think globalization with love is more difficult with certain developed countries. I think it makes sense they don't want to have fake, you know, love, people moving in, but I think it creates a nationalism. Creating difficulties with love, I guess with global love.

C: Do you think Brazilians are very national too? Or do you think it's just the Americans that have this thing with the nation?

E: It was easy to me to get my Brazilian card, have you seen the Brazilian IRI for the foreigners?

C: Yes, my ex-husband he had. I've been married to a foreigner too. That's why I studied this.

E: Makes sense now, so you know the fights, the love.

C: Yes. Ok.

E: Yes. I think it's like for Brazil they just wanted my money.

C: Do you think so? You don't feel any problem, right? With the integration.

E: No, because I'm a white American. If I was from Africa I think could be problems. Or would be more difficult. It's easy, I'm a white woman, even when we go to the groceries store, my husband, the securities follow my husband, they stand next to him. One time the security surrounded him, they thought he was a robber from the day before.

C: Oh, because your husband, he is black.

E: Yes, security in Brazil. It's like I feel powerful as a white woman, white American woman because when we go to the store and the securities are following us I hold his hand and I speak in English and they stop following us. So, I think that if I was from a different nationality maybe I would feel differently but I think Brazilians love Americans and they love white people.

C: Você (pausa), do you think there is a problem? You are being white, is he being black, for the other people, not for you, for the outside. The prejudice, white and black in Brazil, how does that work?

E: I saw an article, I don't know if you saw this week in the New York Times, it's an article called 'is Neymar black?'

C: No, send-me.

E: They talk about couples in Brazil that are white and black, like interracial relationships and if I remember like 43% of Brazilians are interracial relationships, something very high. In the United States, we don't have this many interracial couples, so I feel more comfortable in Brazil. But I have problems, I dated black American men

and I had problems from women socially in the United States and here in Brazil I don't have problems and. In the United States, I was in a bar with this guy I was dating, I really liked him. And I went to the bathroom and this woman locked the door and said 'you don't belong here' like 'you don't belong with him, you shouldn't be here, like: "your white woman just trying to steal a black man". These comments we're making, I didn't know them, I was just using the bathroom. And here in Brazil, in São Paulo one time I was with my husband, his niece, his nephew, and his mother, we were going to the MASP and we're outside and this girl tries to sell me a magazine. She's a student at USP and I didn't wanna buy it, I was going into the museum and then she called me a Turca. Turca?

C: Uhum.

E: And then she went to my husband and. My Portuguese is not very good, at that time my Portuguese was very, very bad. So, she was trying to talk to me and I didn't understand her and then she started to treat me really badly like I was just standing there. "Eu não falo espanhol" and she was like 'you don't speak Portuguese, you don't speak Spanish, she speaking in Portuguese and she went to my husband and said 'your girlfriend doesn't understand about Nelson Mandela, she doesn't understand about these people on the magazine. He said no she understands. She just doesn't understand Portuguese and then this girl was like 'you shouldn't be with her, you should be with a black girl, like us, why did you betray your culture? Why did you betray your country' she was like upset like he went to the united states to find a white American? And she felt really hurt. And my mother-in-law she stepped forward 'I'm a biracial woman, my parents are white and black and it's nothing wrong with someone black loving someone white. And then this woman turns to our niece and nephew and was like 'what you think if her as your aunt?' and they said: "we like tia, we like her, we don't have problems" because my niece and my nephew are white. My husband, his mother is biracial his half-sister is white. So, it's a diverse family. So, the children didn't see anything wrong, the culture teaches that we create racism. Anyway, in one moment she said: "you should go back to your country; you should go back to the United States and be with someone in the United States".

C: Oh my God.

E: I cried and was like Oh my God, but it's not new, it happened to me before, you know?

C: It was not your first time?

E: Yes.

C: But was your first time in Brazil?

E: Yes, that was sad because I did not expect to happen in Brazil because I feel more comfortable here with my relationship.

C: Are you feeling more comfortable because of the race or... why? Eu não consigo escutar, volto, você conseguiu?

E: Oh, no. What did you say?

C: Do you feel more comfortable here because of the race difference or because of your relationship?

E: I feel... there's a lot. I feel like. I feel nervous for my husband as a black man in the United States. I'm nervous for his race. And the violence, because if something happened and a police officer talked to him in the United States and my husband wouldn't understand, he nervous, I nervous he would do the wrong thing you know? I was just nervous that could be a situation and also my husband. I can tell he is happier here. When he was in the United States he didn't seem as happy and maybe I don't seem as happy here, you know? Maybe we are always happier in our own culture, like we're more comfortable, in some ways, in our own culture, in our own language. So, my husband does everything he can to make my life (interrupção) here and I really think I don't know if I can do the same things for him, you know? He makes me so happy here. I don't know if I would be able to give him that same experience and so I think I'm in Brazil because I want to be with my husband and this is the only country where we can be together but I think it's very complicated to say. I think I'm maybe more comfortable here because of his race in us being together. But if we move back to the United States, like Chicago is one of the most interracial city with couples together, so we've talked, we would try to live in a city with Latinos or we would try to live in a city that has interracial couples so we can find a community of support. So, like maybe we would move to Miami or maybe we would move to Chicago.

C: Oh, it's nice Chicago. I lived in Chicago.

E: You lived in Chicago?

C: Yes, it's a nice city.

E: When did you live in Chicago?

C: 2005.

E: 2005. So, you know Indianapolis, it's close to Chicago.

C: No.

E: No?

C: Oh, it's so nice. But do you feel happier in Brazil than the US right now?

E: (Interrupção longa) in a big city it's hard to make friends, when you're older, in New York it's a great place. Because everyone, most people in New York City don't have their families. And so, their friends are like their family in New York City. And it's easier to make friends and now I'm even older than I was. I moved to New York when I was 23 and I moved to Brazil when I was 27. And I think the older and older that you get the harder that is to make friends. Because people have children my age. Or, yeah, most women in Brazil have children, so it's really hard for me to make friends. But I think that's why I'm friends with the foreigners, because the foreigners here in Curitiba, they don't have anyone here. Their families are in Bolivia, Syria, so they want to make that connection. But I think, my life. I work more in the United States. In New York, it's a culture where you work so many hours a week, you know? So, I really like that my quality of life is nice in Brazil.

C: But do you think you have less friends here?

E: Yeah, that's the only thing. But I think the quality of life, like the food, is fresh, the food is so good. I love going out to dinner it is very gourmet. They have a lot of vegan restaurants. So, my husband, he's not vegan, definitely not vegan. And he loves to cook vegan food, he loves to go to vegan restaurants. And in the United States, depending on the city it can be difficult, just like Brazil. So, we live in a good city with a lot of vegan options, so I feel happy with my stomach, my stomach is happy, we have a nice home. We have a good life here.

C: Oh, nice.

E: Yeah.

C: Thank you for your time. I'm really happy that you. English was easier for you.

E: Yeah, a lot, thank you.

C: So, I'm writing an article when he's ready I'll send you. And you let me know if I can put your name, or if you want that I put an anonymous name, I don't know.

E: I think you can put my name, I think it's ok.

C: Yes? It's ok?

E: Yes. I think it's. I don't talk a lot about love, sorry, I'm not really romantic. I hope it's not bad.

C: No, it's not about love, it's more about the integration than love, I don't know about everything.

E: I think it's very interesting.

C: Do you think is interesting the subject of me?

E: Yes! I think it's cool.

C: When I gonna be more (pausa), when I have more information about how my works going I'll let you know. And If you wanna follow us, the website, the foreigner, it's called estrangeiro, oestrangeiro.org.

E: Yes, you send it to me. I want to ask; do you need more people for your research?

C: For right now, no. Maybe in the future. I don't know how things go. Right now, I have two, I'm just interviewing three or four women to one article. In the future, I'm gonna need more people. I'll let you know. But thank you so much for your time, I loved your story and everything.

E: Thank you! It was a pleasure.

C: You can contact me, if you need anything in Brazil to let me know, ok?

E: Thank you! If you come to Curitiba, please let me know.

C: You too in Rio de Janeiro, beijo, tchau!

E: *Blowing kisses*

APÊNDICE E

Apêndice: Entrevista transcrita (Skype).

Arquivo: Duração da entrevista 30 minutos. Entrevista por Skype - anotações a mão. Mame - nome do islamismo. S. O - nome da família, 29, brasileira casada com senegalês, mora em São Paulo.

C: Conte sobre a sua vida pessoal e descreva sua história.

M: Eu me converti ao islamismo e casei no mesmo dia. As pessoas no trabalho já estão acostumadas e me chamam de Mame. A minha família me chama de Alicia. Este é o meu nome de família. Eu me converti ao islamismo tem uns cinco anos. Fui casada. Separei. O meu segundo marido conheci tem dois anos e meio. Eu namorei dois meses e já no terceiro mês nos casamos. Na minha religião a gente não pode ficar namorando muito. Antes do islamismo eu era rastafári e não estava buscando o Islã.

C: Como conheceu a religião islâmica?

M: Eu conheci a religião islâmica com alguns senegaleses. Casei com um senegalês e aprendi aos poucos. Ganhei livros e continuei estudando sobre o islamismo. Eu não tinha amor a religião. Você vai aprendendo a gostar, vai entendendo e vai aprofundando. Eu fiquei em dúvida entre o mouridismo e o islamismo. No começo, você vai entendendo e vai analisando que as pessoas precisam de um guia espiritual.

C: E a sua família? O que eles acham da sua escolha?

M: Eu saí de casa quando eu tinha uns quinze anos. Logo depois que a minha mãe faleceu. Eu fui morar em uma comunidade rastafári na Brasilândia, em São Paulo. Eu morei na comunidade uns quatro ou cinco anos. Eu fui rastafári e minha mãe sempre me apoiou. Depois que deixei a comunidade rastafári conheci alguns muçulmanos. Eu vendia coisas na rua e conheci o 'schi', que é um chá senegalês. Uma senhora senegalesa me convidou para ir na casa dela e fez o 'schi'. Um outro dia andando pela Sé conheci o Zé e o João. Esses dois irmãos me convidaram para ir ao Islã. O meu pai mora em Alagoas. Eu sou de lá. Eu fui criada pelo meu padrasto em São Paulo. Ele não 'se mete' na vida dos outros. Ele nunca me criticou. Já o meu pai quando me

viu como 'rasta' achou estranho. Eles aceitaram o meu marido. O meu marido fala mais com meu padrasto. Ele e meu marido se dão bem. Eu me adaptei a vida dele. Eu tenho essa coisa ligada a África. A educação aqui no Brasil é bem diferente. "A gente tem tanta cultura que não tem uma. Todo mundo fala que você é submissa. Você é aquilo. As pessoas pensam isso e o que passa na TV é uma coisa e aqui é outra. A verdade é que as pessoas nunca emigraram para países islâmicos.

C: Quais são os seus planos para o futuro? Você pretende ficar no Brasil?

M: Eu e meu marido queremos ficar no Brasil. Nós queremos abrir um negócio. Eu trabalho em um restaurante. Meu marido vende óculos. Eu queria abrir uma lavanderia. Nós estamos já lavando as roupas de alguns senegaleses em casa. "O pessoal está gostando". Eu quero me sentir realizada e trabalhar para mim mesma. Quando a gente trabalha para os outros 'a gente' não se realiza". Nós queríamos alugar uma coisa. Na Sé qualquer brechinha de porta é R\$ 2000 reais. A lavanderia é uma parte da renda. Está fraco trabalhar na rua. Começou o frio. A gente tem uma arara que vende toucas, lenços, meias e outras coisa. Temos que nos adaptar.

C: Vocês pretendem ter filhos?

M: Eu nunca tive filhos. Ele já tem uma filha lá no Senegal. Eu fiz tratamento para engravidar. Eu sei que quando você fica pensando não vem. Você tem que esquecer e quando Deus achar que é bom vai vir.

C: Como vocês se conheceram?

M: Eu tinha um amigo senegalês que me acolheu como filha. Eu podia procurá-lo sempre que precisasse. Um dia a esposa dele chegou aqui e ficamos muito amigas. A esposa dele vendia um pastel senegalês. H. trabalhava ali perto. Ele também vendia pastéis. Um dia fui parar lá no bar, que ele trabalhava. Na época, eu fazia uns cursos de serviços jurídicos e estava muito ocupada. A gente começou a conversar e criou uma amizade. Logo, depois entramos nos assuntos amorosos. Todo casal tem suas brigas. Temos uma vida normal. Ele diz sempre Mrs. Diara quando estamos bem.

C: Você já sofreu algum preconceito?

M: Não. Eu acho que nunca sofri nenhum preconceito. Na verdade, me sinto aceita, sim. Eu me sinto amada. Não vejo diferença. Eu me sinto como eu tivesse nascido lá. Eu vou vestida no trabalho normalmente e não usou o véu. No começo eu ia vestida com o véu. As pessoas começavam a me olhar meio torto. Eu parei. Na rua quando andava de véu. As pessoas me chamavam de Bin Laden.”. Eu não sei porque no Brasil fazem isto. Na reportagem sobre a África a TV mostra que todo mundo está passando fome lá”. Nem todo mundo na África está passando fome. Eu acho que tem povos e povos, culturas e culturas.

APÊNDICE F

Apêndice: Entrevista transcrita

Arquivo: 1 hora e 40 minutos e 2 - 10 minutos

Maria, 38 anos, mãe de dois filhos, casada com israelense, mora em Goiânia. A entrevista foi concedida quando fui visitar a minha família.

Agora vamos gravar a entrevista com MS. M: me conta como você conheceu o seu marido? Como vocês resolveram ficar juntos?

M: Eu conheci ele no Peru. Eu estava em um ônibus indo para o Peru. A gente estava em um ônibus e eu achei ele interessante, pois estava com uma *bandana* no cabelo. Achei ele bonito. Pensei que ele deveria tocar violão bem pois viajava com o violão nas costas (risos). Depois, eu descobri que ele não tocava violão assim tão bem. Ele tinha comprado um violão pois estava barato lá na Bolívia. A gente estava indo para Cusco. Aí, eu estava na boate. Aí, quando eu encontrei com ele na boate, e eu estava bem na porta, aí eu falei: “Oi”. Ele olhou para mim e não me reconheceu no momento. Ele entrou para dentro da boate e estava lá sozinho. E ficou lá vendo as pessoas na boate, mas ele não estava bebendo e não fumava. Não estava com mulher e estava sozinho. Eu achei aquilo muito intrigante. Aí, falei: “será o que aconteceu? Quem é esse homem?” Aí, eu fui lá conversar com ele. Aí, quando fui conversar com ele, e ele parecia uma pessoa interessante. A gente combinou no outro dia lá na boate. Aí, a gente combinou de encontrar no outro dia e ficou juntos e tal. E aí, eu ia fazer a trilha do Machu Picchu (a trilha Inca). Aí, ele queria ir comigo e não deu para ele ir. Daí a gente ia fazer a trilha. Daí a gente voltava para o Brasil. Só que aí ele me conheceu e falou que eu era a mulher da vida dele. E falou: “vamos viajar comigo?” Aí, eu: “viajar para onde?” Ele falou: “vamos para a Colômbia?” E eu: “Colômbia não está muito longe?” Daí ele falou: “para onde você quiser ir eu te levo”. Daí eu falei: “vamos para a Amazônia?”. Daí a gente ficou um mês viajando e depois perguntei se ele queria conhecer a minha família. E ele quis e veio para Goiânia conhecer a minha família. Depois, a gente continuou em contato pela internet. Aí, ele falou: “eu vou te levar para Israel”. Aí, eu formei, terminei um curso superior. Daí ele falou: “agora você vem para cá”. Aí eu fui para lá e nós ficamos 11 anos morando lá, em Israel, e agora nós estamos 2 anos e meio aqui, no Brasil.

C: Hum. E nesses 11 anos juntos, como que é se casar com uma pessoa de um país diferente? Como que aconteceram todas essas interações?

M: Eu acho assim que a língua é assim... um pouco diferente, né? Ele fala hebraico e eu português. Eu aprendi hebraico. Nós conversamos nos três idiomas, mas antes nós conversávamos somente em inglês. Ah, existe muita diferença, assim, no caso do Tony e eu, se existe uma diferença. Não sei se existem super diferenças culturais. O que existe para mim é o fato que ele é filho único, e isto existe em todas as culturas, né? Mas isso interfere no meu relacionamento com ele, pois eu tenho quatro irmãos. E eu achava que ele não sabia muito bem dividir as coisas. Ele é todo metódico e organizado, mas não sei se é cultural. Um dos conflitos que nós tínhamos era esse, pois ele não sabia muito bem dividir as coisas. Outra coisa também que a gente teve muitos atritos foi que nós tínhamos era na forma de estresse e as pessoas lá gritam muito. Este foi um atrito que nós tivemos, porque qualquer coisa ele não tem paciência e grita muito. Ele gritava muito no começo, e não sei se isto é cultural. Eu morei nos Estados Unidos. Então, eu sou uma pessoa muito adaptável. Eu não tenho muito atrito, assim. Eu adoro conhecer outras culturas e aprender com a cultura e vejo quais são as qualidades daquela cultura. Eu me adapto naquilo ali. Por exemplo, lá em Israel eu acho maravilhoso, pois o povo não sabe ficar em fila. Então, você vai no correio e lá é tudo local. Aí, você chega no correio e pergunta: “quem é o último da fila?” E, daí vai no mercado. Eu aprendo rapidamente a fazer essas coisas (risos). O meu marido que é até israelense, ele acha isso chato. Mas daí o problema é que você acha que tem só duas pessoas na sua fila e de repente tem dez, né? As pessoas, elas não sabem ficar na fila. Daí eu aprendo com elas. Eu sou uma pessoa adaptável à cultura. A forma, o jeito, o jeito que as pessoas fazem, eu começo a fazer também.

C: E a questão da língua, qual você acha que é a língua do amor? A língua da briga? Qual a língua do amor e qual a língua da briga?

M: Eu falo, assim, quando eu quero falar algumas coisas mais sentimentais, assim, eu gosto de falar português. Hoje em dia, eu falo português mais do que qualquer outro idioma. Quando a gente está com os meninos, eu falo em inglês. Não sei se tem assim, como a gente fala todas as línguas, não sei se tem uma língua. Na hora de brigar, assim, eu falo em português.

C: E ele?

M: Eu acho que ele fala em hebraico. Na verdade, ele fala mais em hebraico. Então, lá a gente comia arroz com lentilha, aqui arroz com feijão. Eu gosto muito do tahine e húmus dele. Lá, eu levei o pão de queijo e fazia pão de queijo. Aqui, eu uso tahine e faço uso de '*baba guanush*'. Eu ainda faço algumas comidas de lá, o que eu aprendi a fazer, e que tem o material aqui, eu utilizo. A nossa comida é basicamente verdura e uma proteína, né?, que tem em qualquer cultura. Ah, uma tapioca que a gente fazia lá de omelete e ovo, que é meio que algumas coisas que dou conta de fazer. E eu ainda faço.

C: E como foi a adaptação lá em Israel? Você sentiu muita dificuldade de se adaptar lá? Como foi nesses dois países que vocês moraram?

M: Eu morei lá, em Israel, e aqui, no Brasil. Lá, o que tive dificuldade foi com a gritaria das pessoas. Lá, as pessoas falam como se elas estivessem gritando e acham tudo normal. Isso foi muito difícil. Assim, às vezes tem guerra. Aí o povo fica passando helicóptero de um lado para o outro do país ou às vezes toca um alarme. E daí tem que parar o carro no meio da rua por causa de Israel ou da guerra. Eu preferiria ser normal. Você vai ficar ali e esperar 5 minutos: o alarme tocou e deu tudo certo. E daí você sai e vai embora, sem muitos comentários a respeito. O meu filho perguntava: "mãe, mas por que estão atirando bombas em cima da gente?" Isso era meio chato. Isso é normal, pois eles estavam em treinamento antibombas nas escolas, né? Eles tocam alarme e as crianças têm que saber para onde ir. Essas coisas eu não gostava, não, pois as crianças já nascem lá como se tivessem um inimigo. Tipo assim: ela já é inimigo de alguém. Ela já nasce assim. Todo mundo é inimigo da Palestina. Foi por isso que estava achando importante trazer os meus filhos. Acho importante essa parte que não existe, assim: "nós somos o povo escolhido". A Palestina é nosso inimigo. Eu acho que isso influencia na energia, nas crianças. Lá o povo é muito patriota. Ah, isso é. Tem uma coisa que admiro em Israel. As músicas são muito legais. Lá todo mundo é herói. As músicas são assim: "quem construiu a ponte foi eu e você. Viva Israel" (cantou). Lá então os meninos aprendem desde pequenininho. Lá é muito legal a imagem que é construída de um povo muito forte, muito bonita e respeitada. Tem tradições muito legais. Então, os meninos aprendem desde pequenininhos que Israel é massa, que só eles que constroem, que dependem só deles. Isso eu acho

maravilhoso da parte do país. Lá são todos heróis. Tem tradições muito legais como da circuncisão, que é muito legal. A tradição da circuncisão eu acho muito legal fazer, pois fica mais higiênico, né? Essa coisa de misturar carne com leite: não é digestivo para nenhum organismo, então.

C: Quais as negociações interculturais que são feitas?

M: O Tony⁷⁸ gosta que a gente converse com os meninos em inglês. Então, o Tony fala hebraico, eu falo português em casa. Isso é uma negociação que existe lá em casa e um tratado. A gente não mantém nenhuma cultura assim. A gente estava lá em Israel e se eu quisesse fazer o Natal eu fazia. E ele, o Rosh Hashaná, ele fazia, que é a festa do ano novo lá. Então, a gente não tem nada contra ou a favor. Eu até gostaria de ficar fazendo as festas da tradição judaica. Eu não estava com muito tempo para ficar gastando com isso. Então, acabei que não fiz. A gente canta. Chega ano, a gente faz o Rosh Hashaná⁷⁹ lá. Quando chegava o natal, a gente comemorava. Então, a gente vai cumprindo os dois feriados, não temos um problema com isso. A gente faz a festa dos dois lados. É, na questão religiosa a gente combina porque ele acredita em Deus, e acredita em reencarnação. Dá certo nessa questão. Ele acredita em Jesus e eu também. Então a gente vai bem nesse lado aí. Ele não tem nenhuma exigência aqui, no Brasil. Os meninos fazem Krav Magá, que é uma luta israelense.

C: Tem algum conflito?

M: Olha, lá em Israel, o Tony participou do exército com 18 anos. Lá os homens participam por 3 anos e as mulheres por 2 anos. Todas as pessoas do país. Têm muitos judeus que saem do país e vão exercer o exército de Israel e pagam por isso. Eu não gostaria que meus filhos participassem do exército de Israel, já o Tony (áudio perdeu).

C: Tá estranho, gravando. Então, continuando a entrevista com Maria. O que a gente estava falando mesmo? Dos conflitos no casamento, né?

⁷⁸ Nome fictício.

⁷⁹ Ano novo judaico.

M: Sim, entre as culturas. Eu estava falando sobre a questão do exército, né? O que não aconteceu, mas eu espero que não. Isto está longe ainda. Na questão do exército não aconteceu, mas acho que não gostaria que eles fossem para o exército.

C: As crianças?

M: Sim, principalmente se for menino, né? Se for menino, porque a menina não é do ímpeto, né? Tudo a gente fez. Circuncisão a gente fez.

C: Com as crianças?

M: É, a gente segue a tradição judaica.

C: Quais são as tradições que vocês seguem?

M: Por exemplo, nasceu e é menino, a gente faz a circuncisão. Minha mãe queria morrer. Ai, vai cortar o pinto dele. Ficou toda, mas a gente fez. Lá, em Israel, todo mundo faz. Lá, ele era igual a todo mundo. Aqui que ele é diferente. Aqui o povo não corta, né? Por exemplo, com 13 anos tem Bar Mitzvah e não sei se vamos fazer. A gente, assim, não tem problema de seguir tradições da cultura porque eu respeito a cultura judaica e ele também respeita a minha forma de viver aqui, no Brasil, não é?

C: Hum

M: Às vezes ele fala aquilo que todo brasileiro fala, não sei, mas em relação à economia, porque aqui as coisas não dão certo. É mais a forma de funcionar do país.

C: O que ele fala você não gosta ou acha normal?

M: Tem coisas que ele fala, que eu não... tem muita coisa que a gente fala que acontece, né? A minha forma de acreditar é o seguinte: eu não fico chamando as coisas para mim. Quando estava lá em Israel, eu que ficava mais ofendida se ele falasse mal do Brasil do que estando aqui. Quando a gente está longe do nosso país, talvez a gente sente mais. Talvez, quando a gente está longe a gente sinta mais.

C: E como foi essa experiência de estar longe?

Eu, quando estava lá em Israel, eu queria muito estar no Brasil por causa da minha família e da UDV,⁸⁰ que para mim é muito importante. Por causa que quero me melhorar como pessoa e ter acesso à espiritualidade. Eu acho mais supérfluo morar lá do que aqui. Aqui parece que tenho mais acesso a mim mesma. Agora que vim para cá... já me trabalhei e bebi bastante o chá. E agora não tem problema em voltar para lá, não. Lá é super legal. Lá tem praia e materialmente é mais acessível. A gente consegue viajar e é muito mais divertido morar lá, vamos assim dizer, do que morar aqui. Aqui a gente trabalha muito e é tudo muito caro, brinquedo é muito caro. Tudo é uma 'peleja'.

C: Quais são os planos de vocês? Vocês têm planos como família? E como casal?

M: Então, eu sou uma pessoa dinâmica. E já resolvo as coisas. E já faço. Eu não sou muito planejadora. Eu disse para o Tony: “vamos voltar para Israel?” Ele disse: “ah, não. A gente está aqui só há 2 anos e meio. Vamos cumprir com os nossos objetivos e conseguir o que a gente está querendo conquistar”. Eu não sou muito de planejar, de ficar planejando muito tempo. Ah, eu sou muito assim, sei lá. A direção vai levando. Eu tenho metas de vida, mas não importa se eu esteja aqui ou lá.

C: Mas você, como que é o casamento de vocês. É tranquilo?

M: Não, o casamento não é tranquilo. O casamento, não sei se é tranquilo por causa da cultura. Acho que é por causa da personalidade mesmo, nossa. Pela falta de conseguir falar sem julgar. Eu não sei o que é. Acho que a nossa história não é porque somos de culturas diferentes, mas pelas personalidades e histórias de vida que nós temos. Talvez porque eu tenha um pouco mais de dificuldade em lidar com homem e de aceitar homens na minha vida. Talvez isso cause uma dificuldade maior no nosso casamento do que a cultura. Não sei se é a cultura que nos traz dificuldades. Não sei se é isto.

C: Como é ser mulher aqui no Brasil e em Israel? Como você se acha como mãe-mulher?

⁸⁰ Religião espírita.

M: Em Israel era muito mais legal porque o Tony trabalhava, e eu cuidava dos meninos. Ele trabalhava e ele saía, e arrumava as coisas para ele. Eu saía e ia para o parque. Eu arrumava os meninos para o clube, praia e zoológico. Eu fazia *home school* lá, e é super divertido. Tinha muitas pessoas que eu convivia, e muitas mães também. Tinha muitos grupos que eu convivia. Aqui, no Brasil, eu tive de cuidar de todas as coisas. Hoje em dia, é ele que leva os meninos para a escola e lava as vasilhas. Eu acho isso, eu não gosto. Eu não gosto dessa experiência e gosto mais de ser mãe (risos).

C: Por que, Maria?

M: O homem não sabe fazer o trabalho da mãe como a mãe sabe fazer o trabalho dela. Eu estou achando que a gente consegue se juntar e desenvolver os nossos papéis de forma mais equilibrada. O Tony está 2 anos e meio aqui. Então, ele está entendendo melhor como se faz as coisas e a gente já está administrando essa empresa há algum tempo e já está aprendendo mais como que faz para administrar e as coisas estão ficando mais fáceis, né? Eu gosto também de trabalhar. Eu consigo resolver as coisas. Eu gosto também de esfregar lá as roupas e tirar as manchas dela (risos). Eu gosto de roupa bem lavada.

C: Risos.

C: Você acha que você fica dividida entre os papéis?

M: Eu, simplesmente, não fico na minha casa. Eu marco hora para ver os meus meninos. Eu não coloco eles para dormir. Eu não faço a janta. Agora, eu quero melhorar isso. Eu não quero continuar assim. Eu tinha somente das 16h30 até 17h30 para ficar com os meus filhos. Quando eu estava lá, que eles ainda começavam a brigar. Ah, não é possível. Vocês ainda vão brigar? Eu não estava com tempo, nem para ter tempo para ficar com eles. Às vezes você vai ficar com eles, mas você está tão cansada e estressada, que você nem fica. Acho importante ver eles crescendo. Acho importante me dispor mais para estar com eles para conseguir. Acho que tem alguma coisa, que eu possa fazer para ganhar dinheiro. E trabalhar menos e ganhar mais dinheiro.

C: E o Tony? O que ele acha de fazer essas funções que, teoricamente, seriam suas?

M: A gente é muito adaptável. Quando ele tinha que trabalhar e eu ficava em casa, tudo bem. Agora eu que tenho que trabalhar e ele que fica em casa. Não é isso que nos causa conflito, sabe?

C: Quais são os conflitos?

M: Existe uma falta de compreensão, não por causa das culturas, mas por causa da compreensão um do outro, de falar sem brigar e de ter uma compreensão do outro. E falar sem julgar, a querer o bem mesmo da outra pessoa. A querer ver aquela pessoa bem de verdade. Às vezes, eu falo para ele: “não, eu te amo. Ama o quê?” Mas você quer ver bem de verdade, será? Então, não é uma questão assim cultural. É uma questão de sabedoria da pessoa.

C: E a sua família e a convivência? Como é assim?

M: Ele é filho único, a mãe dele morreu. Ele só tem o pai dele. A minha família aceitou ele do jeito. A minha família é uma família receptiva, né? A minha família é uma família que aceita as diferenças, que aceita o jeito de cada um. Lá a gente vivia somente eu e ele. Lá não tinha muito a família dele.

C: E que mais? Tem mais alguma coisa que aprendeu nessa história? Acha que seria diferente de estar casada com um homem brasileiro?

M: Eu nunca pensei que fosse casar com um homem brasileiro. Eu sempre pensei que ia casar com estrangeiro. Não sei porque exatamente. Os filhos de um casal de estrangeiros eles ganham muito de duas culturas, querendo ou não eles aprendem duas línguas. Eles já têm tudo isso. Eles vêm de famílias muito diversas. A família do Tony mesmo vem da Rússia. Eles nasceram israelenses. Eu sou brasileira. Isso está no sangue deles. Existe essa diversidade, e talvez uma forma de adaptação maior. Eu acho que as crianças ganham com essa diversidade, uma nova forma que elas têm de ver o mundo. Eu não sei como seria se estivesse casada com um homem brasileiro e não saberia se teria diferença exatamente. Eu não sei se teria essa diferença. Eu não sei se brasileiro é diferente de israelense. Talvez, na questão de uma piada, quando você conta uma piada, quando ele conta as piadas israelenses é mais difícil de eu rir. Eu não entendo. São pessoas que não passaram por aquela mesma escola. Se elas interferem ou não nos conflitos e nos relacionamentos, eu

acho que vai muito da pessoa, como ela consegue lidar com ela mesma e com o outro, sabe? Não sei se importa isso.

C: E o casamento e o amor. Como você imaginava? Os sentimentos.

M: Então, a gente já quis se separar, né?

C: Por quê?

M: A gente já quis se separar, por causa de mim mesma. Eu tenho uma dificuldade de aceitar a figura masculina. Não é porque é ele ou israelense. Não é exatamente isso. Eu percebi que não fazia tanta diferença assim, tá com ele ou outra pessoa. Eu vi que o problema era meu mesmo, pois se eu resolver aceitar a figura masculina, não vai fazer tanta diferença. Eu que tenho que aceitar a ser amada e ser tocada. Não vai fazer diferença: israelense, americano, brasileiro. Vai dar na mesma, sabe? Eu já estou com ele mesmo e tenho os filhos com ele. Agora, nesse momento, eu preciso aprender a trabalhar a não julgar, a aceitar os homens sem querer atacar ou feri-los.

C: Você acha que é um problema seu? Da sua infância?

M: A questão sou eu que tenho que aprender a ser melhor para fazer com que este casamento dê certo.

C: O que é o casamento que dá certo para você?

M: Dar certo seria um casamento que as pessoas se sentem amadas, né? Sentem que podem contar uns com os outros, de saber que a pessoa é bem-vinda e querida.

C: O que você pensa sobre a família? O que é família para você?

M: A família é muito importante. Eu mesmo continuei casada pelos meus filhos. Acho importante ter um marido e saber que a gente pode se entender, conversar e sair. Aprender juntos, crescer e ter os meninos. Ali, na batalha que vão aprendendo junto, no mesmo aprendizado. Eu não consigo nem imaginar se eu separasse e os meninos fossem morar em Israel, por exemplo. Uma questão que não consigo imaginar.

C: Mas ele fala que levaria as crianças embora? Tem alguma questão em relação a isso?

M: Ele fala que se ele separasse, ele levaria os meninos para Israel. E Israel é muito legal. Os meninos vão querer ir. Lá, em Israel, eu era *home school* e tem pinguim. Você sabe o que é?

C: Não

M: Aquelas mães que não levam os meninos para escola. Um dia, eu levava os meninos no zoológico para estudar os bichos. O zoológico lá é imenso e a gente ficava estudando os bichos. No outro dia, a gente ia para praia. Lá era super massa.

C: Você fazia isso com outras crianças também?

M: Era um grupo de mães e pais que saem com as crianças juntas. As piscinas têm, três piscinas aquecidas, que pode ir a hora que quisesse. A gente ia para o clube, super massa. Lá, no clube, tinha quinze esportes. Muito diferente. A escola é do lado de casa. Aqui, no Brasil, aqui a criança é obrigada a entrar na escola 6h30 para entrar 7 para a escola ganhar duas vezes. Isso é tão irracional. Os países da Europa e Estados Unidos não são assim. Lá, eles acordam 8:30 e vão, ficam até 14:00. Aqui, eu tenho que sair com a Vivian 6 horas da manhã e levar para escola. Eu ponho no chuveiro. Tem muitas coisas lá que são melhores, principalmente a estrutura. Israel é muito legal. Acaba que eu sigo o fluxo da vida.

C: É. Segue o fluxo da vida, né? Você acha que o amor é multicultural?

M: Eu acho que é. O amor é multicultural. Eu não sei se culturas diferentes geram o conflito. Eu não sei se é isso que gera o conflito. Eu não sei se estivesse casada com brasileiro se tivesse dado certo... se eu não conseguir me conhecer e aprender a lidar com os homens.

C: E como é ser mulher brasileira em Israel? É diferente?

M: Eu sou uma pessoa extremamente adaptável. Eu fui para universidade de Israel. Eu fiz meu mestrado em hebraico. Eu tenho duas grandes amigas israelenses. Então, assim, eu não tive dificuldades de ser naquele país. Igual eu te falei: eu aprendi a furar a fila do correio e a entrar igual o povo entra. Eu super me adapto ao lugar que estou. Eu faço amizades com as mães dos meninos da escola. Aqui que estou tendo dificuldades. Eu estou no meu país e minha cidade e estou sozinha, pois estou trabalhando o tempo inteiro. Mas trabalho o dia inteiro e o tempo todo.

C: E para ele como está sendo essa mudança?

M: É tanto de personalidade. Eu cresci em uma casa que o sofá era mudado toda semana, põe na direita e põe na esquerda. Eu não tenho dificuldades de mudar a direção do sofá. Já para o meu marido é super difícil. Ele tem dificuldade de ficar mudando, de parede em que o sofá vai ficar. Aí, pensa para qualquer um não importa, para ele é difícil mudança. Então, mudar de casa para ele é difícil. Se mudar o sofá de parede é difícil, quanto mais mudar de cidade, né? Então, é uma questão interior, sabe? Uma questão pessoal, uma questão de ser. Você entende? Para mim é isso. É uma questão da pessoa. Eu já morei nos Estados Unidos, Israel e moro no Brasil agora. Normal. Não achei assim... têm diferenças, né? É super agradável Tel Aviv.

C: Você acha que isso faz uma pessoa mais atendida, melhor?

M: Melhor, não!

C: No sentido de ter aprendido mais a lidar com a diferença.

M: Eu aprendi muito a ver as coisas de vários ângulos, em vez de ficar olhando as coisas só por uma perspectiva. Eu consigo ver por outras perspectivas, mas eu não sei se isso é porque eu morei em vários países. Também eu não posso te dizer (risos). Eu gosto de encontrar a solução. Eu gosto de olhar as coisas por outros lados, por outros ângulos, por outras perspectivas. Eu sei que não existe só uma forma de fazer uma coisa. Eu sei. Eu tenho certeza que existem várias formas de fazer a mesma coisa. Eu já vi isso. Eu já vivi isso. Eu sei que existe. Eu sou desse jeito assim.

C: Tem alguma coisa que você gostaria de falar sobre a família, os filhos?

M: De quê?

C: Das negociações?

M: Eu acho interessante. Eu acho legal. Igual eu te falei: só deles falarem dois idiomas, eu acho isso legal. Eu sou uma pessoa que acha legal. Eu acho que o mundo, hoje em dia, é internacional, ainda mais com a globalização, as diferentes culturas. Eu acho mais fácil viver quando a pessoa tem um entendimento de outras possibilidades, mais perspectivas e mais visão de mundo. Ela conhece outras coisas. Eu acho legal isso. Às vezes, pode ser que crie conflito, assim, em alguns lugares por causa, assim, na educação. Mas, no caso nosso, isso não existe, entendeu? Isso não existe, porque a

gente educa assim. Uma época a gente pensou: “eu não vou bater”. E agora, então, vamos bater nele. Mas, assim, tem pessoas que, por exemplo, os americanos, eles acham que, eles não gostam de bater, né? Aí, não bate, mas se for um brasileiro, aí já bate, porque aqui tem a cultura muito mais de bater, né? Aí, bate e aí pode ser que crie um conflito entre um ou outro porque o Tony mesmo nunca apanhou. Não batiam nele quando ele era criança. Eu já apanhava quase todos os dias. Aí, assim, ele não gostava muito que eu batesse nos meninos. Aí, eu tentava não bater. Mas, aí, percebi que quando, depois quando eu batia, eu batia com tanta raiva que eu descontava tudo que não tinha batido antes. Aí, conversei com ele: “olha, eu acho melhor bater de vez em quando, porque pelo menos não acumula, assim”. Eu não tenho a capacidade de não bater. Tem hora que eu quero bater, quero bater, porque não está me escutando, não está me ouvindo, não estou vendo outra forma. Aí, ele ficava meio chateado, no começo, com esse negócio. Aí, eu disse: “por isso que você ficou mimado do jeito que você é, não aprendeu” (risos). Então, assim, sabe, a gente foi indo assim. Essa questão até ele mesmo bate.

C: A língua que fala em casa é o português?

M: Não, a gente conversa com os meninos em inglês.

C: E a língua que vocês falam, então?

M: Pois é, então, lá em Israel a gente conversava em hebraico, eu e ele. Aqui, a gente conversa em português.

C: Você acha que tem interferência do local?

M: É que lá, em Israel, eu precisava falar mais hebraico, né? Quanto mais hebraico eu falava era melhor para mim. Aqui quanto mais português ele fala é melhor para ele, né? Foi por isso, basicamente.

C: E alguns hábitos vocês mudaram de lá para cá? Vários ou algum que você sente falta?

M: A gente trouxe as coisas que a gente fazia lá, né? Por exemplo, a nossa alimentação continuou sendo saudável igual tinha lá. A gente continua falando em inglês com os meninos. A gente continua mais ou menos do mesmo estilo de jeito assim de ser, sabe. A gente não mudou, assim, porque está aqui.

C: Se você quiser falar mais alguma coisa, mas acho que é isso, então. Se você tiver mais alguma coisa, de quando era criança, como você imaginava. Você queria casar e queria ter filho? Como é isso para você agora? Você está com quantos anos? Eu nem perguntei.

M: Eu estou com 38 anos. Eu acho que imaginava que ia casar e ter filhos. Eu nunca imaginei assim que ia ser sustentada por alguém. Nunca fui esse tipo de gente, sabe? Esse tipo de mulher sabe? que ia ser sustentada pelo marido. Não sei o quê. Eu sempre achei bom, assim, trabalhar, ganhar minhas coisas, ter minha (tempo) independência.

C: Por que você foi sustentada?

M: Eu nunca tive que pedir para pegar dinheiro. Graças a Deus, pois eu não ia dar conta. Eu sempre fui bem livre. Assim, a respeito da minha independência, eu compro o que eu quiser. Eu não preciso ficar pedindo as coisas. Hum.

C: Mas quando você morou lá, você não trabalhava? Você abdicou? Quando você foi para lá, como foi esse processo? Você teve que deixar alguma coisa?

M: Não, eu já tinha formado na universidade. Aí, eu fui para lá. Aí eu não deixei muita coisa, não. Ao mesmo tempo, deixei de ficar aqui, no Brasil, com a minha família, na União do Vegetal, né? Então, assim, emprego e carreira, isso eu não deixei, não. Eu deixei de ter a perspectiva de tê-los, né? Eu nem tinha começado. Eu estava com 23 anos quando eu conheci o Tony. E, aí, eu mudei. Eu fui para lá.

C: Como foi essa mudança? Com 23 anos você mudou por amor?

M: Eu trabalhei lá também. É que eu sou uma pessoa muito adaptável. Então, eu trabalhei em uma agência de viagens, trabalhei em um hotel. Aí, eu entrei e fiz mestrado. Depois, eu tive filho. Mas, assim, tipo assim, o dinheiro nosso até hoje, ele só é uma conta. Ele não é separado, e nunca foi. Então, a gente não tem esse negócio de sabe? Às vezes, quando a gente não pode comprar alguma coisa, aí, ele fala que estamos apertados este mês. Mas, não tenho que pedir. Tem uns casos que as pessoas separam o dinheiro, né? Ou tem que ficar pedindo o tempo todo o marido

para comprar as coisas, né? Meu caso, graças a Deus, nunca foi esse. Então, eu tive essa independência, sabe?

C: Mas aqui você é mais independente?

M: Eu trabalho aqui, mas o dinheiro continua do mesmo jeitinho, não mudou. Ele que administra o dinheiro, o cartão fica na carteira dele, igualzinho. Não mudou em nada (risos). Eu só compro e vendo e digo para ele o que tem que ser pago. Aí, ele vai lá é paga. Eu não sei.

C: E os planos para o futuro?

M: Eu não sei. Eu vou ficar aqui até o dia que for bom. A gente vai ficando aqui até onde for bom. A gente fica. Espero que tenha sido importante, aí para sua...

C: Ah sim.

M: É uma nova visão, né? Porque não sei se todo mundo acha que isso influencia. Eu já acho que não influencia. Não sei como quê.

O áudio da entrevista cortou, e continuamos conversando. Saímos do quarto do meu irmão.

APÊNDICE G

Apêndice G - Entrevista transcrita.

Arquivo G: 1 hora e 40 minutos e 2 - 10 minutos.

Juliana mora em Niterói, RJ, casada com senegalês, 51 anos, mãe de dois filhos adultos.

J: Se eu te falar que eu comi uma pizza ontem...

C: Eu vou deixar aqui gravando, tá?

J: Ai, meu Deus

C: Risos

C: Mas me conta como você conheceu o seu marido?

J: Deixa eu contar como aconteceu: eu sou técnica de segurança do trabalho e a empresa onde ele estava me contratou para trabalhar, onde ele estava, lá em Deodoro, na Vila Militar. E... (tempo). Eu tive que dar treinamento para ele, que essa é a função do técnico de segurança. E aí a gente começou a (...) [não continuou a frase]. Daí, a princípio, não vou falar isso, não vou ter que falar de uma terceira pessoa.

C: Pode falar. Eu não coloco isso no trabalho, só algumas falas só que vou usar. E eu tenho que até falar para você, toda a entrevista é só encargo de.... e se você não sentir a vontade de falar alguma coisa, você pode falar e eu não vou colocar.

J: Eu ia falar porque o que aconteceu: a minha estagiária ficou muito empolgada por ele e daí, eu falei: "bom, eu achei ele bonito na hora que o rapaz me apresentou ele". Eu achei ele bonito, mas quando vi a empolgação dela, mas também eu tinha que manter a minha postura profissional. Então, eu não me... como que vou dizer, assim, eu não demonstrei, né? E, aí, bom, acabou que no dia seguinte eu dei um treinamento. E ele ficou contando muito sobre a vida dele lá, no Senegal. Ele ficou explicando e ela ficou perguntando um monte de coisas sobre família. E daí foi quando ele falou que podia casar com até quatro mulheres. Aí, isso sempre cria uma polêmica, né? E, aí eles... conversando. Bom, no dia seguinte eu estava na minha sala. Aí, ele chegou e me pediu um favor. E a gente faz isso até hoje, que quando chega um senegalês a gente agenda para tirar a carteira de trabalho. A gente sempre está... o Otávio está

sempre ajudando as pessoas que vêm, né? Aí, foi assim: ele me perguntou se eu tinha WhatsApp e começamos a conversar. Tanto na obra, ele chegava e a gente começava a conversar. Tanto que em uma semana a gente já... porque normalmente eles não namoram, e mais ou menos, daí é mais ficar conversando mesmo. Daí, com uma semana eu viajei no final de semana. E, aí, acabou que a gente trocou mensagem tipo: “quando você volta e tal, estou com saudades, quando você volta e não sei o quê”. E, aí, a gente marcou de se encontrar. E, aí, a gente se encontrou lá no Plaza. Bom, começamos, em dois meses a gente já casou na religião dele (muçulmana), e a mulher não precisa se converter. Eu sou católica e assim casamos. Assim, e (gaguejou) até porque essa coisa dele de não poderia ficar comigo se fosse, porque o Otávio é muito fiel à religião dele, à cultura dele. Ele é muito tolerante, mas muito fiel. Ele não poderia ficar comigo. Ele não iria abrir mão. Ele não iria contra o que ele acredita. Então, a gente conversou e aceitei me casar com ele. Daí ele já passou a morar lá em casa com dois meses de relacionamento. A gente casou e ele aceitou ficar comigo com dois meses de relacionamento. Aí, foi assim, a gente se conheceu lá na obra no Rio. Eu já morava em Niterói e ele também, mas nunca o tinha visto. Ele nunca tinha me visto. Ele falou que quando a gente começou a conversar, assim, ele falou que na hora que ele me viu e olhou para mim, ele falou que sabia que Deus tinha, que eu era a mulher que Deus tinha colocado na vida dele.

C: Ah! Que lindo!

J: Eu falava para ele assim: “está tão bom assim, para que casar?” Eu tinha saído de um relacionamento, não estava separada nem um ano de um relacionamento de 11 anos. Aí eu falei: “eu não quero mais namoro, nada. Agora vou aproveitar a vida”. Aí, eu falava para ele: “está bom assim”. Ele ficou até ofendido porque eu falei: “eu fico na minha casa e você na sua, e a gente se encontra”. Ele ficou até arrasado de eu fazer essa proposta para ele. A gente não precisa, não tem necessidade de ficar junto. E depois eu fui entendendo. O meu filho mais novo que me ajudou muito nisso. Ele falou: “mãe, se é importante pra ele, casa e se você não precisa se converter, se não der certo, não deu”. Eu também estava muito apaixonada e não tinha como sair fora mais. Entendeu? Aí, foi, a gente está vivendo, estamos juntos até hoje. Aí, foi e estamos vivendo. E já vai fazer três anos, agora, em outubro.

C: Você veio de um relacionamento anterior?

J: Na verdade ele é meu terceiro casamento (risos). Eu casei e morei junto com o pai dos meus filhos e fiquei sete anos. Depois, conheci uma pessoa e fiquei 11 anos com ela. Foi muito turbulento, mas foi bom, sempre é bom. E daí, eu me separei, tinha oito meses que eu tinha me separado. Aqui, a gente fica anos para casar. Aí, falei para ele, eu sou assim: “Como que eu vou chegar para minha família e dizer que vou casar de novo?” Bom, a minha família adora ele. E ele é uma pessoa muito boa. Ele é muito, eu nem sei nem te explicar como Otávio é. Ele é todo, completamente diferente de todas as pessoas que eu já conheci, e que ainda tem muitas pessoas boas. Graças a Deus, que ainda tem, mas Otávio é diferente. Agora, eu estou falando que ele não veio no mundo de brincadeira. E ele tem uma fé, que é uma coisa que estou aprendendo muito com ele, sabe? Eu, eu agora vou ser muito sincera com você: de uns meses para cá, porque eu também me sentia culpada, eu também me sentia culpada e em pecado porque eu sou católica. E vivia em um relacionamento. Eu sou católica. E, no segundo casamento, eu deixava passar em pecado, mas agora me incomoda, porque eu vejo a fé dele e o compromisso com a religião. Aí, é como se eu não estivesse nem aí para a minha, entendeu? Nem aí para Deus, que eu acredito. E daí eu fui conversar com o padre, e aí o padre foi assim um divisor de águas mesmo. Ele me explicou que a gente poderia casar, sim, na religião ecumênica: ele na dele e eu na minha. Então, se Deus era pecado e se Deus é amor e se a gente se respeita, né? Ele me ama. É isso que Deus quer. A gente é parceiro, a gente é amigo. Então, a gente é muito ligado, um sente o que o outro sente. É muito engraçado: um sabe se o outro está com alguma preocupação. A gente já percebe isso, que às vezes eu estou assim. Eu, às vezes, começo a falar dele e ele me liga ou então eu chego, e ele chega. Caraca, eu estava falando de você agora. A gente tem uma sintonia. Então, vamos supor, agora, ele está viajando. Aí, ontem à noite ele me ligou e perguntou: “O quê está acontecendo?” Aí, eu disse: “eu fiquei sem internet”. Ele: “tá, mas alguma coisa está acontecendo?” Eu fiquei meio triste porque eu não consegui vender bem na feira. A gente fica meio frustrada, mas passa. Eu não vendi bem, não. Eu fico meio preocupada, né? Aí, ele falou: “quando você vende, você fica toda eufórica, posta foto e não sei o quê”. A gente é muito ligado. Eu disse hoje que estava com muita saudade, já tem dez dias que ele viajou.

C: Onde que ele está?

J: No Senegal. Então, era muito importante que ele fosse, porque ele desde que ele veio, já vai fazer seis anos que ele veio, e ele nunca mais voltou. Aí, tinha documento para resolver, passaporte. E Otávio é muito politizado. Depois de fazer as orações, ele começa a ver todas as entrevistas, e todas as, tudo que fala sobre o Senegal. Antes de sair de casa, ele vê tudo e escuta tudo. Ele foi a Brasília uns vinte dias atrás e teve encontro com o ministro, que convidou ele para ir ao Senegal, para ter um encontro lá, para levar as ideias dele para ajudar mais os senegaleses que estão aqui. Então, era um momento que ele tinha que ir mesmo. Aí, ele está lá e aproveitando para ver as coisas para a loja, pois a gente acaba comprando as coisas mais caras, porque compramos de terceiros. A gente acaba comprando as coisas mais caras e também fica sem a opção de, sem opção de escolha, porque é o que a pessoa traz. Aí ele acha que quer ficar com tudo para ter as coisas de lá. Ele acha, sempre, a gente tem mercadorias, que vai vender.

C: Como foi a ideia da loja?

J: Então, a gente começou assim: quando a gente se conheceu, ele falava muito de lá, Senegal. Ele mostrava os cliques. E a novela de lá, que é muito diferente. A novela de lá não tem beijo, até um abraço pode rolar. Nem assim beijinho, porque eles pensam nas crianças que podem assistir à novela. Então, é muito diferente da nossa aqui. Então, eu vi os tecidos de lá e coisas e achei que, nossa, como seria isso aqui no Brasil?! Olha, a roupa é linda, elegante, linda, mas eu falava: “imagina esses tecidos aqui, adaptados para cá?” Mas era uma coisa assim: ele sempre foi vendedor. Ele fez lá a faculdade de marketing. Quando criança, ele vendia carro. Quando criança, com a tia que vendia lá, no mercadinho. Então, ele sempre foi negociante. E, aí, quando ele chegou aqui, ele como todos os outros senegaleses foi ser ambulante: vender óculos, bolsa etc. Ele sempre gostou. Depois, ele arrumou emprego e nunca parou de vender. Eu falei: “a gente podia ir na 25 de março e você comprar algumas coisas para vender, para vender no Brasil”. Aí, ele começou a rever os clientes dele. Ele estava quase um ano sem vender nada, porque estava trabalhando na construção civil, e é uma vida que você não tem tempo. Trabalha muito porque acorda muito cedo. A gente às 7:00 horas tinha que estar na obra. Então, a gente saía de casa às 4h20 e não tem hora para voltar. Aí, realmente ele não conseguia vender, porque enquanto

você tem que entregar a obra, você trabalha muito. Aí, ele não tinha tempo de vender. Então, ele ficou mais ou menos um ano sem vender. Aí, quando a gente se conheceu, em agosto, e eu falei que a gente podia ir. Foi logo no início de dezembro. Aí, ele voltou a vender. Aí, ele falava: “amor, eu quero abrir uma loja, porque camelô não é valorizado”. Ele conseguiu uma barraca aqui na São Pedro. Ele falava: “amor, eu tenho que abrir uma loja”. Eu disse: “Otávio, mas está todo mundo fechando. Por que você quer abrir?” Ele já tinha um carinho por essa galeria aqui. E, daí, acho que ele já imaginava a loja dele aqui. Eu cheguei a vir com ele aqui umas duas vezes para ver loja. Eu falei: “amor, não dá, e não dá. Olha que vai ter que fazer isso e aquilo. É muito dinheiro para investir e a gente não tem”. O que aconteceu que a minha mãe ficou doente e eu precisei sair do emprego para ficar com ela. Aí, eu fui e saí da construtora. Fiquei com ela dentro do hospital por quatro meses. E ela faleceu. Daí, pensei: e agora, o que vou fazer? Eu comecei a fazer doce, pão de mel, brownie, essas coisas. Daí ele trazia e já estava com a barraca ali e levava bolo de pote para vender. Essas coisas assim, mas não estava dando assim. Daí, aqui nessa loja tinha uma menina que vendia só bijuterias e ele coloca algumas bolsas na loja para vender. Quando a gente chegou aqui, já tinha isso tudo montado. Essa estrutura e essa estante. Aí, ela colocava as bolsas dele aqui para vender, só que ela estava grávida e quis passar a loja. Aí, ele me trouxe aqui. Aí, quando eu olhei: era só entrar. Eu falei: “vamos investir então, porque senão o dinheiro vai acabar. Não estava entrando e estava saindo. Essas coisas, condomínio, IPTU, IPVA, essas coisas, né? Então, eu falei: “vamos investir o que a gente tem”. A ideia sempre foi colocar as coisas do Senegal. Aí, eu fui e tentei fazer parceria com uma amiga que faz bijuteria. Aí, ela falou: “eu não dou conta e não sei o quê”. Então tá. Eu vou fazer. Aí, fui para a internet e fui lá para o Rio e aprendi a fazer uma pulseira e um cordão. Daí, começamos e ele me ajuda. Ele é danado. Então, assim ele começou a me ver fazer e ele não deixa eu fazer. Menina, ele tudo ele quer pegar para fazer. Acho que se ele pudesse ele ia aprender a pintar o meu cabelo. Assim, qual a tinta que eu pinto? Ele não me deixa carregar uma bolsa. Isso é com todo mundo. Ele tem muito respeito pelas pessoas mais velhas. Ele é muito diferente. E aí, quando foi no final do ano, quando a gente ia abrir aqui em setembro, eu comecei a fazer bijuteria. Aí, eu soube que uma amiga... ai, esse negócio de moda é tudo muito novo para mim, aí, uma amiga que queria fazer parceria e me deu uma cordinha de óculos e falou assim: “Amiga, está *bombando!*” Quando eu botei, aí, meu

filho falou assim: “mãe, você vai colocar essa coisa de velho?” “Vou, que uma amiga disse que está ‘bombando’. Eu vou botar e vou tirar foto”. Aí, comecei a ver umas enormes assim de resina. Eu falei: “gente, não sei nada de moda mesmo”. Eu falei: “a gente não entende nada de moda mesmo”. Aí, falei para ele: “traz essas de resina para vender na praia”. Aí, como ele ia a São Paulo, ele trazia a cordinha de óculos para vender na praia. Eu ficava até 2 ou 3 da manhã fazendo cordinha para vender na praia, porque aqui a gente ficou setembro, outubro, novembro, dezembro, ficamos três meses sem vender nada.

Interrompemos a entrevista pois ela estava no local de trabalho e fui apresentada para o filho. Ela teve que continuar fazendo suas tarefas cotidianas enquanto eu resolvi aguardar. Resolvemos retomar e, como tinha conhecido o filho, achei mais fácil fazer uma pergunta relacionada a ele.

C: E como foi com o filho? Ele aceitou o novo marido e a nova cultura?

J: O Zé, o meu filho mais velho, pesquisa muito na internet. Ele é todo “diferentão” também. Aí, ele é artista, tem alma de artista. E disse: “mãe, você tem que ter muito cuidado com ele. Os muçulmanos batem em mulher”. Como o meu filho ficou na minha cabeça. Eu vi muita coisa na internet e quis terminar com Otávio. Eu vi um depoimento de uma brasileira e fiquei desesperada. Aí, eu mandei mensagem assim para ele que ele era uma pessoa maravilhosa, mas que era melhor a gente acabar por ali. Eu achava que não ia dar certo e achei melhor acabar por ali. Aí, ele veio até a mim e disse: “você não pode acreditar em tudo que você vê na internet”. Ele disse, mas é lógico: “será que só muçulmano que bate em mulher?” Então, quantos casos a gente tem no Brasil? Tudo bem que é uma outra cultura, outra religião, mas ou você aceita ou não. Alguém tem que dar o grito de liberdade. Tanto que hoje tem muita coisa mudando lá também, né? Então, eu fiquei apavorada também porque o Otávio adora criança e eu não posso ter um filho. Ele tem 37 anos, e ele vai fazer, e eu 51. Eu já tenho mais de 51, e não posso mais ter um filho. Eu já até tive um câncer. Ele é apaixonado pelas minhas sobrinhas e pelas crianças. As crianças gostam muito dele. Ele disse que “não, eu não quero filho”. A gente ama os sobrinhos e a gente curte. Eu não sei se abriu mão por mim ou se realmente não quer ter filho. Ele nunca falou nada, e eu fico meio assim, ele não toca nesse assunto. Ele nunca falou nada e... (pausa),

às vezes, eu fico meio com pena de ver ele com crianças. Aí, eu sinto culpada por não poder dar um filho para ele, mas também acho que Deus faz as coisas certas. Eu sei que se a gente tivesse filho e não desse certo, e que pela religião dele o filho ficaria com ele. Eu nunca aceitaria uma coisa dessas. Eu já falei para ele. Nossa: Deus sabe! Deus é muito correto, porque ele faz as coisas certas, pois nunca abriria mão de um filho e também não ficaria em um relacionamento só porque um relacionamento não dá mais certo. As coisas estão encaminhando, assim, aí, o meu filho mais velho questionou mais. Esse que você viu, não? Ele fala: “mãe, esse é o jeito do Otávio”. Ele é muito simpático e bonito, e é mais novo. Eu posso me sentir insegura com algumas coisas. Como eu não mudei por causa dele, ele não mudou por causa de mim. Eu trato todo mundo da mesma forma. Ele não. Pode perguntar para todo mundo: você nunca vai escutar piadinha! Eu converso com o João e ele diz que é o jeito dele. Aí ele fala: “mãe, é o jeito dele”. Agora até que não, tem uma fase que eu fiquei meio infantil. E daí o que mais que estávamos falando?

C: Das diferenças culturais, da sua família?

J: A minha família, não toda, assim, a minha mãe gostava muito dele. E, assim, gostava até mais por ele ser vendedor. Minha mãe sempre falou. Minha mãe era vendedora nata, e minha mãe falava que nenhuma filha tinha tino para venda. Minha mãe vendia areia no deserto. Minha mãe falava: “você que é meu filho e não sei o quê”. Ele tratava a minha mãe superbem, pois eles têm essa coisa com a pessoa mais velha. Então, teve uma época que ele estava desempregado e eu estava trabalhando. Ele que cuidava da minha mãe, de dar comida, remédio. Então, não tem, assim, tias adoram ele. Não teve nenhuma rejeição a ele. Eles devem ter pensado, com certeza: “olha, Juliana é louca de casar”. Não em relação a ele, mas de entrar em um novo relacionamento. Mas não em relação à pessoa dele, não. Todo mundo, aí eu tenho parente no Espírito Santo, e já levei ele, já levei ele lá várias vezes. Mas a primeira vez que eu levei, as pessoas também se apaixonaram por ele. E ele conquista as pessoas pelo estômago, que é uma forma que ele tem de agradar. Ele já chega e quer fazer comida. E ele já é mais desinibido quando ele cozinha. Então, todo mundo que ele vai na casa e ele já quer cozinhar.

C: E a questão da religião muçulmana? Como ele lida com isso e você?

J: Eu até acredito que ele gostaria que eu me convertesse, mas ele não... (tempo) induz não. Ele fala nada. Tem coisas que ele não aceita na minha religião e tem coisas que eu também na religião dele que, não é que eu não acredite, mas eu acho que são um pouco absurdas, mas, aí, já entra coisa que eu acho, aí sou eu, né? Eu respeito. Eu acho que você tem que ver a pessoa, o caráter, né? Então a gente às vezes até nem conversa sobre isso, porque isso, sobre isso que estou falando, sobre o homossexualismo, porque na minha religião, né, não é certo, não é porque Deus criou homem e mulher, mas penso assim, quem sou eu para julgar? Ele não pensa assim. Então, toda vez que sai esse assunto a gente discute. Então, assim sem fundamento. Eu não vou conseguir mudar a cabeça dele e ele não vai mudar a minha. Então a gente já resolveu não conversar muito sobre isso. Então, se tiver eu e ele aqui e se entrar alguém, ele sai, mas se ele estiver sozinho ele vai atender. Normal, não vai ser simpático como você. Quando ele vai vender e tchau, acabou. Entendeu? Você não, ele vai conversar e ele não vai puxar. Então, essas coisas têm assim meio que a gente acaba, eu não discuto mais. Como aqui é crime a bigamia, lá vai preso. Ele fala que é errado, mas se deus matar, porque Deus não permite que mate, se matar é justificável. Então, assim, é uma coisa que eu confesso para você: que eu prefiro nem pensar, porque tem um outro lado. Então, eu falo assim: “você mataria um homossexual?” Ele fala que não. Não, porque Deus não deixa matar. Deus disse que não pode matar, então ele não mataria. Aí, eu não sei.

C: Como que é para se adaptar aos hábitos dele? Teve alguma coisa que você teve que mudar? Ele teve que mudar?

J: Eu, a única coisa que evito mesmo foi carne de porco, mas eu amo e como, entendeu? Se eu for almoçar em um restaurante eu como, mas eu evito comprar aqui para casa. A única coisa que mudou.

C: O resto não, né?

J: Nada. Não precisei mudar nada.

C: E a comida? Tem alguma coisa da cultura dele que você...

J: Não, só isso mesmo.

J: Não, eu amo a comida.

C: Mas você começou a comer a comida do Senegal?

Eu amo a comida dele. Eu acho bem, o tempero é diferente, só acho que é igual, é a mão dele mesmo, porque não tem segredo, é alho, não tem nada diferente, cebola e caldo Knorr. Mas a comida dele fica diferente. Então, não sei se é a mão. Os meus filhos comem a comida dele. E é muito, assim, arroz com carne, legumes, peixe. Eles não têm muito hábito de comer salada, tipo alface e tomate. Quando faz peixe, aí ele gosta de mais verdura, arroz, tem uma comida que ele faz como se fosse aquele baião de dois.

C: Sim, baião de dois.

J: E é com feijão furadinho, sem ser preto. Às vezes, o que faço para agradar ele é estrogonofe de carne e frango. Daí às vezes eu faço uma coisa que ele ama, para ele lasanha, mas aí eu tiro o presunto da lasanha. Então, porque aqui não tem isso, aqui não entra mais. Por exemplo, o meu filho, como somos nós que cozinhamos, eu não compro carne de porco, mas entra presunto quando faço misto quente, quando faço lasanha. Eu faço uma para ele, e outra com queijo e presunto para o resto. Não mudou nada. Eu sempre acordei cedo e aí eu acordo com ele. Antes eu continuava dormindo, mas agora eu comecei a fazer as minhas também. Ele vai para sala, pois tem que ficar na direção da Meca. Ele vai para a sala fazer a oração. Eu faço a minha.

C: Ele acorda que horas para fazer a oração?

J: Depende, normalmente às 5. Ele acorda às 4:20 e fica esperando a hora da oração, geralmente às 4:50, e aí vai depender do sol. Ele tem um aplicativo certinho, que aí ele usa para saber o lado certinho. Lá em casa é sempre para o mesmo lado, mas quando a gente viaja ele leva uma bússola, o aplicativo para saber que lado. As crianças que adoram. Assim, uma vez a gente viajou e os filhos da minha irmã. As crianças foram lá e viram ele fazendo oração. Elas viram ele e ficaram imitando ele fazer, levantar. Aí, preferi deixar do que falar “sai daí”.

C: Risos.

J: Às vezes ele faz na varanda quando está muito calor. Aí, eu fico só escutando, tem dois garotinhos que ficam imitando ele.

C: E você não acredita que você se converteria assim ao islamismo?

J: Eu acho muito difícil eu me converter ao islamismo.

C: O que você acha das mulheres brasileiras que se convertem ao islamismo?

J: Eu nunca pensei sobre isso, assim hoje, você me perguntando: eu acho que provavelmente ou elas não tinham uma religião certa porque é, vou te dizer que se não fossem algumas coisas, que bate assim de frente com o meu pensamento, como vou te dizer: é lindo. Quando eu conheci meu marido, tem uma tia que me perguntou: “você não tem medo, não?” Eu disse: “olha, eu nunca conheci uma pessoa tão da paz como o Otávio, e eu estou conhecendo os amigos dele”. No início, eu não falava com os amigos dele. Agora tem um irmão dele que está 3 anos e pouco. Ele nem cumprimentava, como o caso do homossexual que esteve aqui. Ele é educado, mas não dá abertura. O irmão dele, por achar que o irmão dele estava em pecado, ele não falava comigo direito. Ele mudou totalmente depois que a gente se casou. Ele mudou comigo. Então, eu acho que independente de eu ser brasileira e não ser muçulmana: ele me trata super bem. Todo dia, quando o Otávio estava viajando, ele me perguntava se estou bem e onde estou. Tem isso, que o irmão toma conta. Ele fala comigo todos os dias. Ele tem pouco vocabulário em português, mas fala um pouco. Engraçado, o Otávio aprendeu logo. Ele fala pouco. Apesar de quando eu conheci o Otávio, eu não estava tão assídua no catolicismo. Aí, comecei a entrar nessa paranoia de pecado e comecei a relaxar. O Otávio que falou para mim: “Então, se ele tiver que fechar a loja ele vai fechar e ir na mesquita lá, na Tijuca”. Então, mesmo quando ele se sentia em pecado porque a gente não estava casado, ainda ele não deixava de ir. Ele me falou isso. É onde você vai receber mais bênçãos e você não pode deixar de ir. Ele falou: “se for com água benta, aí eu não posso ficar”. Eu falei: “aí, você saiu”. Ele chegou a ir na missa comigo. Ele acredita em Maria, mas ele não acredita que Jesus morreu na cruz. Quando eu falo isso, ele diz que está escrito no alcorão, porque para eles Jesus tem um fundamento também. Porque para eles Deus não colocaria um filho para sofrer como Jesus sofreu. Ele sabe, ele livra Jesus da cruz. E eleva Jesus a outra pessoa. Então, eles acreditam que outra pessoa foi crucificada no lugar de Jesus. Tem um fundamento. Então, uma vez eu fui falar que “vocês não dão importância a Jesus como a gente dá”. Menina, ele ficou revoltado comigo. Ele: “eu acredito que Jesus é o único profeta que vai voltar”. Isso tudo ele acredita. Quando falam Deus, pai e filho. Deus não pode ser pai de ninguém. Eu vou te falar que é uma religião sedutora. A fé

deles eu não vejo em nenhuma religião, nem na evangélica, e nem na católica. Eles são, olha: você já foi em algum evento dele?

C: Não.

J: Vai ter um em novembro e vou te chamar, porque, olha, a disponibilidade, a simpatia, a fé mesmo. Engraçado que, nesse último evento, eu não me vestia como senegalesa... vamos dizer assim, tentava até ver um vestido e algo mais geométrico. O primeiro vestido, não fui de calça, eu coloquei um vestido geométrico marrom. Ano passado a mãe dele mandou uma roupa para mim, ela mandou um vestido. Eu falei: meus Deus e ele falou para eu colocar turbante, aí eu falei que não ia colocar. Tiramos uma foto, eu e ele, pois queria tirar uma foto para mandar para ela. Aí, no dia, eu falei: “eu não vou botar turbante”.

A entrevista foi interrompida por uma cliente que entrou na loja. Eu fui ao local de trabalho da entrevistada, pois foi o local sugerido por ela. Retomamos a entrevista quando a cliente saiu da loja.

J: Antes de dois meses ele falava em casamento, e se fosse não aceitar tudo bem. Então, se eu não tivesse aceito ou aceitado casar... (não sei se falei certo). Então, a gente não estaria junto, por mais que ele me amasse. Ele não abre mão de nada se prejudicar ele, em relação à religião dele. E isso não interfere no meu relacionamento com ele. Eu sou muito tranquila. Ele teve uma namorada aqui, que ela era evangélica, mas que bebia muito. Ele continuou com ela um tempo, mas ele não pode beber. Na religião dele é proibido, porque eles falam que faz mal para a saúde. Tudo que faz mal, como a carne de porco, é proibido. Eu tinha umas garrafas de bebida na minha estante. Ele perguntou: “você bebe?” Eu pensei: “Juliana, você vai falar a verdade”. Eu respondi: “eu não bebo sozinha. Eu bebo com os meus amigos”. Eu não bebo sozinha. A gente estava um mês junto. Ele perguntou: “você bebe mesmo? Eu nunca te vi beber”. Eu respondi: “eu nunca tive vontade de beber e se eu tiver vontade eu vou beber”. Um dia fomos em um churrasco, aí, eu bebi muito. Ele não comentou nada. Ele disse: “no dia que você quiser sair para beber me avisa que eu levo você, e depois vou buscar, porque não quero ver você beber”. Aí, nesse dia nós fizemos a comida, e postamos lá no grupo da família. Acabou a bateria do meu celular. Depois ele falou assim: “eu vou dormir”. Quando foi no dia seguinte, a minha tia ficou postando

fotos. Aí, quando eu olhei a foto eu nunca tinha me visto daquela forma. Eu nunca tinha me visto daquele jeito. Eu estava chapadinha e a minha postura era vulgar. O jeito que estava em pé: eu não me vi ali, como não é o meu jeito. As minhas amigas falavam para mim porque eu sempre fui uma mãezona, porque elas enchiam a cara e eu estava lá. Eu que deixava em casa. Eu me vi de um jeito, sei lá, não gostei do que eu vi. Aí, eu mostrei a foto para ele e falei: “amor, eu fico assim quando eu bebo?”. Ele respondeu: “fica sim”. Eu falei: “gente, eu nunca me vi assim”. Ele falou: “fica assim”.

J: Então, daquele dia em diante eu vi aquilo como se fosse... eu acho que eu deletei essas fotos. Daquele dia em diante não posso falar que eu não bebi, devo ter bebido um copo de cerveja ou outro. Eu não me senti nada feliz com o que eu vi... me senti vulgar... até discuti com a minha tia por causa disso. A tia falou: “aí, agora você não vai beber mais porque o Otávio não bebe”. Eu disse: “aconteceu isso e isto”. Eu não sabia que eu ficava desse jeito. Eu não me via assim. Não é por causa dele, mesmo que um dia a gente se separe, essa mulher que eu vi ali eu não quero ver mais. Foi eu que vi. Foi Deus que abriu minha visão. Então, ele nunca falou nada. O dia que você quiser sair para beber você me avisa. A única coisa que ele me falou é: “eu não vou mais poder te beijar”. Ele falou assim: “eu vou estar com a boca suja”. E eu: “ainda bem que você me avisou, pois se você vai me buscar e eu vou te beijar. Eu vou imaginar milhões de coisas, mas nunca que você não iria me beijar porque eu tinha bebido cerveja. Ainda bem que você me avisou”. Então, não é assim uma coisa que você deixou de fazer por ele, mas porque uma coisa que eu não me vi ali. Ai, me desculpa a expressão: parecia uma piranha e uma pomba gira. Eu não sou assim. Não que eu force a barra para ser boazinha. Aqui está me mostrando várias coisas de não confiar em todo mundo, porque a cliente vira amiga. Tem algumas que vão virar amiga para tirar proveito de alguma coisa. E eu tenho que aprender a lidar com isso, saber reconhecer essas coisas. Eu fiz parceria com duas pessoas que eu levei cano bonito, tem uma pessoa que desapareceu com as minhas coisas. Tenho um senhor que apareceu aqui...

A gravação cortou. Juliana estava no trabalho e foi difícil continuar a entrevista. Continuamos conversando e nos despedimos. Fui embora.